

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Guillermo Omar Orsi

ATIVISMO MIDIÁTICO:
a atuação da mídia corporativa na produção dos Cacerolazos argentinos –
o caso do 8N

Porto Alegre

2017

Guillermo Omar Orsi

**ATIVISMO MUDIÁTICO:
a atuação da mídia corporativa na produção dos Cacerolazos argentinos –
o caso do 8N**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Professor Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva.

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Orsi, Guillermo Omar

Ativismo midiático: a atuação da mídia corporativa na produção dos Cácerolazos argentinos - O caso do Bn / Guillermo Omar Orsi. -- 2017.
268 f.

Orientador: Marcelo Kunrath Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Movimentos sociais. 2. Mídia corporativa. 3. enquadramentos interpretativos da ação coletiva. 4. redes sociais . I. Silva, Marcelo Kunrath, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Dentre a infinidade de situações que acontecem diariamente em um mundo onde a fome e a guerra têm superado todos os recordes históricos e atingem a imensa maioria da população, desde um país tão conturbado quanto o Brasil, especialmente nos últimos tempos e desde uma universidade que acaba de formar parte da maior mobilização estudantil da história do país, é impossível se isolar na “bolha acadêmica” e não olhar ao redor, refletindo se a produção de mais uma dissertação de mestrado não parece até uma grande frivolidade, conhecidas as limitadas capacidades que terá, se alguma, de contribuir para fazer do mundo um lugar menos injusto. Pois esse, acredito, deveria ser o motor que mobiliza todas as ciências, sem nem falar das humanas.

Contudo, ela torna-se importante para os envolvidos na sua criação. É por isso que é uma grande injustiça aparecer como o único autor na capa do presente trabalho, quando é evidente que uma multiplicidade de atores fez a sua parte para que esse projeto esteja, hoje, concluído.

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais e o meu irmão, que mesmo longe estiveram sempre presentes e dispostos a auxiliar com o que fosse preciso durante o desenvolvimento da dissertação, os quais foram fundamentais ao me apoiarem completamente quando optei por abrir mão de tudo para me envolver na experiência de estudar no estrangeiro.

Agradeço à turma do mestrado de 2015, ou “o Ppgzinho”, pela amizade e parceria oferecidas incondicionalmente, e, eventualmente, as conversas e trocas acadêmicas. Amigos/colegas os quais ainda não percebem a importância que têm pra quem está longe da família, das amizades e até da própria cultura e língua. Foi fundamental encontrar pessoas com as quais pude compartilhar o dia a dia e fugir da solidão que o próprio trabalho de pesquisa já impõe a todos os mestrandos.

Agradeço especialmente à Ana Julia Guilherme e à Jaqueline Alves que tiveram o azar de se “oferecer” a corrigir meu português. Se não fosse por elas vocês estariam prestes a ler quase 270 páginas compostas por combinações fracas das mesmas quatro palavras. Deve-se destacar que os erros ainda contidos no texto são da minha inteira responsabilidade.

Agradeço a Estanislao Santos pela solidária disposição do seu trabalho, pilar fundamental da presente pesquisa.

Agradeço ao Gonzalo Grandis, parte da equipe de DiariosSobreDiarios.com,

fundamentalmente pela paciência diante das infinitas perguntas e solicitações e pela boa disposição que permanentemente mostrou ao respondê-las.

Agradeço a todos os entrevistados pela disposição desinteressada do seu tempo, que tem possibilitado a análise aqui empreendida.

Aos funcionários da Biblioteca do Congresso Argentino que me providenciaram digitalizadas as versões impressas dos jornais utilizados na pesquisa e sem os quais a presente dissertação não teria tido lugar, especialmente pela paciência diante das reiteradas e, às vezes excessivas, solicitações.

Vai um agradecimento especial ao meu orientador Marcelo Kunrath Silva pela disposição e colaboração constante ao longo do desafio do mestrado, e junto com ele ao Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE), pela recepção e acolhimento que me deram, além das questões estritamente acadêmicas que nos aproximaram nos primeiros momentos, as quais estão presentes neste trabalho em forma de infinitas contribuições, mas que ficaram no segundo plano ao conhecer a qualidade pessoal do grupo. Entre eles, particularmente ao Eduardo Georjão Fernandes, que não só pela proximidade nas temáticas de pesquisa, mas também pela parceria e amizade, converteu-se no meu grande companheiro acadêmico.

Agradeço à UFRGS pela recepção e possibilidade de me desenvolver profissionalmente, especialmente ao PPGS, seus professores e funcionários que lhe dão vida, espaço onde tive a oportunidade de fazer parte da organização do V Seminário Discente. Agradeço também, junto com os meus colegas da organização, à Lorena Fleury, que nos acompanhou na caminhada. Para mim, uma inédita e incrivelmente enriquecedora experiência.

E falando em experiências enriquecedoras, vai um agradecimento especial à Raquel Weiss com quem realizei o estágio docente no mestrado e com quem espero ter aprendido que ser professor é muito mais do que somente repetir os conteúdos e sim saber ouvir os alunos e se colocar no lugar deles.

Finalmente, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro, o qual possibilitou a minha residência no Brasil, e em definitivo, a produção da pesquisa. Espero que esse órgão possa continuar contribuindo com a mesma qualidade, ou melhor, para a formação e aperfeiçoamento das próximas gerações de pesquisadores.

RESUMO

O tema desta pesquisa é o papel da mídia corporativa na produção de enquadramentos da ação coletiva. A partir do estudo dos materiais da mídia corporativa procura-se entender qual o papel e a importância da mídia na produção de movimentos de rua e protestos. Especificamente, o objeto empírico central escolhido foram as produções do jornal *Clarín*, anteriores à mobilização. Metodologicamente, foi montado um banco de dados com as matérias produzidas pelo veículo que se relacionavam com a atividade política, econômica e internacional referentes ao período de trinta dias anterior ao Cacerolazo argentino de 8 de novembro de 2012 (8N), que representa o ponto de maior importância do ciclo de mobilizações na qual o protesto se insere. Assim, o objetivo da pesquisa é analisar os enquadramentos das ações coletivas produzidos no veículo e seus vínculos com os enquadramentos utilizados pelos grupos de Facebook que convocaram e organizaram as mobilizações. Em um contexto teórico e social que tem começado a se desinteressar da influência da mídia tradicional, desde o surgimento das redes sociais virtuais e as “novas mídias”, as quais têm sido interpretadas como substituto dela - mas como se argui e mostra aqui, ainda não possuem legitimidade nem credibilidade próprias e nutrem-se em última instância dos veículos tradicionais - procura-se contestar as visões dominantes na literatura, as quais outorgam dois papéis para a mídia em relação às mobilizações: ou ela é contrária aos protestos ou ela é um espaço de confronto pelo qual os movimentos lutam para dominar. Seguidamente, foram capturados e confrontados materiais tanto da mídia corporativa quanto dos grupos de Facebook e de jornalistas independentes para desenhar a imagem que, posteriormente, foi criada do evento e confrontar as diversas visões existentes. A proposta desta pesquisa é, portanto, avançar no entendimento da mídia corporativa como estrutura de mobilização em contextos de polarização política, adaptando esse espaço deixado vago pelos partidos políticos, assim como iniciar o entendimento dos vínculos e a articulação estabelecida entre esta e as novas mídias (internet).

Palavras-chave: Enquadramento; Mídia Corporativa; Redes sociais; Manifestações; Cacerolazo.

ABSTRACT

The theme of this research is the role of corporate media in the production of frameworks for collective action. From the study of the materials of the corporate media, it is sought to understand the role and importance of the media in the production of street movements and protests. Specifically, the central empirical object chosen were the *Clarín* newspaper productions prior to the mobilization. Methodologically, a database was set up with the materials produced by the vehicle that related to the political, economic and international activity regarded to the period of thirty days prior to the Argentine Cacerolazo of November 8, 2012 (8N), which represents the highest point of importance of the cycle of mobilizations in which the protest is embedded. Thus, the objective of the research is to analyze the frameworks of the collective action produced in the vehicle and its links with the frameworks used by the Facebook groups that called and organized the mobilizations. In a theoretical and social context that has begun to ignore the influence of traditional media since the emergence of virtual social networks and "new media", which have been interpreted as a substitute for it, it is argued and shown here that these not yet have their own legitimacy or credibility and, ultimately, nourish themselves with traditional vehicles. We try here to challenge the dominant views in the literature, which give the media two roles in relation to the mobilizations - or it is against the protests, or it is a space of confrontation which the movements struggle to dominate. Subsequently materials from the corporate media, the Facebook groups and from independent journalists were captured and compared to draw the image that was later created from the event and to confront the different visions. The proposal of this research is therefore to advance in the understanding of the corporate media as a mobilization structure in contexts of political polarization, which occupy this space left vacant by the political parties, as well as initiate the understanding of the links and the articulation established between this and the new media (internet).

Keywords: Framing; Corporate Media; Social networks; Manifestations; Cacerolazo.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - ESQUEMA DO MODELO DE ANÁLISE	51
IMAGEM 2 - LEMA DO <i>CLÁRIN</i>	66
IMAGEM 3 - INAUGURAÇÃO DO PAPEL PRENSA: BRINDE ENTRE JORGE RAFAEL VIDELA (PRESIDENTE DE FATO) E ERNESTINA HERRERA DE NOBLE (DIRETORA DO CLARÍN)	73
IMAGEM 4 - PUBLICIDADES	102
IMAGEM 5 - PUBLICIDADES 2	102
IMAGEM 6 - INFLAÇÃO	141
IMAGEM 7 - : SÍNTESE DAS DEMANDAS, PARA O CLARÍN	154
IMAGEM 8 - EL CIPAYO, 8/10/2012	168
IMAGEM 9 - CLARÍN, 8/10/2012	169
IMAGEM 10 - EL ANTI-K, 8/10/2012	170
IMAGEM 11 - EL ANTI-K, 8/10/2012	171
IMAGEM 12 - EL CIPAYO, 10/10/2012	171
IMAGEM 13 - EL CIPAYO, 11/10/2012	172
IMAGEM 14 - EL CIPAYO, 2/11/2012	173
IMAGEM 15 - EL ANTI-K, 5/11/2012	174
IMAGEM 16 - EL ANTI-K, 2/11/2012	175
IMAGEM 17 - CHARGE NO EL CIPAYO, 17/10/2012	180
IMAGEM 18 - TWEET EL CIPAYO, 8/11/2012	184
IMAGEM 19 - LINK À VERSÃO ONLINE DO CLARÍN. EL ANTI-K, 25/10/2012	189
IMAGEM 20 - EL ANTI-K, 28/10/2012	190
IMAGEM 21- EL CIPAYO, 1/11/2012	190
IMAGEM 22 - CLARÍN, 29/10/2012	191
IMAGEM 23 - EL ANTI-K, 29/10/2012	191
IMAGEM 24 - EL ANTI-K, 4/11/2012	192
IMAGEM 25 - CHARGES DO LA NACIÓN NO FACEBOOK DE EL ANTI K, 1/11/2012 E 10/10/2012	193
IMAGEM 26 - EL ANTI-K, 5/11/2012	194
IMAGEM 27 - EL ANTI-K, 5/11/2012	194
IMAGEM 28 - CLARÍN, 5/11/2012	194
IMAGEM 29 - EL ANTI-K, 10 E 14/10/2012	195
IMAGEM 30 - EL CIPAYO, 2/11/2012	195
IMAGEM 31 - EL ANTI-K, 8/11/2012	196
IMAGEM 32 - LA NACIÓN (ONLINE), NO EL CIPAYO, 29/10/2012	196
IMAGEM 33 - MATERIAIS DE ORGANIZAÇÕES 1	200
IMAGEM 34 - MATERIAIS DE ORGANIZAÇÕES 2	200
IMAGEM 35 - MATERIAIS DE ORGANIZAÇÕES 3.	201

IMAGEM 36 - VIOLÊNCIA.	202
IMAGEM 37 - MATERIAIS DE ORGANIZAÇÕES 3.	202
IMAGEM 38 - CARTAZES E PAUTAS PRINCIPAIS	203
IMAGEM 39 - CARTAZES E PAUTAS PRINCIPAIS 2	203
IMAGEM 40 - CARTAZES DE PAUTAS MINORITÁRIAS	205
IMAGEM 41- CARTAZES COM PAUTAS MINORITÁRIAS 2	205
IMAGEM 42 - PANFLETOS	206
IMAGEM 43 - COMPARATIVA, GESTOS. ES FOTOGRAFIA. IMAGENS DO 8N	207
IMAGEM 44 - FOTO DO 8N PUBLICADA EM EL CIPAYO	208

LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO 1- BANCO DE DADOS	20
QUADRO 2 - ESTIMATIVA DE PARTICIPANTES DURANTE O CICLO DE CACEROLAZOS	27
QUADRO 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ADMINISTRADORES (TÓPICOS)	62
QUADRO 4 - SÍNTESE EDITORIAL	93
QUADRO 5 - AUTORES DOS EDITORIAIS POR DIA DA SEMANA	97
QUADRO 6 - COLUNAS - LANATA E BORENZTEIN	98
QUADRO 7 - AUTORITARISMO SÍNTESE DE ENQUADRAMENTO E SUBDIMENSÕES.	130

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO VENDAS PRINCIPAIS JORNAIS NACIONAIS – 2004-2012	21
GRÁFICO 2 - MÉDIA DE VENDAS DIÁRIAS POR CLÁRIN E LA NACIÓN - 2012	21
GRÁFICO 3 - MANCHETES DAS CAPAS DO CLARÍN COM REFERÊNCIAS AO GOVERNO (OU KIRCHNERISMO).	87
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DO VERMELHO NO PERÍODO DE PRÉ-PROTESTO	89
GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DO AMARELO NO PERÍODO DE PRÉ-PROTESTO	90
GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DO VERDE NO PERÍODO DE PRÉ-PROTESTO	91
GRÁFICO 7 - DISTRIBUIÇÃO COMPARATIVA DAS CORES NO PERÍODO DE PRÉ-PROTESTO	92
GRÁFICO 8 - - PRESENÇA DOS TEMAS “PUBLICIDADES” E “MENTIRA” NO TEMPO	106
GRÁFICO 9 - PRESENÇA DOS TEMAS “LARROQUE” NO TEMPO	109
GRÁFICO 10 - PRESENÇA DO TEMA “VIOLÊNCIA” NO TEMPO	110
GRÁFICO 11 - PRESENÇA DOS TEMAS “MEDO” NO TEMPO	113
GRÁFICO 12 - PRESENÇA DOS TEMAS “MEDO E VIOLÊNCIA” NO TEMPO	114
GRÁFICO 13 - PRESENÇA DO TEMA “POPULISMO” NO TEMPO	116
GRÁFICO 14 - PRESENÇA DO TEMA “ARGENZUELA” NO TEMPO	120
GRÁFICO 15 - PRESENÇA DO TEMA “REELEIÇÃO” NO TEMPO	124
GRÁFICO 16 - PRESENÇA DO TEMA “CORRUPÇÃO” NO TEMPO	128
GRÁFICO 17 - PRESENÇA DO TEMA “AUTORITARISMO” NO TEMPO	129
GRÁFICO 18 - PRESENÇA DO TEMA “UNIÃO DOS ARGENTINOS/OPOSIÇÃO” NO TEMPO	135
GRÁFICO 19 - PRESENÇA DO TEMA “ESPONTANEIDADE” NO TEMPO	137
GRÁFICO 20 - EVOLUÇÃO COMPARATIVA DOS ENQUADRAMENTOS IDENTIFICADOS	139
GRÁFICO 21 - PRESENÇA DO TEMA INFLAÇÃO NO TEMPO.	141
GRÁFICO 22 - PRESENÇA DOS ENQUADRAMENTOS MOTIVACIONAIS NO TEMPO.	148
GRÁFICO 23 - ENQUADRAMENTO MOTIVACIONAL – PRESENÇA RELATIVA	149
GRÁFICO 24- - EVOLUÇÃO DA COBERTURA SOBRE O 8N NO TEMPO	162

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

7D – 7 de Dezembro de 2012. Data na qual ia começar a ter efeitos absolutos a LSCA.

8N – 8 de Novembro de 2012. Data de um Cacerolazo

ADEPA - Asociación de Entidades Periodísticas Argentinas.

AEDBA – Asociación de Editores de Diarios de Buenos Aires.

AFA – Asociación de Fútbol Argentino.

AFJP - Administradora de Fondos de Jubilaciones y Pensiones

AFSCA – Administración Federal de Servicios de Comunicación Audiovisual.

AFTIC - Autoridad Federal de Tecnologías de la Información y las Comunicaciones.

AIR – Asociación Internacional de Radiodifusión.

ANSES – Administración Nacional de Seguridad Social-

APTRA – Asociación de Periodistas de Radio y Televisión.

ARI – Afirmación de una República Igualitaria (CC-ARI) Coalición Cívica - (Partido Político).

ARPA – Asociación de Radiodifusoras Argentinas.

ATA – Asociación de Teledifusoras Argentina.

CEMCI – Consejo Empresario de Medios de Comunicación Independientes.

CGT – Confederación General de Trabajo

COMFER – Comité Federal de Radiodifusión.

CONICET - Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.

CRD – Coalición por una Radiodifusión Democrática.

CTA – Central de Trabajadores Argentina

FAA – Federación Agraria Argentina

FAP – Frente Amplio Progresista (Partido Político).

FR – Frente Renovador (Partido Político)

GBA – Gran Buenos Aires (municipios próximos à cidade de Buenos Aires, pertencentes ao Estado de Buenos Aires).

IDEA – Instituto para el Desarrollo Empresarial de la Argentina.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos.

LSCA – Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual

MID - Movimiento de Integración y Desarrollo

PJ – Partido Justicialista (Partido Político).

PPT – Periodismo para todos, é o nome do programa jornalístico de Jorge Lanata, porém, o nome se refere também à produtora televisiva PPT (de Gvirtz, vinculado ao kirchnerismo) e ao nome de várias políticas públicas aplicadas pelo governo “futebol para *todos*”, etc.

PRO – Propuesta Republicana (Partido Político).

SIP – Sociedad Interamericana de Prensa.

SRA - Sociedade Rural Argentina.

TBA – Trens de Buenos Aires S.A

TN – Todo Noticias (canal de notícias 24hs da televisão privada do grupo *Clarín*)

TyC – Torneos y Competencias.

UCR – Unión Cívica Radical (Partido Político).

WEF – World Economic Forum.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 O contexto da pesquisa	22
1.2 Organização do Trabalho	30
2 REVISÃO DA LITERATURA, MARCO TEÓRICO E METODOLOGIA.	32
2.1 Revisão Bibliográfica	33
2.2 Marco teórico	43
2.3 Metodologia	55
2.4 Codificação do material	59
2.5 Entrevistas	61
3 CLARÍN “EL GRAN DIARIO ARGENTINO” (O GRANDE JORNAL ARGENTINO)	63
3.1 <i>Noble e/é Clarín</i>	63
3.2 Primeiro Peronismo e Primeiro <i>Clarín</i>	66
3.3 Consolidação do grupo. Papel Prensa e o Golpe (76)	70
3.4 A volta da democracia	74
3.5 A Lei de Meios	77
3.6 Síntese do capítulo	79
4 PRÉ-PROTESTO: ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS DA AÇÃO COLETIVA NO <i>CLARÍN</i> .	82
4.1 Manchetes	84
4.2 Semáforo	88
4.3 Editoriais e colunas	93
4.3.1 Editoriais	93
4.3.2 Colunas	98
4.4 Principais Enquadramentos: Diagnóstico e prognóstico	99
4.4.1 “Mentira” e “Publicidades”	101

4.4.2 “Violência”	108
4.4.3 “Medo”	111
4.4.4 “Populismo”	114
4.4.5 “Argenzuela”	117
4.4.6 “Reforma constitucional – re re eleição”	121
4.4.7 “Corrupção”	125
4.4.8 “Autoritarismo”	129
4.4.9 “União dos argentinos e da oposição”	132
4.4.10 “Espontaneidade”	136
4.4.11 Os enquadramentos em perspectiva	138
4.5 Cidadãos da Argentina, uni-vos: Enquadramento motivacional.	144
4.6 Síntese do capítulo	149
5 PÓS PROTESTO: A COBERTURA QUE DESAFIA A TEORIA.	152
5.1 A descrição dos manifestantes e das manifestações.	153
5.2 Síntese do capítulo	165
6 O 8N NO FACEBOOK	166
6.1 Os grupos	166
6.2 Postagens	168
6.3 Síntese do Capítulo	176
7 OS VÍNCULOS	177
7.1 Administração dos Cacerolazos e participação política	178
7.2 Os posts	188
7.3 Síntese do capítulo	197
8 OUTROS OLHARES DO 8N.	199
8.1 ES Fotografia	199
8.2 Introspecção	207
8.3 Confrontando os olhares do 8N	209

8.4 Síntese do Capítulo	211
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
10 REFERÊNCIAS	223
11 ANEXOS.	231
Quantificação dos Jornais	231
Valências	231
Resumo editoriais 9-10-2012 até 8-11-2012.	238
Artigos publicados em <i>Clarín</i> conforme origem política/partidária do autor no Pré-protesto.	257
Síntese das Entrevistas.	257
12 APÊNDICES.	263
Mapa da Mídia argentina. 2012.	263
Tipologia de pesquisa de enquadramento.	266
ES Fotografia. Imagem do 18A	266
Média de vendas <i>Clarín</i> e <i>La Nación</i> edição de domingo 2012.	267
Composição de Classe em América Latina por percentil de ingresso, 2009.	268

1 INTRODUÇÃO

“Acredito que ‘viver significa tomar partido’. Não podem existir os apenas homens estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão e partidário”. Antonio Gramsci. *Odio Gli Indiferenti*, 1917

Numa sala típica do centro da cidade de Buenos Aires, de paredes brancas e sem quadros, reconhecível apenas pelos marcos antigos, porém cuidados, das portas e janelas encontram-se dois homens. Pode-se dizer que é a representação de pólos ideológicos opostos. Um deles, o entrevistador, Fernando Rosso¹, pertence ao jornal da *Frente de Izquierda* (coligação de uma parte dos vários partidos de esquerda existentes na Argentina contemporânea). O entrevistado, Júlio Blanck, representa, na sua qualidade de editor chefe do maior veículo jornalístico do país, o pólo oposto. A mídia partidária marginal e a mídia *independente* hegemônica. Porém, a conversa transmite uma passividade que demonstra a falta de um conflito. Ainda não sabemos se a calma provém da coincidência ideológica deles ou é produto do triunfo absoluto e incontestável de uma das posições.

O entrevistado analisa a realidade presente e passada do país desde o pedestal autoconstruído da independência jornalística. Considera-se um observador neutro na posição de apontar os erros das ações dos governos presentes e passados. Contudo, as perguntas apontam para o papel do seu veículo jornalístico na realidade política argentina dos últimos anos. O encontro acontece após os primeiros seis meses do governo Mauricio Macri, que venceu no segundo turno das eleições de 2015 o candidato apoiado por Cristina F. Kirchner, Daniel Scioli, quebrando a hegemonia partidária (SARTORI, 2005) da *Frente para la Victoria* (FPV), denominação que adquiriu a frente partidária kirchnerista.

Bastam quatro palavras do entrevistado para entender o clima calmo que paira na entrevista: durante o kirchnerismo o “*Clarín* fez jornalismo de guerra”, disse. Para Rosso é evidente e Blanck sabe que nessa guerra o *Clarín* venceu. Mesmo com feridas, com a queda de vendas e a sua legitimidade diminuída, o *Clarín* venceu. O kirchnerismo perdeu as eleições, a lei de meios aprovada em 2009 nunca pôde ser aplicada e a vitória do PRO nas

¹ Jornalista da “Izquierda Diario”, veículo jornalístico da Frente de Esquerda.

eleições de 2015 trouxe um governo aliado, com o qual fez novos negócios e aumentou a participação na pauta de publicidade oficial. Além disso, os funcionários do veículo denunciados pelo governo por diversos crimes nunca foram processados, e o processo contra a Ernestina Herrera de Noble, dona do *Clarín*, pela apropriação de duas crianças durante a última ditadura militar, terminou com resultado favorável à Ernestina. Enquanto isso, Cristina Kirchner deve visitar regularmente os tribunais para depor pelos diversos processos nos quais está envolvida. Seu bloco no legislativo encontra-se dividido e não consegue influir significativamente nas decisões parlamentares.

Por muito tempo a diligência jornalística encabeçou a lista de inimigos do Governo Kirchner, e por isso o interesse informativo foca-se em conhecer a opinião de quem conseguiu manter-se no seu posto após a finalização do período. Assim, a paz na reunião não surpreende.

Porém, Rosso vê que, mesmo vitorioso, o *Clarín* teve suas perdas também no longo prazo, as quais, para um veículo jornalístico, são representadas principalmente pela queda na credibilidade. Nesse sentido, coloca que o rechaço da juventude na leitura e compartilhamento (nas redes sociais) das matérias produzidas pelo veículo (e também pelo segundo jornal mais importante do país, *La Nación*) irá se converter em um problema no futuro, minando a validade do veículo como fonte de informação.

Começamos a história pelo final. Nas próximas páginas daremos uma olhada para essa guerra e para as vítimas que causou em ambos os campos em disputa, mas pode-se ter certeza, antes de começar, que “na guerra, a primeira vítima é a verdade”² e é por isso que é do nosso interesse nos concentrar na produção de uma das verdades que lutou nessa guerra, a vencedora. Entendemos a “verdade” como o relato predominante em um contexto específico, e não como equivalente da “realidade”, e é por isso que cada um dos campos em disputa consegue criar a sua própria “verdade”.

Preciso, antes de tudo, fazer um esclarecimento: não serei imparcial, mas, não é um defeito meu. Creio que ninguém nunca o foi em nenhum tipo de ciência e eu simplesmente desejo deixá-lo explícito. Basta apenas dar uma olhada em textos e autores de grande reconhecimento ou em centros de pesquisa importantes que são financiados por grandes empresas³ para perceber que a tão citada neutralidade valorativa e de interesses não existe.

² Frase de autoria controversa.

³ <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2016/09/industria-do-acucar-influenciou-pesquisa->

Mas serei o mais objetivo e rigoroso possível, tendo como guia das minhas interpretações e colocações os materiais empíricos produzidos para a pesquisa e apresentados detalhadamente no texto.

Por outro lado, a multiplicidade de atores, fatores, níveis de análise possíveis e variáveis neste, como na maioria dos acontecimentos humanos, têm limitado as pretensões originais do trabalho e, portanto, ficarei contente ao conseguir descrever o papel da mídia escrita, no caso do jornal *Clarín*, para o período estabelecido, ciente das limitadas inferências que será possível fazer.

Como tem sido comentado indiretamente até aqui, o foco central desta pesquisa estará colocado na mídia corporativa que, durante o período analisado, será representada pelo veículo *Clarín*, o qual assumiu a característica de opositor ao governo. O tema será a relação estabelecida entre a mídia impressa e os movimentos sociais de protesto, especificamente as manifestações conhecidas como *Cacerolazos*, que aconteceram na Argentina entre 2012 e 2014. Assim, sinteticamente, será estudado o papel do *Clarín* na construção dos *Cacerolazos* antigovernistas.

Considerando a multiplicidade de mídias que concorrem na construção das interpretações em relação a qualquer fenômeno, a análise focada nos jornais em papel é, por si só, uma grande redução do universo. Televisão, rádio e, de forma crescente, as várias formas da internet concorrem com ela. Mas ainda hoje a mídia impressa, pela sua própria estrutura de produção (uma edição por dia), constitui um resumo adequado das mensagens que cada veículo midiático quer transmitir. Além disso, a mídia tradicional ainda conserva a primazia na credibilidade informativa⁴. Assim, considerando que os grupos de comunicação não estão restritos a um só tipo de mídia, os jornais representam os enquadramentos interpretativos difundidos em certos momentos históricos, especialmente no caso do *Clarín*, uma vez que o grupo possui presença em todos os tipos de mídia existentes (ver apêndice - mapa de meios).

Partindo da análise do jornal *Clarín*, tentaremos construir uma resposta para o seguinte problema de pesquisa: Qual foi o papel da mídia corporativa opositora na produção da mobilização antigovernista – *Cacerolazo* – contra o governo de Cristina F. Kirchner, acontecida em 8 de novembro de 2012? Em outras palavras, a pesquisa busca analisar a

cientifica-aponta-estudo.html

⁴ Tanto os administradores de Facebook quanto diversos autores (LOPEZ-ESCOBAR; LLAMAS; REY, 1996; MCCOMBS, 2005; RAMOS, 1993) reconhecem a centralidade da mídia escrita no estabelecimento da agenda política.

participação da mídia corporativa opositora na construção dos Cacerolazos, investigando sua atuação como estrutura de mobilização e produtora/difusora de molduras interpretativas da ação coletiva.

O problema de pesquisa em questão traz consigo uma hipótese central que motivou o início da pesquisa, conforme a qual a mídia corporativa opositora, quer dizer, o *Clarín*, agiu como estrutura de mobilização das manifestações antigovernistas (contra o governo de Cristina Kirchner), se constituindo como principal agente de mobilização dos Cacerolazos. Além do seu papel como estrutura de mobilização, o *Clarín* se constituiu em um agente em grande parte responsável pelos seguintes mecanismos de mobilização: criação e difusão dos enquadramentos interpretativos que dão sentido e procuram legitimar as mobilizações contra o governo; atribuição de oportunidades e ameaças que estimularam a mobilização antigovernamental; constituição de um espaço social de "encontro" e identificação dos opositores aos governantes; e de proposição de repertórios de ação para a manifestação.

A hipótese contradiz o senso comum que, no momento em que aconteceram as mobilizações, apontou as redes sociais virtuais, principalmente o facebook, como o agente fundamental na articulação dos eventos.

Essa hipótese central apoiou-se em hipóteses secundárias criadas antes e durante o próprio andamento da pesquisa, as quais apontam que:

- A difusão do enquadramento motivacional pode não ser uma função da mídia corporativa, por conta dos vínculos que a mesma estabelece com as redes sociais virtuais, produzindo uma divisão de tarefas na produção das mobilizações. Desta forma, a mídia corporativa foca na produção e difusão dos enquadramentos Diagnóstico e Prognóstico, deixando os enquadramentos motivacionais para as mídias virtuais. Isso acontece devido às regras editoriais e à “cultura jornalística” que limitam a difusão de enquadramentos motivacionais na mídia corporativa, restrições não presentes nas redes sociais virtuais.

- As “novas tecnologias” (internet, redes sociais virtuais, etc.) não tiveram um papel central na criação dos enquadramentos da ação coletiva para as mobilizações e agiram como reprodutoras das mensagens e enquadramentos surgidos na mídia corporativa, ainda considerada mais válida e com maior autoridade como fonte informativa. No limite, o sucesso das convocatórias na internet foi garantido pela difusão daquele sucesso na mídia tradicional.

- Os papéis adotados pela mídia tradicional (corporativa) e as redes sociais virtuais estão vinculadas às características que o contexto político-econômico argentino adquiriu no

período em que os Cacerolazos ocorreram, quer dizer, a polarização política e a atomização da oposição.

- Uma das implicações deste papel da mídia como estrutura de mobilização dos protestos antigovernistas (papel que em geral é ocupado por organizações sociais e políticas) é que o relativo êxito em termos da capacidade de gerar eventos de protesto massivos não tende a gerar nem engajamentos organizativos nem processos de mobilização duradouros. Isto indicaria os limites da mídia como estrutura de mobilização no que se refere à geração de efetivos movimentos sociais para além de eventos de protesto.

- Sustentaremos que os Cacerolazos fazem parte do espaço antagônico ao governo nacional, ao passo que possuem como característica central o afã por camuflar suas lideranças/organizadores com o intuito de se legitimar na autenticidade de não ser um movimento organizado/político.

Para os fins desta análise consideraremos o veículo *Clarín* como a representação da mídia corporativa opositora, entendendo-se por mídia corporativa “os jornais e revistas de maior circulação, bem como, sobretudo, as concessões de rádio e televisão controladas por grandes capitais” (NOGUEIRA PRADO, 2014). A qualidade “opositora” refere-se a uma categoria relacional, definida também pelo governo ao qual se opõe, portanto muda em cada contexto. O *Clarín* é definido como opositor para o período de análise (governo de Cristina F. Kirchner).

Para análise foi construído um banco de dados contendo os materiais apresentados no quadro abaixo. Os nomes dos entrevistados, por serem pessoas públicas, foram retirados do texto, mantendo-se somente as iniciais com o objetivo de preservar sua privacidade.

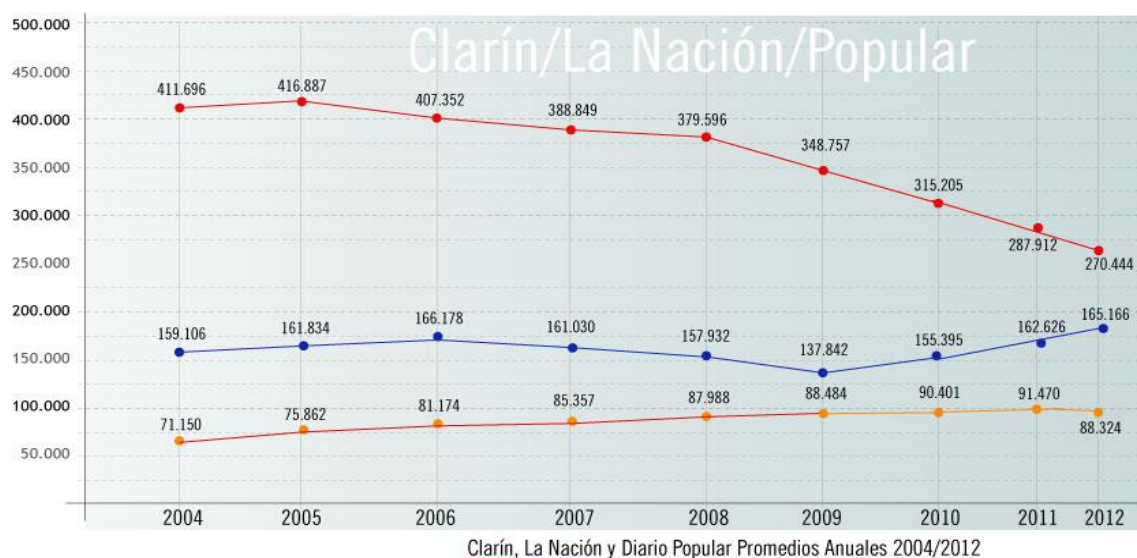
Quadro 1- Banco de Dados

Jornal <i>Clarín</i>	Seções selecionadas de 8/10/12 até 13/11/12
Entrevista: LB	03/02/2016 – Buenos Aires
Entrevista: CCA	19/02/2016 – Buenos Aires
Entrevista: YS	17/02/2016 – Buenos Aires
Entrevista: MM	23/02/2016 – Buenos Aires
Entrevista: AM	24/02/2016 – Buenos Aires

Entrevista: Fernando Rosso	02/12/2016 - Skype
Post dos grupos de Facebook (Pré-evento)	<i>El Cipayo</i> : 550 links; 144 post/imagens <i>El Anti-K</i> : 640 links; 155 post/imagens
Imagens dos grupos de Facebook, sobre o 8N (pós-evento)	El Cipayo: Pasta Cidade de Buenos Aires 29 imagens. Pasta estado de Buenos Aires 40 imagens. Pasta resto do país 43 imagens
ES Fotografia (pós- evento)	206 imagens

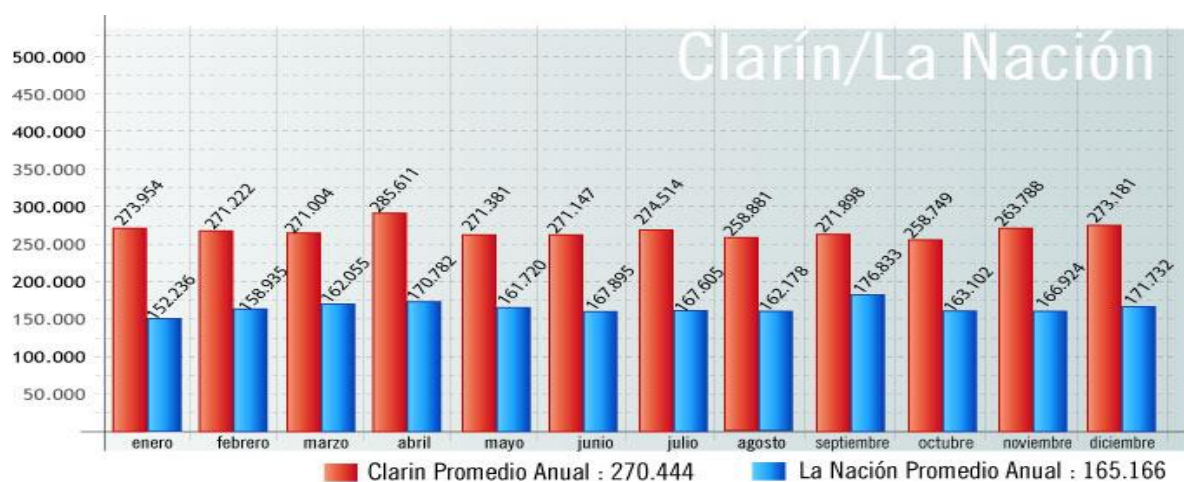
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 1 - Evolução vendas principais jornais nacionais – 2004-2012



Fonte: Site; Diários sobre diários. <http://www.diariosobrediarios.com.ar/dsd/notas/4/52-la-nacion-vendio-mas-clarin-y-popular-se-cayeron.php#.V6i7-PnhDIV> consultado 8/08/2016

Gráfico 2 - Média de vendas diárias por Clarín e La Nación - 2012



Fonte: Diários sobre diários. <http://www.diariosobrediarios.com.ar/dsd/notas/4/52-la-nacion-vendio-mas-clarin-y-popular-se-cayeron.php#.V6i7-PnhDIV> consultado 8/08/2016

A escolha pelo *Clarín*, baseia-se não somente na necessidade de reduzir o universo de materiais disponíveis, mas também pela sua importância no cenário midiático argentino, onde o jornal representa a “*joia da coroa*” do império midiático no qual o *Clarín* tem se convertido.

1.1 O contexto da pesquisa

Considera-se que o fenômeno estudado é uma expressão de um processo mais complexo e abrangente, que tem profundas relações não só com o contexto político, social e econômico argentino, mas também com toda a região sul-americana. Nesse sentido, a presente proposta entende que a República Argentina, como boa parte da América do Sul, tem vivenciado nas últimas décadas um processo de profunda inovação política, na qual “o traço distintivo dos primeiros dez anos do século XXI no continente (2000-2010) é o surgimento de novos atores sociopolíticos coletivos e cidadãos em quase todos os países, num contexto caracterizado pelo mal-estar com e na globalização” (URIBE, 2013, p. 56).

No referido período, em diversos dos países sul americanos se estabeleceram democraticamente governos que geraram uma renovada agenda política, revalorizando atores da sociedade civil e recuperando a iniciativa estatal como mobilizadora e ordenadora social.

Tais governos, porém, adquiriram diferentes perfis e se reconheceram em diversas correntes político-ideológicas (do socialismo do século XXI até o Peronismo). Seguindo Philip Kitzberger, podemos afirmar que estes governos constituíram uma verdadeira “onda de governos esquerdistas”(KITZBERGER, 2010, p. 5). Entre eles houve uma série de coincidências dentre as quais podemos mencionar o desenvolvimento da integração regional, a criação de novas instituições e instâncias intergovernamentais (como a UNASUL), o aprofundamento do comércio intrarregional e, no plano interno, a implementação de políticas sociais redistributivas ligadas à tendência de aumentar a pressão fiscal nos setores produtivos de alta rentabilidade ou à nacionalização daquelas áreas econômicas.

Considerando a etiqueta de “esquerdista” dada por Kitzberger, e para conseguir entender os posicionamentos dos atores em termos do *continuum* direita e esquerda, vamos aproveitar a interpretação que Kaltwasser faz do trabalho “Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política” do politólogo italiano Norberto Bobbio. Segundo o

autor, Bobbio reconhece três elementos centrais na distinção entre esquerda e direita (Kaltwasser, 2014: 36):

- Em primeiro lugar, direita e esquerda são conceitos antitéticos; desse modo, um existe graças ao outro. Em termos práticos isso supõe que o domínio de um desses campos ideológicos sobre o outro não significa que o outro desapareça e, portanto, o peso relativo da direita e da esquerda varia no tempo e nos contextos nacionais.

- Em segundo lugar, a distinção entre direita e esquerda sustenta-se primeiramente na concepção da ideia de igualdade. Enquanto a direita concebe que a maioria das desigualdades são naturais e difíceis (inclusive inconvenientes) de eliminar, a esquerda assume que a maior parte das desigualdades são construídas socialmente e, em consequência, são vistas como produtos das situações que devem ser modificadas.

- Em terceiro lugar, ao propor que o eixo direita/esquerda possui relação com o conflito ao redor das diferentes atitudes sobre a igualdade, Bobbio aponta, de forma explícita, que normalmente existem outros conflitos transversais à distinção entre direita e esquerda. Por exemplo, o autoritarismo pode ser defendido tanto por ditadores de esquerda quanto de direita.

Por outro lado, os governos “esquerdistas” foram alvo de críticas e desafios semelhantes a respeito da política interna. Um dos maiores desafios que partilharam foi a relação estabelecida entre eles e as empresas particulares de meios de comunicação de massa, as quais concentram a maior parte das licenças existentes, tal como Kitzberger aponta no trabalho acima citado (KITZBERGER, 2010). Estes meios de comunicação e as oposições políticas em cada país, apesar da legitimidade democrática com que se estabeleceram os referidos governos, qualificaram os mesmos como ditatoriais, autoritários, demagógicos e, finalmente, populistas.

Considerando a distinção entre direita e esquerda, a afirmação de Venício A. de Lima sobre a relação entre a mídia e a política, embora se refere particularmente ao Brasil, é perfeitamente válida tanto para a Argentina quanto para o resto da região sul-americana: “[...] a grande mídia tem, na maioria das vezes, defendido posições consensualmente identificadas como direitistas. E sempre em nome da democracia representativa, contra a corrupção e em defesa da liberdade de expressão” (DE LIMA, 2015, p. 94).

Posteriormente, De Lima aponta também que:

A desqualificação sistemática da política e dos políticos, portanto, se enquadra na

tentativa dos oligopólios de mídia não só de se legitimarem como “mediadores” (intermediários) entre a população e o espaço público, mas, sobretudo, de se constituírem na única instituição credenciada a fazer tal mediação. Ao agirem dessa forma, também boicotam as instituições representativas clássicas da democracia representativa – associações, sindicatos, partidos políticos – e colocam em questão, até mesmo, a necessidade de sua existência, além de implicitamente desestimularem – por inútil – a participação popular direta nestas instituições. Em resumo, trabalham contra a própria democracia em nome da qual se apresentam publicamente e que dizem defender (DE LIMA, 2015, p. 94).

Na mesma linha de De Lima, situa-se o trabalho de Ramonet (2013) que aponta que:

[...] os conglomerados midiáticos são grandes atores do mercado e, ao mesmo tempo, sua missão é difundir ideologias disfarçadas de informação – “ideologia” talvez seja uma palavra politizada, digamos que promovem uma visão de mundo, uma maquete do mundo, um mundo ideal. De maneira geral, é isso que os meios de comunicação fazem” (RAMONET, 2013, p. 63).

Esse confronto, que tem como pano de fundo posições ideológicas antagônicas, tem feito com que a comunicação pública represente um problema para os governos, desde que não possuam controle ou influência sobre a mesma. O confronto, como eixo, vira central ao considerar suas consequências numa sociedade em que a informação com a qual os cidadãos configuram a realidade do entorno em que se acham provém fundamentalmente dos meios de comunicação de massas.

Por outro lado, o modelo discursivo desses governos conceituados como “populistas” (centralmente na Argentina, Venezuela, Equador e Bolívia) gerou uma polarização política que, no caso particular sul-americano contemporâneo, deixou fora, na prática, e principalmente através do discurso, as elites político-econômicas que se situaram historicamente no centro da cena política. Os ditos governos de esquerda enunciaram (com maior ou menor ênfase) uma agenda pública orientada à redistribuição da riqueza existente, o que por definição deslocou as demandas dos grandes grupos econômicos da centralidade para a periferia da agenda pública.

No entanto, a nomeada virada nas agendas políticas não ocorreu sem resistências. Como exemplo podem ser citados o golpe de Estado falho acontecido na Venezuela em 2002, as revoltas conhecidas como o “massacre de pando” acontecidas na Bolívia em 2008, o impeachment do presidente Lugo no Paraguai em 2012 ou da presidente Rousseff em 2016.

Reconhecemos nestes fatos algumas formas de resistência contra o poder político, em que certos setores dominantes da sociedade levam à frente visando manter ou assegurar suas posições socioeconômicas de privilégio.

Inicialmente, consideraremos que o nosso objeto de estudo - as mobilizações e protestos ocorridos contra o governo de Cristina Fernández (denominados “Cacerolazos”) - representa os interesses e as reivindicações dos excluídos do discurso Kirchnerista, independente do nível em que esses interesses tenham sido efetivamente afetados (ou não).

Tradicionalmente, estes setores dominantes recorreram a diversos repertórios de ação para pressionar os governos no sentido da obtenção ou limitação de determinadas políticas públicas quando não possuíram o controle sobre/do governo. Entre os diferentes repertórios utilizados para exercer sua pressão política destacam-se a “fuga de capitais”, o *lockout* patronal, o aumento de preços, a desestabilização cambiária, a sonegação de impostos ou, por meio do mercado negro, a retenção e a especulação com produtos e serviços necessários à população.

Nesse sentido, é interessante ressaltar os trabalhos de Kaltwasser (2014) e Giordano (2014) que apontam que nas duas últimas décadas a direita tem perdido espaços na região sul-americana, mas está ciente desse déficit e tem, por isso, desenvolvido estratégias de adaptação para se sobrepor à hegemonia da esquerda. Giordano (2014), fazendo uma análise histórica das direitas, aponta para os seus conteúdos programáticos, mostrando que elas começaram a se valer da noção de “inclusão” para disputar espaços com as esquerdas no poder. Kaltwasser (2014) assinala que essas estratégias constituem três mecanismos de ação: não eleitorais, eleitorais não partidários e partidários (KALTWASSER, 2014, p. 42)⁵.

Em primeiro lugar o autor aponta que a direita apela para estratégias de ação não eleitorais, como são as mobilizações e a utilização dos seus recursos para pressionar os governos de esquerda a fim de conseguir impedir, postergar ou moderar as reformas que afetam seus interesses e ideais (KALTWASSER, 2014, p. 42). Em segundo lugar, Kaltwasser aponta que a direita desenvolve opções eleitorais não partidárias. Nesse sentido, procura promover lideranças que competem em eleições mas que rechaçam a construção de partidos políticos (KALTWASSER, 2014, p. 43). Em terceiro lugar, o autor sugere que a direita latino-americana investe recursos e tempo na formação de partidos políticos e, portanto, na luta

⁵ É importante destacar que desde finais de 2015 mudanças governamentais fizeram com que a afirmação sobre a perda de espaços da direita na América do Sul começasse a ser questionada, particularmente nas maiores economias da região: Brasil e Argentina.

programática, mas assinala que essa não constitui a sua estratégia de preferência, visto que é a mais custosa das três (KALTWASSER, 2014, p. 44).

O autor conclui que a direita ainda possui uma grande capacidade de influenciar os governos de esquerda “(...) mediante o financiamento das campanhas e o lobby exercido sobre atores políticos e funcionários públicos, assim como também graças à difusão das suas ideias através dos meios de comunicação de massas (...)”⁶ (KALTWASSER, 2014, p. 35).

O caso de interesse para o presente trabalho constitui um fenômeno complexo que, *a priori*, poderia ser apontado como uma destas formas de resistência que ditos setores da população ligados ideologicamente à direita administram para pressionar o poder político.

Portanto, focaremos nos “Cacerolazos” acontecidos na Argentina durante o segundo governo de Cristina Fernández de Kirchner (2012-2015). Eles constituem amostras do descontentamento político com a equipe de governo, mas que não envolvem reivindicações claras e explícitas em prol de políticas públicas além de uma rejeição generalizada do sentido de como “a coisa pública” é administrada.

Embora tenham acontecido protestos também denominados de Cacerolazos (e partilhado com eles os repertórios de ação) durante 2001/2 e em 2008, estes não serão considerados na análise uma vez que constituem fenômenos distintos. Os primeiros situaram-se no contexto da crise econômica e social do fim do governo do presidente De La Rúa e tiveram uma importante participação de organizações sociais e de desempregados, com a demanda por ajudas sociais e com a demanda das classes médias contra o “corralito” bancário⁷. Os protestos de 2008, por sua vez, tiveram como foco a “crise do campo”⁸ e se articularam em torno de uma reivindicação específica. Posteriormente, se diluíram após a votação no congresso, que favoreceu a posição dos manifestantes. Nesses dois casos o contexto político-econômico e as alianças de classe foram diferentes. Os Cacerolazos do

⁶ Tradução própria (todas as fontes em inglês e espanhol foram traduzidas para o português pelo autor).

⁷ Conheceu-se com o nome de “corralito” a restrição da livre disposição de dinheiro (em papel) vindo de contas correntes, poupanças ou prazos fixos impostos na Argentina pelo governo de Fernando de la Rúa em dezembro de 2001, 17 dias antes da sua renúncia.

⁸ A “crise do campo” articulou-se em torno da aprovação da famosa disposição “125” que estabelecia o aumento de impostos para determinados produtos agrícolas de exportação disposto pelo governo Cristina Kirchner. As patronais do campo rechaçaram a decisão e realizaram lock-outs, bloqueio de rodovias e paralisação do setor agropecuário por 129 dias. O conflito foi resolvido no congresso onde os parlamentares votaram pela desaprovção da medida. Como os senadores empataram na votação, foi o vice-presidente Julio Cobos que a desempatou votando “não positivamente” contra a posição do governo do qual ele formava parte e apoiou a posição das organizações empresariais do campo. Desde então se converteu em opositor do governo, mesmo não deixando nunca sua função.

período 2012/2014 constituíram-se, principalmente, como um fenômeno urbano e das classes médias e altas, articuladas ao redor do rechaço ao governo de Cristina Fernández, mas sem uma demanda política central.

Esse ciclo de protestos foi constituído por dez episódios de mobilizações, as quais serão o marco geral em que a pesquisa será enquadrada. Porém, focaremos a análise somente no evento de 8 de novembro de 2012, o denominado 8N. Os Cacerolazos considerados nesse período, como bem assinala o pesquisador argentino Tomás Gold (GOLD, 2015), não mantiveram as mesmas características durante todo o período, observando-se mudanças nas relações com a mídia e os políticos profissionais, entre os próprios organizadores dos protestos, as demandas e a quantidade de pessoas mobilizadas. A escolha pelo 8N surge tanto da grande importância atribuída ao evento, quanto da alta difusão que o mesmo teve em comparação com os outros eventos.

Os protestos aconteceram cronologicamente da seguinte forma: em 2012, nos dias 31 de Maio, 1, 7 e 14 de junho, 4 e 13 de Setembro e 8 de Novembro; em 2013, nos dias 18 de Abril, 8 de Agosto e 8 de Novembro e, finalmente no dia 13 de Novembro de 2014.

Quadro 2 - Estimativa de participantes durante o Ciclo de Cacerolazos

Data	Quantidade de Participantes
31 Maio de 2012	400/500 ⁹
1 Junho de 2012	1500 ¹⁰
7 Junho de 2012	8/10.000 ¹¹
4 Setembro de 2012	Sem dados. Localizado na cidade de Buenos Aires.
13 Setembro de 2012	180/250.000 ¹² ou 60/200.000 ¹³
8 Novembro de 2012	700.000/1.000.000 ¹⁴ ou 50/500.000 (na

⁹ Depoimento LB

¹⁰ Depoimento LB

¹¹ Depoimento LB

¹² Depoimento LB

¹³ <http://www.lanacion.com.ar/1508376-un-masivo-cacerolazo-de-protesta-contra-el-gobierno-se-sintio-en-todo-el-pais>

¹⁴ Depoimento LB

	Capital) ¹⁵
18 Abril de 2013	+ 1.000.000 ¹⁶
8 Agosto de 2013	150/180.000 ¹⁷
8 Novembro de 2013	Baixa participação ¹⁸
13 Novembro de 2014	“menor participação ¹⁹ ” (que os eventos anteriores)

FONTE: Dados da pesquisa.

Embora tenham tido o seu epicentro na Cidade de Buenos Aires, os Cacerolazos aconteceram tanto em múltiplas cidades do país quanto no exterior. As redes sociais e a mídia permitiram observar como o protesto teve lugar nas capitais de outros países nos eventos de maior transcendência, chegando a incluir a cobertura midiática própria do “ano novo” que, pelas diferenças de fuso horário, mostra como o evento acontece em diferentes momentos no mundo.

Considerando as limitações nos recursos disponíveis (principalmente de tempo), para esta dissertação será analisado apenas o Cacerolazo acontecido no dia 8 de novembro de 2012. O evento foi escolhido pelas suas características particulares, já que foi um dos maiores episódios do ciclo de manifestações (TARROW, 1997) em termos da quantidade de participantes e foi o que teve maior ressonância midiática (ENTMAN, 1993).

À luz das principais teorias sobre movimentos sociais e ação coletiva, os movimentos sociais e de protesto quase sempre são conformados pelos setores mais desfavorecidos da sociedade (SCRIBANO; SCHUSTER, 2001). Estes movimentos sustentam suas reivindicações e mobilizações conforme a concepção de que foram prejudicados por determinada decisão política ou, se achando numa situação indesejável, procuram uma decisão (ação) do poder político que reverta essa situação. No entanto, os “Cacerolazos” constituem um fenômeno difícil de enquadrar nas teorias sobre movimentos sociais, visto que

¹⁵ Clarín, 10 de Novembro de 2012, “Los números de la policía federal”, página 6.

¹⁶ <http://www.lanacion.com.ar/1573998-cacerolazo-18a>

¹⁷ Depoimento LB

¹⁸ www.lanacion.com.ar/1636777-escasa-asistencia-al-cacerolazo

¹⁹ www.lanacion.com.ar/1608973-con-una-protesta-menos-masiva-el-8-a-movilizo-a-los-caceroleros-mas-duros

foram compostos principalmente de indivíduos pertencentes às classes médias e altas²⁰, o que estabelece uma das particularidades do caso. Por outro lado, embora os Cacerolazos não tenham constituído um movimento social (ou organização social clássica), as repetições das ações os diferenciam dos eventos de protestos pontuais e efêmeros.

A participação das elites proprietárias/produtoras nas mobilizações supõe uma novidade, uma vez que estes setores raramente envolvem-se em protestos de rua. Tais protestos e a constituição de movimentos sociais protagonizados pelos grupos dominantes tendem a ser um objeto ausente no campo de estudos de movimentos sociais latino-americanos, sendo trabalhados de forma periférica nos estudos sobre elites. Um dos objetivos do presente trabalho é discutir e problematizar essa divisão arbitrária.

Para este estudo é importante também considerar a contexto político. Para isso serão apontadas as teorias do processo político. Luis Tapia (2008) problematiza as motivações em torno das mobilizações sociais ao dizer:

Os movimentos sociais são a forma da política excedente em um país, quase sempre gerada a partir da experiência e politização de algum tipo de escassez ou empobrecimento causado pelos princípios de distribuição existentes. Os movimentos sociais costumam se constituir em torno de questionamentos e demandas sobre a ordem distributiva em vigor ou, menos frequentemente, como projetos políticos de questionamento e reforma da ordem política em seu conjunto (TAPIA, 2008:67)²¹.

Aproximando-nos do nosso objeto de estudo, quando olhamos para pesquisas sobre movimentos sociais e para protestos feitos na Argentina observa-se que a composição tradicional dos mesmos é bem diferente daquela do objeto aqui abordado. Dos trabalhos de Scribano e Schuster (2001) se depreende que: “Sempre houve transformações a respeito dos atores do protesto social na Argentina. Mas, como regra geral, os sindicatos foram o centro do protesto social do começo do século” (SCRIBANO; SCHUSTER, 2001, p. 18). Com a virada do século, em 2001, ao analisar os movimentos que aconteceram com a crise econômica argentina, os autores veem alguns grupos como os protagonistas das mobilizações:

²⁰ A composição social dos protestos não foi, no entanto, exclusiva dessas camadas sociais. A participação de pessoas da baixa classe média não prejudicada nem excluída pela ação e pelo discurso estatal não deve ser desconsiderada, uma vez que parte do confronto entre os meios de comunicação e o governo supõe a tentativa da mídia de mobilizar a maior quantidade possível de pessoas.

²¹ Se bem que a definição orienta-se a apontar como sujeitos desta mobilização os grupos sociais menos favorecidos. A definição deixa entrever que os que rejeitam os “princípios de distribuição” e os excluídos do “projeto político”, quer dizer, do discurso público, constituirão estes movimentos, dando lugar a outras configurações possíveis, como a aqui apresentada.

desempregados, trabalhadores de empresas privatizadas, funcionários públicos, docentes, pequenos proprietários com dívidas e hipotecas, etc. Portanto, a constituição dos protestos aqui proposta para o estudo é bem diferente da constituição “normal” das mobilizações na Argentina.

Como será abordado nas próximas páginas, mesmo que as demandas e o contexto econômico o indiquem, não foram, nem somente nem majoritariamente, as classes altas que se mobilizaram nas manifestações. Inclusive há opiniões divididas entre os que convocaram as manifestações. YS reconhece que “a classe média que nunca tinha se mobilizado contra o kirchnerismo e a classe média alta que tinha ficado ativa após a crise do campo” foram os principais participantes. Já CCA aponta que “essencialmente a classe média que acorda todo dia para trabalhar...” participou do protesto e para LB o “8N acabou sendo um evento social”, pela ampla difusão que tanto a mídia antigovernista quanto o próprio governo deram ao evento. Finalmente, MM compartilha da interpretação de LB: “o 8N teve uma imensa cobertura midiática tanto nacional quanto internacional”, e adiciona que em outras manifestações, como “*pela justiça independente*, tu não via *essa gente* (trabalhadores de baixa qualificação), tu via pessoas de certo nível cultural, e essa gente como ficava sabendo? Ficava sabendo porque lia *La Nación* ou *Clarín*.”

1.2 Organização do Trabalho

Para atingir os objetivos do presente trabalho, no capítulo 2 serão mapeados os trabalhos teóricos e pesquisas anteriores que ajudaram a embasar a presente pesquisa, tendo centralidade os trabalhos de Benford e Snow (2000), e Gamson (2011) na definição do conceito de enquadramentos da ação coletiva, e de McAdam, McCarthy, Zald (1999) no conceito de estruturas de mobilização. Dos trabalhos de Entman (1989, 1993) serão utilizados os conceitos de *saliência* e *ressonância* para a análise dos impactos da mídia, e de Kaibin Xu (2013) a proposta de análise da cobertura midiática sobre manifestações.

Nas pesquisas exploratórias para a presente dissertação ficou claro que a definição do veículo jornalístico a ser analisado não podia deixar de ser explorada. Portanto, no capítulo 3 é resgatada a história do *Clarín* desde suas origens como simples jornal na cidade de Buenos Aires em 1945 até virar o maior grupo midiático do país na atualidade.

O capítulo 4 constitui o coração da pesquisa. Nele são analisadas as diferentes seções

do jornal *Clarín* no período anterior ao protesto, compreendido entre 9 de outubro e 8 de novembro de 2012. Aqui busca-se analisar os enquadramentos desenvolvidos pelo jornal em relação ao governo e, fundamentalmente, a presença de enquadramentos motivacionais para a manifestação de 8 de novembro.

O capítulo 5 dá continuidade ao trabalho iniciado no capítulo anterior, porém olhando para o período após o protesto, que vai de 9 de novembro até 13 de novembro de 2012. Aqui busca-se capturar o enquadramento que o veículo produziu sobre o Cacerolazo acontecido na noite de 8 de novembro de 2012 como forma de justificar a ação coletiva e incentivar a participação em possíveis futuros eventos.

No capítulo 6 são mapeados os enquadramentos mobilizados pelos grupos de Facebook apontados como os organizadores e idealizadores das mobilizações para o mesmo período anterior ao protesto.

Certo conjunto de dados dos capítulos 5 e 6 geraram a necessidade de organizar um capítulo particular, o 7, que explora as diversas relações e vínculos estabelecidos entre os administradores dos grupos de Facebook, os jornalistas e editorialistas da mídia tradicional e os políticos da oposição. E também a publicação recíproca que tanto a mídia tradicional quanto os grupos de Facebook fizeram dos conteúdos difundidos pelo outro ator.

No capítulo 8 propõe-se mais um olhar sobre as características da manifestação, resgatando uma série de post/fotos realizadas pelo fotógrafo Estanislao Santos, que possui uma explícita posição política favorável ao governo Kirchner. Ali também são analisadas as interpretações que os próprios grupos de Facebook fizeram sobre as manifestações.

No capítulo 9 serão recapituladas as discussões feitas ao longo do trabalho e, finalmente, a tentativa de apresentar algumas conclusões a respeito.

2 REVISÃO DA LITERATURA, MARCO TEÓRICO E METODOLOGIA.

“Não existem fatos, apenas interpretações”

Nietzche, A vontade de poder (1880).

O objetivo deste capítulo é conhecer a diversidade de abordagens teóricas que atingem os diferentes aspectos da pesquisa, assim como organizar as pesquisas similares feitas anteriormente.

Nesse sentido, no item 2.1 serão referidas as literaturas que dizem respeito aos diferentes aspectos relativos ao tema da dissertação: a produção de enquadramentos para a ação coletiva pela mídia e sua relação com os protestos. Por isso, em primeiro lugar, serão consideradas as teorias sobre a influência da mídia. Em seguida, serão consideradas algumas teorias sobre o populismo, as quais servirão para contextualizar o cenário em que as mobilizações aconteceram. Finalmente, será útil considerar a bibliografia especializada sobre movimentos sociais e de contestação, considerando que as características do objeto empírico da pesquisa - os Cacerolazos - não lhe permitem se adequar às principais categorias propostas por essa bibliografia, mas que serão úteis como pano de fundo. Da grande área dos movimentos sociais que versam sobre as condições e os elementos necessários para que as ações coletivas aconteçam serão considerados os autores da Teoria do Processo Político (BENFORD; SNOW, 2000; TARROW, 1997; TILLY, 1978).

Na seção 2.2 terão destaque as abordagens que funcionarão como marco teórico da pesquisa e cujos conceitos serão chaves, fundamentalmente, os conceitos de enquadramentos da ação coletiva (BENFORD; SNOW, 2000; GAMSON, 2011), estruturas de mobilização (MCADAM, D; MCCARTHY; ZALD, 1999) e os trabalhos relativos ao comportamento midiático (ENTMAN, 1993; KOOPMANS, 2004).

No item 2.3 será apresentado o objetivo da pesquisa e o tratamento dado aos materiais jornalísticos que foram a principal fonte de informações (acompanhados pelos materiais das redes sociais e as entrevistas).

Posteriormente, no ponto 2.4 será explorado o tratamento dado ao material, considerando as pontes e equivalências entre os materiais empíricos e a teoria, a fim de demonstrar a forma em que se obtiveram as codificações/temas tidos como centrais na pesquisa.

Finalmente, no ponto 2.5 será descrita a forma em que foram realizadas as entrevistas, as motivações para a seleção dos entrevistados, assim como os principais tópicos consultados.

2.1 Revisão Bibliográfica

Para enquadrar nosso entendimento do papel da mídia nas sociedades modernas utilizaremos os aportes do politólogo italiano Giovanni Sartori, o qual afirma que nas democracias atuais o papel principal na formação da opinião pública é desempenhado pelos meios de comunicação (SARTORI, 1993, p. 127). Nesse sentido, a formação da opinião pública²² implica a formação da “realidade”.

Numa linha semelhante, o aporte de Noelle-Neumann é especialmente relevante para o nosso estudo, uma vez que aponta que os meios de comunicação “constituem o entorno cuja pressão desencadeia a combatividade, a submissão ou o silêncio” (NEUMANN, 1995, p. 207). Quer dizer, os meios fazem mais do que dirigir a atenção para um problema, influenciando no modo como as pessoas irão pensar e agir a respeito disso (SARTORI, 1998, p. 89). Consideraremos, então, as teorias sobre a função e o papel da mídia, que constitui o eixo principal da presente pesquisa no que refere à relação entre produtores e consumidores das mensagens da mídia.

A controvérsia fundamental das teorias sobre os meios de comunicação tem a ver com os efeitos que as mensagens produzidas e emitidas pelos diversos tipos de mídias possuem para os públicos. Embora o campo das teorias sobre a mídia apresenta inúmeras visões (ALONSO MARCOS, 2010, p. 15), tentaremos mostrar os pontos centrais das teorias mais importantes.

Em primeiro lugar, podemos destacar a teoria dos “efeitos poderosos” (LASSWELL, 1948). Essa teoria, representada com a imagem da “agulha hipodérmica”, sustenta o argumento de que a informação produzida e difundida pelos meios de comunicação de massa penetra diretamente na mente dos indivíduos, receptores, descritos como sujeitos passivos, maleáveis e indefesos diante a mídia. Trabalhos orientados por essa teoria foram marcantes no período entre guerras, tendo como importante referência empírica os efeitos que o desenvolvimento do rádio tiveram para as populações dos Estados Unidos e da Europa (principalmente Alemanha e Itália). Nesta concepção, há pouco que o público possa fazer para impedir a absorção das mensagens das mídias.

²² Como uma opinião sobre o estado da “res pública” que acaba se exprimindo nas eleições, (SARTORI, 1993, p. 120).

Em segundo lugar, encontra-se a teoria dos efeitos limitados ou “dos dois passos”, cujo principal representante é Paul Lassarfeld (1982). Tal teoria se desenvolve após as pesquisas empíricas que demonstraram que as teorias dos efeitos poderosos não se comprovaram na realidade. Assim, os novos estudos pararam de considerar as sociedades como homogêneas e começaram a olhar para as atitudes, a vontade e o interesse dos receptores das mensagens da mídia, analisando como os indivíduos escolhem as mensagens que vão receber mudando as fontes de sua informação. Começam a aparecer novos atores como os “líderes de opinião”, os quais reproduzem as mensagens da mídia em determinados grupos sociais que veem neles figuras de autoridade e credibilidade. A teoria dos efeitos limitados começou a ser desenvolvida enquanto a televisão se massificava e ocupava o lugar do rádio como principal veículo de informação. A teoria da formação da opinião pública de Sartori (1993) poderia ser colocada dentro desta corrente, uma vez que considera a relação entre a mídia e os receptores ligados por múltiplos atores, como os líderes de opinião.

Em terceiro lugar, se encontra a teoria dos “Efeitos Cognitivos”, a qual também foi afetada pelo desenvolvimento da televisão. Na Europa, pesquisadores começaram a repensar os papéis dos “formadores de opinião” diante da presença dos jornalistas na televisão. Essa corrente recolhe alguns dos pressupostos das teorias dos efeitos poderosos, mas situam os efeitos das mensagens da mídia como cumulativos e de longo prazo. Os nomes mais importantes desta linha são os de Noelle-Neumann (1995), Luhmann (2010) e McCombs (2005). Estes autores assinalam a capacidade da mídia para decidir os conteúdos que seriam discutidos na sociedade (*agenda-setting*), chamando a atenção para alguns e ocultando outros. O poder principal da mídia seria, então, o de decidir quais assuntos se tornam importantes ou não para a sociedade.

Tendo presente que o foco central da pesquisa é a mídia e as formas como ela influencia/age sobre os públicos, deve-se considerar os diversos estudos de mídia que pensam estas relações. O primeiro ponto a considerar é a certeza de que os eventos sociais, nas sociedades modernas, “só acontecem” se noticiados pela mídia (MIGUEL, 2002; SARTORI, G, 1993), a qual, mediante seu quase monopólio no estabelecimento da agenda pública (MCCOMBS.; SHAW, 1972), define quais temas são os centrais e importantes em determinado lugar e momento. Entretanto, para o presente trabalho, o estabelecimento da agenda não constitui uma pergunta de pesquisa, visto que é tomado como um dado, em que o foco está na capacidade da mídia de estabelecer, além dos temas centrais do debate público, a forma em que serão entendidos e avaliados, quer dizer enquadrados. Estes autores (MIGUEL,

2002; SARTORI, G, 1993; MCCOMBS.; SHAW, 1972) assinalam a capacidade da mídia para decidir não apenas os conteúdos que seriam discutidos na sociedade, mas como tais conteúdos seriam interpretados socialmente. Ou seja, além do poder de *agenda-setting*, haveria um segundo nível conceituado como *frame-setting*, orientado ao enquadramento das mensagens tidas como centrais (LOPEZ-ESCOBAR; LLAMAS; REY, 1996; MCCOMBS, M., 2005; MCCOMBS, M. E.; SHAW, 1972;WEAVER, 2007).

Embora algumas interpretações (Neumann, 1995; Baylor, 1996) reconheçam a possibilidade de resistência dos públicos às mensagens emitidas pela mídia, é estendida a noção de que os veículos midiáticos encontram-se em uma posição cuja relação de forças é desigual diante do público considerado como observadores individuais. É apontado que grupos com fortes conexões e ideologizados (tais como a militância política ou religiosa) conseguem resistir mais eficientemente à apropriação das mensagens midiáticas, mas isso não acontece corriqueiramente no comum dos públicos.

E, finalmente, podem-se destacar as “Teorias da Recepção” (HALL, 2010; MORLEY, 1996), as quais procuram desenvolver uma explicação para as diferentes formas de interpretação das mensagens recebidas da mídia, as quais concentram a atenção na agência dos públicos, e não dos produtores das mensagens. Embora a análise proposta concentre a atenção na produção das mensagens, é importante levar em consideração as teorias da recepção, já que explicam os mecanismos que fazem com que os enquadramentos midiáticos tenham efeitos e possibilitam entender porque variações na saliência e visibilidade de determinados enquadramentos são fundamentais na nossa análise.

As teorias da recepção reconhecem nos receptores a capacidade de se opor ou mudar os sentidos das mensagens da mídia. Nas suas diversas versões, as teorias da recepção consideram que as formas de interpretar as mensagens têm a ver não somente com a classe social a que pertence o indivíduo, mas também com a sua raça, sexo, idade, etc. Paralelamente, as concepções pessoais dos receptores também influenciarão a sua forma de interpretar as mensagens. Neste sentido, David Morley (1996) apresenta o exemplo de um operário que pode, ao mesmo tempo, ser machista, racista e sindicalista, o qual interpretará as mensagens de acordo com a relação estabelecida entre elas e os papéis sociais aos quais se dirigem.

No que diz respeito à recepção das mensagens, é importante destacar a abordagem de Gamson (2011), que, olhando para a construção dos enquadramentos individuais, aponta que existem, além da mídia, outras duas fontes de marcos interpretativos que concorrem na

construção desses enquadramentos: a experiência pessoal e o sentido comum. Assim, para o autor, a influência midiática concorre com essas duas outras esferas na construção dos posicionamentos individuais.

Outro aspecto importante que adquire destaque nas teorias é o papel das mídias como protetoras do *status quo*, dos interesses das classes dominantes e, portanto, vinculadas a ideologias de direita ou conservadoras. Segundo alguns autores, isso aconteceria de um lado, porque os donos dos veículos orientam-se por seus interesses empresariais e de outro, haveria uma pressão das empresas que financiam o veículo mediante os anúncios publicitários (DE LIMA, 2015; GAGO, 2014; RAMONET, 2013). Mas também, tal como aponta Koopmans (2004, p. 380), isso acontece naturalmente no veículo midiático, visto que são apropriadas certas “rotinas midiáticas”, “valores midiáticos” e a “cultura editorial”, que conduzem a cobertura dos eventos para as falas “autorizadas” ou institucionais (políticos, sindicalistas, polícia, etc.). Baylor (1996) adiciona uma terceira dimensão, que é a dimensão do “sentido comum” ou “preconceito” que os jornalistas (e a mídia) possuem e que faz com que enquadrem os acontecimentos de determinadas formas, outorgando para alguns temas uma centralidade maior do que a merecida, e ignorando outros. Acreditamos que tanto os interesses empresariais quanto as rotinas midiáticas e o sentido comum possuem influência na defesa ou ataque que a mídia faz de algumas causas. Contudo, e tal é o objetivo do trabalho, procuramos mostrar que os interesses empresariais são muito mais importantes do que as outras características na definição do perfil do veículo.

Por fim, Scheufele (1999) sintetiza o campo da análise dos enquadramentos midiáticos (tipologia de pesquisa de enquadramentos incluída no apêndice) e aponta que, no momento atual, a história dos estudos dos efeitos da mídia se acha em um construtivismo social que mistura partes dos efeitos poderosos (LASSWELL, 1948) com os efeitos limitados (LASSARZFELD, 1982).

Como síntese do mapeamento teórico é importante destacar que embora cada teoria tenha uma explicação própria para relação emissor-receptor das mensagens, em todas é válido dizer que nas sociedades contemporâneas aquilo que não é noticiado pela mídia tende a não “existir”²³. A mídia produz o relato da realidade que conecta (KOOPMANS, 2004), na maioria das vezes (quando não há caminhos privilegiados nos quais as elites dos diferentes grupos possam se vincular), os distintos atores sociais, econômicos, culturais e políticos entre

²³ Para um aprofundamento sobre as teorias da mídia recomenda-se a leitura do livro de Mauro Wolf (1999), citado na bibliografia.

si. Mas além desses vínculos, a mídia enquadra os *problemas* que devem ser *resolvidos* pelos governos.

No contexto da sua eclosão, as manifestações se constituíram como antagonistas do governo de Cristina F. Kichner, o qual foi enquadrado pela mídia utilizando o conceito de populismo. Por se tratar de um conceito complexo e polissêmico se procura, aqui, agrupar as correntes acadêmicas que definem a utilização dele para entender tanto como aconteceu a sua apropriação pela mídia quanto seu significado acadêmico.

Provavelmente, por se tratar de acontecimentos muito recentes, os Cacerolazos argentinos não têm sido o foco de muitos trabalhos acadêmicos. Nesse sentido é importante também destacar o trabalho de Gold (2015, p. 196–7), que reconhece cinco interpretações que surgiram na época dos eventos:

1º O Cacerolazo foi “antipolítico” (identificação da política com os ciclos eleitorais): Crise de representação. Sintoma da crise política.

2º Abstrato e pouco representativo: Multiplicidade de demandas abstratas; não podem ser canalizadas pelos mecanismos políticos (partidos, eleições, etc.)

3º Análise econômica: O Cacerolazo representa o interesse das classes média e alta.

4º Crítica à característica “espontânea” e “cidadã: protesto organizado nas redes sociais e pelos partidos políticos opositores.

5º Cacerolazo espontâneo e cidadão, auto-convocado.

A análise de Gold (2015) é suficientemente abrangente para não nos sentirmos interpelados por várias das interpretações que ele contesta. Temos compartilhado, principalmente, a interpretação sobre a abstração das demandas (ou, na sua visão, pautas) que, embora tivessem esse caráter etéreo, o principal empecilho para sua satisfação encontrava-se nos governantes. Uma vez que a negatividade expressa no protesto negava a autoridade do governo, ele não podia responder às demandas recebidas. Prova disso é que nas eleições de 2015 venceu Mauricio Macri, cujas principais propostas governamentais foram “Pobreza zero, combate ao narcotráfico e unir os argentinos”. Pode-se discutir a abstração dos primeiros postulados, porém o terceiro é indiscutivelmente abstrato e etéreo e, contudo, foi efetivo como pauta geradora de apoio, inclusive porque o enquadramento de “desunião dos argentinos” foi em importante medida mobilizado como característica do governo de Cristina Kirchner.

Além do trabalho mencionado de Tomás Gold (2015), achamos somente os trabalhos

de Michele Santos da Silva (2013b, 2014, 2015). O artigo (SILVA, 2014) procura analisar os repertórios de ação do protesto, mas entendemos que há uma debilidade de origem na descrição do ciclo de protestos e do contexto político-econômico em que estavam inseridos, o que faz com que a análise não seja satisfatória. Acreditamos que, no intuito de encaixar a análise empírica nas teorias expostas, forçou-se a interpretação das primeiras. No início a autora aponta que:

Para concretizar um protesto massivo é necessário estabelecer fortes laços entre os participantes (TARROW, 2009, p.155), de modo que a motivação exercida seja capaz de mobilizá-los a uma causa. Essa interação entre indivíduos desconhecidos depende de quadros interpretativos que são determinados pela experiência individual (GOFFMAN, 2006). E em um ambiente de insatisfação e vulnerabilidades, esses quadros podem atuar como um salientador de novas exigências ou demandas que ainda não foram atendidas (ZALD, 2008, p. 261), sendo eles modelados por estruturas culturais, observadas, por exemplo, nas crenças dos desafiadores (GAMSON; MEYER, 2008, p. 289). Tais convicções dão sentido às reivindicações e legitimam o confronto através dos repertórios selecionados na ação coletiva. (SILVA, 2014, p. 1)

Para que assim fosse, seria necessário afirmar que no Cacerolazo do 8N houve fortes laços entre os manifestantes, os quais se encontravam em um ambiente de insatisfação e vulnerabilidade, razão pela qual teriam desenvolvido novas experiências e demandas.

Inicialmente, também define o seu objeto de análise como “uma onda de protestos denominada 8N” (SILVA, 2014, p. 1). É importante dizer aqui que, mesmo que ao longo do trabalho o equívoco pareça ser superado, no início passa a ideia de que a “onda de protestos” chamou-se de 8N, quando na verdade foi somente o nome que o evento de 8 de novembro adquiriu.

A autora coloca que os Cacerolazos surgiram como efeito da longa crise econômica na qual o país encontrava-se atravessando desde 2001, embora a definição de crise utilizada não indique quais as variáveis consideradas. É importante destacar que desde 2003 a Argentina experimentou um importante crescimento econômico, aumento da taxa de emprego e diminuição da desigualdade, e que mesmo com taxas de desenvolvimento menores nos anos em que os Cacerolazos aconteceram, as mesmas nunca pararam de crescer; o trabalho do Banco Mundial sobre a classe média aponta sólidos dados nesse sentido (FERREIRA; MESSINA; RIGOLINI; LÓPEZ-CALVA; LUGO; VAKIS, 2012).

A autora coloca, também, que a popularidade de Cristina Kirchner teria sofrido uma queda logo após o início do seu governo, em parte por não ter cumprido as promessas do governo de Nestor Kirchner, herdado em 2007 (SILVA, 2014, p. 2). O contraditório é que com baixa popularidade em 2011 tenha sido eleita no primeiro turno com 54% dos votos (sendo que desde o início do seu governo a popularidade teria sido baixa). Inclusive, considerando o início do segundo governo, nas eleições legislativas de 2013, o FPV, partido de Cristina Kirchner, teve o 32,5% dos votos a nível nacional, sendo o partido com maior apoio, mesmo que tenha diminuído a sua performance nos maiores distritos do país²⁴. No contexto dos Cacerolazos a popularidade da presidente viu-se prejudicada, mas é difícil sustentar que era baixa. Em uma notícia de maio de 2013 o jornal *La Nación* (opositor ao kirchnerismo) coloca: “em 2012, a imagem positiva de Cristina descia significativamente. Tinha passado de uma média de percepção positiva dos 59% no ano anterior, para os 47%”²⁵. Posteriormente, a autora coloca também que:

A atual instabilidade financeira - sentida pela inflação descontrolada, acusações de manipulação dos índices oficiais, depreciação do peso argentino, restrições na compra de moeda estrangeira - cujo país é informalmente dolarizado, foi a prova de que o kirchnerismo não conseguiu reverter a depressão econômica desatada em 2001. Na época, o resultado foi o empobrecimento generalizado que afetou as classes média e alta, principalmente - por uma medida governamental que restringia a extração de valores das contas bancárias e aplicações de rendas fixas, cujos dólares depositados foram convertidos em uma moeda desvalorizada. Isso gerou um ciclo de saqueios decorridos pela violência, depredação e contestação, abrindo uma oportunidade política a uma série de ciclos de protestos massivos, conhecidos por Cacerolazos. (SILVA, 2014, p.3)

É importante destacar que, mesmo que alguns setores da economia estejam muito vinculados ao comércio internacional e que o comércio de imóveis esteja dolarizado na quase totalidade das operações, o resto da economia argentina utiliza o peso como moeda de troca. Porém, é verdade que as variações no preço do dólar influem (sempre inflacionariamente) no valor dos bens e serviços e o dólar é utilizado como moeda de “refúgio” (poupança) das classes médias e altas. Paralelamente, a ligação entre as manifestações de 2001 e 2012 (onde teve lugar o 8N) só pode ser feita se interpretada a situação econômica dos dois momentos como crises similares. No trecho citado acima, mesmo que se referindo à crise de 2001, há

²⁴ <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-232293-2013-10-28.html>

²⁵ <http://www.lanacion.com.ar/1583781-el-subibaja-de-la-imagen-de-nestor-y-cristina-kirchner>

uma ligação entre as medidas do governo que teriam afetado as “classes médias e altas, principalmente” e a produção dos “saqueios” (protagonizados tipicamente pelas classes baixas da periferia), e posteriormente a abertura de oportunidades políticas para os Cacerolazos, repertório de contestação tipicamente utilizado pelas classes médias urbanas (GOLD, 2015). A comparação e equiparação de 2001 e 2012 são constantes no texto, baseado, principalmente, no trabalho de Falletti (2012) que foi escrito meses antes do início do ciclo de Cacerolazos de 2012, e que, portanto, é representativo somente das mobilizações de 2001.

Para os nossos fins, o mais interessante do trabalho é a referência a outro trabalho da mesma autora (SILVA, 2013a), no qual faz uma análise de valências sobre os enquadramentos que o telejornal de canal 13 (grupo *Clarín*) fez sobre o governo de Cristina na época do 8N. Infelizmente o trabalho não se encontra na bibliografia do artigo e não pôde ser localizado. Contudo, a autora utilizou os dados desse trabalho em outro artigo, onde aponta que a maior parte do tempo do telejornal é utilizada para falar negativamente do governo de Cristina Kirchner (SILVA, 2013b).

Todavia, considerando as ressalvas colocadas, os trabalhos de Michele Silva (2013a, 2013b, 2014, 2015) contribuem para a construção do cenário da presente pesquisa. Na sua dissertação de mestrado (2015), na qual a autora analisa o contexto de aprovação da LSCA, lança um olhar também para o confronto entre o governo e o grupo *Clarín*, e coloca que:

De todos os modos, essa análise inicial explicitou que enquanto o governo Kirchner utilizaria uma lei para afetar o Grupo *Clarín*, este usaria seu jornalismo para enquadrar o governo como déspota e antidemocrático, cuja *ley de medios* foi resultado de uma estratégia de perseguição política à imprensa crítica e independente. É interessante observar que as matérias jornalísticas não interagem com seu adversário, isto é, o governo. As fontes empregadas eram exclusivamente partidárias e convenientes a seus argumentos, cuja linguagem incluía recursos como a ironia, a dramatização e o sensacionalismo, orientando-nos a considerar que tal conteúdo afastava-se dos critérios do jornalismo. (SILVA, 2015, p. 18)

Finalmente, serão mapeadas as teorias sobre movimentos sociais, as quais são importantes porque, por exemplo, ajudam a pensar as motivações grupais ou individuais que levam as pessoas a agir coletivamente e também porque ajudarão a entender as características do objeto (Cacerolazo) em relação às organizações de movimentos sociais *tradicionais*. Como mostraram as entrevistas, mesmo que os Cacerolazos não tenham se constituído em manifestações de organizações de movimento social *tradicionais*, certos atores das redes sociais (Facebook, principalmente) agiram como as estruturas organizacionais, administrando

os recursos para maximizar os impactos das mobilizações.

Numa primeira aproximação, porém, os Cacerolazos parecem não se adequar às características dos movimentos sociais, mas ao mesmo tempo são *algo* diferente de simples episódios isolados. Nesse sentido, em um primeiro olhar para as teorias dos movimentos sociais, deverá se considerar o conceito de “ciclo de protestos” de Tarrow (1997), que parece dar um marco, *a priori*, para o fenômeno. O autor define o ciclo de protestos como:

[...] uma fase de intensificação dos conflitos e da confrontação no sistema social, que inclui uma rápida difusão da ação coletiva dos setores mais mobilizados aos menos mobilizados; um ritmo de inovação rápido das formas de confronto; marcos novos ou transformados para a ação coletiva; uma combinação de participação organizada e não organizada; umas sequências de interação intensificada entre dissidentes e autoridades que podem acabar na reforma, na repressão e, às vezes, na revolução (TARROW, 1997, p. 263).

Do nosso ponto de vista, os Cacerolazos integram um ciclo de protestos que se desenvolve entre os anos de 2012 e 2014 na Argentina. Percebe-se um crescimento da participação e engajamento de diversos setores da população à medida que os eventos vão acontecendo, assim como o desenvolvimento de performances inovadoras de manifestação (cartazes, bonecos e outros elementos são adicionados ao “bater das panelas”, que representa a ação principal e que dá nome aos eventos). Muitos outros protestos aconteceram durante o longo período do ciclo de Cacerolazos. Não se considera, porém, que formem parte dele, já que tanto as mobilizações a favor quanto as mobilizações contra o governo foram organizadas por atores institucionais (partidos ou sindicatos) e tiveram demandas específicas, tais como contra o imposto ao lucro (sindicatos) e a favor da aplicação da lei de meios (LSCA).

Para o mapeamento do campo, então, partiu-se dos trabalhos de Ângela Alonso (2009) e Beatriz Santamarina Campos (2008) sobre a literatura de movimentos sociais que conceituam e delimitam claramente as diferentes perspectivas presentes nessa literatura.

Entre os anos 1930 e 1960 reconhecem-se uma série de abordagens enquadradas nas “teorias da desmobilização política” representados pelos aportes de Riesman e Adorno. O argumento dos autores era de que “o individualismo exacerbado da sociedade moderna teria produzido personalidades narcísicas, voltadas para a autossatisfação e de costas para a política” (ALONSO, 2009, p. 51). Nesse cenário, a mobilização coletiva “eclodiria apenas

como irracionalidade ou, conforme Smelser, como explosão reativa de frustrações individuais, que as instituições momentaneamente não conseguiram canalizar” (ALONSO, 2009, p. 51). No entanto, o surgimento das mobilizações totalitárias (nazi-fascistas) desafiou os pressupostos da teoria da desmobilização, que tentou explicá-lo mediante a ideia da relação indivíduo-líder.

Contudo, já na década de 1970 surgiram as três correntes teóricas centrais neste campo de estudo. Primeiramente, McCarthy e Zald (1977) representam a Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), que busca explicar a “racionalidade” das mobilizações coletivas, entendendo o termo (racionalidade) como a procura pelos meios adequados para alcançar determinados objetivos. Essa explicação focaliza a provisão de recursos humanos, materiais e organizativos e não incorpora na análise as causas da mobilização ou as ideologias.

Segundo Alonso (2009) as outras duas teorias importantes dentro deste campo, TPP e TNMS, constroem explicações macro-históricas que rejeitam as explicações econômicas e apelam para a cultura e para a política. Charles Tilly (1978) constitui o maior nome dentro da TPP, junto com os aportes de Sidney Tarrow (1997) e Doug McAdam (2003).

Como Santamarina (2008) aponta, os Novos Movimentos sociais “estão profundamente relacionados com formas da identidade coletiva e individual; e com objetivos centrados no desenvolvimento e na mudança das formas de interação” (SANTAMARINA CAMPOS, 2008, p. 117). Essas teorias foram criadas juntamente com uma nova onda de mobilizações que desafiaram o modelo anterior. As mobilizações das minorias sexuais, raciais, a defesa da ecologia e, no caso argentino, a presença dos movimentos de direitos humanos, puseram em questão as teorias da TMR, já que a participação parecia estar mais relacionada à ideia da “identidade” ou à ideologia política do que ao benefício econômico.

As TNMS foram estabelecidas mais profundamente na América Latina do que as demais (TMR e TPP), orientando a produção de estudos de caso e as explicações baseadas na ideia de “identidades coletivas”, com destaque para a influência de autores como Touraine, Habermas, Melucci. De maneira transversal à categorização apresentada, existem trabalhos como os de Calhoun (1995), que afirmam que as características atribuídas aos novos movimentos sociais (demandas materiais, criação de identidade, etc.) estavam presentes já desde o século XIX.

A proposta da pesquisa sugere que a mídia pode cumprir um papel na criação de cenários de oportunidades políticas e como fonte possibilitadora das manifestações (Rosigno

e Danaher, 2001), se apropriando das funções que nas teorias apontadas possuem outros atores.

Em suma, a literatura de movimentos sociais se faz presente aqui para expôr sua resposta para as perguntas sobre as formas que se organizam e criam os movimentos sociais e de protesto, assim como as suas formas de desenvolvimento e de captação de recursos materiais e humanos. Como foi descrito acima, as principais teorias do campo não consideram a mídia como um agente central e ativo nos processos de mobilização, o que será contestado posteriormente. Porém, é importante considerar os aportes dessa bibliografia visto que mostram os mecanismos pelos quais a participação e o engajamento acontecem e nos permitem procurá-los na ação midiática.

2.2 Marco teórico

Um dos problemas centrais na construção do nosso marco teórico é a relativamente escassa produção de teoria e análises que abordam as mídias e os movimentos sociais/de protesto como atores interligados, tal como aponta Koopmans:

Enquanto a mídia agora ocupa o centro da cena desde o ponto de vista metodológico, os teóricos sobre movimentos sociais não têm lhe dado o lugar que merece. Tipicamente em “Dinâmicas de contestação” a recente tentativa de McAdam, Tarrow, e Tilly por sintetizar o campo dos movimentos sociais e ligá-lo com tópicos tais como revoluções e democratizações, podem-se achar dúzias de mecanismos e processos listados que são considerados como relevantes na explicação das políticas de contestação, mas procura-se em vão por entradas indexadas tais como “mídia de massas”, “esfera pública” ou “comunicação” (KOOPMANS, 2004, p. 369).

Discutindo as visões predominantes dentro da literatura anteriormente apontada sobre o papel dos movimentos sociais e da mídia, considera-se aqui que a mídia corporativa age de acordo com os interesses empresariais, isto é, das corporações que as controlam, e não perseguindo necessariamente o objetivo declarado de oferecer a “verdade objetiva” para o público. A mídia atua, assim, apoiando, ignorando ou rechaçando as mobilizações sociais de acordo com os interesses que as mesmas expressam, não tendo uma atitude equivalente

diante das diversas mobilizações e dos movimentos sociais (MORAES, DÊNIS DE; RAMONET; SERRANO, 2013).

Nesse sentido são utilizadas de modo central na presente pesquisa as definições de enquadramentos interpretativos da ação coletiva, desenvolvidos por Gamson (2011), Entman (1993) e por Benford e Snow (2000).

Gamson pesquisa a relação entre a mídia e a ação coletiva desde a ótica da construção de enquadramentos para a ação e a articulação e impactos desses enquadramentos nos indivíduos. O autor cria essa interpretação dos enquadramentos para a ação partindo do trabalho de Benford e Snow (2000), os quais apontam que os enquadramentos da ação coletiva são construídos, em parte, como entendimentos compartilhados entre os aderentes sobre uma determinada condição ou situação que eles definem que necessita ser mudada, definindo também quem ou que é o culpável dessa situação, determinando certo tipo de ações possíveis e tentando engajar os outros.

A terminologia aplicada por Benford e Snow (2000) indica três dimensões dos enquadramentos para a ação: diagnóstico, prognóstico e motivacional. No *enquadramento de diagnóstico* os movimentos sociais devem interpretar determinada situação como um problema social e, mais especificamente, como uma injustiça, identificando os responsáveis pela existência dessa situação assim como as fronteiras entre o “nós” e o “eles”. Já por meio do *enquadramento de prognóstico*, militantes devem apontar as soluções para os problemas identificados, assim como delinear planos para alcançá-las. Por fim, o *enquadramento motivacional* é o responsável pela construção de mensagens que estimulem que indivíduos enquadrados como vítimas (ou aqueles que atuam em seu nome) se engajem de forma sustentada em atividades de movimentos sociais (SILVA; COTANDA; PEREIRA, 2013).

Gamson (2011) analisa a aparição e interpretação dos indivíduos, em grupos focais, das chamadas “questões públicas”. As questões públicas estão muito vinculadas com a mídia, que é considerada como um dos três eixos principais na constituição dos enquadramentos interpretativos e, por isso, sua análise encontra-se mais próxima da nossa proposta.

Conforme salientado anteriormente, Gamson (2011) aponta que existem três fontes de justificativa para as posições políticas dos indivíduos, as quais mudam em importância segundo o tema ao qual estejam se referindo. São elas: a mídia, a experiência pessoal e a cultura popular.

Segundo Gamson (2011), os meios de comunicação têm a dupla função de serem

produtores de discursos, enquadramentos, *slogans*, etc., e, também, ser o espaço em que vários grupos sociais lutam pela definição da realidade social. A mídia constitui para os indivíduos “um recurso cultural para ser usado no processo de entendimento e conversação acerca de uma questão...” (GAMSON, 2011, p. 153). Por outra parte, o conhecimento experiencial, que pode ser tanto próprio quanto de conhecidos, serve como argumento para apoiar e fortalecer os enquadramentos coletivos. Em último lugar, a cultura popular é constituída por crenças populares que transcendem a especificidade das questões particulares. Como recurso, a sabedoria popular é um conhecimento espalhado pela sociedade, diferentemente da experiência pessoal que é propriedade de alguns indivíduos. Este conhecimento transmite princípios de aplicação geral.

Às vezes, a cultura popular e a mídia podem se confundir, já que os jornalistas partilham esses conhecimentos difundidos na sociedade e costumam utilizá-los. Segundo o autor, a importância, de cada uma dessas fontes na constituição das opiniões das pessoas muda segundo os indivíduos e segundo o tema a tratar.

Gamson apresenta também as condições necessárias que devem ocorrer para que os enquadramentos da ação coletiva sejam eficientemente ativados. O autor identifica três enquadramentos, os quais podem estar presentes ou não em cada uma das fontes de justificação apresentadas acima:

Enquadramento de Injustiça: refere-se à indignação moral, “não é um mero julgamento cognitivo ou intelectual sobre o que pode ser uniformizado, mas o que os psicólogos cognitivistas chamam de “cognição quente”, ou seja, uma cognição que está ligada à emoção” (GAMSON, 2011, p. 28). Ele costumeiramente tem que ser orientado contra um agente (pessoal ou grupal) para ser efetivo, porque os enquadramentos de injustiça que se orientam de modo diferente não geram essa indignação (ex. injustiças da natureza).

Enquadramento de Ação: refere-se à consciência de que é possível alterar condições ou políticas por meio da ação coletiva. É a ideia de que “nós podemos fazer alguma coisa”.

Enquadramento de Identidade: definição do “nós” tipicamente em oposição a “eles”, que possuem interesses e valores diferentes (GAMSON, 2011, p. 28).

O argumento do autor é interessante, visto que aponta que as pessoas “não são tão passivas e não são tão idiotas” (GAMSON, 2011, p. 25) frente à mídia como muitas interpretações sugeriram (como, por exemplo, as teorias da agulha hipodérmica ou dos efeitos imediatos). Além disso, sua teoria admite a possibilidade de que algumas demandas levadas

pelos manifestantes nos protestos não tenham sido parte dos enquadramentos difundidos pela mídia (sendo motivadas pela cultura popular ou a experiência pessoal), de modo que há um entendimento mais amplo do que em Sartori (1993) sobre as formas em que as pessoas das sociedades contemporâneas constroem o entendimento do mundo, possibilitando para a nossa pesquisa a aparição de demandas desvinculadas.

No intuito de clarificar o conceito específico de enquadramento midiático até aqui superficialmente abordado, consideraremos a definição de Chong e Druckman (2007), que apontam: “um enquadramento midiático é uma interpretação ou avaliação sobre um tema, evento ou pessoa que enfatiza algumas das suas características ou consequências” (CHONG; DRUCKMAN, 2007, p. 238). E logo adicionam que diversos pesquisadores, ao analisar o tratamento da mídia de massa sobre temas e candidatos, “têm mostrado que a opinião pública muda enquanto o balanço das histórias muda em favor de um lado ou outro. Se um lado domina a discussão pública sobre um tema, seu enquadramento sobre o assunto irá dar forma à opinião pública” (CHONG; DRUCKMAN, 2007, p. 238).

Há outro aspecto na construção dos enquadramentos da ação coletiva pela mídia a ser abordado. Desenvolvido por Entman (1989, 1993), aponta que a saliência das mensagens midiáticas possui uma força de imposição do enquadramento maior que a apontada pelas teorias dos efeitos mínimos. Para Entman enquadrar é

(...) selecionar alguns aspectos da realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de tal forma que promova uma particular definição do problema, uma interpretação causal, avaliação moral, e/ou um tratamento recomendado para o caso descrito” (ENTMAN, 1993, p. 52).

Sinteticamente, para o autor, os enquadramentos definem problemas, diagnosticam causas, fazem juízos morais e sugerem remédios. Nesse sentido, o processo comunicativo possui quatro elementos: o comunicador, o texto, o receptor e a cultura. O comunicador produz (ciente ou não) os enquadramentos e o texto contém os enquadramentos manifestos pela presença ou ausência de certas palavras chaves, imagens estereotipadas, “frases feitas” ou fontes de informação. Para o receptor os enquadramentos que guiam sua interpretação e conclusões podem ou não refletir os do comunicador e do texto. Finalmente, a cultura é o acúmulo de enquadramentos normalmente invocados. De fato, o autor define a cultura como “o conjunto empiricamente demonstrável de enquadramentos exibidos no discurso e pensamento da maioria das pessoas em um grupo social” (ENTMAN, 1993, p. 53).

Nesse sentido entende por saliência “fazer um pedaço de informação mais noticiável, significativo ou memorável para a audiência” (ENTMAN, 1993, p. 53). Incrementos nos níveis de saliência tornam provável que os receptores recebam a informação, entendam o significado e o processem, armazenando-o na memória. A localização da mensagem no veículo (manchete, capa, etc), a repetição da mensagem e inclusive a forma da sua aparição (se é em negrito), constituem partes da saliência. Para Entman, “a maioria dos enquadramentos é definido pelo que omitem tanto por aquilo que incluem” (ENTMAN, 1993, p. 54).

Entman (1989) aponta que os receptores das mensagens são afetados diferentemente segundo as próprias visões sobre a política. A identificação ideológica afeta a forma como as pessoas respondem a determinadas informações midiáticas, fazendo razoável a ideia de que cada pessoa processa a informação de uma forma diferente. O autor chama isso de *modelo de interdependência* (ENTMAN, 1989, p. 349–351) conforme o qual:

1ª As pessoas com ligações ideológicas fortes tendem a achar mais relevante (saliente) os editoriais que desafiam suas crenças do que as pessoas com ligações moderadas.

2ª Editoriais liberais geram um movimento para a esquerda nas atitudes não centrais da ideologia conservadora.

3ª Editoriais possuem efeitos maiores em sujeitos novos para a cobertura do que nos sujeitos largamente noticiados.

4ª Todas as ideologias são igualmente afetadas, mas as pessoas costumam pular os editoriais contrários. A neutralidade (suposta) das notícias possibilita uma chegada maior.

Sintetizando os postulados, as pessoas sem ligações ideológicas fortes tenderiam a procurar editoriais que não desafiem as suas crenças. Desde que a maioria da população não esteja vinculada fortemente com nenhuma ideologia, é factível entender que as maiorias iriam ler editoriais que não desafiem as suas crenças. Paralelamente, as mudanças de crenças que os editoriais podem produzir afetariam a parcela menos significativa para o indivíduo. Em suma, como colocado no ponto 4, a neutralidade suposta das matérias consegue atrair a atenção das maiorias que concordam ou podem ser afetadas pelos posicionamentos do veículo.

Além da saliência há outros aspectos das mensagens que intervêm na sua capacidade de influir socialmente. O interesse dos atores por obter a atenção da mídia se explica pela capacidade desta de oferecer visibilidade, ressonância e legitimidade para os atores e suas causas (KOOPMANS, 2004). A visibilidade é definida como uma gradação da quantidade de

aparições da mensagem em diferentes mídias. O grau em que uma mensagem provoca reações se chama ressonância, e é importante porque uma mensagem com alta ressonância viaja mais longe (a ressonância positiva é chamada de consonância e a negativa de dissonância, posições a favor e contra a mensagem), aumentando as chances da visibilidade do movimento/tema em questão, situando-o no centro da cena política. Finalmente, a legitimidade refere-se ao grau geral em que as mensagens são compartilhadas ou rechaçadas por terceiros atores, independentemente do seu grau de ressonância.

Koopmans (2004), por sua parte, embora aborde a mídia como um espaço no qual os diferentes movimentos sociais competem pela atenção em relativa paridade, aponta alguns elementos que serão úteis à nossa análise. Em sua análise, o autor reconhece que a mídia possui determinados valores que, por serem reconhecidos pelos movimentos sociais, influenciam a forma como esses movimentos irão se constituir e agir para obter mais espaço nela. Segundo o autor, “Os organizadores dos movimentos sociais e outros atores públicos conhecem esses critérios de seleção e tentam antecipar como irão incidir na difusão das suas mensagens” (KOOPMANS, 2004, p. 373). Da mesma forma, mesmo que em menor grau, reconhece a influência dos movimentos sociais na própria mídia.

Resumidamente, tanto as autoridades políticas, os partidos opositores, os movimentos sociais quanto o público em geral constituem a imagem dos outros agentes em função do que a mídia informa deles, reagindo sobre essa imagem e não sobre a “realidade”. De acordo com Koopmans, “Todos eles usam as mídias de massa como uma fonte crítica de informação sobre as visões e comportamento dos outros, também avaliam e adaptam as próprias estratégias como resultadas das reações que a mídia traz à esfera pública” (2004, p. 370). Miguel (2002) reconhece o mesmo efeito da mídia nas sociedades contemporâneas:

O impacto da definição de agenda pelos meios é perceptível não apenas no cidadão comum, que tende a entender como mais importantes as questões destacadas pelos meios de comunicação, mas também no comportamento de líderes políticos e de funcionários públicos, que se veem na obrigação de dar uma resposta àquelas questões (MIGUEL, 2002, p. 171).

Paralelamente, no trabalho de Roscigno e Danaher (2001) sobre a influência da rádio na greve do sul dos Estados Unidos após a crise de 1929, a mídia não só ajuda ao desenvolvimento dos enquadramentos como também possui a potencialidade de criar oportunidades políticas (TARROW, 1997) para as mobilizações. Isso implica que a mídia consegue mais do que dotar de conteúdo o protesto. Ela pode, ainda, desenhar um cenário social amigável para a ação, com o potencial de atingir e organizar uma multiplicidade de

indivíduos espalhados pelo território. Isso serve para entender como, em alguns casos, indivíduos não ligados entre si conseguem organizar ações coletivas.

A controvérsia teórica situa-se no entendimento da função da mídia para as principais referências do campo de estudo de movimentos sociais, que tendem a identificar na mídia um inimigo mais do que um aliado dos movimentos/protestos ou um espaço que pode ser atingido pelos movimentos se são adotadas as estratégias *certas*. Para alguns a mídia corporativa aparece centralmente como um adversário dos movimentos sociais (LEAL, 2005; MORAES, 2013) e para outros, como um espaço parcialmente permeável aos interesses dos movimentos e que deve ser ocupado por eles (FRANCO LERRER, 2005; KENNETH; CAREN, 2010; MIGUEL, 2002). Poucos trabalhos tem se questionado, como no presente trabalho, se haveria outra agência possível para a mídia. Nesse sentido é importante destacar o trabalho de Walgrave e Manssens (2000), com o qual compartilhamos não somente algumas hipóteses, senão que também estratégias metodológicas. Os autores identificam as mesmas limitações nas teorias das que temos comentado até aqui “A abordagem da estrutura de oportunidades (Eisinger 1973; Tarrow 1996) considera que a mídia de massas como um filtro, um facilitador, ou inclusive como barragens à ação coletiva antes do que um ator real que ocupa papéis estratégicos” (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 219).

Entendendo, como nós, que a mídia age de forma diferente à prevista pelas teorias, Walgrave e Manssens (2000) desenvolveram uma série de precondições na presença das quais a mídia não se adequa às previsões teóricas:

A mídia somente toma um papel ativo quando é evidente e manifesto o desencontro entre as pessoas e as elites. Isto permite que a mídia se apresente como defensora do povo e que facilmente se aproprie do descontentamento (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 235).

O papel ativo da mídia é restrito à questões altamente emocionais e simbólicas que criam uma atmosfera de consenso, emoção e união (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 236).

Na ausência de um movimento ou uma organização social comprometida, é vantajoso para a mídia tomar um papel ativo porque lhe permite se apresentar como sensível e como um guardião imparcial ao redor de uma questão consensual (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 236).

A mídia somente toma um papel ativo quando a questão é relativamente simples, mas a sua capacidade diminui à medida que a complexidade aumenta (WALGRAVE;

MANSSSENS, 2000, p. 236).

A mídia somente vai se engajar no início de uma mobilização quando a controvérsia seja politicamente imparcial (WALGRAVE; MANSSSENS, 2000, p. 236).

Somente quando o meio ambiente é comercial e caracterizado pela despolitização e ideologização pode a mídia criar mobilizações de ponta. Em contextos midiáticos politicamente e ideologicamente divididos a mobilização consensual é influente somente entre a audiência partidária e confrontada por outras vozes (WALGRAVE; MANSSSENS, 2000, p. 236).

É mais provável que a mídia tome um papel ativo nos momentos instáveis ou de escândalos generalizados (WALGRAVE; MANSSSENS, 2000, p. 236).

O impacto mobilizador da mídia depende da confiança da população na mesma (WALGRAVE; MANSSSENS, 2000, p. 237).

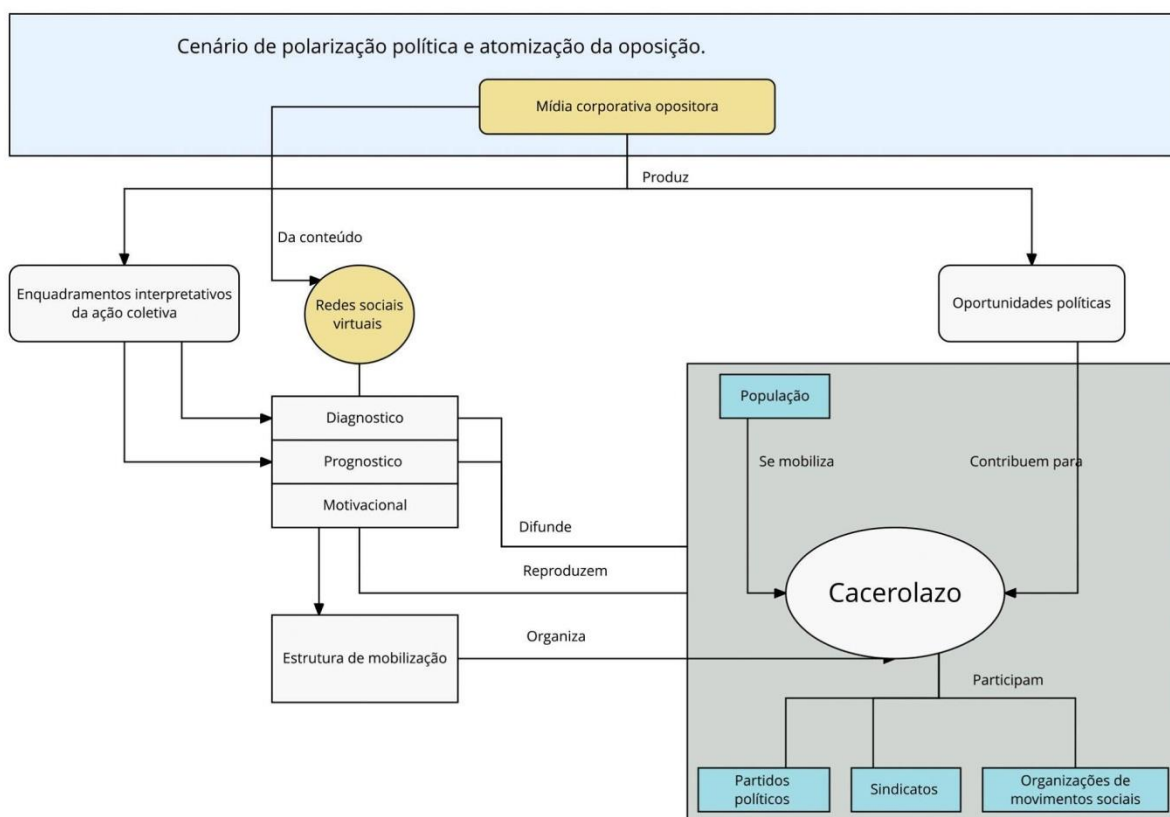
Além disso, o trabalho de Miguel (2002) aponta para outra controvérsia na literatura: “Se os cientistas políticos tendem a restringir a importância da mídia, os estudiosos da comunicação costumam, como observou Rubim, exagerá-la a ponto de julgar que a política, totalmente dominada pela lógica dos meios, tornou-se um mero espetáculo entre outros” (MIGUEL, 2002, p. 156). Compartilhamos com o autor a vontade de interpretar a influência da mídia no cenário político sem cair nas posições extremas e simplificadoras.

Um dos conceitos principais que serão mobilizados para a definição da atuação da mídia será o de estruturas de mobilização. Para isso, adotaremos a definição que McAdam, McCarthy e Zald (1999) dão ao termo, definindo-o como “... os canais coletivos tanto formais quanto informais através dos quais as pessoas podem se mobilizar e se envolver na ação coletiva” (MCADAM, DOUG.; MCCARTHY; ZALD, 1999, p. 24). Ou também “formas consensuais de levar adiante ações coletivas, os repertórios táticos, as formas organizativas de movimentos sociais concretos e os repertórios modulares dos movimentos sociais” (MCCARTHY, 1999, p. 206). Focando em grupos cuja principal função não é a mobilização, mas que podem gerá-la (unidades familiares, associações voluntárias, e atores do próprio Estado), a definição de McAdam, McCarthy e Zald (1999) não considera a mídia como uma estrutura mobilizadora. Para os autores, as organizações de movimentos sociais, conectadas às redes de sociabilidade (familiares e de amizade), são as estruturas de mobilização por excelência.

O modelo de análise utilizado na presente pesquisa propõe que, em certos casos (como

os Cacerolazos), a mídia corporativa opositora age direta e indiretamente sobre a sociedade para a produção de mobilizações antigovernistas. Age diretamente, mediante a produção e difusão de enquadramentos interpretativos da ação coletiva (BENFORD; SNOW, 2000; GAMSON, 2011) que apontam para o governo como responsável por uma multiplicidade de situações indesejáveis e, paralelamente, difundindo certo estado da opinião pública/publicada (SARTORI, 1993) amigável à ideia do protesto social, ampliando as oportunidades políticas (TARROW, 1997) para o acontecimento ter lugar. Além disso, a mídia também age como eixo de referência e articulador do protesto, quer dizer, como estrutura de mobilização (MCADAM, DOUG.; MCCARTHY; ZALD, 1999) das manifestações, substituindo atores tradicionais como organizações de movimentos sociais e partidos políticos. E age indiretamente, através de sua influência e difusão nas redes sociais virtuais; os enquadramentos midiáticos adquirem maior ressonância (KOOPMANS, 2004) e saliência (ENTMAN, 1993) ampliando seu alcance e legitimidade entre a população.

Imagem 1 - Esquema do Modelo de Análise



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse sentido, a proposta partilha as funções típicas dadas pela teoria à mídia, mas

aponta para dimensões subexploradas do comportamento da mesma como agente central na construção de mobilizações sociais.

Adicionalmente, no entendimento da mídia e sob a hipótese de que os jornais são a fonte principal de criação de mensagens (enquadramentos), adotaremos a posição dos vários trabalhos que mostram a predominância da imprensa escrita sobre outros tipos de mídia no estabelecimento da agenda política (LOPEZ-ESCOBAR; LLAMAS; REY, 1996; MCCOMBS, M., 2005; RAMOS, 1993) e consideraremos que o papel da internet na construção dos quadramentos foi principalmente reprodutivo das mensagens da mídia.

De modo crescente pesquisadores de diversas partes do mundo tem se interessado pelo papel da internet e das redes sociais virtuais na atualidade e o impacto que a mesma está gerando para os governos, movimentos sociais e para a mídia tradicional (BENNETT; SEREBERG, 2012; CASTELLS, 2006, 2015; COULDRY; CURRAN, 2003; LOADER, 2008; TUFEKCI; WILSON, 2012). Os Cacerolazos são apresentados no discurso público como uma das novas formas de atuação política não vinculada a nenhuma das organizações tradicionais (partidos políticos, sindicatos, etc.), tendo centralidade a figura do manifestante “autoconvocado”. Portanto, é importante conhecer os pressupostos que as teorias que descrevem os efeitos da internet na mobilização e organização social utilizam.

De forma geral, os autores (BENNETT; SEREBERG, 2012; CASTELLS, 2006, 2015; COULDRY; CURRAN, 2003; LOADER, 2008; TUFEKCI; WILSON, 2012) colocam que diante da difusão (e baixo custo) das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), que possibilitam a individualização e particularização na criação e difusão de informações por parte dos cidadãos, muda a relação e a forma como estes se relacionam com a informação. Isso faria com que se limitasse o poder da mídia de massas tradicional (assim como dos partidos políticos e governos). Alguns, inclusive, colocam que as redes sociais virtuais carregariam um discurso anti-neoliberal em contraposição às mídias tradicionais com as que se confrontariam (BENNETT, 2003). Embora alguns deles apontem que a mídia tradicional (GARRETT, 2006; ROBLES; CASTROMIL; RODRIGUEZ; CRUZ, 2015) ainda é predominante no cenário atual, a aposta é que no futuro as redes sociais virtuais acabem substituindo ou tendo maior importância do que ela.

Não exploraremos outras dimensões das análises sobre a internet como a ideia da ação conectiva (BENNETT; SEREBERG, 2012), os impactos gerados nas organizações de movimentos sociais e sindicais (LOADER, 2008) ou na conformação da identidade (ACKLAND; O'NEIL, 2011). Porém, é importante destacar as posições principais na área, já

que a nossa visão da atuação das redes sociais virtuais no contexto da presente pesquisa se contrapõe à maior parte dos achados desse campo, uma vez que não confrontam a mídia tradicional, não carregam posições anti-neoliberais e ainda agiriam reproduzindo e multiplicando as mensagens da mídia corporativa.

Para a análise da interpretação da mídia sobre os manifestantes e a manifestação no período Pós-evento (que abrange os conteúdos veiculados entre os dias 9 e 13/11/2012), foram utilizadas as dimensões propostas do trabalho de Xu (2013) que procura explicar a forma como a mídia se relaciona com o protesto social. Para Xu (2013) as manifestações são enquadradas, em maior ou menor grau, negativamente pela mídia e as dimensões desenvolvidas no seu estudo refletem o confronto da mídia com as mesmas, coincidindo com a maior parte das análises teóricas sobre essa relação. É uma classificação desenvolvida sob o pressuposto de que mídia possui um “protest paradigm” (DETENBER; GOTLIEB; MCLEOD; MALINKINA, 2010; WOLF, 1999; XU, 2013) que leva a enquadramentos midiáticos negativos e funciona como um mecanismo social de controle que debilita a influência dos protestos sociais na opinião pública. Como efeito do “paradigma do protesto”, a cobertura midiática esquece as condições sociais que deram origem e fundamentaram a mobilização ou protesto para se focar unicamente no evento (XU, 2013). Essa aproximação teórica se contrapõe aos argumentos que fundamentam a pesquisa apresentada na dissertação, representando a visão predominante sobre a forma como a mídia cobre os protestos sociais. Porém, é importante utilizá-la porque, primeiramente, representa um guia detalhado sobre os pontos que devem ser considerados e, em segundo lugar, somente utilizando-a poderemos sustentar que o caso estudado não se adapta a esse enquadramento teórico.

Nesse sentido, as matérias sobre a manifestação serão avaliadas nas seis dimensões apontadas por Xu (2013): ilegalidade/baderna, performance, inefetividade das demandas, desaprovação pública, fontes oficiais e impacto negativo.

A legalidade diz respeito ao destaque dado pela mídia à relação entre os manifestantes e a polícia e a violência ocorrida (ou potencial) entre eles. Para Xu (2013), a cobertura da violência acontece inclusive quando somente uma parte reduzida dos manifestantes exerce algum tipo de ato violento, esquecendo-se a maioria dos manifestantes que tendem a atuar pacificamente. A ênfase no conflito com a polícia teria a função de esconder o real conflito expresso pela manifestação (o efetivo alvo do protesto). Esse enquadramento também costuma definir os manifestantes como “buscadores de problema” ou anarquistas e a polícia como responsável, mantenedora da ordem e reagindo à violência dos manifestantes. Assim,

associando manifestações à ilegalidade e à baderna, os enquadramentos midiáticos atuam diretamente na deslegitimação pública das manifestações.

A performance diz respeito ao destaque dado pela mídia às formas de vestimenta (divertidas, estranhas, assustadoras) e à reduzida idade e imaturidade dos manifestantes. Constitui-se, assim, um “freak show” que oculta a seriedade das demandas e dos atores mobilizados.

As demandas dos manifestantes, segundo Xu (2013), em geral são noticiadas de forma a destacar as divergências internas do movimento em relação aos objetivos e são ressaltadas as demandas mais radicais ou engraçadas, com o objetivo de reduzir a legitimidade e seriedade das mesmas e daqueles que as defendem.

Nos enquadramentos da mídia, a primeira medida da aprovação pública do protesto é definida pela quantidade de pessoas que participaram do mesmo. Nesse sentido, a estratégia dos veículos midiáticos é enfatizar a baixa representatividade do evento, “demonstrando” pouco apoio público. Além disso, utilizam-se comentários negativos dos espectadores do protesto para reforçar a ideia do rechaço da população à mobilização (paralelamente, os espectadores que possuem visões positivas do evento são considerados como participantes). A cobertura enfatiza, assim, a desaprovação pública do protesto, apontando que não eram representativos do público ou que o público não os apoia. Incluem-se, ainda, enquetes de opinião para sustentar as ditas afirmações, mas sem informação do modo como foram realizadas.

As fontes da informação dizem respeito à seleção de quais “provas” embasam a versão dos fatos a ser transmitida. As vozes “oficiais e autorizadas” (polícia, governo e lideranças empresariais) tendem a ser consultadas com maior frequência que os participantes das manifestações e as classes populares. A mídia faz isso tanto para adicionar prestígio à história quanto para manter o *status quo*.

O impacto da manifestação é, em geral, apresentado como negativo. Enfatizam-se, desse modo, os efeitos do evento em termos das complicações no trânsito, do barulho que incomoda as pessoas que vivem e trabalham no local onde teve lugar a manifestação, dos custos extras que o policiamento do evento gerou para o governo, da perda de vendas das lojas, da falta de patriotismo, do ataque aos interesses nacionais e do confronto aos valores das famílias e das comunidades onde o evento ocorre.

2.3 Metodologia

Os jornais constituem o corpus central e a principal fonte de informação desta pesquisa, sendo escolhido para análise o veículo *Clarín* devido sua centralidade no cenário midiático argentino. O banco de dados foi idealizado e composto pelas edições impressas e completas do jornal do período compreendido entre 8/10/2012 e 13/11/2012. Para a organização e classificação dos materiais coletados no banco de dados foi utilizado o software de auxílio à pesquisa qualitativa Nvivo. O software permite a classificação do material (nos termos dele, codificação) conforme marcadores temáticos determinados pelo pesquisador, que facilitam achar os materiais vinculados a cada um dos mesmos. No nosso caso, pela natureza dos materiais, as outras funções presentes no software não foram utilizadas.

O período foi definido para compreender 30 dias antes do evento de protesto acontecido no dia 8/11/2012 (Pré-evento) e cinco dias depois (Post evento). O banco de dados efetivamente coletado, porém, manteve o período originalmente definido, mas restringiu a coleta para algumas seções particulares do jornal, que são: Capa, Editorial, Opinião, Internacionais, Economia, Sociedad e Política (no *Clarín*, a parte de economia se acha inclusa dentro da seção El País, que inclui também a seção Política). Por sua vez, as seções de Moda, Espetáculos, Esportes, cidade (Buenos Aires), Segurança, as charges da contracapa e as seções especiais não formaram parte do banco de dados.

Ainda que tenha se pensado originalmente que a coleta dos materiais seria uma tarefa simples devido à suposta disponibilidade das versões impressas do jornal no seu site, o processo demonstrou ser mais complexo e trabalhoso do que a previsão inicial. Em parte, o fato dos materiais virem da Argentina enquanto a pesquisa tinha lugar no Brasil dificultou as comunicações e negociações com as fontes dos materiais.

Pouco antes do início da coleta de materiais, o *site* do *Clarín* mudou o seu *layout* e começou a disponibilizar somente a versão online do veículo, sendo inacessíveis as matérias antigas da forma em que foram publicadas originalmente, sumindo as imagens e as capas do jornal. Além disso, o mecanismo de busca da própria página apresenta muitas limitações e falhas que vão desde a apresentação de resultados não coincidentes com a busca realizada até a impossibilidade de pôr os resultados em ordem cronológica.

Com a opção da coleta online descartada, surgiu a possibilidade de assinar, mediante um pagamento, a loja virtual do jornal. Essa opção finalmente também foi descartada, embora tivesse oferecido a possibilidade de analisar os documentos em formato pdf, fazendo buscas

de palavras e agilizando as classificações dos materiais. A opção foi descartada pela lentidão dos veículos em responder às questões efetuadas via e-mail sobre a disponibilidade do material, custos e formas de pagamento, assim como pela burocracia envolvida no financiamento de pesquisas “no exterior”.

A opção finalmente adotada foi solicitar aos funcionários da hemeroteca do Congresso Nacional Argentino a digitalização e o envio dos materiais definidos acima. Embora tenha sido a opção utilizada, apresentou também dois problemas ou limitações. Em primeiro lugar, o pesquisador não possui certeza de que os materiais constituam efetivamente a totalidade do universo solicitado, considerando os múltiplos erros cometidos pelos funcionários (que, quando identificados, foram solucionados com novas solicitações de materiais). Em segundo lugar, a obtenção do material em formato de imagem dificultou a leitura e a quantificação dos materiais estendendo o tempo requerido para a codificação e limitando o uso de algumas ferramentas disponíveis no software NVivo.

Por outro lado, devido a limitações estruturais, os funcionários da hemeroteca solicitaram a redução do material a ser digitalizado o que contribuiu à forma final que o banco de dados adquiriu, detalhada acima. Entre as seções desconsideradas a única que reveste algum tipo de importância para a pesquisa é a de Segurança (ou Policiais), sendo que a insegurança é sempre uma das demandas cidadãs mais populares e poderia ter agido como demanda mobilizadora no protesto. Mas considerou-se que a seção policial naturalmente possui notícias sobre homicídios, roubos, sequestros, etc. e que, portanto, não seria parâmetro para medir um aumento da pressão sobre essa demanda. No entanto, ponderou-se sim a aparição em destaque de manchetes sobre a insegurança na capa do jornal com o intuito de suprir essa falta e acreditando que o destaque da capa possui um efeito maior que a simples existência da notícia (DA CUNHA, 2007).

A seleção dos materiais foi feita dessa forma sob o pressuposto de que os enquadramentos interpretativos da mídia sobre o governo iriam estar difundidos em todas as seções do jornal. Por conta disso, a proposta inicial foi analisar as versões impressas do veículo sem restrições de nenhum tipo e sem filtrar as notícias. A grande quantidade de material que essa decisão metodológica teria produzido contribuiu também para a decisão de restringir a análise às seções selecionadas, mas próximas do tema.

Dentro do período considerado, algumas edições não constavam no arquivo da Hemeroteca do Congresso Argentino (29/10/2012 e 7/11/2012) uma vez que as versões impressas não foram produzidas ou distribuídas. No caso do 7/11/2012, dia do vendedor de

jornais, somente foram produzidas versões online dos jornais que foram coletadas da internet, tendo-se somente as páginas consideradas a priori relevantes.

Cada uma das páginas do jornal foi recebida na forma de um arquivo de imagem, com um nome aleatório automático. A primeira tarefa foi distinguir a qual data correspondia cada uma das imagens, filtrar imagens repetidas, nomear os arquivos e organizá-los em pastas. No total foram organizadas 1.344 imagens em 41 pastas (veja-se a quantificação dos jornais nos Anexos).

Posteriormente, foi realizada uma primeira classificação e quantificação das matérias jornalísticas segundo a sua forma. Para isso, foi adotada e adaptada a tipologia desenvolvida por Fernandes (2016).

Nota: Conteúdo descritivo dos fatos. Caracteriza-se por ser sucinta. Não há uma definição objetiva que situe a diferença entre uma nota e uma notícia. Dessa forma, na presente pesquisa optou-se por ser estabelecido um critério para a diferenciação entre notas e notícias. Foram consideradas notas conteúdos jornalísticos compostos por, no máximo, 04 parágrafos²⁶.

Capas: Apresentam em destaque as notícias tidas como mais importantes do dia. Procuram atrair a atenção do público.

Notícia: Conteúdo descritivo dos fatos. Caracteriza-se, nesta pesquisa, segundo o critério acima expresso, por conter mais de 04 parágrafos. Assim, consiste em uma descrição mais detalhada dos acontecimentos em comparação à nota. Nos materiais que compõem o *corpus* deste estudo há reportagens e optou-se por tratar tais materiais como notícias.

Artigo: Conteúdo opinativo e analítico. Caracteriza-se por conter opiniões e análises a respeito dos eventos de protesto. Diferencia-se da coluna, pois no caso do artigo o sujeito que produz o texto não publica, com frequência, conteúdo no veículo midiático, mas é convidado ou se propõe a enviar o texto para o veículo.

Coluna: Conteúdo opinativo e analítico. Caracteriza-se por conter opiniões e análises a respeito dos eventos de protesto. Diferencia-se do artigo, pois no caso da coluna o sujeito que produz o texto publica conteúdo no veículo midiático com frequência.

Carta do leitor: Texto opinativo enviado pelo público. Texto breve e de linguagem

²⁶ Manteve-se o critério dos 4 parágrafos para a distinção entre notas e notícias, embora muitas notícias de cinco parágrafos curtos ou três parágrafos longos desvirtuassem a classificação. Entendeu-se que qualquer critério físico apresentaria o mesmo tipo de problemas.

coloquial, que costuma estar dirigido ao governo ou personagens políticos. Pode ser editado e formatado pelo veículo midiático, que costuma publicar as cartas em grupos segundo a temática do dia.

Editorial: Texto escrito por editor do jornal. Caracteriza-se por ser um texto destinado a explicitar posições internas do jornal a respeito da linha editorial assumida pelo veículo. Costuma construir uma síntese dos conteúdos do veículo relacionando diversas notícias.

Charges internas: diferente das charges de contracapa, as charges internas vinculam-se à conjuntura política e refletem os enquadramentos do jornal sobre diversos assuntos.

Semáforo: No *Clarín*, este recurso é utilizado cada dia para classificar três notícias do dia segundo uma hierarquia de aprovação do jornal (vermelho, amarelo, e verde).

Ainda sobre o período de pré-evento foram coletadas as postagens dos grupos mais importantes (sendo a importância definida pela maior quantidade de seguidores) do Facebook que convocaram as manifestações: o *El Anti-K*²⁷ e o *El Cipayo*²⁸. Também, foram coletadas as fotos feitas no protesto e compartilhadas posteriormente, para ajudar na compreensão do período de Pós-evento. Inicialmente, tinha se pensado utilizar o aplicativo de captura de redes sociais do NVivo, NCapture, mas ele não possui possibilidades de configuração e, nas provas feitas tentou capturar os grupos partindo das postagens mais recentes, o que produziu uma quantidade exorbitante de materiais. Além disso, não foi capaz de capturar as postagens feitas em 2012. Posteriormente, pensou-se em realizar uma coleta manual que não conseguiu ser realizada pelas modificações no próprio Facebook que tirou a possibilidade de navegar nas postagens (procurando pelas datas) e que, de qualquer maneira, teria sido pouco prática devido à grande quantidade de postagens existentes.

Posteriormente, foi utilizado um aplicativo para o Chrome (DownAlbum) capaz de capturar as pastas completas de fotos. Ele permitiu a obtenção das imagens colocadas na “linha de tempo” dos grupos e o posterior filtro das publicadas no período de 8/10 a 8/11, coincidente com o período anterior às manifestações considerado na seleção dos veículos midiáticos. Embora este aplicativo tenha permitido a captura das imagens, ele não possibilita a identificação do dia em que a postagem foi feita nem conserva os comentários colocados pelos administradores e as opiniões dos seguidores do site, o que teria permitido a realização de outras análises.

²⁷ Consultado o dia 10/08/2016 o grupo tinha 204.672 seguidores.

²⁸ Consultado o dia 10/08/2016 o grupo tinha 147.049 seguidores

Finalmente, foi utilizado o aplicativo Netvizz para a captura tanto das imagens quanto das postagens e comentários feitos nos grupos, produzindo-se mais de 550 links para o *El Cipayo* e 640 para o El Anti-K, dentre os quais foram filtradas e consideradas 144 imagens dos post do *El Cipayo* e 155 do *El Anti-K* do período de Pré-protesto.

Para o período de Pós-evento capturaram-se as imagens que o grupo *El Cipayo* publicou em forma de pastas sobre a manifestação do 8N tanto na cidade e estado de Buenos Aires quanto no resto do país, sendo 29 as pertencentes à pasta da Cidade de Buenos Aires, 40 na do Estado de Buenos Aires e 43 do resto do país. Também, utilizou-se uma fonte alternativa (ao *Clarín* e os próprios grupos do Facebook) para desenhar a imagem do pós-evento, e foi capturada a pasta de 206 fotografias realizada por Estanislao Santos (fotógrafo independente) durante o evento, que publica o seu trabalho na sua página de Facebook: ES fotografia.

2.4 Codificação do material

A codificação do material apresentada acima procura, em primeiro lugar, mapear tanto os enquadramentos produzidos pelos veículos jornalísticos como os utilizados pelos manifestantes nos grupos de Facebook e nas entrevistas. Em segundo lugar, busca-se mapear as interpretações midiáticas realizadas sobre os protestos, as suas demandas e a caracterização dos manifestantes. Para isso foram utilizadas tanto dimensões analíticas vindas da teoria, dimensões tidas como prováveis pelo pesquisador, e dimensões que foram surgindo com o trabalho nos materiais, organizadas em dois grupos principais: período Pré-protesto e período Pós-protesto.

Para o período do Pré-protesto foram considerados os tipos de enquadramentos da ação coletiva identificados na seção 2.2 (Benford e Snow, 2000; Gamson, 2011; Silva, Cotanda e Pereira, 2013): enquadramentos de diagnóstico, prognóstico e motivacional.

Em primeiro lugar, encontram-se os enquadramentos de diagnósticos. Esse tipo de enquadramento procura interpretar determinada situação como um problema social e, mais especificamente, como uma injustiça, identificando tanto os responsáveis pela existência desta como os prejudicados.

Foram codificadas como enquadramentos de diagnósticos as mensagens que apresentaram o governo de Cristina Fernández (e atores próximos ao “Kirchnerismo”) como

responsável pela geração de injustiças. Essa dimensão se desdobra em quatro sub-dimensões, as quais surgiram do contato com os materiais:

Reeleição ou reforma constitucional: foram codificadas como reeleição as mensagens que se referiram aos projetos ou declarações (tanto do Kirchnerismo como da sua oposição) relativas a uma possível reeleição de Cristina Kirchner e a necessária reforma da Constituição argentina que possibilitasse isso.

Ineficiência ou ineficácia: foram codificadas como ineficiência ou ineficácia todas as mensagens que se referiram às políticas ou decisões governamentais consideradas equivocadas. Enfatiza-se o Kirchnerismo como sendo indesejável pela sua incapacidade. Essa dimensão originalmente surgiu como uma categoria de reserva e acabou se constituindo em um elemento importante.

Autoritarismo: foram codificadas como autoritárias, em primeiro lugar, as notícias que utilizaram esse termo para se referir às ações do Kirchnerismo. Além disso, constituíram dimensões do autoritarismo as notícias que indicavam pressões sobre os outros poderes públicos (legislativo e judiciário), pressões sobre a imprensa e a liberdade de expressão (incluindo menções da censura) e a liberdade em geral (sendo entendido fundamentalmente como liberdade econômica e de compra de moeda estrangeira).

Corrupção: foram codificadas como Corrupção, em primeiro lugar, as matérias que utilizaram esse termo para se referir às ações do Kirchnerismo. Em segundo lugar, as matérias de denúncias de ilícitos cometidos pelo Kirchnerismo. Por fim, as publicações sobre políticas públicas aplicadas de forma que o Kirchnerismo se beneficiasse do impacto político das mesmas (ex. clientelismo).

Em segundo lugar encontram-se os enquadramentos prognósticos, apontam as soluções para os problemas identificados (pelo diagnóstico), assim como os planos necessários para alcançar ditas soluções. Gamson (2011) não diferencia entre o enquadramento prognóstico e o motivacional, chamando aquele de enquadramento de Ação e definindo seu conteúdo como se referindo “à consciência de que é possível alterar condições ou políticas por meio da ação coletiva” (GAMSON, 2011).

Foram codificadas como enquadramentos prognósticos as mensagens que apresentaram cursos de ação ou “soluções” possíveis diante das injustiças enquadradas no diagnóstico, identificando-se centralmente o enquadramento da ação coletiva - o protesto - como proposta e ferramenta útil.

Finalmente, encontra-se o enquadramento motivacional, o qual abrange a construção de mensagens que estimulam que indivíduos enquadrados como vítimas (ou aqueles que atuam no seu nome) se engajem de forma sustentada em atividades de movimentos sociais ou de protesto.

Foram codificadas como enquadramentos motivacionais as mensagens que convidaram à participação, solicitaram reproduzir os convites, justificaram ou valoraram positivamente os protestos (anteriores), difundiram os dias, horários e pontos de encontro dos protestos e deram dicas para a participação nos mesmos.

2.5 Entrevistas

Embora o foco principal da pesquisa seja a construção dos enquadramentos midiáticos, estes não foram analisados isoladamente. Para conhecer os enquadramentos mobilizados pelos manifestantes, além da coleta de materiais da internet foram feitas cinco entrevistas semiestruturadas (FLICK, 2013). O questionário tomou essa forma com o objetivo de obter a maior quantidade e diversidade de informações possíveis por parte dos entrevistados, particularmente questões inesperadas pelo entrevistador e que um desenho de questionário fechado teria limitado.

Quatro entrevistas foram realizadas com os administradores dos grupos de Facebook que, na época, organizaram/convocaram as manifestações, e uma entrevista com um entrevistador do programa “*Duro de Domar*” que (com uma linha editorial próxima ao governo) noticiou os protestos. O objetivo das entrevistas foi conhecer tanto os enquadramentos mobilizados pelos administradores dos grupos de Facebook (entendendo que a posição desses atores serve também como reflexo da posição dos manifestantes) quanto indagar sobre as fontes dos enquadramentos mobilizados por eles. Também se procurou conhecer as relações que foram estabelecidas entre os manifestantes e administradores, a mídia corporativa opositora e os políticos da oposição. Incidentalmente, indagou-se, ainda, sobre as formas como se organizaram e financiaram as manifestações, as relações estabelecidas entre os administradores e os efeitos que teria produzido (ou não) o protesto no contexto político argentino (particularmente, nas eleições de 2015, na qual o kirchnerismo foi derrotado).

As entrevistas com os administradores de redes sociais e jornalistas foram feitas durante o intervalo de aulas no verão de 2016, quando o pesquisador teve a oportunidade de viajar para Buenos Aires. Os administradores foram contatados nas próprias redes sociais (nas

quais a maior parte deles continua atuando) ou por indicação de outro entrevistado. A dificuldade na realização das entrevistas veio pelo lado dos jornalistas que estiveram noticiando o protesto na rua, já que foi difícil contatá-los e não dispuseram de tempo (ou vontade) para a realização das entrevistas. Assim, somente uma das entrevistas com jornalistas conseguiu ser realizada, mas problemas com o gravador fizeram com que o áudio fosse perdido.

As entrevistas foram semiestruturadas, priorizando-se a liberdade para que pudessem surgir questões não perguntadas. Por esse motivo, o roteiro das entrevistas foi organizado em forma de tópicos que, mesmo não sendo necessariamente induzidos pelo pesquisador, foram compreendidos pelas respostas dos entrevistados. Nesse sentido, o seguinte roteiro serve como um guia temático das entrevistas:

Quadro 3 - Roteiro de entrevistas para os administradores (tópicos)

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> - Formação e trajetória pessoais. Participação política (antes e depois das manifestações). - Descrição dos manifestantes dos Cacerolazos. - Consumo de mídia no período do ciclo de manifestações. - Opinião da posição da mídia sobre as manifestações. - Opinião sobre as causas do sucesso das mobilizações. - Opinião sobre o comportamento do governo e a oposição. - Opinião sobre os veículos midiáticos que apoiaram ou rechaçaram as manifestações e as motivações deles. Papel da mídia no desenvolvimento do ciclo de protestos. - Envolvimento na organização de outras manifestações (Nisman). |
|---|

Fonte: Dados da pesquisa.

Dependendo do perfil e das respostas dos entrevistados, foram incluídas outras questões não apontadas entre os tópicos anteriores. O exemplo é o caso de CCA, que, após as manifestações, escreveu um livro sobre a internet e os movimentos sociais contando a sua experiência nos Cacerolazos. No anexo encontra-se uma síntese das entrevistas.

3 CLARÍN “EL GRAN DIARIO ARGENTINO” (O GRANDE JORNAL ARGENTINO)

“O poder possui o poder de impor a verdade”

(José Pablo Feinmnan – Filosofia aquí y ahora. Episodio 11. Temporada 2)

Este capítulo tem como objetivo desenvolver a história do veículo jornalístico *Clarín*, com a certeza de que conhecer suas origens e formação ajuda a entender a sua posição no cenário midiático e político argentino²⁹.

Para dar conta disso o capítulo conta com seis subseções. No ponto 3.1 relata-se a origem do jornal do ponto de vista do seu fundador, Roberto Noble, que anteriormente tinha participado de diversos governos e só resolveu se dedicar exclusivamente ao jornalismo quando percebeu os limites da sua vida política. O ponto 3.2 aborda as origens do jornal *Clarín* e os vínculos que começou desenvolver com os diversos governos, logo no início da sua existência, ainda sob a direção do seu fundador. No ponto 3.3, com a morte do Noble e a direção do jornal nas mãos da sua viúva, Ernestina Herrera e de Hector Magnetto, como novo diretor do veículo, descreve-se a consolidação jornal como um grupo multimidiático hegemônico. O ponto 3.4 mostra as estratégias que o grupo, consolidado na sua posição de poder, exerce diante dos distintos governos democráticos (década de ‘80, ‘90, ‘00) para continuar se expandindo. O ponto 3.5 sai da linha temporal que caracterizou as subseções anteriores, para entender a controvérsia e as consequências da aprovação da Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual (LSCA), conhecida como *Ley de Medios*, que pode ser identificado como o momento de virada da relação do governo Kirchner com o grupo. O ponto 3.6 recapitula e sintetiza as discussões do capítulo.

3.1 Noble e/é *Clarín*

O grupo *Clarín* é hoje o maior multimeio da América Latina. O grupo, originado com a fundação do jornal em 1945 e pilar central do mesmo possui, também, os jornais estaduais La Razón (cidade de Buenos Aires), La Voz (Córdoba) e Los Andes (Mendoza) e as revista Viva e Olé. Além disso, o grupo possui um canal de televisão aberta “Canal 13” e os canais

²⁹ Os apêndices 12.3, 12.4 e 12.5 mostram a evolução e vendas do *Clarín* e a sua relação com outros veículos importantes.

de televisão fechada TN (Todo Noticias) e Volver (dedicado à programação nacional antiga) e a distribuidora de televisão por cabo Cablevisión (multicanal), além de uma multiplicidade de rádios AM e FM. Paralelamente, é junto com o Estado nacional e o jornal *La Nación*, dono da empresa nacional de produção de papel para jornal, “papel prensa”, única produtora de papel para jornal no país. A composição acionária da empresa foi questionada durante o governo de Cristina Fernandez de Kirchner, sendo a distribuição atual resultado da venda das ações do grupo Gravier durante a ditadura militar. Guillermo Moreno, ministro do comércio interior, durante o governo de Cristina, produziu uma pesquisa onde assinala a participação e pressão dos militares na venda da empresa, o que levou a reabrir uma causa na justiça, fechada em 1988. Atualmente o jornal é propriedade da viúva de Noble, Ernestina Herrera de Noble, e administrado pelo seu diretor, Héctor Magnetto.

A história do *Clarín* pode ser contada de diversos modos. Ela é tanto a história do seu fundador, Roberto Noble, quanto a expressão da história contemporânea Argentina. Para contar essa história partimos dos trabalhos de Martin Sivak (2013) e Julio Ramos (1993) (os quais recomendamos).

Roberto Noble, fundador do jornal, nasceu na cidade de La Plata no ano de 1902 e morreu em 1969. Advogado de formação, nesse tempo dividiu seus interesses e ocupação entre a política e, uma vez acabada a possibilidade de projeção pessoal, à construção do veículo midiático. Chamava de *Clarín* seu filho, enquanto sua filha era chamada de *Lupita*.

Tanto Ramos (1993) quanto Sivak (2013) apontam que originalmente Noble criou o seu veículo com a esperança de retornar à cena política e, uma vez percebido que não iria atingir esse objetivo para si próprio, começou usá-lo para influir na sociedade e na política através de outros atores. Nas palavras do próprio Noble, segundo Sivak (2013), foi aí que descobriu que ele não poderia ser presidente, mas que poderia “fazer presidentes”.

Desde sua fundação até a morte do seu fundador, o *Clarín* informou sobre as atividades de Noble como se este fosse um líder político. Foram feitas crônicas sobre suas viagens e sobre as mudanças internas do jornal (novos edifícios, máquinas, etc). Além disso, Noble cobriu a redação do jornal com imagens de si mesmo.

De origem, a família Noble fazia parte da aristocracia do Estado de Buenos Aires e carregava com ele a consciência da classe da qual fazia parte (nacionalismo). Aos seus 28 anos foi eleito deputado federal pela Capital Federal (Cidade de Buenos Aires), em representação do partido “Socialista Independiente”. Em 1930, seis meses depois de ter

assumido o cargo, teve que abandoná-la por conta do golpe de estado de 6 de setembro. Em 1931 voltou a ser eleito e chegou a ser vice-presidente da câmara de deputados comandada por Manuel Fresco. Nas eleições fraudulentas (RAMOS, 1993) para governador do estado de Buenos Aires de 1936, Fresco é eleito e escolhe Noble como seu ministro de governo. Quando o governo Fresco resolve proibir o Partido Comunista, é Noble o encarregado de levar à frente a decisão. Além disso, fica encarregado da criação e gestão do serviço estadual de radiodifusão cujo objetivo era, em palavras do Noble, “Levar alto-falantes a todas as praças do estado” (SIVAK, 2013, p. 42). A programação radiofônica do governo Fresco foi denunciada repetidamente pela defesa e propaganda dos regimes nazistas e fascistas. Em 1939, por pressões do governo nacional, Noble é forçado a se demitir e sair da atividade pública. Entre as causas de demissão inclui-se a denúncia por ações irregulares na administração de fundos públicos.

Antes da fundação do seu próprio veículo Noble trabalhou como jornalista no diário *La Nación* (o jornal mais importante e influente da Argentina até a consolidação do *Clarín*) e produziu algumas publicações menores, enquanto, concomitantemente, militava no partido Socialista. Esse partido iria se dividir e faria com que o Noble começasse a participar do Partido Socialista Independiente, junto com Antonio de Tomaso e Federico Pinedo.

Desde sua saída do governo e até o fim da segunda guerra mundial, Noble militou pela neutralidade como posicionamento da Argentina diante do conflito, confrontando com os “aliadófilos”³⁰ que queriam que Argentina se declarasse inimiga do regime nazista. Nesse sentido, Noble escreve um manifesto chamado de “Afirmación argentina no destino argentino”³¹. Segundo Ramos (1993) e Sivak (2013), inclusive, o lema do jornal “Uma solução argentina para os problemas argentinos” é só uma atualização do lema dos neutralistas pró-alemães.

³⁰ Que era partidário das nações aliadas em qualquer das guerras mundiais.

³¹ Afirmación argentina en el destino argentino

Imagem 2 - Lema do *Clarín*



Fonte: Capa do *Clarín* do 10/10/2012, onde se exhibe a frase “Um toque de atenção para a solução argentina dos problemas argentinos”

Segundo Sivak (2013), o mito originário do *Clarín* conta que Roberto Noble ficou recluso em sua *estância*, na localidade de Lincoln, de 1940 a 1944. Noble justificava com a venda dessa propriedade (um empréstimo e dois processos ganhos) a acumulação de fundos que lhe permitiram fundar o jornal. Porém, a suspeita sobre fundos desviados da administração estadual (que justificaram a sua saída) é sustentada por alguns dos depoimentos obtidos e pelos jornais da época consultados por Sivak (2013).

3.2 Primeiro Peronismo e Primeiro *Clarín*

O *Clarín* foi fundado em 1945 e a primeira edição saiu à rua no dia 28 de agosto desse mesmo ano. Para Noble, afastado da atividade política por conta dos escândalos de corrupção, a criação do veículo se apresenta como a forma de continuar influenciando na sociedade argentina. Quando o *Clarín* surgiu, a Argentina era o país com mais leitores de jornal por habitante na América Latina e o quarto a nível mundial.

Segundo relata Sivak (2013), até o triunfo de Perón nas eleições presidenciais de 1945 o jornal se opôs à sua candidatura, dando espaço para campanha do seu oponente e de diversos críticos do militar. Porém, rapidamente melhorou a relação com o governo e manteve o apoio até a queda dele em 1955. Ao final de 1946, Noble, “sem aceitar seu lugar secundário na política argentina, sugeria que *Clarín* não tinha se *peronizado*, porém, que Perón tinha se *clarinizado*” (SIVAK, 2013, p. 67).

Nas suas origens, a sua capa era dominada principalmente por notícias internacionais (da pós-guerra), assim como as suas principais notícias. As referências de política interna apareciam em segundo lugar, trazendo imagens do presidente Perón ou da sua esposa Evita, sem maiores comentários políticos no interior. A característica relevante do jornal era a

impressão do seu nome em vermelho e em formato *tablóide*, o que chamava a atenção dos leitores e facilitava a sua manipulação, diferente do *La Nación* que ainda hoje mantém o formato *sábana*³². Como amostra suficiente do posicionamento do jornal, serve a citação destacada por Sivak (2013) do editorial de 18 de março de 1949: “¡Estamos com a Nova Constituição!”.

O *Clarín* teve no primeiro governo Perón o impulso para começar a se tornar dominante. Em 1951, como resultado de uma complexa situação que não pode ser descrita aqui, o jornal *La Prensa* foi fechado (e posteriormente, administrado pelo governo, perderia toda a sua importância antes de desaparecer). O central aqui é que a importância desse jornal vinha do seu poder econômico fundado na venda de espaços para anúncios (classificados), dos quais o jornal *Clarín* soube se apropriar na hora em que *La Prensa* deixou de existir. O *Clarín*, que até aquele momento tinha misturado críticas e apoio ao governo, suavizou o discurso (diante do medo do encerramento) e recolheu os benefícios do novo negócio (SIVAK, 2013; RAMOS, 1993).

Quando Peron foi deposto pela “revolução libertadora” (ou a “fuziladora”, como foi conhecida por suas práticas de perseguição), o jornal adaptou-se rapidamente ao novo contexto político, criticando o autoritarismo do governo peronista e procurando passar a ideia de que teria sido um ferrenho opositor ao “regime” e que teria conseguido sobreviver durante esses anos *oscuros* mantendo a sua independência e rigorosidade jornalística.

Exemplos dessa mudança rápida de posição são os editoriais de 18 de junho e de 23 de setembro de 1955. No primeiro, após o bombardeio que matou 308 pessoas na Plaza de Maio na primeira tentativa de golpe de estado contra o Perón, o jornal “... elogiou o discurso presidencial e declarou que Perón era o impulsionador e garantidor da pacificação do país, que supostamente todos buscavam” (SIVAK, 2013, p. 112). Perón foi finalmente deposto no dia 20 de setembro de 1955, e no dia 23 do mesmo mês o *Clarín* botou na sua capa “encontro de honra com a liberdade. Também para a república a noite tem ficado para trás” (SIVAK, 2013, p. 114).

O *Clarín* beneficiou-se, também, economicamente, quando o jornal “*El Mundo*”, nas mãos do Estado (agora militar), começou perder ímpeto e os seus leitores (e, principalmente, os avisos publicitários e classificados) migraram para ele (RAMOS, 1993). Em 1955, os

³² Somente em 1 de novembro de 2016, *La Nación* adota o formato tabloide nas suas edições de segunda a sexta-feira.

militares devolveram o jornal *La Prensa* para seus antigos donos, porém, o mesmo não conseguiu recuperar a sua importância no cenário midiático. Contudo, o mais chamativo do período foi a nota publicada no jornal pelo próprio Noble no início do ano de 1956 (seis meses após o golpe), e dirigida ao presidente Pedro Eugenio Aramburu, na qual o diretor do jornal solicitava ser ressarcido por parte do Estado nacional pelas discriminações e extorsões que teria sofrido em mãos do governo do Perón, particularmente, em temas de importância crítica como a disponibilidade de papel para o jornal (cuja administração tinha sido monopolizada pelo Estado) e de disposição de moeda estrangeira (dólares) necessários para que o jornal comprasse novos equipamentos. O texto acaba reclamando uma “justa e necessária reparação” (RAMOS, 1993, p. 104). Segundo Sivak (2013), “longe de criar uma corrente de opinião favorável às suas pautas de indenização, as demandas de Noble habilitaram uma revisão sobre sua relação próxima com o peronismo que o afastou da categoria de danificado” (SIVAK, 2013, p. 128). O governo militar não concordou com o pedido do jornal (equivalente a aproximadamente 4 milhões de dólares de 1956 ou 20 milhões de 1993). Contudo, tanto Sivak, (2013) quanto Ramos (1993) relatam a existência de boatos sobre ajudas econômicas que o diretor do *Clarín* teria enviado a Perón durante seu exílio na Espanha.

Entre 1955 e 1956, apesar da mudança na linha editorial, o jornal cresceu em torno de 20% nas vendas. Para Sivak (2013, p 118-119), “a coerência ideológica parece não ter sido uma variável determinante. Os leitores de *La Nación* ou os do socialista *La Vanguardia* esperavam uma linha editorial; os do *Clarín* procuravam outros insumos, talvez mais leves”.

No ano de 1958, de mãos dadas com a administração desenvolvimentista do Frondizi, ingressa no *Clarín* Hector Magonetto, proveniente do Movimento de Integração e Desenvolvimento – MID³³. Esse personagem será central nos acontecimentos de 2012 ao ser identificado pelo governo como o cabeça do jornal e seu principal inimigo. Mas a relação de Magonetto com o MID não foi pacífica, e no percurso em que ele foi adquirindo cotas maiores de poder dentro do veículo, foi também se desfazendo dos funcionários vinculados ao Movimento. Por volta dos anos 1990, relata Ramos (1993), o seu poder dentro do jornal era absoluto.

Entretanto, em 1961 o *Clarín* compraria um novo edifício e novos maquinários

³³ O MID é um partido político surgido dentro da Unión Cívica Radical Intransigente (UCRI), o qual, por sua vez é uma das duas partes oriundas da divisão, em 1956, da Unión Cívica Radical. A UCRI levou à presidência Arturo Frondizi, após sua facção ter feito um pacto com o peronismo, proscrito pelos militares após o golpe de 1956.

(deixando de alugar as instalações do jornal *Crítica*) com um empréstimo do governo Frondizi, e que não teria sido devolvido no tempo em que ele foi presidente. O jornal teve, durante os anos de desenvolvimento, um explícito apoio ao governo, o qual se expressou pela desproporcional parcela de publicidade oficial da qual foi beneficiário e pelos empréstimos recebidos de bancos estatais. Além disso, havia uma forte proximidade ideológica de parte importante dos funcionários do jornal com o governo. Ainda após o golpe de estado contra Frondizi, o jornal continuou apoiando o desenvolvimentismo através de artigos, notas e entrevistas sobre (e escritas por) Frondizi (SIVAK, 2013).

Os anos entre o governo de Frondizi e o retorno do Perón foram caracterizados como os anos em que o jornal, já estabelecido como um dos veículos de maior importância no país, perdeu (na opinião do Ramos, 1993) a qualidade jornalística que tinha adquirido no tempo do desenvolvimentismo, em parte pela luta interna que eclodiu com a morte do Noble em 1969.

Em 1966, com o golpe que levou Onganía à presidência (de fato) da república e o endurecimento da repressão contra os sindicatos e a atividade gremial, Noble demonstrou novamente a sua capacidade de adaptação. Além de oferecer o seu apoio midiático às decisões políticas do governo, demitiu 174 dos funcionários do jornal (15% do total), incluindo representantes sindicais e funcionários que, no momento da greve que motivou as demissões, estavam de férias. “A demissão massiva de setembro de 1966 consolidou no *Clarín* a hostilidade diante das demandas sindicais. As medidas drásticas se produziram quando as condições nacionais o permitissem” (SIVAK, 2013, p. 193).

Noble tinha se divorciado da sua primeira esposa, Guadalupe Zapata (“Lupe”), matrimônio do qual tinha nascido Guadalupe Noble - “Lupita”. Porém, pouco antes de morrer casou-se novamente com a sua secretária pessoal Ernestina Laura Herrera (de Noble), a qual não tinha boa relação com a filha do marido e que procurou se apropriar do jornal, tanto administrativamente quanto em termos da herança. Noble sofreu um AVC em 1967 e em 1968 resolveu casar com Ernestina Herrera; a velocidade dos acontecimentos (inclusive a sua morte em 1969) deu lugar a algumas histórias divergentes. Segundo relata Sivak (2013) “os detratores da noiva afirmam que Noble estava tão mal que em certo momento da celebração perguntou de quem era o aniversário” (190); outros depoimentos sustentam que o noivo estava lúcido.

Quando assume o controle da empresa, Ernestina leva junto com ela Hector Magnetto, que assumiria a diretoria do veículo em 1972 (e o controle total do jornal, segundo Ramos (1993) até 1990) - “Magnetto com uma impudência e desprezo pelas normas que surpreendeu

sempre, é quem encaminha *Clarín* para as formas monopólicas” (RAMOS, 1993, p. 156). Entre 1971 e 1972 produziu-se a segunda grande demissão de 400 empregados (20% do total), dessa vez motivada por uma reestruturação da empresa com fins econômicos e não pela atividade sindical. Porém, teve pouca resistência do sindicato.

3.3 Consolidação do grupo. Papel Prensa e o Golpe (76)

Após a morte de Noble, em 1976, já durante a ditadura militar, Ernestina adotou duas crianças as quais batizou com o sobrenome Noble. As crianças Marcela Noble Herrera e Felipe Noble Herrera serão, em 2012, um dos focos do conflito com o governo de Cristina Kirchner, visto que permanecia sobre eles a suspeita (concretizada em um processo iniciado em 2002 pelas *Abuelas de Plaza de Mayo* vários anos antes do início do governo Kirchner) de terem sido filhas de desaparecidos apropriados ilegalmente pela diretora do jornal. Ainda que finalmente os testes não mostraram correlação genética entre os irmãos e as amostras dos desaparecidos (no banco nacional de dados genéticos), como tantas outras partes da história do *Clarín*, há distintas versões sobre o procedimento, irregular, por meio do qual Ernestina Noble adotou as duas crianças (SIVAK, 2013). Mesmo sendo detida repetidas vezes, a diretora do veículo foi finalmente absolvida no processo em 2016.

Assim, quando o governo de María Estela Martínez de Perón foi derrotado pelas Forças Armadas em 1976 e a Argentina foi arrastada para a mais violenta das suas ditaduras militares, o *Clarín* experimentou o período de maior desenvolvimento. Foi durante esses anos que aconteceu a venda da empresa produtora de papel de jornal Papel Prensa, e quando adquiriu a sua forma acionária atual, sendo em parte propriedade do Estado Nacional (27%), de *Clarín* (49%) e de *La Nación* (22%). Originalmente, o jornal *La Razón* formou parte do diretório da empresa, mas posteriormente foi vendido e absorvido pelo próprio *Clarín*.

Assim, formando parte do novo diretório da empresa, o *Clarín* consolidou seu domínio econômico e estratégico no campo da mídia argentina. A Argentina nunca foi um produtor de papel de jornal, e quase a totalidade do papel utilizado pela mídia nacional era importada. Durante o primeiro governo peronista o monopólio estatal na administração e distribuição do papel contribuiu para o controle da mídia opositora e explica em parte o rápido apoio do *Clarín* ao governo (*La Nación* passou por pressões similares, porém não modificou a sua linha editorial).

A empresa Papel Prensa modificou substancialmente a dependência nacional do papel importado, e ao cair nas mãos do *Clarín* e *La Nación* significou uma grande vantagem para

esses veículos jornalísticos. Os jornais não se beneficiaram simplesmente com a atividade econômica da empresa, mas estabeleceram uma administração informal da matéria prima fundamental para a imprensa no país, vendendo o papel a preços maiores para os jornais concorrentes e adquirindo-o a baixo custo, o que lhes permitiu edições maiores e econômicas.

Noble sempre tinha se preocupado com a disponibilidade de papel para jornal. Foi ele quem, ainda em 1968, reuniu um grupo de editores (entre os quais os diretores de *La Nación*) com o objetivo de estabelecer a primeira fábrica nacional de papel. *Papel Prensa* surgiu no governo militar de 1969, através de um decreto presidencial que estabeleceu uma taxa especial na importação de papel, cujo objetivo era criar um fundo para a instalação da fábrica. Em 1972 um consórcio composto pelo grupo Civita, Doretti, Rey e editorial Abril foi contratado para estabelecer a empresa, que iria produzir 105.600 toneladas de papel por ano, metade do que os militares tinham pensado originalmente ao lançar um concurso que finalmente acabou sendo declarado deserto (RAMOS, 1993, p. 168). Rey, que até 1973 vinha adquirindo uma maior participação na empresa, era o representante de David Gravier (até 1976 Doretti, Selasco, Roberto Pérez Martínez e Pedro Martínez Segovia são apontados também como seus *testaferros*³⁴ na empresa), apelidado o “banqueiro dos Montoneros³⁵” (BORRELLI, 2008). O vínculo com o grupo guerrilheiro teria justificado, aos olhos dos militares, a venda da empresa para os jornais *Clarín*, *La Nación* e *La Razón* (posteriormente absorvida por *Clarín*).

A aquisição de Papel Prensa, durante a última ditadura militar, por parte dos jornais implicou uma transação obscura que levou ao início de um julgamento em 1985. Há suspeitas de que seu antigo dono Gravier (morto em um *accidente* aéreo no México no início de agosto de 1976) e a sua viúva Lúcia Papaleo teriam sido obrigados pelos militares a vender a empresa para os jornais (e por um preço muito baixo). Inclusive, durante o governo Cristina Fernández foi desenvolvida uma nova pesquisa, “*Papel Prensa: la verdad*”, impulsionada pelo secretário de Comércio Interior na época, Guillermo Moreno, onde a hipótese de que a empresa teria sido vendida sob a pressão da tortura foi reforçada por Papaleo. Como aponta Sivak (2013), há várias versões do processo de venda de Papel Prensa, inclusive dos mesmos atores ao longo do tempo, mas é inegável que houve uma participação ativa do governo militar para que

³⁴ O termo se refere à pessoa que empresta seu nome em contratos ou negócios para encobrir o verdadeiro dono.

³⁵ Montoneros foi uma agrupação guerrilheira vinculada ideologicamente ao peronismo. Seus objetivos iniciais eram a resistência contra a ditadura autodenominada de “Revolução Argentina” (1966-1973), o retorno ao país de Juan Domingo Perón e a convocação de eleições livres sem proscições.

o grupo Gravier deixasse de existir e os jornais o substituíssem.

Segundo a decisão do fiscal Molinas, o qual investigou o caso de Papel Prensa, originalmente, entre 1984 e 1988 o caso constitui um dos “casos de corrupção mais graves da história argentina” (SIVAK, 2013, p. 289). E a “Junta de Comandantes resolveu que o Grupo Gravier devia transferir o pacote de ações classe A de Papel Prensa, escolhendo eles mesmos (os comandantes) como compradores aos jornais *La Nación*, *Clarín* y *La Razón*” (SIVAK, 2013, p. 289). A participação dos militares também explica a facilidade com que os jornais acessaram créditos para a compra da empresa.

A trama dos fatos faz parecer que aqueles militares de 1976 como se estivessem agindo exclusivamente a serviço do *Clarín*. Fizeram tudo para lhe entregar Papel Prensa. Adulteraram normas legais, lhe gestionaram créditos *brandos*, lhe deram o que já tinha sido construído a um preço vil – que tinha sido pago por todos os outros jornais com a taxa especial dos 10% às importações de papel -, lhe permitiram que integrassem em Papel Prensa somente o 25% do já mínimo capital exigido (RAMOS, 1993, p. 178).

A venda concretizou-se em 18 de janeiro de 1977 por um valor três vezes menor do que real (pagou-se 8.300.000 de dólares; dez anos depois a empresa custava 250 milhões de dólares (RUIZ NUÑEZ, 1987, p. 26). Poucos dias depois o *Clarín* publicou a primeira entrevista com o presidente de fato, Videla.

Posteriormente o governo militar decretou um aumento de 44% nas taxas do papel importado, “obrigando” os jornais nacionais a comprar o papel que o Papel Prensa produzia. Finalmente, com a participação de Ernestina Herrera de Noble e o presidente de fato, Jorge R. Videla, o Papel Prensa foi inaugurado no dia 27 de setembro de 1978, e beneficiou a empresa com descontos no serviço de energia elétrica, o que contribuiu para aumentar a desigualdade econômica existente entre o *Clarín* (e em menor grau, *La Nación*) e o resto dos veículos midiáticos.

Imagem 3 - Inauguração do Papel Prensa: brinde entre Jorge Rafael Videla (presidente de fato) e Ernestina Herrera de Noble (diretora do Clarín)



Fonte: Julio Ramos, “Los Cerrojos de la Prensa”, 1993.

Em 1977 o governo militar resolveu a intervenção do jornal “*La Opinión*” por ser propriedade do mesmo Gravier e do “judeu comunista” Jacobo Timerman (seu filho, Héctor Timerman, foi ministro de relações exteriores e embaixador nos Estados Unidos, durante os governos de Nestor e Cristina Kirchner), o qual rapidamente perdeu credibilidade e leitores, o que também ajudou o crescimento do *Clarín*.

A fábrica de Papel Prensa foi inaugurada em 27 de setembro de 1978. O acontecimento foi a principal notícia da capa do *Clarín*, no dia de 28 de setembro; na foto principal, o presidente *de fato* Videla (vestido de civil) do seu lado, a diretora de *Clarín*, Ernestina Herrera de Noble, o presidente de Papel Prensa, Bartolomé Mitre (filho) e a esposa do diretor do jornal *La Nación* María del Rosario Noales de Mitre (BORRELLI, 2008).

Em fevereiro de 1976 o jornal publicou um documento do MID apoiando o fim do governo da Isabel Martínez de Perón, o que na prática era a demanda por um golpe de Estado; “em 1976 tem ficado em evidência as limitações da legitimidade democrática...”³⁶.

Durante a ditadura o jornal acompanhou o processo político combinando a omissão de

³⁶ *Clarín*, Buenos Aires, 26 de fevereiro 1976

informação sobre as desapareições e o terrorismo de Estado com um crescimento da importância da seção esporte (o que ficou mais evidente durante o mundial de 1978). A sobre-representação dos esportes no jornal serviu, além do mais, para melhorar, duplicar as vendas no período de 1976 a 1982. Além disso, permitiu-se manter a fachada da independência jornalística criticando as decisões do ministro de economia José Alfredo Martínez de Hoz na leitura de que ele estava sempre prestes a cair; vários setores do jornal ainda respondiam ao nacionalismo desenvolvimentista do MID e criticavam a destruição da indústria nacional sem perceber que ela era parte fundamental do processo político em curso (já que a destruição da indústria implicava a desarticulação dos sindicatos) ³⁷.

Em junho de 1979 aparece pela primeira vez no editorial do *Clarín* a autodefinição de veículo “jornalismo independente”. Para Sivak (2013) o adjetivo aparece no momento de maior vínculo (e dependência) com o governo militar, após a aparição de Videla na capa do jornal e da consolidação da parceria de *Clarín* e o Estado em Papel Prensa.

Em janeiro de 1982, e após um discurso de Ernestina, foram demitidos da empresa os últimos funcionários vinculados ao MID; o movimento permitiu uma maior gravitação das decisões nas mãos de Hector Magnetto (que, inclusive, tinha chegado ao jornal por conta da sua proximidade com o movimento político). Quando as forças armadas invadiram as ilhas Malvinas, quase todo o arco político, e jornalístico, apoiou a decisão. Porém, tanto os movimentos de esquerda quanto *El Nacional* (veículo partidário do MID) se opuseram. Após a saída do MID do *Clarín*, esse foi o primeiro posicionamento público contrário que tiveram.

3.4 A volta da democracia

Já nos conturbados anos em que o Radicalismo, na figura de Raul Alfonsín, governou a argentina, o *Clarín* continuou avançando na apropriação de veículos midiáticos. Mesmo que irregularmente, mediante *testaferros*, adquiriu a rádio Mitre em 1987; a lei de radiodifusão de 1980, da ditadura, impedia a propriedade conjunta de jornais e rádios (até o fim do governo Alfonsín e início do governo Menem o grupo conseguirá obter uma modificação da lei). Há um discurso muito conhecido do presidente Alfonsín na abertura da exposição rural de 1987, onde se refere ao *Clarín* como um veículo midiático que procura “fazer cair a esperança e a fé do povo argentino” ³⁸. Nos anos do conflito entre o governo kirchnerista e o jornal, Cristina

³⁷ Entrevista realizada para o portal laizquierdadiario.com por Fernando Rosso a Martin Sivak. Publicada em 2/10/2016

³⁸ https://www.youtube.com/watch?v=UtBYV_NpW7E

Fernández reivindicou a figura do ex-presidente (inclusive oferecendo todas as *pompas* no funeral de Estado quando finalmente o ex-presidente morreu e inaugurou com ele ainda em vida, o seu *busto*), lembrando aquele conflito e utilizando uma retórica similar, “A cadeia (corrente) do desânimo”³⁹.

Durante o governo justicialista dos anos noventa o *Clarín* conseguiu modificações na lei de meios que lhe permitiu continuar aumentando seu domínio da prensa. Além disso, durante o governo Menem, o grupo ampliou seu domínio das diversas mídias, adquirindo um canal de TV aberta, o Canal 13. Inicialmente, o governo chamou a licitação pública em 1989 para a concessão dos canais 11 e 13. O *Clarín* apresentou propostas pros dois veículos, sendo ganhador no canal 13 mediante “Artear S.A”, consórcio presidido por Ernestina Herrera de Noble, e cujos sócios eram Hector Magnetto, Arte Gráfico Editorial Argentina S.A e Invarar S.A.

Arte Gráfica Editorial Argentina S.A, por sua vez, tinha como gerente geral o próprio Magnetto, que também era, junto com Ernestina Noble, um dos acionários principais de Invarar S.A. (RAMOS, 1993, p. 244). Sem entrar nas porcentagens das empresas pertencentes a cada um, já fica claro que era a diretoria do *Clarín* que tinha total domínio do grupo Artear S.A. A composição acionária mostrava a dona do *Clarín* como sócia minoritária do grupo, na opinião de Ramos (1993), como uma estratégia no caso de que governos futuros fossem limitar a titularidade simultânea de mídia escrita e televisão. O autor, concorrente pela titularidade do canal, aponta que o concurso foi manipulado em favor do *Clarín*, que teria tido menores méritos jornalísticos, mas que teria conhecido antecipadamente os critérios do concurso e se adaptado melhor que os concorrentes, oferecendo, inclusive, um valor menor ao que foi pago pelo canal 11 (que era menor e tinha menos equipamentos).

Naturalmente, o grupo *Clarín* procurou controlar as entidades e associações empresariais do jornalismo nacional e interamericano (ADEPA, ATA, AEDBA, AEDBA). Em nível nacional, o controle sobre as cotas de papel que Papel Prensa dava para os jornais menores tornou-se uma ferramenta de barganha muito forte dentro das associações (devido ao alto custo da importação do produto), o que permitiu a acumulação de poder dentro delas. O *Clarín* criou, além disso, o Consejo Empresario de Medios de Comunicacion independientes (CEMCI), idealizada como uma federação de associações (RAMOS, 1993). *Clarín*, inclusive, dominava em APTRA a associação encarregada dos prêmios “Martin Fierro” à televisão e ao

³⁹ <http://www.elintransigente.com/argentina/2015/8/29/cristina-kirchner-no-juntamos-para-crear-cadena-desanimo-339052.html>.

rádio, de forma que seus programas e artistas sempre eram beneficiados.

Em 1993 *Clarín*, aliado à empresa “Torneos y Competencias” (TyC), que tinha recebido da AFA os direitos para a difusão televisiva do futebol, desenvolveu uma estratégia de cartelização, durante a Copa América, dando os jogos para os canais da rede particular (cabeadas) menores, e debilitando os grandes no processo. “Com os canais debilitados o grupo procedeu a compra deles, e das empresas de televisão a cabo, a preços muito baixos” (RAMOS, 1993, p. 216). Em 1993, o grupo já possuía empresas de televisão a cabo na Cidade de Buenos Aires, Santa Lucia, Baradero, San Pedro, Quilmes e Córdoba, entre outras. A privatização do futebol (esporte de maior popularidade no país) levou a que o próprio Menem tivesse que assinar um decreto para a difusão em canais abertos dos jogos da seleção nacional no estrangeiro, mas para o resto dos jogos manteve-se o monopólio do grupo.

Finalmente, em 2007, Nestor Kirchner aceitou inicialmente a expansão comercial do grupo, permitindo a fusão (a compra) da empresa de distribuição de televisão (e internet) por fio Cablevisión com a já possuída pelo grupo, Multicanal (embora posteriormente buscou anular a decisão).

É Matin Sivak (2013) quem primeiro pensa a ideia de uma “guerra” entre o governo e o *multimeios*, termo que posteriormente será apropriado por Julio Blanck na entrevista referida no primeiro capítulo, quando, em 2008, fruto da cobertura realizada pelo jornal em relação ao conflito da “125”⁴⁰, o governo dos Kirchner começasse visualizar o veículo como um opositor.

O conflito aumentou ainda mais com a proposta e aprovação da nova lei de meios audiovisuais em 2009, e converteu-se no eixo central da política argentina no período 2009-2015 (quando o candidato de Cristina F. Kirchner, Daniel Scioli, perdeu no segundo turno das eleições presidenciais frente a Mauricio Macri; o conflito entre o Estado Nacional e o grupo acabou). Durante a *guerra* entre o governo e o grupo *Clarín* foram ressuscitadas a maioria das controvérsias que deram origem e permitiram a expansão do grupo. Um dos efeitos desse conflito foi a perda de credibilidade do veículo refletida numa queda de vendas⁴¹ e a queda do preço das ações do *Clarín* na bolsa de Buenos Aires e Londres.

Dentre as medidas que o governo Macri já está modificando encontra-se outro dos

⁴⁰ Sobre o conflito da “125” ler a nota de rodapé nº 8.

⁴¹ <http://www.diariosobrediaros.com.ar/dsd/notas/4/52-la-nacion-vendio-mas-clarin-y-popular-se-cayeron.php#.WBICQi3hDIV>

focos “monopólicos” que Ramos (1993) identificou há mais de 20 anos: a difusão dos jogos de futebol. No ano de 2009, incluído na lógica da guerra, o governo Cristina Kirchner lançou o programa “futebol para todos”, acabando com o negócio dos serviços de televisão particular e obrigando a difusão dos jogos nos canais de televisão aberta (já em 15 de dezembro de 2016 o apresentador televisivo Marcelo Tinelli, também vice-presidente do clube de futebol San Lorenzo, anunciou que o programa não continuaria em 2017).

Os Kirchners tiveram, durante o governo de Nestor, um período de relativa calma e quase aliança com o grupo *Clarín*; inicialmente tendo sido eleito com o 22% dos votos Nestor precisava do apoio do grupo para consolidar a governabilidade. Nesse período prorrogou as licenças do canal 13 e permitiu a fusão de Cablevisión e Multicanal (a fusão será um foco de críticas aos governos Kirchner quando o conflito com o grupo estiver estabelecido). Em sua análise sobre a relação entre o grupo *Clarín* e os Kirchner, Sivak (2013) resgata uma das comunicações da embaixada norte-americana vazadas pelo *Wikileaks* que resume o comportamento do grupo ao longo da sua história (e que formaria parte de uma máxima da política local): “*Clarín* compactua com os governos e uma vez atingidos seus objetivos torna-se um crítico tenaz deles” (SIVAK, 2013, p. 398).

A participação nas AFJP⁴² e a desprivatização da previdência social também foram medidas do governo que procuraram debilitar as finanças do grupo. A medida foi adotada durante o governo de Cristina Kirchner, em 2008, estabelecendo a aposentadoria estatal como padrão para todos os trabalhadores. Com a nacionalização dessas ações o governo não somente limitou o negócio de compra e venda de ações entre as empresas e o *Clarín*, como também virou sócio do *Clarín* (por possuir ações dele) e teve direito de colocar representantes na mesa do grupo.

3.5 A Lei de Meios

A aprovação da Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual (LSCA), em outubro de 2009, foi o ponto definitivo que deu fim à aliança entre o governo Kirchner e *Clarín*. A lei veio substituir o decreto do governo militar de 1980 e as sucessivas modificações feitas pelos governos democráticos, que expandiram a norma original. A nova lei estabeleceu que um terço (33%) das licenças de televisão e rádio seriam destinadas a organizações sem fins lucrativos, universidades e ONGs, limitou a concentração da propriedade, exigiu a produção

⁴² Administradoras de Fondos de Aposentadorias e Pensões (Administradoras de Fondos de Jubilaciones y Pensiones)

de conteúdo próprio (especialmente importante nos Estados *periféricos*) e substituiu o Comitê Federal de Radiodifusão (COMFER), que tinha interferência da Autoridade Federal de Serviços de Comunicação Audiovisual (AFSCA) desde o fim da ditadura. O COMFER teve interferência do presidente Alfonsín em 1983, devido à normativa herdada da ditadura que lhe permitia controlar os conteúdos e censurar a mídia⁴³; o organismo ia permanecer nesse estado até a aprovação de uma nova lei de radiodifusão, o que aconteceu apenas em 2009 com a LSCA.

As cláusulas de desinvestimento (art. 45 e 161), que teriam significado para o *Clarín* a venda de 236 das suas 264 licenças, nunca foram aplicadas. Durante o governo Cristina Kirchner o grupo conseguiu, em diversas instâncias judiciais, *medidas cautelares* que suspenderam a ação desses artigos. Inclusive, após o Supremo Tribunal Federal reconhecer a constitucionalidade da lei, em 29 de outubro de 2013, o grupo conseguiu suspender a aplicação da norma em tempo suficiente para chegar às eleições de 2015 sem ter se adequado.

Em um artigo publicado no jornal Página12 (*Defender a democracia é defender suas leis*⁴⁴), o professor e pesquisador do curso de Ciências da Comunicação (UBA), Diego de Charras, em 30 de dezembro de 2015 (20 dias após a posse do governo Macri, cujo Ministro de Comunicações tinha falado que a “lei de meios não subsistirá no nosso governo”) apontou que “a Lei de serviços de Comunicação Audiovisual – e não “de meios” porque não inclui a mídia impressa – hoje suspendida pela intervenção, despejo e clausura judicial da sua autoridade de aplicação, tiveram um período de incubação de 26 anos” (e por isso não se pode dizer que foi criada para destruir o *Clarín*, argumento utilizado pelo ministro).

Na matéria, Charras relata como as tentativas anteriores de restrição à concentração midiática falharam e aponta que houve mais de “70 projetos de lei que não chegaram sequer a ser tratados no congresso”. Para sustentar seu argumento (que a lei aprovada em 2009 não tinha por objetivo atacar o grupo *Clarín*) aponta que em 2004, quando o tema não estava na agenda pública, um grupo de “militantes de meios comunitários, organizações sociais, de direitos humanos, sindicais, universidades, de meios públicos e de diversas origens políticas botaram em comum a necessidade de que houvesse uma regulação democrática da radiodifusão”. Prova disso é que em 2007 o governo ainda permitiu a expansão do *Clarín*,

⁴³ O artigo 95 da Lei Nacional de Radiodifusão (22.285) define que o Comitê Federal de Radiodifusão terá entre suas funções: “controlar os serviços de radiodifusão em seus aspectos culturais, artísticos, legais, comerciais e administrativos” e também “supervisionar a programação e o conteúdo das emissões”, entre outras funções.

⁴⁴ www.pagina12.com.ar/diario/laventana/26-289261-2015-12-30.html

permitindo a fusão de *Cablevisión* e *Multicanal*.

Coalición por una Radiodifusión Democrática foi o nome que levou o agrupamento que aglutinou mais de 300 organizações e produziu o documento dos 21 pontos básicos pelo “direito à comunicação” que iriam se transformar na semente da lei aprovada em 2009. Conforme Charra, a lei levada à votação em agosto de 2009 teve, para sua constituição, a realização de 24 fóruns distribuídos no país, múltiplas audiências públicas e sessões de comissões parlamentares, o que deu em mais de 1200 aportes e modificações do projeto original.

Contudo, logo iniciado o governo Macri em 2016, no segundo dia da sua administração e mediante um decreto presidencial a LSCA foi revogada, criando-se um novo organismo no lugar do AFSCA e o AFTIC, o ENACOM.

3.6 Síntese do capítulo

Após breve retomada da história do *Clarín*, compreende-se que a mesma influiu na forma e atuação do veículo até 2012, ano que é o foco da pesquisa. Na interpretação de Martín Sivak em entrevista com Fernando Rosso⁴⁵, “*Clarín* praticou muito mais um jornalismo de “ordem” do que um jornalismo de guerra”. Desde o início Noble soube aproveitar a influência crescente do seu veículo para inicialmente negociar e pressionar posteriormente os distintos governos para obter benefícios. Inclusive, como foi dito, fez isso até 2009 com o kirchnerismo.

Com a morte do seu fundador o veículo começou perder as ligações com a única guia ideológica que tinha compartilhado - o radicalismo frondizista ou desenvolvimentismo - e focou-se na expansão comercial.

Durante o conflito governo/*Clarín* os elementos-chave da expansão econômica do veículo foram questionados no discurso público e atacados politicamente. Não somente a LSCA ameaçou economicamente o grupo. “Futebol para todos” foi um programa governamental que desde 2009 (e crescentemente em 2011) concentrou o domínio dos direitos para a transmissão televisiva das distintas divisões do futebol (inicialmente, e outros esportes depois) na televisão aberta. Anteriormente, o sinal de televisão por cabo TyC⁴⁶ e o

⁴⁵ <http://www.laizquierdadiario.com/Martin-Sivak-La-debilidad-del-kirchnerismo-fue-entender-a-Clarín-solo-a-partir-de-1976>

⁴⁶ TyC é, em parte, propriedade dos donos do grupo *Clarín*.

Grupo *Clarín* monopolizavam esses direitos e somente mediante pagamento era possível assistir os jogos. Também até finais de 2008 o governo nacional resolveu o fim das aposentadorias privadas e a extensão das AFJP, o que afetou interesses econômicos do grupo *Clarín*, já que várias das AFJP tinham adquirido ações do Grupo *Clarín*, que com a nacionalização passariam a ser do Estado Nacional, o qual, inclusive, teria um funcionário próprio na mesa de direção. Em 2010 o veículo foi denunciado por ter articulado com as administradoras dos fundos a venda dessas ações, cientes de que a crise de 2008 faria o valor cair, o que teria prejudicado os aposentados⁴⁷, cujas aposentadorias calculavam-se em função do rendimento das ações negociadas pelas AFJP. Além disso, em 2011, mediante um decreto, a presidente Cristina Kirchner decidiu pela proibição da publicação de anúncios classificados de oferta sexual como forma de combater a exploração sexual. Como dito anteriormente, os anúncios classificados sempre constituíram uma das principais fontes de ingressos do veículo; porém *Clarín* nunca se adaptou à proibição (em agosto de 2015 o portal eldestapeweb.com do jornalista Roberto Navarro, contabilizou 200 mil anúncios publicados pelo grupo desde o início da proibição⁴⁸).

Papel Prensa, outro dos pilares fundamentais do domínio do grupo, também foi questionado durante o conflito com o kirchnerismo. A causa de 1985 pela venda ilegal das ações da empresa foi reiniciada em 2010 em conjunto com a produção do informe do Moreno.

Como sua estratégia de guerra, além de minar a sua credibilidade, o governo procurou afetar os interesses econômicos do grupo *Clarín*, atacando os pilares históricos da sua riqueza: os anúncios classificados, a propriedade de Papel Prensa, a concentração de licenças de televisão e rádio e os direitos da difusão do futebol. O que chama atenção é que, com uma visão político-econômica afastada do kirchnerismo, Júlio Ramos (diretor do jornal *Ambito Financiero*), em 1993, criticou a expansão econômica do *Clarín* para outros espaços midiáticos (os mesmos que foram postos em questão durante o conflito com o governo kirchnerista), apontando para o perigo que constituiria para a liberdade de imprensa e a democracia a existência de um grupo comunicacional como o que o *Clarín* finalmente se converteu. No seu relato mostra detalhadamente como o poder do grupo foi crescendo, de mãos dadas com essa expansão, assim como sua capacidade de influir politicamente, e aponta: “A liberdade absoluta em um mesmo meio de imprensa não existe. Por isso, tem que se cuidar

⁴⁷ <https://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-149058-2010-07-08.html>

⁴⁸ <http://www.eldestapeweb.com/rubro-59-clarin-sigue-publicando-avisos-oferta-sexual-pese-estar-prohibido-n8541>

sempre a pluralidade de mídias, que é a verdadeira liberdade de imprensa” (RAMOS, 1993, p. 158).

Em uma entrevista feita para o presente trabalho, Rosso relatou suas sensações e intuições durante a entrevista com o editor do jornal (Julio Blanck) e, embora se tenha ressaltado aqui a importância do reconhecimento do “jornalismo de guerra”, ele coloca que esse foi o ponto mais *bombástico* da entrevista, porém não o mais significativo. Este aconteceu na confrontação da cobertura feita pelo veículo da crise de 2001/2. Em 26 de junho de 2002 a polícia bonaerense (do Estado de Buenos Aires) assassinou dois *piqueteros*, Maximiliano Kosteki e Dario Santillán, durante a repressão de um protesto. O fato aconteceu no interior de uma estação de trem, onde, além dos policiais e as vítimas, encontrava-se Pepe Mateos, fotógrafo do veículo, que realizou uma sequência de fotos que demonstram como a polícia atirou nos manifestantes, pelas costas, e limpou a cena para disfarçá-la de conflito entre os próprios manifestantes. Porém, no dia seguinte a manchete principal do *Clarín* foi “A crise causou duas novas mortes” e o subtítulo “ainda não se sabe quem atirou nos *piqueteros*”. No documentário⁴⁹ que estudou a construção midiática dessa capa (e que leva o nome da famosa manchete) Julio Blanck foi entrevistado e admitiu: “a gente cometeu um erro, não é “a crise causou duas novas mortes” é “mataram dois caras”... esse título é horrível, eu reconheço, esse título não fala a verdade. Em termos de que distrai as verdadeiras causas dessas mortes”. Na sua entrevista com Blanck, Rosso trouxe a questão novamente. Nessa oportunidade, Blanck apontou que foi um erro único, porém Rosso lembrou pra ele que em 1997 o jornal tinha titulado “A crise em Neuquén já produziu uma morte”. Segundo Rosso, Blanck devia admitir “evidentemente há uma matriz”. Para Rosso, esse contraponto foi o mais significativo.

Sivak (2013) fecha o primeiro dos seus livros sobre o *Clarín* com uma frase que pode sintetizar a alma do momento político que a presente dissertação procura entender: “Kirchner fez do *Clarín* um tema central da política. Um pilar para governar e um demônio para combater” (SIVAK, 2013, p. 407).

⁴⁹ Documentário disponível na íntegra, legendado em português, em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nfm-f2yJa0g>

4 PRÉ-PROTESTO: ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS DA AÇÃO COLETIVA NO *CLARÍN*.

“Se você não for cuidadoso, os jornais farão você odiar as pessoas que estão sendo oprimidas, e amar as pessoas que estão oprimindo.”

Malcolm X

O objetivo deste capítulo é explorar os materiais que constituem o banco de dados da pesquisa para mapear os enquadramentos que o jornal *Clarín* desenvolveu e difundiu sobre o governo de Cristina Fernández.

Normalmente o que os estudos de mídia fazem é tomar um evento específico (ou série de eventos) e olhar para as matérias produzidas sobre ele, analisando posteriormente a forma em que se deu sua cobertura (BAYLOR, 1996; BOYKOFF, 2006; BRASTED, 2005; COMAN; CMECIU, 2014; FERES JÚNIOR; MIGUEL; BARBABELA, 2014; FERNANDES, 2016; GOLD, 2015; KENNETH; CAREN, 2010; ROSCIGNO; DANAHER, 2001; WATKINS, 2009). No nosso caso a pesquisa procurará no período anterior (pré-protesto) ao evento os conteúdos que lhe darão sentido. Posteriormente, no capítulo 5, também será feita a análise das matérias específicas sobre a mobilização, mas isso não constitui o eixo principal do trabalho.

Como o objetivo do estudo é analisar a construção midiática de enquadramentos da ação coletiva em eventos de protesto, é necessário fazer a delimitação temporal do período considerado para esses fins. Nesse sentido, estabelecem-se dois períodos qualitativamente distintos. O primeiro, chamado de Pré-protesto, é onde acontece efetivamente o estudo dos enquadramentos da ação coletiva e abrange os trinta dias anteriores ao evento de protesto conhecido como 8N, o foco da análise. A decisão temporal responde tanto à quantidade de material que foi produzido no período e as capacidades analíticas quanto ao reconhecimento por parte dos administradores de grupos de Facebook, ocupados na organização dos eventos, do tempo de preparo necessário para cada mobilização⁵⁰.

Considerando a abrangência do banco de dados constituído para a presente pesquisa, se fez necessário produzir a análise detalhada somente em uma parte dele. Para isso foram

⁵⁰ “Sabíamos que tínhamos mais ou menos 40 dias, que é o que te demanda fazer uma passeata. Decidir a data, fazer os panfletos, decidir a mensagem, falar com as mídias tradicionais (*Clarín, La Nación, Infobae*), quais jornalistas, quais políticos, essa parte toda do lobby era eu que fazia” - LB.

analisadas, em um primeiro momento, no ponto 4.1, as manchetes principais do jornal, sendo produzido a partir dali uma avaliação da valoração dessas manchetes em relação ao governo, para ter uma primeira aproximação à posição do veículo (se foi neutra, positiva ou negativa) e uma primeira imagem dos enquadramentos utilizados no veículo.

Logo, para contribuir com a descrição da imagem que o jornal de forma geral passou do governo e seus funcionários, foi analisada a seção Semáforo, a qual possui destaque por se encontrar na primeira página do veículo. Ali são premiadas ou castigadas distintas personagens públicas pelas suas ações com as cores do sinal (vermelho, amarelo e verde); a análise terá lugar na seção 4.2.

Avançando gradativamente na análise das seções mais simples e explícitas para as que possuem maior conteúdo e complexidade, no ponto 4.3 foram analisadas as editoriais diárias produzidas pelo jornal e as colunas de Jorge Lanata, constituído como o principal referente jornalístico opositor que também possui um programa televisivo os domingos à noite, “PPT”, e um programa radial, “*Lanata sin filtro*”, os quais são emitidos por canais e rádios do grupo *Clarín* - Canal Trece e Radio Mitre-). Também serão analisadas as colunas de Alejandro Borenztein, as quais são publicadas nos sábados e domingos, respectivamente (dias de maior circulação do veículo). O interessante dos editoriais (e principalmente das colunas) é que elas não estão necessariamente ligadas às matérias do dia, embora possam constituir um texto que vincula várias das notícias do veículo, e são uma amostra de postura analítica do jornalista e, particularmente, expressão da linha editorial do jornal.

Os editoriais e colunas serviram, então, como exemplos dos enquadramentos do veículo, mas também serão mobilizados outros tipos de materiais que demonstram como o veículo produz os ditos enquadramentos, agindo como uma unidade (e não alguns jornalistas soltos).

Em termos gerais, durante o período analisado houve uma série de acontecimentos que, para o *Clarín*, foram as principais notícias do período (pela sua reiterada aparição em destaque), a saber: o processo da esposa do governador de Rio Negro, Carlos Soria, pelo assassinato do seu marido; a retenção da Fragata Libertad no porto de Tema em Ghana por conta de um processo iniciado pelos fundos abutres contra a Argentina; a greve de Prefectos e Gendarmes⁵¹, iniciada após uma drástica redução salarial supostamente feita por engano; o

⁵¹ A prefectura e a gendarmeria são forças de segurança argentinas. A Prefectura é a força que exerce o serviço de polícia de segurança da navegação, atende em caráter exclusivo e excludente a rios, mares, etc, de trânsito e comércio, assim como as ilhas do atlântico sul, ilhas Malvinas e a Antártida. A

juízo da ex-Ministra de Economia Felisa Miceli, por ter uma quantidade de dinheiro sem justificativa no seu escritório; e as eleições presidenciais dos Estados Unidos (vitória de Obama sobre Romney).

No ponto 4.4 foram analisados, em detalhe e individualmente, os principais elementos identificados nas seções anteriores, mas atendendo para a totalidade do material coletado.

No ponto 4.5 foi explorada a capacidade do veículo de produzir enquadramentos de motivação para a mobilização, indo de encontro às interpretações da teoria que não consideram que haja uma agência da mídia em relação à produção de movimentos (FRANCO LERRER, 2005; KENNETH; CAREN, 2010; KOOPMANS, 2004) ou que colocam que a agência midiática é sempre contrária aos movimentos (LEAL, 2005; MORAES, 2013). Além disso, apontar a existência dessa agência justifica e entendimento da mídia como estrutura de mobilização (MCADAM, DOUG.; MCCARTHY; ZALD, 1999) em contextos de polarização política e debilidade da oposição.

4.1 Manchetes

Nos estudos sobre comunicação tem se gerado um grande debate em torno da utilização das valências como ferramenta válida de pesquisa. Particularmente entre Luis Felipe Miguel (2015, 2016) e João Feres Júnior (2016a, b) tem se produzido um intenso debate acadêmico⁵².

Felipe Miguel (2015) postula que o recurso tem três problemas principais, insolúveis:

Confunde sistematicamente diferentes planos de apreensão do jornalismo, colocando na mesma panela emissor, receptor, pesquisador e objeto do discurso. “Em particular, ela introduz de contrabando uma presunção de compreensão da recepção das mensagens jornalísticas, poupando-se o trabalho de fazer pesquisa de recepção” (MIGUEL, 2015, p. 166).

Mutila a complexidade do processo comunicativo, a fim de adequá-lo à sua escala de “bom” e “mau”; no caminho mutilando também a complexidade da interface entre mídia e

Gendarmeria é uma força de segurança nacional de natureza militar e caráter intermédio (policia e militar) que auxilia em momentos de crise. A sua principal função é a proteção das fronteiras e pontos estratégicos do interesse nacional.

⁵² Para um aprofundamento no debate ver os textos de Felipe Miguel, 2015 e 2016; Joao Feres, 2016a e 2016b, e Steibel e Marinkova, 2013, citados na bibliografia.

competição política (MIGUEL, 2015, p. 166).

A valência reproduz, mesmo que muitas vezes de forma oculta, o ideal normativo da imparcialidade jornalística. O que a valência mede é o desvio em relação a essa imparcialidade. “a valência se estabelece sempre em relação a um determinado agente (individual ou coletivo). Trata-se de saber se, em relação àquele agente, o viés do noticiário é mais elogioso ou mais crítico” (MIGUEL, 2015, p. 166).

Miguel (2015) também aponta que há outro problema na utilização das valências que refere à crença de um determinado conteúdo “em si” das matérias jornalísticas, que não considera a forma que atores políticos, jornalísticos e o público recebem o mesmo. Sinteticamente aponta que há, no método, excessiva subjetividade.

Feres Junior (2016b), por sua vez, responde às críticas de Miguel apontando que os estudos de metodologia de análise de valências (MAV):

Enfocam o emissor somente, sem prejuízo para a análise;

Reduzem complexidade como outras metodologias em ciências sociais;

Não dependem do pressuposto da imparcialidade para serem feitos;

Estão menos sujeitos às distorções subjetivas do que metodologias de estudo da mídia como análise de agendamento e de enquadramento.

Particularmente em relação à crítica ao subjetivismo que Miguel (2015) faz, Feres (2016b) aponta que:

Para ele (Miguel), a vida social não produz acordos normativamente consensuais, mas apenas diferentes perspectivas sobre os fatos, interesses e valores, marcadas pelas diferentes posições sociais e culturais dos agentes. Desse diagnóstico ontológico sobre o mundo social, deriva a conclusão de que os codificadores não seriam capazes de atribuir valências (positivas, negativas ou neutras) que sejam válidas para a audiência em geral (FERES JÚNIOR, 2016b, p. 279).

As críticas de Miguel também se dirigem à cientificidade do projeto do Manchetômetro, que é colocado como um projeto de “intervenção” (Miguel, 2016), o que afetaria sua cientificidade. Porém, destacamos aqui algumas definições metodológicas que o projeto utiliza, e com as quais concordamos. No site do Manchetômetro (2014), focado na análise de manchetes jornalísticas, o uso da técnica de valências, nas capas do jornal, justificase de várias formas, a saber:

Porque as capas de um jornal têm um poder comunicativo muito maior do que as notícias do miolo da publicação;

Porque a manchete, as chamadas e as fotos da capa são os elementos comunicativos mais vistos na publicação, seja pelos assinantes e seus familiares, pelas pessoas que compram os jornais nas bancas ou mesmo pelas pessoas que circulam todos os dias em frente às bancas de revistas, onde as capas dos jornais diários são expostas para a apreciação pública;

Porque as manchetes e chamadas na capa são aquelas consideradas mais relevantes pelos editores do jornal, as que resumem melhor o conteúdo de toda a publicação e as que supostamente atraem mais os leitores.

Finalmente, conforme Feres (2016a), a grande produção acadêmica brasileira e norte-americana utilizando a MAV como ferramenta principal é um dos argumentos que defendem a utilização do método, como “ciência normal”, mas também aponta para uma característica da MAV que é central da nossa análise, ao colocar que “estabelecer menor ou maior viés de um determinado meio de comunicação em relação a tal ou qual objeto – esse é um dos principais objetivos do emprego da MAV” (FERES JÚNIOR, 2016b, p. 294).

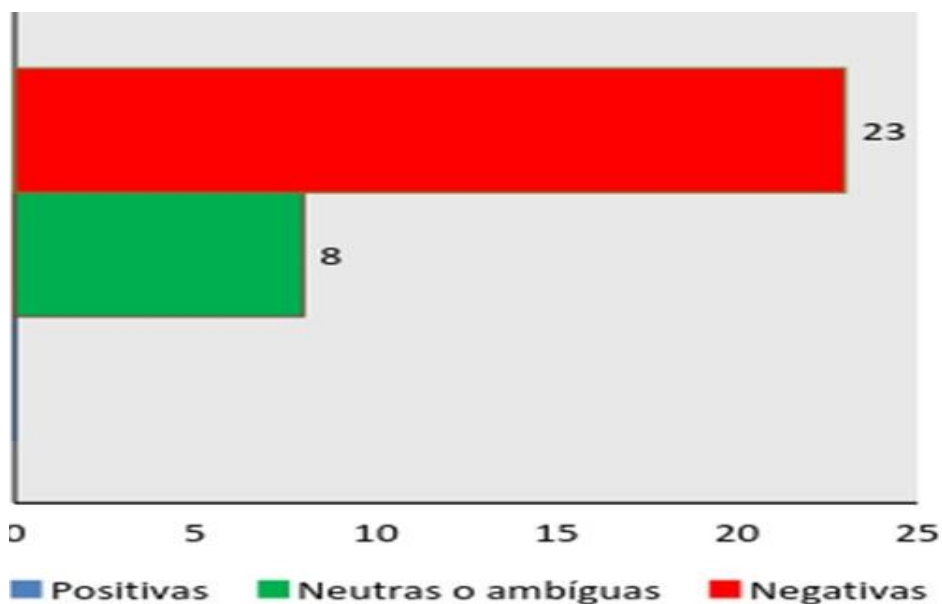
O debate não chega num consenso e deve ser feita uma escolha; no nosso caso entendemos que as fortalezas das MAV justificam a sua utilização na pesquisa, cientes das limitações do método. A MAV é aplicada aqui com o intuito de fazer uma primeira aproximação aos materiais do campo, procurando desenhar uma primeira imagem sobre a forma em que o *Clarín* retratou o governo de Cristina Kirchner no período de análise. Nas próximas seções irá se complexificar a imagem surgida aqui, com a análise detalhada das outras seções principais do jornal.

Fora do debate referido, autores como Steibel e Marinkova (2013) também defendem o uso da técnica de análise de valência entendendo-a como a variável de Estimação (apreciação). Os autores reconhecem as limitações da técnica pela facilidade com que pode ser reduzida a uma representação binária simplista quando acompanhada de uma análise discursiva insuficiente, fazendo com que seu uso seja moderado e contextualizado.

Assim, inicialmente optou-se por realizar a análise das manchetes principais da capa do jornal referentes ao governo nacional, utilizando a técnica das valências, atribuindo valor de positiva, neutra ou negativa às manchetes⁵³.

⁵³ Inicialmente observou-se a distribuição de autores dos artigos como referência do posicionamento

Gráfico 3 - Manchetes das capas do Clarín com referências ao governo (ou kirchnerismo).



Fonte: Elaboração do autor a partir das capas do *Clarín* de 8 de outubro a 8 de novembro.

Das 31 manchetes principais das capas que compõem o banco de dados no período de Pré-protesto, nenhuma das que se refere ao Governo Federal (ou do Estado de Buenos Aires, ambos os distritos governados pela mesma frente política) possui uma avaliação positiva do governo e/ou do espaço político do Kirchnerismo. De fato, 23 das capas consideradas expressam uma valoração negativa do mesmo. Duas, foram consideradas ambíguas pela superposição de referências positivas e negativas. As outras 6 capas foram consideradas neutras em relação à avaliação do governo nacional por tratarem de questões internacionais particulares da administração da cidade de Buenos Aires ou esportivas.

Da análise das manchetes se depreende que a narrativa principal que o veículo produz e difunde sobre o governo de Cristina Kirchner entende que este é, em primeiro lugar, ineficiente e/ou incapaz de resolver os problemas e conflitos, quando não é diretamente responsável pela produção desses mesmos problemas e conflitos (nesse sentido, a greve de Prefectos e Gendarmes, a retenção da Fragata Libertad em Ghana, e os problemas estruturais do sistema de energia elétrica, reproduzem essa ideia).

Em segundo lugar, encontram-se a os enquadramentos de pressões sobre o poder judiciário (esse enquadramento está vinculado principalmente ao andamento do processo pela legalidade da LSCA) e do governo como mentiroso, o que acarreta desconfiança (por parte do

do veículo. Os resultados da observação e alguns pontos em destaque encontram-se no Anexo.

veículo) tanto das estatísticas oficiais quanto nos anúncios de políticas; atrelado a ele encontra-se a ideia da intolerância e a violência produzida pelo governo. Uma problemática específica é a reforma da constituição nacional que, suspeitam, permitiria a reeleição da presidenta. A insegurança e a crise econômica (fundamentalmente inflação) se apresentam como questões importantes e problemáticas, mas não constituem o eixo dos enquadramentos produzidos.

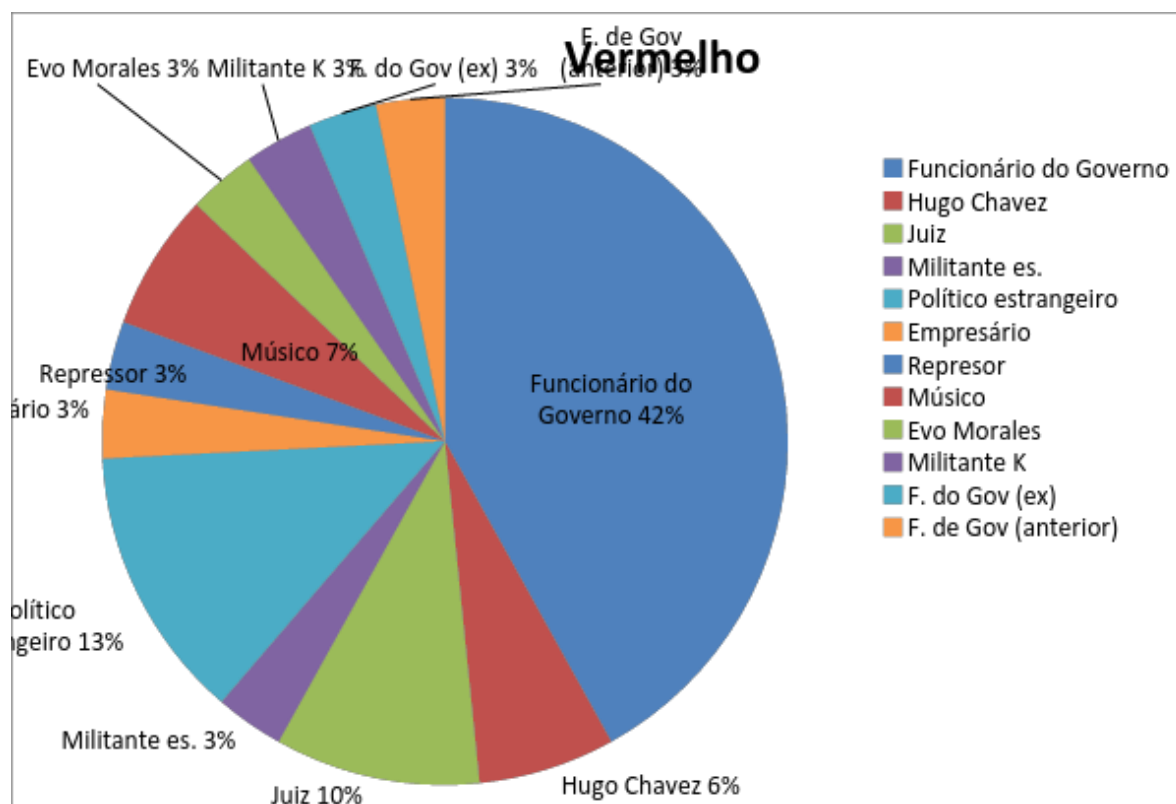
4.2 Semáforo

O sinal ou *semáforo* é uma pequena seção do jornal que resume as notícias do dia em três imagens e um pequeno parágrafo indicativo de cada uma. As imagens se referem a atores políticos e sociais cujas ações são hierarquizadas e valoradas com as cores do sinal, sendo a cor vermelha uma ação valorada negativamente ou rechaçada, e a verde uma ação valorada positivamente. O amarelo fica no meio termo em questões valorativas e depende do texto que acompanha e do ator.

Uma vez que não possui muito desenvolvimento das notícias, o semáforo constitui-se no substrato ideal para a produção de uma análise de valências, facilitado pelo próprio veículo. Como aponta Feres (2016b), a MAV constitui uma análise de conteúdo que faz simples a complexidade do real; neste caso a simplificação vem dada desde o material empírico.

A seguir, um resumo da distribuição de cores dos semáforos publicados pelo veículo no período de Pré-Proteto.

Gráfico 4 - Distribuição do vermelho no período de pré-protesto

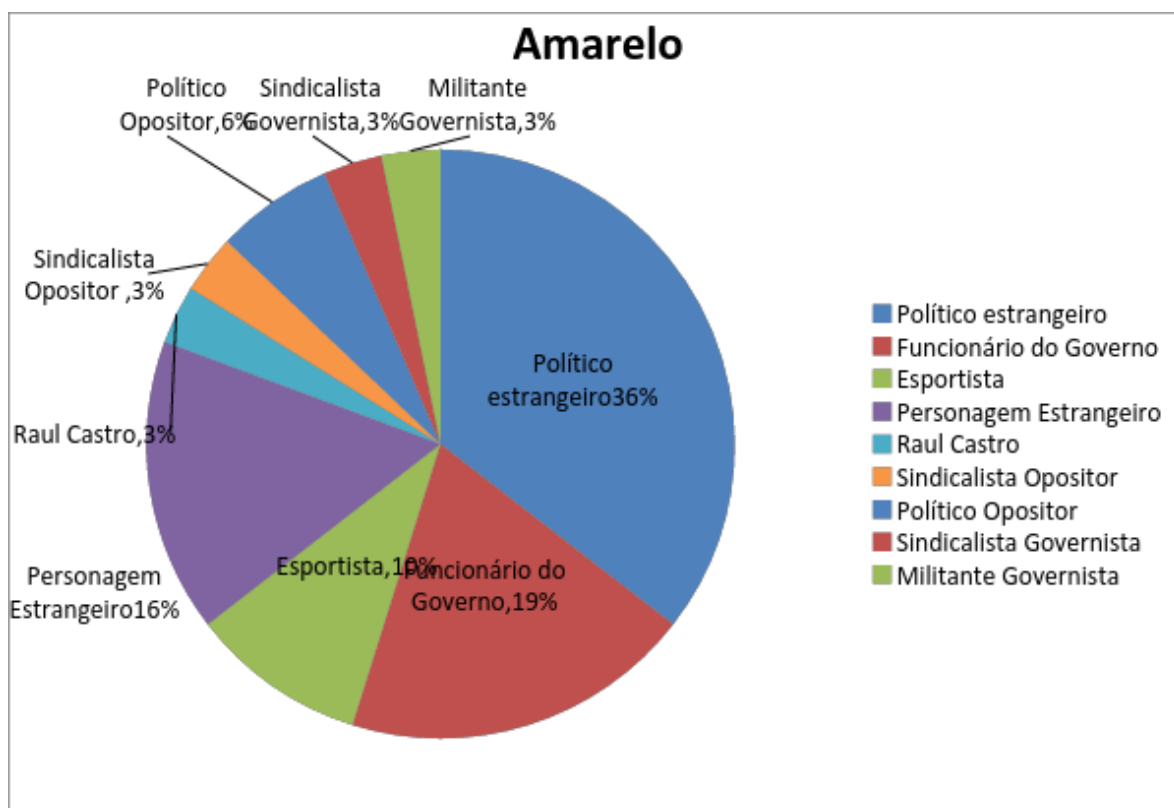


Fonte: elaboração do autor com base no Clarín de 9-10-2012 a 8-11-2012.

Na seção, a distribuição de “Vermelhos” teve uma clara predominância de referências a funcionários do governo nacional (13 referências ou 42%), seguido pelos Políticos Estrangeiros (4 referências ou 13%). As referências a Hugo Chávez (2 referências ou 7%) e Evo Morales (1 referência ou 3%), por se tratar de políticos vinculados ao governo, foram considerados como categorias diferentes, porém, se adicionados, as referências a Políticos Estrangeiros atingem apenas 7 (ou 23%). Em terceiro e quarto lugar aparecem referências a juízes (3 ou 10%) e Músicos (2 referências ou 7%). As demais categorias (empresários, funcionário do governo anterior, repressores, Militante K, Militante da Esquerda, Ex-funcionário do Governo) possuem apenas uma referência (ou 3%). Entretanto, é importante destacar que, se considerados como uma unidade, o kirchnerismo (Funcionários do governo, Ex-funcionários do governo e Militantes K) concentra o 48% das referências. É importante destacar também que as referências a músicos e empresários estão vinculadas à *Tragédia de Cromañon*, em 30 de dezembro de 2004, que levou ao impeachment do prefeito da Cidade de Buenos Aires, Aníbal Ibarra, próximo ao governo do Nestor Kirchner (em 2012 foram ditadas

as sentenças contra os músicos e o empresário dono do estabelecimento).

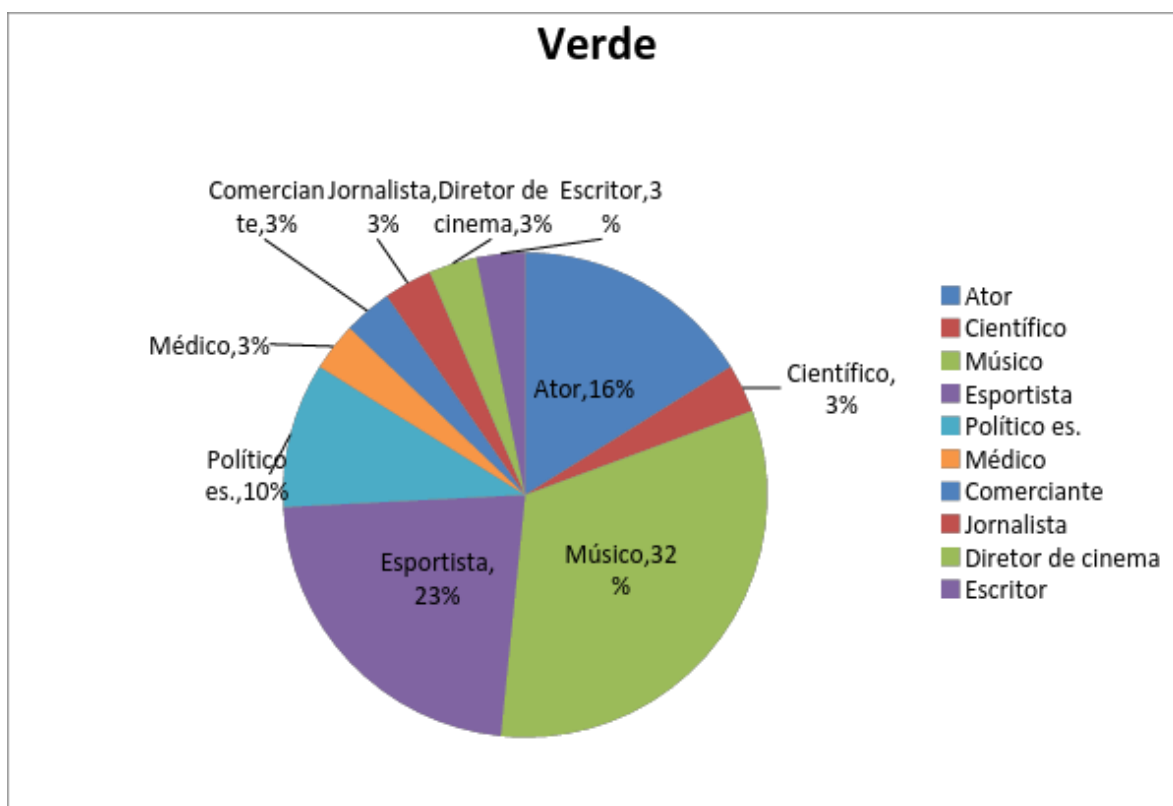
Gráfico 5 - Distribuição do amarelo no período de Pré-protesto



Fonte: elaboração do autor com base no jornal Clarín de 9-10-2012 a 8-11-2012.

Em relação ao “Amarelo” a distribuição foi mais equilibrada. A referência principal foi para políticos estrangeiros (12 referências ou 39%, chegando a 42% se considerada a única referência a Raul Castro, presidente de Cuba); em segundo lugar os Funcionários do Governo (6 referências ou 19%), seguidos por Personagens Estrangeiros (por exemplo: parentes de políticos estrangeiros ou ex-funcionários de organismos internacionais, com 4 referências ou 13%); posteriormente Esportistas (3 referências ou 10%) e Políticos Opositores (2 referências ou 2%); e finalmente, Sindicalistas Opositores, Sindicalistas Governistas e Militantes Governistas (com 1 referência ou 3% cada um). Consideradas unificadamente as referências ao kirchnerismo (sindicalistas governistas, militantes Governistas e funcionários do governo) soma-se 8 referências ou 26%.

Gráfico 6 - Distribuição do verde no período de pré-protesto



Fonte: elaboração do autor com base no Clarín de 9-10-2012 a 8-11-2012.

Em relação ao “Verde” a distribuição de personagens foi a mais diversa. Em primeiro lugar os músicos (10 referências ou 33%), seguidos pelos Esportistas (7 referências ou 23%) e atores (5 referências ou 16%) e Político Estrangeiro (3 referências ou 10%). Finalmente, Médico, Comerciante, Científico, Jornalista, Escritor e Diretor de cinema (1 referência ou 3%). Aqui a representação da “cultura” (Ator, Esportista, Músico, Escritor, Diretor de cinema) possui a maioria das referências (24 ou 78%).

Gráfico 7 - Distribuição comparativa das cores no período de pré-protesto



Fonte: elaboração do autor com base no Clarín de 9-10-2012 a 8-11-2012.

O gráfico 7 representa a distribuição de personagens do semáforo de maneira que seja possível visualizar as mudanças ocorridas entre as diversas “cores”; para tais fins foram reduzidas as categorias apresentadas anteriormente. A categoria *Kirchneristas* aglutina tanto os funcionários do governo quanto os ex-funcionários, assim como sindicalistas e militantes vinculados ao governo; a categoria *Opositores* aglutina tanto os políticos da oposição quanto sindicalistas opositores; finalmente, esportistas, músicos e artistas compõem a categoria *Cultura*. As demais categorias originais, que não superaram uma (1) referência, foram reunidas na categoria *Outros*.

O gráfico mostra que a distribuição das personagens não é equilibrada. Enquanto a predominância de funcionários do governo é quase completa na cor vermelha (42% - 48%), elas diminuem no amarelo (19% - 26%) e acabam desaparecendo no verde. Enquanto isso, políticos e referentes antigovernistas possuem uma representação mínima no vermelho (3%), que cresce no amarelo (10%) e some totalmente no verde. Por outro lado, referentes da cultura, arte e esportes começam no vermelho com uma pequena representação (7%), que cresce no amarelo (10%) e atinge a maioria quase absoluta (78%) no verde. A principal conclusão que surge da comparação das cores assinaladas é e alta negatividade relacionada ao

governo e em segundo lugar a baixa relevância dada aos políticos e referentes antigovernistas. Isso parece coincidir com a interpretação dos administradores de Facebook e o próprio governo de que o contraponto político do kirchnerismo se encontrou, na época, na mídia antes do que nas forças políticas opositoras, desarticuladas e atomizadas após a vitória de Cristina Kirchner com o 54% dos votos nas eleições presidenciais de 2011.

4.3 Editoriais e colunas

4.3.1 Editoriais

Na continuação serão sintetizados os conteúdos dos editoriais e das colunas de Jorge Lanata e Alejandro Borensztein publicadas no *Clarín* entre 9 de outubro e 8 de novembro de 2012. Os editoriais constituem tanto uma síntese do conteúdo do veículo como a amostra de sua linha editorial; nelas costuma-se atender principalmente ao tema do dia, mas este também é vinculado aos temas secundários.

Quadro 4 - Síntese editorial

	Autor	Título	Tema principal	Interpretação	Visão do governo
09-oct	Ricardo Roa	Caló, Duro de domar	Perfil de Antonio Caló. Líder do sindicalismo governista	O papel do sindicalismo	Negativa/crítica
10-oct	Ricardo Kirschbaum	A arte de nunca ter a culpa	Prefectos e Gendarmes	Irresponsabilidade, ineficiência, mentiras	Negativa/crítica
11-oct	Ricardo Roa	Uma presidenta viciada na irrealidade	Prefectos e Gendarmes	Mentiras, controle econômico (cepo ao dólar),	Negativa/crítica
12-oct	Ricardo Roa	O Twitter do professor Sileoni	Educação	Injustiça, cognição quente, populismo	Negativa/crítica
13-oct	Ricardo Roa	E agora, vão jogar a culpa em quem por Ghana?	Fragata Libertad	Irresponsabilidade	Negativa/crítica
14-oct	Ricardo Kirschbaum	Atos torpes que revelam que a arbitrariedade é uma política	Poder Judicial - Auditoria Geral da Nação	Liberdade de imprensa	Negativa/crítica
15-oct	Oswaldo Pepe	Uma campanha que não respeita limites	Poder Judicial	Pressões ao judiciário, governo autoritário, limitações à Liberdade de imprensa, mentiras	Negativa/crítica
16-oct	Ricardo Roa	Essas coisas da condição humana	//	Não há referências ao contexto político nem econômico.	//
17-oct	Ricardo Kirschbaum	Ideologia para ocultar a imperícia	Fragata Libertad / Prefectos e Gendarmes	Conflitos internos, Mentiras/corrupção (achar culpados), ineficácia.	Negativa/crítica

	Autor	Título	Tema principal	Interpretação	Visão do governo
18-oct	Ricardo Roa	As lealdades de ontem e de hoje	17 de Outubro	Divisão/conflicto social, corrupção, "lacayismo"	Negativa/critica
19-oct	Ricardo Kirschbaum	Consequências do fogo amigo	Fragata Libertad	conflitos internos, ineficácia	Negativa/critica
20-oct	Ricardo Roa	Uma cuidadosa eleição dos culpáveis	Acidente de "once"	Corrupção, desvio de fundos, ineficiência (falta de controles)	Negativa/critica
21-oct	Ricardo Kirschbaum	Detrás de tudo está o plano de autosusessão indefinida	Poder Judicial - LSCA	Re-reeleição, reforma constitucional, pressão no judiciário, liberdade de imprensa, autoritarismo.	Negativa/critica
22-oct	Osvaldo Pepe	Com a constituição não se <i>Jode</i>	Reforma constitucional - voto jovem	Re-reeleição, reforma constitucional, mentiras, motivação.	Negativa/critica
23-oct	Ricardo Roa	Atrás de um botim político	AFIP	Cepo cambiário, perseguição, discrecionalidade.	Negativa/critica
24-oct	Ricardo Kirschbaum	A Fragata e a frente interna	Fragata Libertad	Ineficácia, conflitos internos	Negativa/critica
25-oct	Ricardo Roa	Uma greve paga pelas crianças pobres	Educação - greve docente	Referencias secundarias às incapacidades administrativas estaduais.	Negativa/critica
26-oct	Ricardo Kirschbaum	Sem perguntas, nem respostas.	Fragata Libertad	Incapacidade, autoritarismo	Negativa/critica
27-oct	Ricardo Roa	A enganação, entre jornalismo e publicidade	Conferencia de prensa Cristina	Autoritarismo, corrupção (lembra as causas contra Boudou)	Negativa/critica
28-oct	Ricardo Kirschbaum	Cristina aceptara somente o julgamento da historia	Autoritarismo e corrupcao	Autoritarismo, reeleição, corrupção, liberdade de imprensa, pressão no judiciário.	Negativa/critica
29-oct	Osvaldo Pepe	A idade do voto....e da rebeldia	Governo mentiroso e violento - Voto Jovem	Mentiras, INDEC, autoritarismo, motivação	Negativa/critica
30-oct	Ricardo Roa	E quem protege à Policia?	Condições de trabalho da policia	Violência, insegurança	Negativa/critica
31-oct	Ricardo Roa	Um vozeiro com más noticias	Atentado AMIA	ineficiência, claudicação da soberania	Negativa/critica
01-nov	Ricardo Roa	Um narco preso paga mais que um torcedor solto	Segurança	Critica funcionários federais.	Negativa/critica
02-nov	Ricardo Kirschbaum	A demonização como politica	Voto Jovem -Narcosocialismo - Larroque	Reforma Constitucional, intolerância/violência	Negativa/critica
03-nov	Ricardo Roa	O deputado que não sabe argumentar	Voto Jovem -Narcosocialismo - Larroque	Reforma Constitucional, intolerância/violência, autoritarismo.	Negativa/critica
04-nov	Ricardo Kirschbaum	O governo ataca porque enfrenta um difícil futuro	Pressão nos juizes, o voto jovem (Larroque), o Per Saltum, Fragata Libertad, reforma constitucional	Pressão no judiciário, reforma constitucional, re-reeleição.	Negativa/critica
05-nov	Osvaldo Pepe	As chirilitas do Kirchnerismo	Critica políticos governistas	Autoritarismo, reforma constitucional, re-reeleição.	Negativa/critica
06-nov	Ricardo Roa	Educação: as cifras desmentem a Cristina	Educação	Ineficiência, mentiras, relato	Negativa/critica
07-nov	Ricardo Roa	Manual de urbanidade Kirchnerista	Transporte e intolerância do ministro. ANSES e investimento publico	Intolerância, autoritarismo, corrupção	Negativa/critica
08-nov	Ricardo Roa	O dia que o relato ficou nú	Corte de energia em CABA	Mentiras, falta de previsão, ineficiência.	Negativa/critica

Fonte: Elaboração própria.

Um resumo dos editoriais e colunas está colocado nos anexos ao fim do trabalho (que seria inviável colocar aqui). Nele tem destaque tanto as frases que justificam as definições temáticas apresentadas no quadro quanto outra dimensão importante de considerar: o uso do negrito. Várias frases dos editoriais foram publicadas no jornal (e reproduzidas no resumo) em negrito. A estratégia, como aponta Prado (2007), aumenta a atenção do público para elas, o qual tende a lê-las primeiro ou, quando lendo o jornal rapidamente (por exemplo, no transporte público), se atenta somente a elas para ter a síntese da matéria. Nos editoriais o negrito reforça a imagem negativa do governo com frases como: "... é uma estratégia oficial

para **não se fazer cargo de nenhum erro**” (editorial do *Clarín* 10-10-2012); “no seu discurso sobre a lei de Meios, a presidente teria insistido em que não **há grilhão ao dólar...**” (editorial do *Clarín* do 11-10-2012); “disciplinar e calar a mídia que não tem conseguido submeter, para lhe impor à sociedade uma **única, restritiva e limitada visão da realidade**” (editorial do 21-10-2012); “... quando o Kirchnerismo fala é prudente tomar distância da sua palavra. Assumir que o que fale **provavelmente não seja completamente verdade...**” (editorial do *Clarín* do 29-10-2012); ou “... o **ministro aceita como natural a ofensa e o maltrato**: esse é o estilo que Cristina cultiva e lhe impõe a ele e outros funcionários.” (editorial do *Clarín* do 7-11-2012).

Por outro lado, assim como nas capas, as editoriais carregam uma ideia de negatividade/rechaço ao governo nacional (entendendo por isso tanto aos seus funcionários, quanto aos políticos, sindicalistas, ativistas sociais e militantes do “kirchnerismo”). No período só uma das editoriais não teve esse foco por não atender a questões políticas, sociais ou econômicas do momento.

Embora tenham sido muitas as caracterizações feitas pelos editorialistas na descrição do governo nacional desenvolvendo o entendimento delas, todas apontam para um único argumento e enquadramento central que denominamos “A democracia em perigo”. A multiplicidade de características do governo que os editoriais enfatizam (“enquadram”, nas palavras de Chong e Druckman (2007)) levam a pôr em perigo a democracia. Esta é entendida como liberdade de imprensa, ausência de conflito (polarização) e, inclusive, alternância e, portanto, a ideia de continuidade ameaça essa concepção, independente das condições que levem para essa continuidade, ou seja, independente de se o governo consegue manter o apoio da população em eleições livres. Em certas ocasiões, inclusive, chega-se a falar diretamente sobre o “perigo” que o kirchnerismo representa para a democracia argentina, mas, cotidianamente, vinculam-se às diferentes características do governo a elementos articulados que levam à reprodução e perpetuação da dominação kirchnerista, o que não seria nem natural, nem desejável, e *in extremis*, tampouco legal.

Desse modo, fala-se que o governo é um governo autoritário (violento, intolerante, que não reconhece críticas), porém ineficaz (que não consegue resolver os problemas, inclusive quando tenta), e que tem por objetivo principal se manter no poder perpetuamente. Para isso, por ser ineficaz, precisa controlar a imprensa, limitando a liberdade de expressão e opinião por meio da distorção das leis, da constituição e da divisão de poderes, impondo as próprias mentiras como única informação acessível, de forma que as eleições lhe sejam sempre

favoráveis. Adicionalmente, intimida e persegue tanto os opositores quanto os governistas que não se submetem completamente à vontade da presidente Cristina Fernández⁵⁴. Nesse contexto a aprovação da Lei de Serviços de comunicação audiovisual (LSCA) é colocada no veículo como a definitiva arma que o governo precisaria para atingir seus objetivos e, portanto, deve ser combatida.

Já desde as editoriais (o que será mais bem desenvolvido nas seções 4.4 e 4.5) o veículo não se limitou à definição dos problemas e os seus responsáveis, mas também apontou para a necessidade da população (como único ator capaz de exercer resistência) reagir diante dessa situação de injustiça, motivando a mobilização. Exemplo disso são os editoriais do dia 22 e 29 de outubro onde é colocado: “as habituais usinas K saíram a **relativizar a inquietude reformista**, talvez por temor ao soar das panelas. Que ninguém se engane: se o kirchnerismo tiver os votos, **irá por tudo**, mesmo que se veja obrigado a torcer o texto constitucional...” (o autor aponta que a continuação dos Cacerolazos, visto que já tinham acontecido alguns dos principais eventos, é uma estratégia válida e eficiente para se contrapor às injustiças produzidas pelo governo, que ele mesmo lista) ou “entregaram muito cedo **o espírito contestatório da juventude**” (a frase é colocada numa análise sobre a juventude e o voto jovem onde o autor lamenta que a juventude não reaja e se mobilize contra o governo nacional, já que é a ação mais lógica e desejável que esse grupo etário poderia ter).

Resumidamente, “a democracia em perigo” abarca as três dimensões dos enquadramentos interpretativos da ação coletiva (BENFORD; SNOW, 2000): diagnóstico (um governo indesejável e, no limite, malvado quer se perpetuar no poder), prognóstico (só a união do povo, dos “cidadãos de bem” que respeitam as leis, a constituição e desejam viver em liberdade pode pôr freio ao governo) e motivacional (a mobilização espontânea dos “cidadãos de bem” é o instrumento para a defesa da liberdade. Como estes cidadãos não estão organizados, não possuem porta-vozes, portanto, a mídia assume o papel de representar “a voz das ruas”).

⁵⁴ Durante o julgamento no Supremo Tribunal Federal, que reconheceu a constitucionalidade da lei de serviços de comunicação audiovisual (LSCA) na argentina em 2013, o *Clarín* justificou a manutenção do seu predomínio no sistema midiático argentino com a necessidade de se contrapor à versão oficial dos fatos, por serem a *única mídia independente*. O paradoxal é que, para isso, precisavam conservar o domínio midiático que denunciavam como prejudicial para a democracia que o governo atingisse.

Quadro 5 - Autores dos editoriais por dia da semana

Segunda-Feira	Terça-feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado	Domingo
	09/10/2012 - Roa	10/10/2012 - Kirchbaum	11/10/2012 - Roa	12/10/2012 - Roa	13/10/2012 - Roa	14/10/2012 - Kirchbaum
15/10/2012 - Pepe	16/10/2012 - Roa	17/10/2012 - Kirchbaum	18/10/2012 - Roa	19/10/2012 - Kirchbaum	20/10/2012 - Roa	21/10/2012 - Kirchbaum
22/10/2012 - Pepe	23/10/2012 - Roa	24/10/2012 - Kirchbaum	25/10/2012 - Roa	26/10/2012 - Kirchbaum	27/10/2012 - Roa	28/10/2012 - Kirchbaum
29/10/2012 - Pepe	30/10/2012 - Roa	31/10/2012 - Roa	01/11/2012 - Roa	02/11/2012 - Kirchbaum	03/11/2012 - Roa	04/11/2012 - Kirchbaum
05/11/2012 - Pepe	06/11/2012 - Roa	07/11/2012 - Roa	08/11/2012 - Roa			

Fonte: Elaboração do autor.

Quando se percebeu a diversidade de jornalistas encarregados da redação dos editoriais, pensou-se que as características pessoais poderiam ter influenciado os conteúdos das mesmas. Para constatar que os editoriais, de fato, transmitiram o posicionamento do jornal como uma unidade, e não dos diferentes jornalistas encarregados de redigi-los, analisaram-se os principais temas e abordagens de cada uma delas. Como se vê nas tabelas 4 e 5, mesmo que Ricardo Roa tivesse no período a maior quantidade de editoriais publicadas, tanto ele quanto Ricardo Kirchbaum apresentaram uma visão negativa do governo para os temas centrais do período - o conflito com os Gendarmes e Prefectos, a retenção da Fragata Libertad e o Voto Jovem (e as críticas ao deputado Larroque). Com uma quantidade mais limitada de editoriais, Osvaldo Pepe (que escreveu somente nas segundas-feiras) abordou também aqueles temas: “reforma constitucional”, “voto jovem” e “pressão no judiciário”.

Com uma maior presença no período, Ricardo Roa também teve publicados editoriais com temas de menor centralidade, como as greves de professores (educação) ou questões de segurança. No total, somente uma das editoriais do período redigido por ele não teve uma visão crítica ou negativa do governo nacional, por não se referir ao mesmo. De distintas formas, tanto o resto das suas editorias como as escritas pelos outros jornalistas mobilizaram críticas ao governo nacional.

4.3.2 Colunas

Quadro 6 - Colunas - Lanata e Borenztein

	Autor	Título	Tema principal	Interpretação	Visão do governo
13-oct	Jorge Lanata	A insegurança combate-se com salários irregulares e viáticos de 9 pesos por dia	Prefectos e Gendarmes	Ineficácia, Corrupção/mentira, injustiça, insegurança.	Negativa/critica
14-oct	Alejandro Borenztein	200 notas e nenhuma flor	polarização política/social	Polarização, mal-estar social, violência	Negativa/critica
20-oct	Jorge Lanata	o obsequioso que chegou ao poder	Fragata Libertad - Ministro de relações exteriores Tineman	Obsecuencia, incapacidade, ineficiencia, control cambiario	Negativa/critica
21-oct	Alejandro Borenztein	O 7D em HD	LSCA	Autoritarismo, falta de liberdade, liberdade de imprensa, mentira.	Negativa/critica
27-oct	Jorge Lanata	Devolve a bolsa!, o grito que Felisa Miceli cansou de ouvir	Corrupção	Corrupção	Negativa/critica
28-oct	Alejandro Borenztein	O Nobel dos Maus	Critica ao governo nacional, da cidade (oposicao) e dos Estados Unidos	Governo falido, ineficiencia, maldade	Negativa/critica
03-nov	Jorge Lanata	Máximo, o ursinho de mamãe, não é mudo.	Maximo Kirchner	Corrupção (gastos estatais banais), vagabundagem, construção do “inútil”.	Negativa/critica
04-nov	Alejandro Borenztein	Dicas do governo para o 8N	8N	Indec, mentiras, corrupção, motivação. Enquadramento das manifestações pelo kirchnerismo, para o jornalista: Direita, golpistas, classes altas.	Negativa/critica

Fonte: Elaboração do autor.

Por sua vez, as colunas semanais de Jorge Lanata e Alejandro Borenztein também tiveram uma visão negativa do governo nacional. Em termos gerais, por serem produzidas semanalmente, não estiveram tão vinculadas às notícias do dia-a-dia; por exemplo, Lanata se referiu três vezes especificamente a pessoas (funcionários ou não) vinculadas ao Kirchnerismo e na outra coluna do período a um dos temas centrais, o conflito com os Prefectos e Gendarmes. Borenztein, por redigir uma coluna humorística, não se viu tão ligado aos padrões editoriais quanto os outros jornalistas, colocando fatos e conversas fictícias para

contar a história em cada uma das colunas. Contudo, abordou a temas que vinculou à ação do governo, mas também descolados do contexto imediato: a maldade, o autoritarismo e a intolerância/polarização política. Somente na última coluna do período, a mais próxima do Cacerolazo (4-11-2012), se referiu ao evento que viria.

4.4 Principais Enquadramentos: Diagnóstico e prognóstico

Até aqui a análise de valências (MAV) nas principais seções específicas do jornal (manchete da capa, editoriais e colunas, e semáforos) tem mostrado o rechaço e a crítica do veículo em relação o governo nacional e tem apontado para uma primeira aproximação ao enquadramento mestre (*master frame*) que predominou no período de Pré-protesto: “a democracia em perigo”.

Na interpretação que William Swart (1995) faz do termo ele se apresenta como mais adequado ao sentido aqui procurado do que a ideia de Goffmann de enquadramentos primários, desenvolvida por Jhonston e Alimi (2012). Conforme Swart aponta, os enquadramentos mestre são “esquemas de interpretação utilizados por uma diversidade de movimentos para enquadrar demandas e objetivos. Assim sendo, os quadros mestre servem como o tecido conectivo entre movimentos dentro de um ciclo de protestos” (SWART, 1995, p. 468). Já o conceito de enquadramento primário trabalhado por Jhonston e Alimi (2012) se refere aos esquemas cognitivos básicos que orientam atividades e são largamente compartilhados através da experiência social. Os enquadramentos primários dizem respeito a noções culturais básicas que permitem o entendimento das decisões e ações dos movimentos sociais, enquanto que os *master frames* apontam para enquadramentos abrangentes que ligam grupos dispersos ao longo de um ciclo de manifestações, o que descreve mais acertadamente a função que o enquadramento “a democracia em perigo” teve no 8N (e o ciclo de mobilizações dos Cacerolazos).

A seguir procuraremos desenvolver melhor o entendimento dos enquadramentos temáticos que compõem esse *master frame*, e se ele se mantém da mesma forma ao longo das diversas matérias no veículo.

Cientes das dificuldades metodológicas que o estudo de enquadramentos midiáticos possui e seguindo a análise realizada por Fernandes (2016), que destaca que não há um modelo consolidado de análise de enquadramentos midiáticos, ressalta-se a utilidade da

adaptação da metodologia utilizada por Johnston e Alimi (2012) para o estudo aqui desenvolvido. Em sua análise, Johnston e Alimi (2012) propõem-se fazer inteligíveis os esquemas primários (*primary frameworks*) mediante a utilização de uma estrutura tríplice, a qual considera quem é sujeito, indicado no enquadramento, qual o verbo utilizado (suas ações) e o objeto das suas ações.

Enquanto Johnston e Alimi (2012) utilizam o esquema para o entendimento da oposição entre as identidades Chechênia e Palestina, e Fernandes (2016) utiliza-o para mostrar o confronto midiático entre a polícia e os manifestantes, em que as posições de sujeito ou objeto dos atores podem variar, no presente estudo não se analisa um confronto entre os atores considerados (a mídia corporativa e as redes sociais); aqui o interesse na abordagem está dado pela sua capacidade de estruturar os materiais.

Na definição preliminar do enquadramento da “democracia em perigo”, vê-se que o sujeito (o governo ou o kirchnerismo) tem por objeto das suas ações, quer dizer, objetivo, se perpetuar no poder e, portanto, suas ações (os verbos) são a multiplicidade de estratégias que (o veículo identifica) utiliza para atingir esse fim. O que muda são as táticas que utiliza (os verbos) enquanto o sujeito e o objetivo permanecem os mesmos.

Por questões de tempo na produção da dissertação e de espaço no próprio texto, assim como pensar em produzir um texto que não seja excessivamente tedioso de ler, inclui-se a continuação de uma síntese dos enquadramentos temáticos, as ditas estratégias, encontrados nos materiais coletados do veículo. Adicionam-se em destaque algumas seções/notas que, por diversas particularidades, demandam uma atenção específica.

O objetivo da seção (4.4) é mostrar como os enquadramentos diagnósticos, prognósticos e motivacionais achados inicialmente nos editoriais e colunas são desenvolvidos e expandidos no resto do veículo. Em outras palavras, apontar para a saliência dos enquadramentos mobilizados pelo veículo, Assim como entender as vinculações lógicas entre os distintos enquadramentos e perceber se surgem questões que foram omitidas nas análises anteriores.

É importante destacar que, dada à complexidade e multiplicidade de interpretações mobilizadas no período, é possível que muitas não tenham sido devidamente recolhidas. Porém, procurou-se destacar as consideradas principais e apontar para os vínculos existentes entre elas.

Os enquadramentos temáticos identificados no veículo sobre o governo (e o

kirchnerismo em geral) que fundamentam o diagnóstico e o prognóstico encontram-se entre os pontos 4.4.1 e 4.4.8 (Mentira - e publicidades -, violência, medo, populismo, argenzuela, reforma constitucional, corrupção e autoritarismo).

O ponto 4.4.8, a união dos argentinos (e da oposição), é analisado aqui também como uma das demandas que o jornal propõe para as mobilizações, porém, na perspectiva de Johnston e Alimi (2012), produz uma ruptura com a nossa interpretação anterior, uma vez que o sujeito da ação é a oposição, o verbo a união (deles) e o objetivo a superação das injustiças que o governo produz por meio da vitória eleitoral. Também foi desenvolvido o enquadramento de Espontaneidade, no ponto 4.4.10, que posiciona os manifestantes como sujeitos de mobilizações espontâneas (ações) com o objeto de se contrapor ao governo; o tema é incorporado, pela sua importância, na construção do enquadramento motivacional. Estes dois são os únicos casos em que há uma variação no local do sujeito/objeto. A divergência nestes elementos está relacionada a uma questão temporal: os enquadramentos temáticos analisados na seção (4.4) se referem ao período de Pré-protesto, enquanto que a espontaneidade se refere a eventos anteriores, fora do período delimitado, e união dos opositores é uma incerta aposta ao futuro.

No ponto 4.4.11 realiza-se algumas considerações sobre os enquadramentos temáticos não abordados e procura-se realizar uma leitura geral sobre a frequência de utilização dos mesmos e a relação entre eles.

4.4.1 “Mentira” e “Publicidades”

Embora não seja um enquadramento temático em si mesmo e sim mais uma forma do que um conteúdo, o primeiro que chamou a atenção, e justificou o estudo transversal do jornal, não se restringindo a seções e notícias específicas, foi a produção de uma série de publicidades do próprio veículo que denunciavam as “mentiras” do governo e a sua pretensão de limitar a liberdade de imprensa.

Imagem 4 - Publicidades



Fonte: Clarín, 1 de Novembro de 2012. Página 19.

Imagem 5 - Publicidades 2



Fonte: Clarín, 19 de Outubro de 2012. Página 26.

Esses dois modelos de publicidade foram publicados extensivamente no jornal (a aparição dos mesmos foi identificada 43 vezes). Além disso, foi publicada 2 vezes a publicidade do programa “Desde el Llano” de Joaquin Morales Solá, em referência a duas edições distintas do mesmo, com o subtítulo de “o governo pressiona à justiça”, uma publicidade do programa “Outro tema”, do jornalista Santo Biasatti, ambos do canal TN (do grupo *Clarín*) e três solicitadas iguais, chamadas de “ainda dá pra escolher” assinadas pelo próprio grupo (a página inteira, dias 21, 22 e 28 de outubro). Nela fala-se para os seus leitores: “não faz falta uma lei para que o *Clarín* deixe de existir. Depende de você. Amanhã de manhã não compre mais o *Clarín* e pronto, deixa de existir”; “Clarín é o jornal mais vendido, quer dizer, mais comprado e isso o faz nacional e popular”; “Faz 67 anos que todo faz o possível para que você o escolha todos os dias, e o seu mandato dura só 24 horas. De você depende que seja escolhido uma vez, e outra, e outra”.

Também foi publicada uma propaganda na página inteira chamada “pra ver se pode-se opinar” (15-10-2012), em que se destacam as diferenças entre os jornalistas do grupo: “Maria Laura não opina necessariamente como santo” e embaixo da assinatura (*Grupo Clarín*) colocam “um dos poucos grupos independentes que restaram no país”. Como o discurso governista para a aplicação da LSCA era a necessidade de uma maior diversidade na estrutura da mídia nacional, o grupo procura se apresentar como diverso e independente e, portanto, garantidor de uma comunicação de qualidade.

Também foi publicada uma solicitação de AEDBA (controlada pelo grupo), chamada de “novo bloqueio à informação” (30-10-2012). Além disso, foi publicada, ainda, uma solicitação, no próprio 8 de novembro, com centenas de assinaturas para o supremo tribunal, se solidarizando diante “das pressões exercidas pelo poder executivo nacional contra o poder judicial”; entre os assinantes destacam-se políticos da oposição e jornalistas do grupo.

De modo concreto, 52 publicidades antigovernistas do *Clarín* foram identificadas no período sobre uma totalidade de 709 publicidades comerciais. As mesmas foram contabilizadas por unidades, independentemente do seu tamanho.

Na campanha do grupo *Clarín* contra a lei de meios foi publicada, também, uma notícia no dia 29 de outubro, chamada de “O grupo *Clarín* respeita as leis e a justiça”, onde se descreve um spot publicitário que o próprio grupo teria lançado na televisão.

Uma vez que o conteúdo das publicidades apontava para as mentiras que o governo estaria falando para a população, considerou-se conveniente relacioná-lo com o enquadramento temático **Mentiras**. Na construção do enquadramento foram consideradas tanto as matérias nas quais o termo é utilizado diretamente para definir o governo, tanto pelos jornalistas do veículo quanto em depoimentos de políticos opositores, quanto as que fazem referência às estatísticas mentirosas (pouco confiáveis) do governo. Particularmente do INDEC também foi utilizado o termo o “relato” do governo, que sintetiza a ideia de que a visão ou a versão dos fatos do governo é falsa.

No dia 9 de outubro foram publicadas uma notícia e uma nota que apontavam para as mentiras do governo. Na nota, extraída do jornal brasileiro “O Estado de São Paulo”, aponta-se que “a pobreza existente na Argentina seria seis vezes maior que a admitida pelo governo da presidente Cristina Kircher”.

Em 10 de outubro, a notícia sobre o terceiro aniversário da LSCA colocou o depoimento de um deputado opositor que apontou que o único objetivo do governo com a lei

era destruir o grupo *Clarín* e que “para construir um relato falso, faz falta o monopólio da informação. Esse é o objetivo que tinha a lei, e está se cumprindo”. Em um dos artigos relacionados à notícia, uma referência da oposição falou sobre a lei que “a grande mentira foi a pluralidade de vozes” e em uma coluna no mesmo dia o autor referindo-se ao conflito com os Gendarmes, coloca que “está visto que o relato Kirchnerista está procurando uma **épica extraviada** que nem a alegria do triunfo chavista conseguiria repor” (negrito no original). Além disso, duas colunas, uma notícia e uma charge incluíram algumas formas do enquadramento de mentiras, particularmente contra a credibilidade do INDEC.

Como visto no ponto 4.2, no dia 11 de outubro o enquadramento apareceu no editorial, mas também um artigo relativo à LSCA se referiu às publicidades do governo como “... mesmo que o governo utilize a questão com o embuste dos seus *spots* tendenciosos...”. Além disso, em duas notícias, uma nota e uma coluna se colocou que “o que o governo nega-se reconhecer com as **suas medições mentirosas e arbitrarias** é que os aposentados que cobram a aposentadoria mínima, são pobres” (negrito no original).

No dia 12 uma notícia questionou a validade das estatísticas oficiais. No dia 13- 10 a coluna do Lanata e duas notícias também utilizaram o enquadramento, e, posteriormente, no dia 14 em uma notícia sobre os filhos de Ernestina Herrera de Noble, acusados de terem sido apropriados na ditadura (a notícia informava que os exames genéticos tinham dado negativos), foi colocado que “... foram as falsas acusações de ministros, militantes e alguns organismos de direitos humanos”. Nesse dia também a capa do jornal, assim como a matéria correspondente e uma nota e uma coluna desconfiaram da validade das informações do INDEC.

Seguidamente o enquadramento apareceu tanto no editorial do dia 15 quanto no do dia 17, onde também uma notícia, um artigo e uma coluna mobilizaram o mesmo, posteriormente, no dia 19, uma coluna questiona também a validade do INDEC. Em 20 de outubro uma coluna focada na *pesificação*⁵⁵ dos bonos do Chaco colocou que “segundo o relato oficial o avanço *pesificador* está impulsionado pela batalha cultural contra a dolarização”. Na mesma edição, um artigo de um economista do PRO apontou que “a causa de que a Argentina seja um dos poucos países da região onde faltam dólares **nada tem a ver com um processo de re-industrialização, que existe somente no relato kirchnerista**” (negrito no original).

⁵⁵ O termo se refere à conversão de dívidas ou pagamentos para o Peso (dinheiro argentino), normalmente a partir do dólar.

No dia 21-10, além da coluna do *humorística*, foram publicadas duas colunas, uma a referida coluna “o relato não resiste nem a leitura de um conto”, e a outra “em Trapalanda, o importante é que ninguém saiba”, e também foi publicada uma notícia na seção econômica.

Dia 22 o enquadramento apareceu no editorial, na manchete principal da capa e em duas notícias. No dia 23 uma notícia novamente se referiu à manipulação das estatísticas. No dia 24 uma notícia reproduziu os depoimentos do sindicalista Hugo Moyano que disse: “as bandeiras que se levantaram sobre a democratização da mídia são todas mentira”.

Em 25 uma notícia novamente desconfia da informação dada pelo INDEC, e posteriormente, no dia 26 uma coluna “discurso progressista que encobre ações conservadoras e retrógradas” e também um artigo sobre uma conferência de imprensa da presidente - onde o autor coloca “**nos vídeos oficiais do ato, as perguntas dos jornalistas credenciados foram eliminadas. Como se não tivessem existido**” (negrito no original). Também foram publicadas duas notícias, uma delas sobre a repatriação dos tripulantes da Fragata Libertad, focada no controle dos mesmos feitos pelo governo para que não houvesse vazamentos na imprensa.

No dia 27 foram publicadas duas notícias e uma coluna se referindo às mentiras governamentais; em uma delas, diante de uma política da Secretaria de Comércio, colocou-se “em uma nova tentativa por controlar a inflação – embora o INDEC não a reflète em toda a sua dimensão...”.

No editorial do dia 28 o autor coloca que (em referência à época da revolução cubana) “... Cristina e seus acólitos têm a mesma intenção de se agasalhar na história para que esta justifique seus atos do presente, **lhe adicionando épica ao relato**” (negrito no original).

Já no dia 29, além do editorial, o enquadramento foi publicado em uma coluna apontando que “**o relato faz barulho, diante o passado e exigido pelos dias em curso**” (negrito no original).

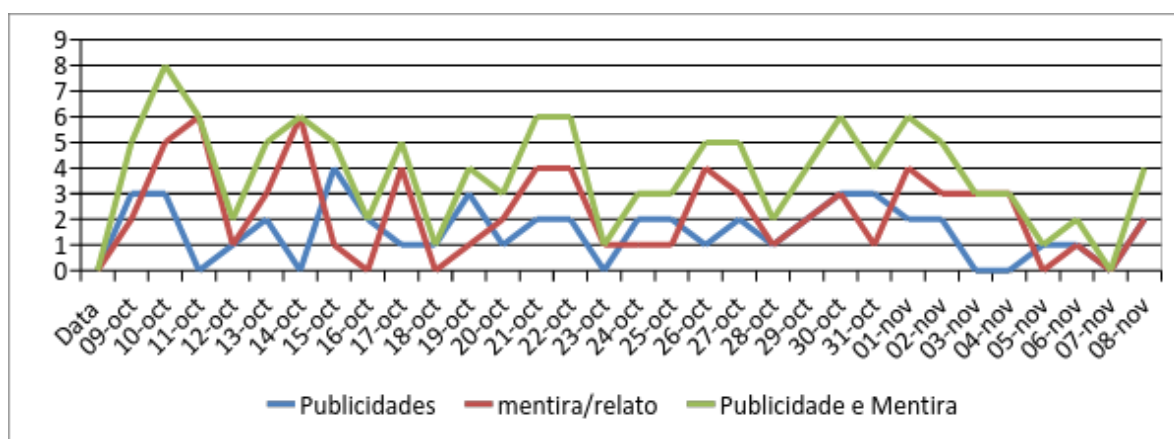
Duas notícias, uma coluna e uma nota, contribuíram, no dia 30, para o fortalecimento do enquadramento. Dia 31 misturou-se a limitação à liberdade de imprensa com o enquadramento sobre as mentiras do INDEC em uma nota chamada de “não credenciam um jornalista do *Clarín* para um encontro do INDEC”.

Em 1 de novembro duas cartas de leitores e duas notícias também carregaram o enquadramento. Em 2 de novembro há uma coluna de opinião de uma deputada opositora que coloca “eles que se acham donos da palavra e do relato...” e uma das cartas de leitores se

refere à leitura de um livro que lhe lembrou dos tempos em curso e coloca “o problema, possivelmente, não compreenda somente o artificial do relato senão aos enormes espaços que ocupa, quase menosprezando a razão e a verdade”. Também um artigo foi produzido desmentindo o desendividamento do qual “fala o governo”, assim como duas notícias no dia 3.

Em 4 de novembro a coluna de humor político também utilizou o enquadramento, bem como uma das manchetes da capa (a página da respectiva nota não formou parte do banco de dados e não foi considerada) e uma coluna. Nos dia 6 e 8, como foi dito, os editoriais reproduziram o enquadramento. Nesta última edição há também uma notícia comparando medições de consultoras com as do INDEC, abordando as notáveis diferenças, apontando para o descrédito do organismo estatal.

Gráfico 8 - - Presença dos temas “publicidades” e “mentira” no tempo



Fonte: elaboração do autor com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

Como mostra o gráfico 8, o enquadramento do governo como mentiroso possui uma presença constante durante todo o período do Pré-protesto, sem uma dinâmica de crescimento ou diminuição e sem se verem alteradas pela proximidade do evento de protesto, o que permite pressupor que isso faz parte dos enquadramentos de longo prazo do veículo. O pico de referências coincide com o aniversário da aprovação da LSCA em 10 de outubro. A ideia da mentira funciona como uma das chaves explicativas fundamentais do período. Como enquadramento de diagnóstico e de injustiça, o descrédito na ação governamental justifica, na visão do veículo, o interesse do governo no controle da imprensa e a necessidade da subsistência do *Clarín* como única fonte válida de informações objetivas.

Em primeiro lugar, foi desenvolvido o enquadramento de publicidades e mentiras.

Considerando suas partes isoladamente o enquadramento não é dos maiores, porém, a multiplicidade de sentidos que nele podem ser agregados aglutina um grande volume de referências. Foi considerado certo tipo de publicações que chamamos de “publicidades”; embora o conceito não indique um enquadramento específico, elas carregaram unicamente duas mensagens e, por isso, foram incluídas. “Quer saber a verdade sobre os disparates que falam sobre nós?” e “Quer conhecer os slogans da lei de médios e seu efeito real?” foram as mensagens difundidas repetidamente durante o período de pré-protesto. A publicidade divulgava o site do *Grupo Clarín* onde estava hospedado um vídeo que explicava a postura do grupo diante da LSCA e o enquadramento mobilizado era que o de que o governo era mentiroso (e por isso esse enquadramento foi analisado em conjunto), enquadramento também altamente difundido. Sobre as publicidades, reconhece-se que o número real pode ser algo maior do que o informado, já que a contagem manual das publicações, e incluída a disposição do material empírico, pode ter falhas. Porém, como foi visto, em colaboração com o resto do enquadramento de mentiras (INDEC, relato oficial, etc.) ele está muito presente no período.

Sinteticamente, enquadramento de publicidades e mentiras, considerando suas partes isoladamente, não é dos maiores, porém, a multiplicidade de sentidos que nele podem ser agregados aglutina um grande volume de referências. Foi considerado certo tipo de publicações que chamamos de “publicidades”; embora o conceito não indique um enquadramento específico, elas carregaram unicamente duas mensagens e, por isso, foram incluídas; “Quer saber a verdade sobre os disparates que falam sobre nós?” e “Quer conhecer os slogans da lei de médios e seu efeito real?” foram as mensagens difundidas repetidamente durante o período de pré-protesto. A publicidade divulgava o site do *Grupo Clarín* onde estava hospedado um vídeo que explicava a postura do grupo diante da LSCA e o enquadramento mobilizado era que o de que o governo era mentiroso (e por isso esse enquadramento foi analisado em conjunto), enquadramento também altamente difundido. Sobre as publicidades, reconhece-se que o número real pode ser algo maior do que o informado, já que a contagem manual das publicações, e incluída a disposição do material empírico, pode ter falhas. Porém, como foi visto, em colaboração com o resto do enquadramento de mentiras (INDEC, relato oficial, etc.) ele está muito presente no período.

4.4.2 “Violência”

O enquadramento de Violento, perseguição e intolerância foi dado ao governo e às organizações políticas e sociais vinculadas a ele através de uma série de matérias que apontaram para estas características nos funcionários do governo e militantes Kirchneristas, principalmente a *La Cámpora*.

La Cámpora é a principal organização política de apoio ao governo, caracterizada tanto por opositores quanto por seguidores, como uma organização composta principalmente por jovens. Embora a maioria deles se reconhecesse politicamente no peronismo, em 2012 ainda não faziam parte de nenhum partido. Posteriormente filiaram-se ao Partido Justicialista (PJ) com o intuito de favorecer o kirchnerismo controlando a estrutura partidária do peronismo (representada pelo PJ). Entre as suas principais lideranças encontra-se o economista Axel Kicillof (vice-ministro de economia), Máximo Kirchner (filho de Cristina e Nestor Kirchner), Andrés “*Corvo*” Larroque (deputado nacional), Juan Cabandié (deputado da cidade de Buenos Aires), Mariano Recalde (diretor da aerolínea nacionalizada *Aerolíneas Argentinas*) e José Ottavis (deputado do Estado de Buenos Aires)⁵⁶.

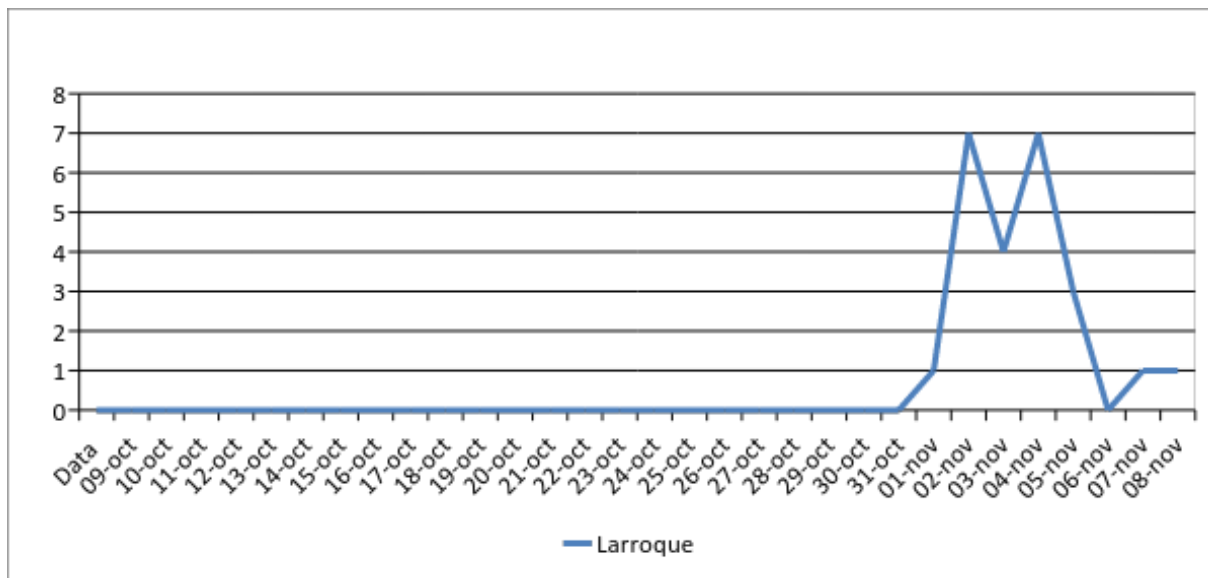
Como já foi explorado, o principal alvo desse enquadramento, no período de pré-protesto, foi Andrés “*Corvo*” Larroque que, após o tratamento do voto jovem no congresso, recebeu múltiplas referências. Além de ser enquadrado como violento, intolerante e desrespeitoso, na capa do dia 1 de novembro, o enquadramento foi repetido nas editoriais dos dias 2, 3, 4, 5 e na coluna de Borenztein do dia 4. Andrés “*Corvo*” Larroque (e por transitividade a agrupação *La Cámpora*) também foi enquadrado dessa forma em uma notícia no dia 1. No dia 2, uma nota do jornal uruguaio *El Observador* (reproduzida no *Clarín*), uma notícia chamada “Em Santa Fé, o kirchnerismo vá a fundo contra o socialismo”, uma coluna de Julio Blanck chamada de “o desborde *camporista* consegue unir o inimigo”, uma nota recolhendo depoimentos do Binner e dois artigos de opinião de deputados opositores, Ricardo Gil Lavedra e Margarita Stolbizer. No dia 3 foram publicadas duas notas e uma notícia, enquanto no dia 4 o enquadramento apareceu no vermelho do “semáforo”, em uma coluna e em uma entrevista (feita a Binner, líder do partido socialista). Assim, dia 5 foi publicada uma nota e uma coluna, dia 7 uma nota e dia 8 uma notícia.

Desde a votação no congresso até o Cacerolazo somente o dia 6 de novembro não

⁵⁶ As ocupações citadas se referem ao ano de 2012. Para conhecer melhor organização recomenda-se a leitura do livro “*Fuerza propia*”, da jornalista Sandra Russo (2014).

houve referências a Andrés “*Corvo*” Larroque, uma vez que esse dia foi o anterior às eleições presidenciais nos Estados Unidos e a edição do jornal focou-se principalmente nessa questão.

Gráfico 9 - Presença dos temas “Larroque” no tempo



Fonte: elaboração própria com base nas matérias do Clarín de 9 de outubro a 8 de novembro.

Deve-se considerar, no entanto, que junto com Larroque, a crítica foi dirigida à *La Cámpora* (nota *intolerância* do 15-10) e que além dele outros funcionários foram alvo do enquadramento de Violência. Assim como Guillermo Moreno (25-10), Florencio Randazzo também é indicado como violento no editorial do dia 7-11 por ter chamado de energúmeno os sindicalistas que realizaram uma greve de trem sem avisar que aconteceria, criando muitos problemas de deslocamento para os trabalhadores. Na mesmo editorial o ministro de relações exteriores, Hector Timerman, que teria enviado uma mensagem para uma jornalista, também é descrito da mesma forma quando se coloca que “o **ministro aceita como natural a ofensa e o maltrato**: esse é o estilo que Cristina cultiva e lhe impõe a ele e outros funcionários” (negrito no original).

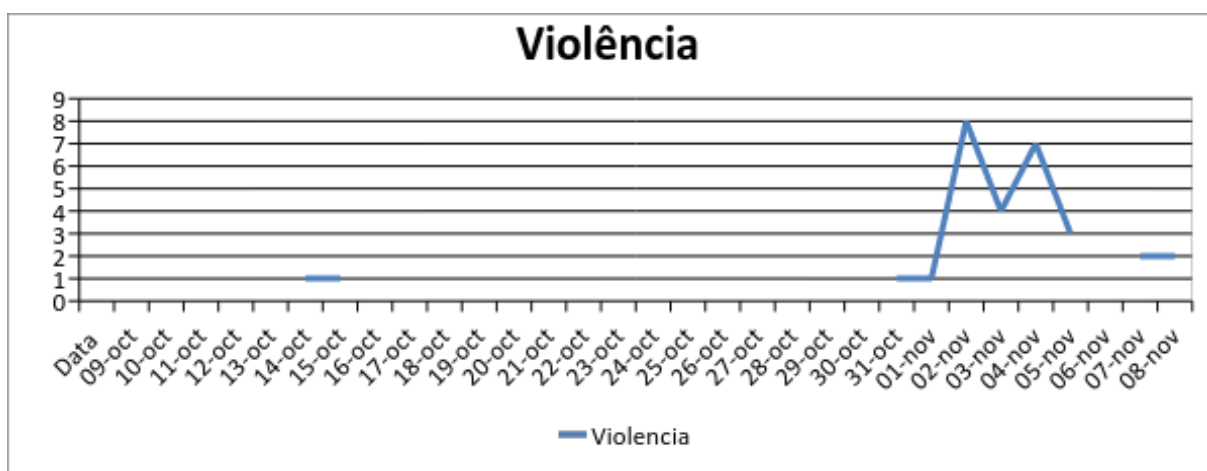
Nesse sentido, a violência, a intolerância e a perseguição foram atribuídas ao governo como uma entidade, e não como uma exceção dos funcionários apontados. Em uma matéria de 11 de outubro o governador do Estado de Cordoba, José Manuel de La Sota, aponta que “as pessoas estão cansadas de certo maltrato” e que “tem que se tolerar as distintas maneiras de pensar, senão se faz muito difícil conviver”, em referência ao governo.

Dias depois, em 23-10 uma notícia e uma nota sobre a reunião entre Mauricio Macri e o líder da CGT, Hugo Moyano, cita uma fala do político opositor que disse: “... vai ficando

mais claro que estamos do lado do diálogo e quem está do lado da confrontação e da divisão” (mesma citação na notícia e na nota).

O enquadramento de violência aparece também em uma notícia de 1º de novembro sobre as reformas que Cristina estaria levando à frente na casa de governo, as quais, para o jornal, tinham custos muito elevados (segundo notícias da edição anterior): "... diante a difusão da informação, Parrilli saiu ontem, além de para xingar este jornal e seus jornalistas, para esclarecer que as modificações eram maiores do que as noticiadas”.

Gráfico 10 - Presença do tema “Violência” no tempo



Fonte: elaboração própria com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

O enquadramento temático Violência inclui o enquadramento sobre Larroque, na lógica de que a alta ressonância que a sua declaração no parlamento teve não está orientada somente a criar uma percepção negativa do indivíduo e sim, como já foi dito, indicar a atitude como uma característica do governo todo. Como se vê, o enquadramento tem uma visibilidade ou saliência baixa no período, porém distribuída em todo ele. Entendemos que isso se deve em parte à flexibilidade do termo que ora torna-se instrumento do autoritarismo, ora produz medo. Por isso, no ponto 4.4.3 além dos materiais que se referem especificamente à sensação de Medo será considerado junto com ele e adicionado.

Sinteticamente, os enquadramentos de Violência e intolerância surgiram da grande visibilidade e interpretação que foram dadas às atitudes particulares de funcionários e militantes do governo e que acabaram sendo vinculadas à totalidade da administração. No período de Pré-protesto as figuras assim etiquetadas foram, principalmente, Andres “*Corvo*” Larroque e, em menor medida, Guillermo Moreno.

Durante a “crise do campo” em 2008 o militante social Luis D`elia, vinculado ao

governo, deu um soco em um manifestante anti-governista durante uma contra mobilização da sua organização. Esse foi o único ato de violência física protagonizada por kirchneristas, porém os enquadramentos de violência e intolerância foram amplamente divulgados ao longo dos anos. Embora não formem parte do banco de dados, inferimos que o xingamento e “tapa” que a deputada opositora Graciela Camaño deu no deputado kirchnerista Carlos Kunkel (em 2010) foram muito menos difundidos, tanto que lhe permitiram formar parte do FR, partido que denuncia a intolerância do governo.

4.4.3 “Medo”

Como “sensação” que é, o medo pode surgir em diversas matérias. De fato, a maioria dos enquadramentos de “violência e intolerância” poderia ser relacionada ao de medo. Porém, para a construção do enquadramento serão consideradas somente as referências diretas ao ele, quando depoimentos do tipo “não devemos ter medo” ou “o governo tenta nos atemorizar” forem utilizados.

Em 10 de outubro uma notícia sobre doutrinação numa fábrica do estado por uma enquete feita com os funcionários na qual se perguntava sobre questões ideológicas coloca-se que “diante o temor de serem demitidos alguns dos funcionários que tinham sido suspensos até sexta deram pra trás e responderam a totalidade das perguntas” (a matéria aponta que teriam sido suspensos por não querer responder às questões).

No dia 12 uma notícia sobre a pressão do governo à justiça coloca uma citação de um conselheiro do *Consejo da Magistratura* que disse: “Não devemos ter medo da cadeia nacional, nem dos depoimentos do ministro, porque não estamos no Conselho para ter medo, senão para fazer o que for certo”. Também na referida edição uma notícia sobre a pressão na imprensa coloca que “**o 7 de dezembro é a data limite para a liberdade de imprensa**. Os meios deveriam unir suas vozes contra essa ameaça intolerável à prensa independente” (negrito no original). Finalmente, uma carta de leitores comparou a repressão da ditadura militar diante do dissenso ideológico com a ação do governo de Cristina frente à mesma situação e apontou que “não há que ter medo nem abaixar a cabeça diante de ninguém, temos que defender o que pensamos”.

Em 14 de outubro, na coluna humorística, coloca-se que quando a presidenta faz anúncios da sede do governo todo mundo entra em pânico, porque irá repreender alguém,

especialmente seus funcionários. Na mesma edição uma notícia sobre a Fragata Libertad coloca, sobre conflito entre dois funcionários: “o estilo Moreno **tem-se imposto na Cancilleria**. Os funcionários vivem com pânico” (negrito no original).

No dia seguinte, 15 de outubro, um artigo sobre a aprovação da lei antiterrorista e o uso que o governo kirchnerista faria dela na perseguição dos seus *inimigos* aponta que “... as medidas antiterroristas produzem um impacto simbólico desolador na sociedade toda. Sabe-se: a inimizade estatal devém, ela própria, assustadora”.

No dia 17 de outubro uma notícia confirmou o envio de uma missão da SIP à Argentina e foi colocada uma citação do documento difundido pelo organismo onde se afirma que “na argentina regem uma série de resoluções governamentais, manobras judiciais, depoimentos injuriosos e assustadores por parte de funcionários públicos e que se juntam a medidas de fato contra os médios e a ameaças e ataques físicos contra jornalistas”.

No dia 18, uma notícia sobre o conflito com a justiça coloca uma citação da associação de magistrados que disse: “a negativa de Recondo (funcionário kirchnerista) e as denúncias sobre ameaças de possíveis represálias contra os magistrados pelo conteúdo das suas decisões, **trazem o temor justificado da interferência** em decisões judiciais...” (negrito no original). E também é publicada uma carta de leitores que faz referência à fala da presidente conforme a qual deveria se ter medo dela (o enquadramento é explicado mais na frente). Em uma notícia sobre a possível candidatura de Gabriela Michetti (PRO) são colocadas falas de referências do PROA os quais mencionam Cristina dizendo “não te temos medo”.

Dia 20, em uma notícia já referida sobre uma reunião na qual se pediu a unidade da oposição, é colocado como um dos temas discutidos “o medo do governo”. Dia 26, em uma notícia sobre o conflito entre o senador Morales⁵⁷ e a dirigente social Milagro Sala⁵⁸, militante social kirchnerista, o senador apontou que sobre a candidatura de Sala em 2013 “não nos assusta”. No mesmo dia uma notícia econômica coloca que “o projeto de lei para a reforma do mercado de capitais dividiu a *city porteña* entre os que veem novas oportunidades de negócios e entre os que temem o avanço do controle kirchnerista”.

Em 3 de novembro uma notícia sobre pressão na justiça mobiliza tanto os enquadramentos de perseguição como de medo e coloca: “se de verdade, o jurista quer saber sobre meter medo, deveria dirigir seu olhar para o Ministério de Justiça”. Em 4 de novembro

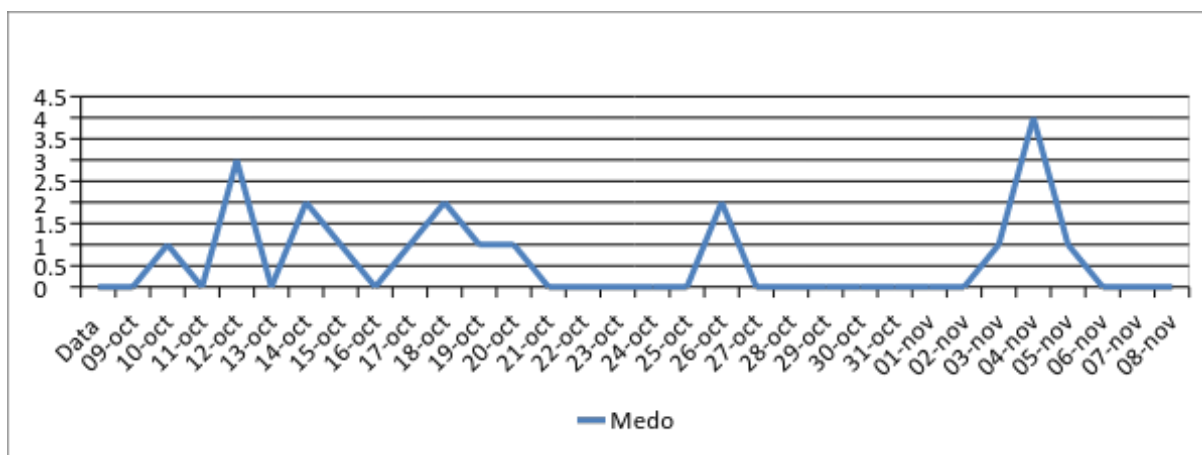
⁵⁷ Desde 2016, governador de Jujuy.

⁵⁸ Desde 2016, presa política do governador em Jujuy.

uma notícia sobre articulação política do PRO colocou em seu subtítulo uma fala de Macri que chamou a “perder o medo”.

Finalmente, uma carta de leitores do dia 5 de novembro aponta que na instalação de uma tirania “uma das ferramentas muito usadas são os grupos afins ao governo com a capacidade de impor medo nos que o criticam...”.

Gráfico 11 - Presença dos temas “Medo” no tempo

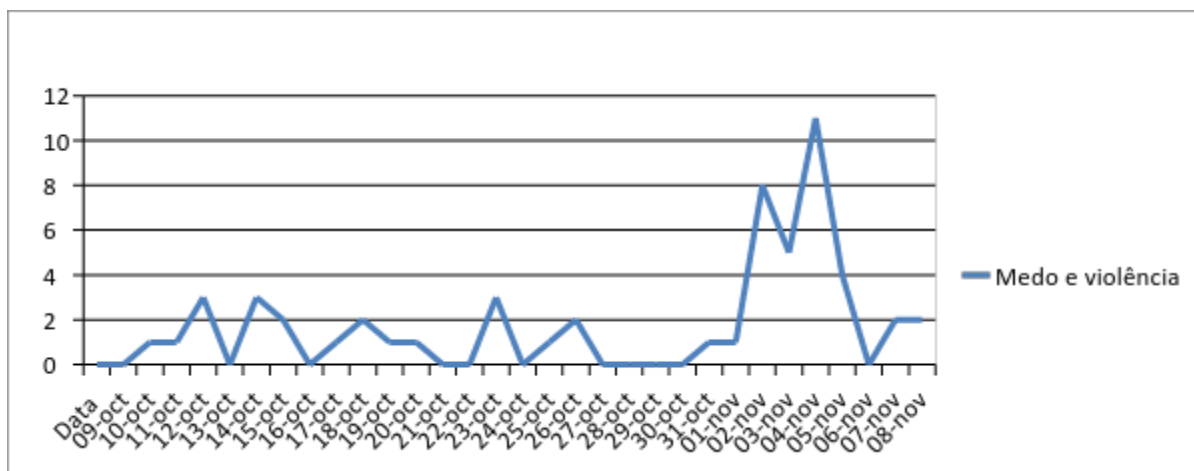


Fonte: elaboração do autor com base nas matérias do Clarín de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

Como ficou claro na descrição das matérias que compõem o enquadramento de medo, este está mais presente, inclusive, no que diz respeito à violência. Isso pareceria indicar que o medo surge ligado mais às formas de governar do que às atitudes violentas e intolerantes do governo. Como as citações mostram, o medo surge muitas vezes pelas possibilidades de que aconteça alguma coisa tida como negativa. Finalmente, também está vinculado à suposta fala ameaçadora da presidenta (o caso é melhor explicado no ponto 7.2).

O medo é um enquadramento que por si só diz pouco. Ele costuma-se vincular a outros enquadramentos. Porém, os depoimentos, que serão analisados mais à frente, e algumas notícias sobre a perseguição da agência de arrecadação de impostos sobre os opositores dão um mínimo de sustento à criação da sensação. Como dito, o medo é mais da possibilidade das coisas acontecerem do que de coisas que têm acontecido, e vincula-se ao autoritarismo e à violência.

Gráfico 12 - Presença dos temas “Medo e violência” no tempo



Fonte: elaboração própria com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

Considerados como uma unidade, o medo e a violência constituem-se em um dos enquadramentos temáticos mais presentes e salientes. A curva possui um pico no final do período de Pré-protesto, vinculada, principalmente, à “intolerância” dos depoimentos de Larroque, mas com contribuição do Medo, que também aumenta nos dias anteriores à manifestação.

4.4.4 “Populismo”

Populismo foi um enquadramento dado ao governo sem maiores especificidades. O conceito é utilizado com o significado dado pelo uso no sentido comum, que está negativamente vinculado a políticas sociais, clientelismo e demagogia. Além disso, a negatividade atrelada a ele somente pode ser dada para governos de esquerda. Embora a academia (CANOVAN, 2005; CASULLO, 2009, 2014; DE LA TORRE, 2009; LACLAU, 2005; WATSON, 2014; WEBER, 1993) tenha desenvolvido e estudado o conceito, midiaticamente ele conserva esse sentido negativo. Para a filtragem das matérias que constituem o enquadramento foram selecionados os trechos em que se aponta que o governo ou suas ações são populistas.

No editorial do dia 12 de outubro foi identificada já a primeira referência ao populismo do governo, com a seguinte fala de Ricardo Roa sobre o uso que o ministro da educação fez do seu twitter: “... mostra as diferenças entre políticas educativas progressistas de governos de distinto signo ideológico e que procuram melhorar a qualidade com outra de caráter populista...”. No mesmo dia, uma das cartas de leitores aponta que “A impunidade, a

insegurança jurídica, a irrelevância do Banco Central, a inflação fora de curso, o populismo demagógico, etc. não são acontecimentos casuais”.

Em notícia de 20 de outubro, focada na reunião do IDEA é chamada de “Pepe Nun: O populismo destruiu as instituições”, a jornalista indica que um ex-funcionário do governo (Pepe Nun) concentrou a atenção do público ao dizer que “a corrupção está se tornando normal... e o populismo destruiu as instituições”. Após sua participação no IDEA, Nun será chamado a fazer uma entrevista no canal TN. Posteriormente, o próprio veículo noticiou a entrevista no dia 27 de outubro numa nota chamada de “Para Nun, no governo *há inclinações populistas*”.

Em uma notícia do dia 28 de outubro, onde o senador Sanz realiza diversas críticas ao governo, aponta-se que “(o senador) fez uma forte crítica ao governo nacional pela sua orientação *populista*...”.

Na referida coluna do dia 2 de novembro (*o desborde camporista*⁵⁹ *consegue unificar o inimigo*) coloca-se também que:

“o desenho completo (estratégia de reeleição do governo) está sustentado na popularidade da Presidenta que alguns imaginam inoxidável, na reafirmação constante da relação populista líder-massa e desde já, no muito abundante orçamento destinado para esses fins com recursos do estado, quer dizer, de todos”.

Também nesse dia uma nota se refere à publicação de um documento chamado de “eles e nós”, por parte de um político da oposição não identificado, a divisão se refere à polarização populista que no mesmo dia foi noticiada na nota sobre De La Sota. Foi publicado, também, um artigo do jornalista Daniel Muchnik no qual aponta, entre as justificativas para se mobilizar, “A inflação, a imprevisibilidade, os *caprichos*⁶⁰ dos que mandam, as injustiças, o populismo autoritário, o sistema vulnerado”.

No dia 3 de novembro foi publicada uma entrevista com Corina Machado (representante da oposição venezuelana a Hugo Chávez), onde se apontou para o populismo argentino ao responder à questão feita pelo jornalista “como explica que Chávez tenha ganho as eleições com o 54% dos votos?”. A ex-candidata disse que “É um regime populista

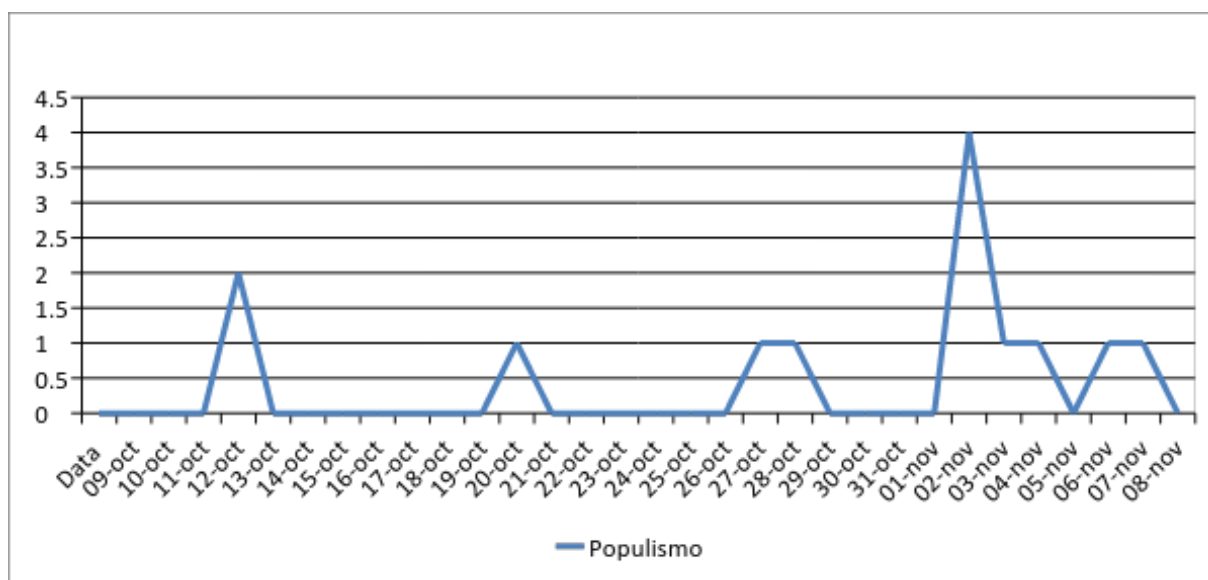
⁵⁹ Militantes da agrupação política La Cámpora.

⁶⁰ Em espanhol a palavra se refere a ações feitas intempestivamente, irracionais. Geralmente utiliza-se a palavra para definir as ações das crianças (exemplo: “a criança se *encaprichó* com o brinquedo e não vai soltá-lo”).

baseado já não no clientelismo político senão no medo”, e em seguida adiciona que “E esse processo pode se repetir na Argentina”.

No dia 4, com uma nota chamada de “Radicais contra o ‘populismo’”, o enquadramento continuou presente. No dia 6 foi publicada uma notícia sobre as opiniões de Ernesto Laclau o qual foi referido como o “teórico do populismo admirado por Cristina Kirchner”; embora a interpretação do termo dada nos trabalhos do autor seja diferente da utilizada no jornal, isso não foi esclarecido, vinculando-se o termo, da forma que foi referido inicialmente, à Cristina Kirchner. No dia seguinte, em uma coluna chamada de “véspera do dia menos desejado pela Cristina” os depoimentos de Laclau e o vínculo populismo-kirchnerismo foram novamente lembrados.

Gráfico 13 - Presença do tema “populismo” no tempo



Fonte: elaboração do autor com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

O enquadramento populista por si só não reflete nenhuma atitude do governo e só precisa da interpretação do jornalista que redige as matérias para existir. Ele é utilizado para descrever negativamente o governo e desqualificar as políticas sociais aplicadas. No caso das críticas ao ministro de educação citadas acima, o tweet caracterizado como populista pelo autor se referia à entrega de *guardapolvos*⁶¹ que os ministros de educação e desenvolvimento social fizeram em um bairro de classe baixa. O enquadramento, com 4 referências no seu ápice, não é dos mais salientes, porém cresce nos dias anteriores ao Cacerolazo.

⁶¹ O *guardapolvo* é uma bata branca que as crianças das escolas públicas argentinas devem usar. A vestimenta, popularizada a partir dos anos 1914/5 nas escolas do Estado de Buenos Aires, tornou-se de uso obrigatório em 1942. O objetivo da instauração do *guardapolvo* era igualar as crianças dentro da escola, numa época em que as diferenças de classe eram percebidas fundamentalmente pela vestimenta.

O populismo foi um dos enquadramentos/significantes mais vazios (LACLAU, 2005), transmitindo uma ideia de demagogia, mentira e negatividade, mas sem maiores precisões sobre o sentido do termo. Carecendo de definições, a etiqueta de “populista” pode ser colocada em qualquer um e serviu como mais uma forma de desqualificar os funcionários governistas. Os populistas e os políticos “sérios” costumam ser entendidos como os dois extremos de um contínuo.

4.4.5 “Argenzuela”

Argenzuela é a união semântica da Argentina com Venezuela (imagem 37). A ideia é que as ações do governo kirchnerista procuram levar a Argentina para uma situação similar à venezuelana, considerada indesejável. Fora das seções específicas (Política, economia), poucas referências foram feitas ao governo nacional. Porém, a seção internacional apresenta, nesse sentido, uma particularidade: quando as notícias informam sobre acontecimentos em países cujos governos têm sido enquadrados negativamente pelo veículo (Cuba, Bolívia, Equador, e principalmente Venezuela) as referências a seus vínculos com a Argentina e as similitudes dos governos são ressaltadas.

É importante ressaltar que durante o período analisado aconteceram as eleições presidenciais nos Estados Unidos, e a cobertura internacional focou muito no tema, o que deixou pouco espaço para outras notícias.

Nesse sentido, as matérias que constituem o enquadramento provêm tanto de matérias sobre os ditos países quanto de comparações feitas com eles em notícias sobre a Argentina. Durante os dias 9 e 10 de outubro foram publicadas diversas notícias sobre a detenção do jornalista Jorge Lanata na Venezuela e a inação do embaixador argentino para libertá-lo. Porém, não foram consideradas como referências de vínculos entre os governos.

Inicialmente, na coluna no dia 9 de outubro em “Chávez e os desafios da sua herança”, articulam-se as situações político-econômicas da Argentina, Venezuela e Bolívia. Sobre a vitória eleitoral do Chávez e o fato de ter vencido com 54% dos votos nas eleições (porcentagem coincidente com a obtida por Cristina Kirchner em sua reeleição), foi dito:

“Há uma extensão de confiança, mas o risco é traduzir isso num cheque em branco. A região já tem visto que um voto massivo é uma lâmpada que pode empalidecer rapidamente diante das sombras de uma economia que torna-se débil e perigosa e com uma sociedade que

deixa de ser escutada. Em Bolívia onde o presidente se reelegeu com ainda mais do que esses porcentagens, há uma tensão social crônica medida em protestos de centenas pelo desastre persistente na distribuição da renda. Argentina recente é outro exemplo de até que ponto um notável impacto eleitoral não tem sido suficiente para diluir questões críticas da realidade que se fazem palpáveis de qualquer forma, embora o poder assim não queira”.

Na mesma edição, na matéria intitulada de “O *cristinismo* festejou como próprio o triunfo do Chávez”, foram levantados também os vínculos entre os dois países e, inclusive, os tweets que Cristina enviou parabenizando a vitória de Chávez.

Em 10 de outubro, em uma matéria chamada de “um imperioso e necessário grito sagrado”, o autor coloca que “O socialismo bolivariano - um arranjo estatista cheio de inflação e insegurança - inspirado no **perdurável sucesso da revolução Cubana**... colheita imitadores nos governos de Equador, Bolívia e Argentina” (negrito no original). E na mesma edição, a coluna do editorialista Eduardo Van Der Kooy - “A atitude do governo torna-se suspeita” - chamou a atenção para o tema ao dizer que “Se o espelho preferido do governo é a Venezuela, como ficou demonstrado após a indiscutida vitória do Hugo Chávez, não haveria que desconsiderar a tentação de algum reflexo extraído do processo do Equador”. Até o final dessa edição faz-se novamente referência à relação da Argentina com Venezuela em uma carta de leitores onde o autor reclama das felicitações dadas pela presidente Kirchner ao presidente Hugo Chávez (o tweet publicado na edição anterior). A mensagem, difundida no Twitter oficial da presidente, será também compartilhada pelos grupos de Facebook que organizaram as mobilizações (*El Cipayo* 8-10). Ainda na mesma edição, em uma notícia sobre a reunião de Cristina com o sindicalismo, destacaram-se os parabéns dados pela presidente ao líder venezuelano.

Na coluna do dia 15 de outubro, chamada de “A re-re- com roteiro *progre* e eixo conservador”, o autor aponta que “o caso venezuelano e especificamente a atração que produz para o oficialismo são elementos dos mais ricos para a leitura do projeto local de reforma” após ter dito que o modelo de governo venezuelano, diferente de outros como Brasil e Uruguai que se exibem como modelos de “**continuidade do modelo com distintas figuras**” (negrito no original). Dito de outro modo, “Chávez só pode ser sucedido por Chávez de maneira ilimitada...” e lá, “o cristinismo prefere se olhar no exemplo da Venezuela, e talvez Equador, antes do que Brasil e Uruguai”.

Na coluna do Marcelo Bonelli, publicada no dia 19 de outubro e chamada de “A inflação algo que perturba os sonhos de eternização”, o analista critica as medidas adotadas

para controlar a alta inflação Argentina, e coloca que “o medo que existe é que este maior seguimento de custos se transforme em um controle total de preços como o que decidiu impor Hugo Chávez antes das recentes eleições presidenciais”. Como se vê, essa coluna mostra a vinculação entre os vários enquadramentos temáticos: o medo por algo que poderia chegar acontecer, a vinculação com a Venezuela e, finalmente, a inflação que é indicada como o principal problema econômico no período.

No dia seguinte, Marcelo Cantelmi, em sua coluna “De república de leis a uma democracia de imperadores” em que analisa a situação da Venezuela após a vitória do Chávez, aponta que “a ideia de que a defesa da república e das instituições é um desvio conservador e que não deve haver intermediários na relação entre o líder e a massa é uma noção oportunista e reacionária que tem ficado à moda entre os venezuelanos e no nosso país...”.

Numa notícia publicada no dia 1 de novembro, a Associação Internacional de Radiodifusão (AIR)⁶² denunciou pressões em diversos países da região, vinculando os cenários de Argentina, Venezuela e Equador. Junto com essa notícia foi incluída uma nota na qual se destaca a entrega por parte da AIR de um prêmio pela “trajetória a favor da liberdade de expressão” a Hector Magnetto, CEO do *Clarín*. Uma carta de leitores publicada no mesmo dia recolhe os argumentos lançados na coluna do dia 9 de outubro - “Chávez e os desafios da sua herança” - ao criticar a posição do dirigente social Luis D’elia, o qual disse que após a vitória do Chávez, Cristina não tinha nenhum impedimento para se candidatar novamente.

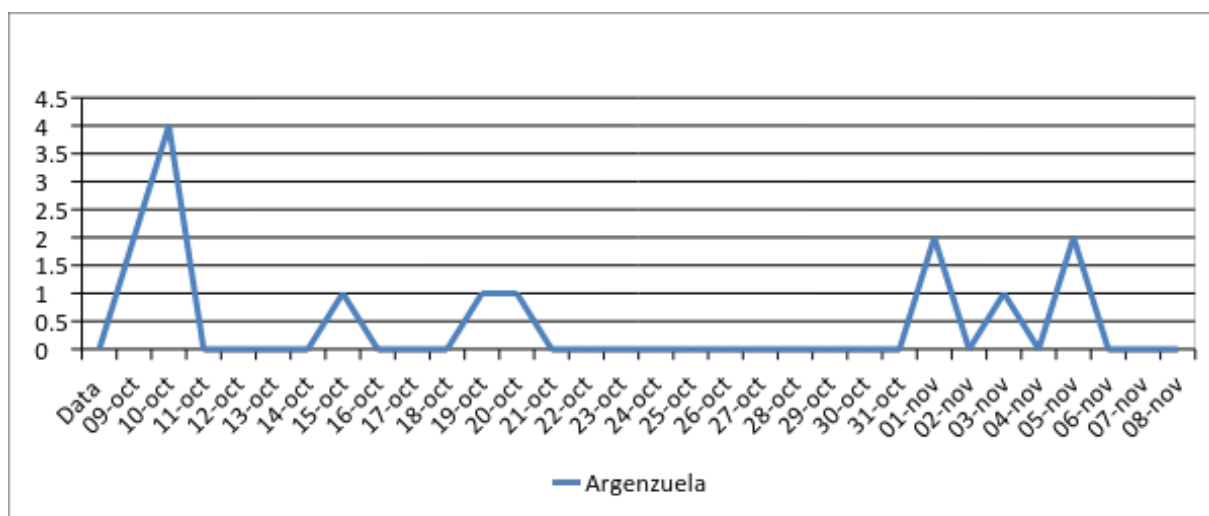
Na já referida entrevista com Maria Corina Machado, em 3 de novembro, a opositora venezuelana, ao ser consultada pelo entrevistador pelas “similitudes entre o fenômeno político do Kirchnerismo e o Chavismo”, responde que “são dois regimes com vocação de permanecer no poder de forma indefinida e para isso necessitam controlar a justiça e a mídia”.

No dia 5, em uma notícia focada na ação conjunta dos deputados opositores contra a reforma da constituição, referida anteriormente, recuperou-se a fala de um deputado que disse: “vamos defender a constituição até as últimas consequências, e não vamos permitir que instalem na Argentina o modelo do Chávez”. A notícia é acompanhada de uma nota chamada de “comparam Chávez com Cristina” onde é citado o opositor venezuelano Henrique Capriles, que fala: “certamente vemos que o governo argentino tem tomado decisões similares às tomadas no seu momento pelo governo venezuelano, como o controle cambiário e as

⁶² Instituição constituída pelas televisões e rádios privadas da América.

restrições nas importações”.

Gráfico 14 - Presença do tema “Argenzuela” no tempo



Fonte: elaboração do autor baseada nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

Os vínculos entre a Argentina e Venezuela constituem um enquadramento temático de longa produção, e certamente o recorte da pesquisa não reflete sua realidade. Além disso, consideramos que a eleição presidencial dos Estados Unidos, realizada em 6 de novembro, concentrou a maior parte da atenção, e espaço da cobertura, na seção internacional durante o período de Pré-protesto. Contudo, percebe-se o crescimento das referências ao enquadramento nos dias anteriores ao evento de protesto. É importante considerar que a descrição do governo venezuelano, mesmo que sem ser comparada à Argentina, serve para a construção da ideia do populismo como uma situação indesejável/danosa. Nesse sentido, há uma contribuição indireta para o enquadramento de populismo a partir matérias sobre a Venezuela nas quais a Argentina não é referida.

O enquadramento Argenzuela se refere ao vínculo político/ideológico estabelecido entre o governo argentino e os governos da Venezuela (principalmente), Equador, Bolívia e Cuba. Assim, o alcance das críticas feitas aos governos desses países, embora não diretamente, foram também feitas ao governo argentino. O autoritarismo, a crise econômica (inflação) e a insegurança foram alguns dos problemas identificados pelo veículo que vincularam os governos “bolivarianistas” à Argentina. Porém, como foi apontado nas entrevistas, uma ideia central foi a “inspiração”, o governo argentino estaria se inspirando nas decisões tomadas por outros países (especialmente de modificar a Constituição), onde conseguiram ter sucesso, para levar à frente um plano de governo que, no fundamental, seria o mesmo em todos os países do grupo.

4.4.6 “Reforma constitucional – re re eleição”

Nos depoimentos dos organizadores dos protestos, impedir a reforma constitucional foi uma das principais (ou a principal) demandas que mobilizaram a população nos Cacerolazos. Segundo eles, a demanda somente refletida em seus posts na internet, proveio da cidadania. Na sequência veremos o grau de saliência que o enquadramento teve no veículo, o que poderia indicar o nível em que esta demanda cidadã foi, ou não, promovida pela mídia corporativa.

Embora uma aliança circunstancial de partidos da oposição firmasse acordos para a não aprovação de nenhuma reforma constitucional e não houvesse condições nas quais o governo pudesse impulsionar uma reforma do tipo (visto que a quantidade de deputados próprios era menor à necessária para dar início à reforma constitucional), o enquadramento não perdeu força nem saliência no jornal. Discursivamente, a reforma constitucional (cujo único objetivo teria sido a habilitação da reeleição permanente de Cristina Kirchner) estava fundamentalmente vinculada à pressão no poder judiciário e no legislativo (incluídas no enquadramento de autoritarismo), uma vez que o argumento do veículo vinculava a aprovação da LSCA (que prejudicaria seus interesses particulares) à limitação da liberdade de imprensa com a reeleição e reforma constitucional (que desde o governo Menem tem um baixo apoio). Sinteticamente, precisaria controlar a opinião pública para conseguir reformar a constituição, e isso só seria possível se os juízes aprovassem a LSCA.

Isolado desses enquadramentos intimamente ligados a ele, a reforma constitucional-reeleição teve 65 referências na codificação inicial no Nvivo, o que o converteu em um dos enquadramentos mais importantes.

A primeira das referências identificadas no enquadramento aparece no dia 9 de outubro em uma notícia onde, entre vários depoimentos, é colocada a fala do dirigente social Luis D’elia, o qual opinou que “agora não deveria haver nenhum impedimento para a reeleição da Cristina” (a mesma que, como foi citado acima, motivou uma carta de leitores).

Posteriormente, no dia 11 de outubro, na forma de nota de opinião de um ex-secretário da área legal e técnica do Ministério de Economia, com o título “não é legítima uma reforma sem consenso”, aponta-se que “a reforma que postula o oficialismo é incerta, salvo para propiciar a reeleição indefinida...”. Seguidamente, no dia 12, em uma coluna, analisam-se as

táticas do governo onde a reeleição de Cristina consta como a primeira opção. Na referida notícia, do dia 13 de outubro, sobre a atividade do sindicalista Moyano, é citada uma fala dele a qual aponta que “o que está se dando é um governo que tenta ser reeleito indefinidamente”.

Posteriormente, no dia 15 de outubro, na referida coluna “A re-re- com roteiro *progre* e eixo conservador” o argumento será acompanhado por uma notícia, uma nota e outra coluna.

Já no dia 17, o enquadramento aparecerá em nota e uma notícia (chamada de “segundo Kunkel, a re-reeleição será analisada no ano que vem”).

No dia 18 a notícia “a *Cámpora* quer consolidar e eternizar a administração kirchnerista” será a primeira de duas notícias, um artigo e uma nota, que nesta edição terão o tema presente. Uma coluna no dia seguinte aponta que a própria Cristina teria dito “esqueçam a questão”, sobre a reeleição, em uma reunião com a diligência de *La Cámpora*, apontando que o grupo teria mais interesse que a própria presidente na reeleição. O autor inclusive arrisca as razões pelas quais Cristina não desejaria continuar no poder: cansaço após muitos anos governando sozinha “lidando com uma equipe ineficiente” ou pela sua percepção de um clima social contrário. Na maioria das referências sobre a reeleição, o desejo de Cristina de se eternizar no poder é a principal explicação que justifica a procura pela reforma da constituição, o que, nesta coluna, não é considerado. Inclusive, se mostra que na intimidade a presidente não tinha esse desejo, já que a reunião com *La Cámpora* não tinha caráter público. Percebe-se, então, que o veículo permite-se utilizar dois argumentos contrários para a explicação da mesma situação: a procura pela reeleição.

No dia 20, em uma nota, o dirigente socialista Binner aponta que “temos que frear a reeleição”, e no dia 21 o enquadramento aparece no editorial e na coluna humorística (embora o autor duvidasse da viabilidade da reforma). No dia 22 o enquadramento apareceu de novo no editorial. Posteriormente, em 23 de outubro, com duas notícias e uma nota onde se recolhe o depoimento do titular da câmara de deputados Julian Dominguez, que disse que “não era oportuno falar na reeleição da Cristina”, o jornalista aponta que o deputado não descartou analisar “depois” a questão.

Em seguida, em 25 de outubro, foram publicadas uma nota e uma notícia nas quais se relaciona o freio posto à reforma constitucional do Estado de Mendoza com o contexto nacional. Em 26 do mesmo mês foram publicadas uma notícia e uma nota as quais fazem referência a um funcionário do governo (De Vido, Ministro de Planejamento) que, em uma

reunião com os prefeitos das cidades do Estado de Chubut, chamou a “se pôr a camiseta do governo para ganhar as eleições no ano próximo” e logo “consolidar o sucesso em 2015 para que se acabe afiançando em 2019 a verdadeira refundação da argentina”, o que foi interpretado pelo jornalista como uma “clara *arenga* para a obtenção da re-reeleição”.

No dia 27 a necessidade de “unir forças para frear a re reeleição” chegou de novo à capa e à notícia correspondente, mas também foi incluída em uma notícia e uma nota (de um jornal britânico) reproduzida pelo veículo. No dia 28 o enquadramento apareceu no editorial, onde foi sintetizado o argumento vinculando à LSCA e à reforma constitucional, como no início da presente seção. O enquadramento também foi publicado em uma notícia e no semáforo.

Um artigo da deputada opositora Elisa Carrió e uma coluna deram lugar ao enquadramento no dia seguinte (29 de outubro), e no dia 30 uma matéria sobre a aprovação de uma lei (que iria confrontar os setores do kirchnerismo) trouxe de novo o enquadramento. Também apareceu uma notícia e numa nota de O globo, jornal brasileiro, reproduzida no veículo. Já no dia 31 uma notícia sobre a aprovação do voto jovem relacionou a lei com a estratégia de reeleição do governo.

Em 1º de novembro o enquadramento apareceu na capa do jornal (e na notícia correspondente) em relação ao compromisso de 28 senadores para a não aprovação de nenhuma modificação constitucional. E também na carta de leitores (referida em 4.4.5) que vincula a reeleição de Chávez e de Cristina no olhar do dirigente social Luis D’elia.

No dia 2 de novembro foi publicada no editorial onde colocou-se: “o oficialismo tem problemas e, pensando nas eleições do ano próximo e, basicamente, nas possibilidades de atingir a reforma da constituição tem começado operar abertamente tentando modificar a adversa situação que enfrenta”.

Além de o enquadramento aparecer no editorial do dia 3 de novembro, ele apareceu numa notícia sobre o governador de Santa Cruz, que se propôs a modificar a constituição do estado para “acabar com a reeleição indefinida”, já que dois “mandatos são suficientes”. O governador, opositor do kirchnerismo, fez esses depoimentos após realizar várias críticas ao governo nacional.

No dia 4 de novembro o enquadramento teve uma importante saliência, aparecendo na manchete principal da capa (e na notícia correspondente) e no editorial, também na referida entrevista com Binner e em mais uma notícia. Além do editorial no dia 5 de novembro, duas

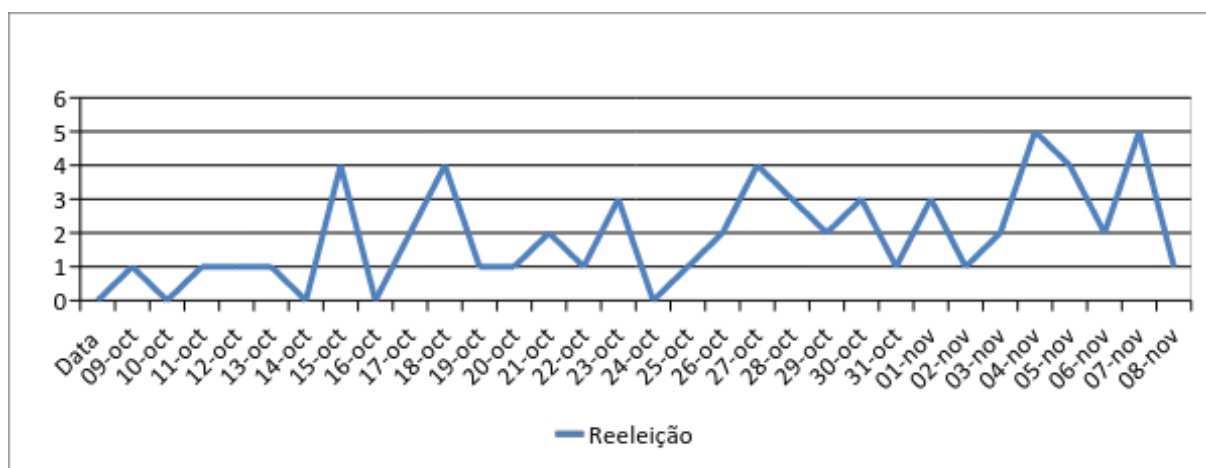
notícias cobrindo as ações dos políticos da oposição para frear as estratégias *reelecionistas* foram publicadas. Além disso, um artigo também contribuiria na difusão do enquadramento.

No dia 6 de novembro uma notícia relativa à mobilização do 8N colocou o enquadramento como uma das demandas do protesto, enquanto que outra notícia cobriu as ações dos deputados opositores que assinaram o acordo de não modificação da constituição.

No dia 7, a ação dos deputados foi uma das manchetes da capa, acompanhada pela notícia correspondente e mais duas notícias (sobre o protesto do dia seguinte) que identificaram o enquadramento como uma pauta da mobilização e uma coluna.

Finalmente no dia 8, dia do protesto, uma notícia informando a posição da oposição diante a mobilização colocou o enquadramento como uma das pautas principais dos manifestantes.

Gráfico 15 - Presença do tema “reeleição” no tempo



Fonte: elaboração do autor baseada nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

As referências à reforma constitucional/reeleição reunidas na presente subseção mostram uma saliência e visibilidade do tema constante no período de pré-protesto, com uma leve tendência ao aumento até o final de tal período. É interessante destacar também que parte do crescimento das referências responde à importância que o veículo dá ao tema na sua interpretação das motivações para a mobilização. Inclusive, antes da mobilização acontecer, mesmo sem nenhuma organização à qual poder referir-se, o *Clarín* “consegue identificar” as demandas que mais interessam à população. Por outro lado, contrariamente aos depoimentos dos organizadores referidos no início da subseção, percebeu-se que somente em um grau marginal a questão é impulsionada pela “cidadania” (em forma de carta de leitores). A reforma constitucional constitui um dos temas centrais do período para o jornal. Mesmo sendo

praticamente inatingível o medo e a desconfiança no governo, fazem com que somente a ideia da reforma seja uma grande ameaça (veja-se o editorial do dia 22 de outubro). Como foi assinalado, é um dos eixos do enquadramento “a democracia em perigo”.

4.4.7 “Corrupção”

A corrupção dos funcionários do governo e seus militantes foi um dos enquadramentos mais produzidos no período. Para sua construção foram consideradas aqui tanto as matérias nas quais a palavra corrupção foi utilizada quanto notícias que se referiam ao uso indevido de recursos estatais ou denúncias na justiça. O volume do enquadramento demanda uma atenção diferente dos outros destacados até agora, já que na classificação original no Nvivo tiveram 90 referências, que não poderão ser esmiuçados exhaustivamente aqui como nos outros enquadramentos temáticos. Buscaremos, então, destacar uma referência para cada um dos dias do período de Pré-protesto para apontar a consistência da aparição do mesmo.

As editoriais dos dias 11, 17 e 20 e a coluna de Lanata do dia 13 de outubro mobilizaram a noção de corrupção do governo através dos mecanismos que o mesmo teria utilizado para achar culpados pela crise dos Gendarmes e Prefectos no que foi considerado como a combinação das ideias de Corrupção e Mentira. O editorial do dia 18, por sua vez, também apontou para enquadrar como corrupto o vice-presidente Boudou.

Tanto o editorial quanto a coluna do dia 27 de outubro se referiam à corrupção de funcionários do governo diretamente, no primeiro apontando para os processos iniciados contra o vice-presidente, e na coluna se referindo tanto ao vice-presidente quanto à ex-ministra de Economia, Felisa Miceli.

No editorial do dia 28, falando-se do projeto *eternizador* da presidente, fez-se referência a diversos processos e denúncias existentes contra funcionários do governo que, para eles, conforme o olhar do jornalista, não seria relevante diante dos objetivos históricos (o relato governista) que tem se proposto.

A coluna de Lanata de 3 de novembro denuncia o uso de recursos públicos para o traslado do filho da presidenta até uma clínica onde realizou uma operação no joelho. E, por meio do humor, a coluna do dia 4 aponta para a corrupção dos ministros e outros funcionários.

No editorial do dia 7 de novembro a ideia de corrupção está dada pelo uso que o

governo faz dos recursos da ANSES que, segundo o autor, “**vai para destinos diferentes dos que deveria ir**” (negrito no original).

No restante dos dias o enquadramento não apareceu nem nos editoriais, nem nas colunas, mas esteve presente em diversas matérias do jornal.

Uma notícia sobre as investigações da auditoria geral da nação e das estratégias do governo para freá-las foi publicada no dia 9 de outubro. Na capa do dia 10 há uma referência à corrupção de Boudou (logo desenvolvida na matéria correspondente) na qual colocam: “para se proteger do escândalo (Boudou) tinha denunciado ao ex- procurador Righi e ao presidente da Bolsa, entre outros. Um juiz arquivou todos os processos”.

Além do editorial do dia 11, foram publicadas duas notícias, a primeira dando continuidade à cobertura das ações do governo em relação à auditoria geral da nação e a segunda sobre um processo iniciado contra um funcionário público.

No dia 12 foram noticiadas duas denúncias contra a presidente Cristina Kirchner. A primeira, por “descumprimento de deveres de funcionário público”, feita pela deputada Elisa Carrio (ARI – Coalición Civica), e a segunda, feita pelo Julio Martinez (UCR), por sonegação de impostos. Nessa edição mais uma notícia e uma nota foram publicadas contendo o enquadramento.

No dia 13, já referido, foi produzido também um artigo, uma coluna e duas notícias. O dia 14 contou com uma entrevista ao auditor geral da nação, e a suposta intenção do governo de removê-lo para impedir o avanço das suas investigações, representando a corrupção. Também, uma notícia com o subtítulo de “outro caso que involucra ao vice”, fez referência à corrupção.

Com o argumento desenvolvido na entrevista do dia anterior, no dia 15 a notícia “a oposição procura reimpulsionar auditorias que incomodam os K” fala sobre as pesquisas da auditoria geral da nação.

No dia seguinte, uma nota chamada de “investigam o Devido pelo mural de Evita” fala sobre uma causa iniciada contra o ministro de planificação e por supostos superfaturamentos aplicada na construção de um mural.

No dia 17, já referido acima, foram publicadas duas notícias e duas notas se referindo a processos contra funcionários do governo. O dia 18 também foi referido inicialmente, porém nessa edição foi publicada uma notícia mobilizando o enquadramento de corrupção. No dia 19

não houve notícias relacionadas à corrupção. No entanto, no dia 20 o tema apareceu no editorial e, além disso, em duas notícias, uma nota e uma carta de leitores.

Em 21 a matéria “pai e filho, ambos imputados na causa Ciccone”, se refere ao vínculo do vice-presidente e o seu pai em um processo judicial; a matéria aponta que os pais dos funcionários poderiam ser seus *testaferros*. Além dessa notícia, o enquadramento apareceu na capa do dia, em três notícias e uma nota, e uma coluna.

O enquadramento de corrupção foi mobilizado no dia 22 (reproduzindo uma nota do programa televisivo do Lanata) aparecendo na capa “Denunciam D’elia pela venda de terras” e na matéria correspondente. Além disso, apareceu também em mais uma notícia.

No Dia 23 são noticiadas as denúncias de desvio de recursos públicos do prefeito de Necochea, sobre o qual se aponta a proximidade com o governo. Além disso, houve mais duas notícias e uma nota.

Com uma nota de capa “mais suspeitas pelo entorno de Boudou. Sombras de corrupção” a edição de 24 também possuiu o enquadramento. A manchete foi acompanhada de uma notícia e uma nota. Dia 25 publicou-se uma notícia sobre o processo que estava se desenvolvendo sobre os ex-funcionários do governo vinculados à *tragédia ferroviária de once* na qual, em 22 de fevereiro de 2012, 51 pessoas morreram.

No dia 26 o semáforo vermelho sobre a militante kirchenista Milagro Sala e a notícia correspondente apontaram para os processos a que estavam vinculados. Dia 27, além da referido editorial e coluna, três notícias e uma nota foram produzidas. Além do editorial, no dia 28 publicaram-se uma notícia e uma coluna. Em 29, por conta da manchete de capa sobre o início do julgamento da ex-ministra de economia, foi produzida também a notícia correspondente e mais duas notícias e uma coluna. No dia 30 deu-se seguimento ao processo contra Miceli na capa e na notícia correspondente, assim como em um artigo e uma nota.

No dia 31 foi posto em questão o gasto do governo em reformas na Casa Rosada, na capa e na matéria correspondente, assim como em uma coluna, quatro notícias, e no semáforo (onde se deu continuidade à cobertura sobre Miceli).

Já em novembro, no dia 1, na capa do jornal (com a manchete “possível corrupção”) e na notícia correspondente, informa-se sobre a denúncia que o ministro de defesa fez sobre um general do exército. Além disso, três notícias mobilizaram o enquadramento. No dia 2 deu-se continuidade à notícia sobre a corrupção dentro do exército e, além disso, foi publicada uma notícia e um artigo.

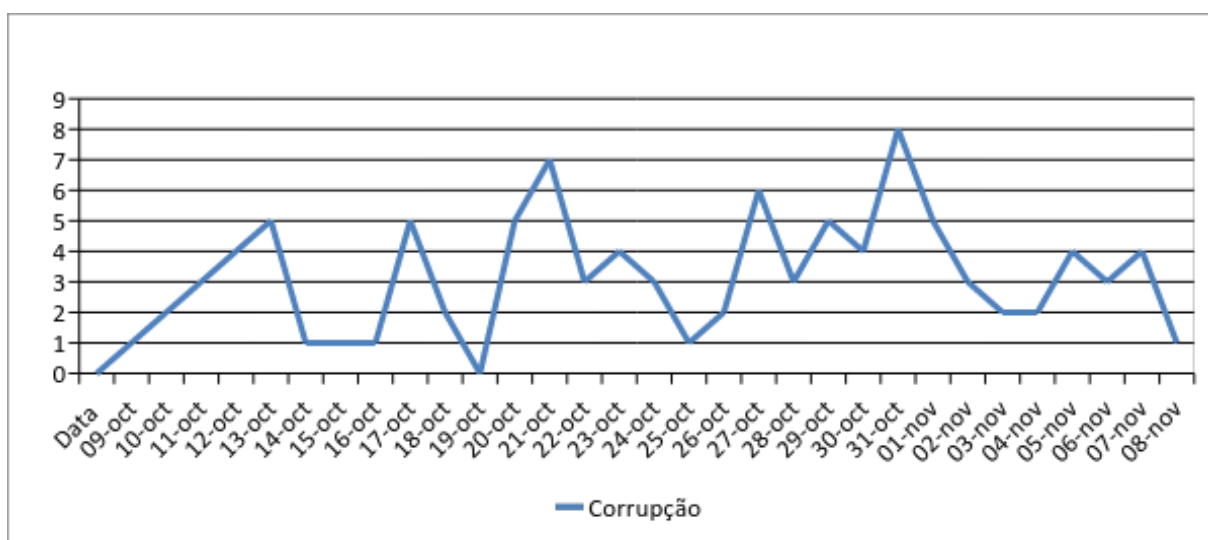
Dia 3, além da referência feita inicialmente, foi produzida mais uma notícia sobre Miceli. Dia 4, além do já referido, noticia-se sobre possíveis demissões que a procuradora geral da nação, vinculada ao governo, faria com os fiscais que estivessem investigando a corrupção do vice-presidente. Posteriormente, no dia 5, é recuperada na capa (e na notícia correspondente) a notícia aparecida no programa de Lanata sobre a possível acumulação irregular de salários de um funcionário do governo. Mais uma nota e uma notícia também difundiram o enquadramento.

No dia 6, com uma notícia sobre o desvio de fundos entre a associação das *Madres de Plaza de Mayo* e o governo e outra sobre a citada tragédia ferroviária, o enquadramento continuou aparecendo (o processo também foi mencionado na matéria do jornal *El Mundo*, de Madri, que o *Clarín* reproduziu).

Além da referido editorial do dia 7, um artigo, uma coluna e uma notícia foram publicadas nessa edição. Finalmente, no dia 8 uma notícia sobre a mobilização se referiu à corrupção como pauta central do protesto que viria a acontecer.

No período de pré-protesto as referências à corrupção e ilegalidade de funcionários e militantes governistas somente não foi achada na edição do dia 19 de outubro, tendo-se no resto do período ao menos uma referência.

Gráfico 16 - Presença do tema “Corrupção” no tempo



Fonte: elaboração do autor com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

A corrupção está presente em todo o período com um nível de saliência médio. O enquadramento funciona da mesma forma que o enquadramento de violência, focando-se em uma diversidade de funcionários, mas orientado a caracterizar o governo como uma unidade.

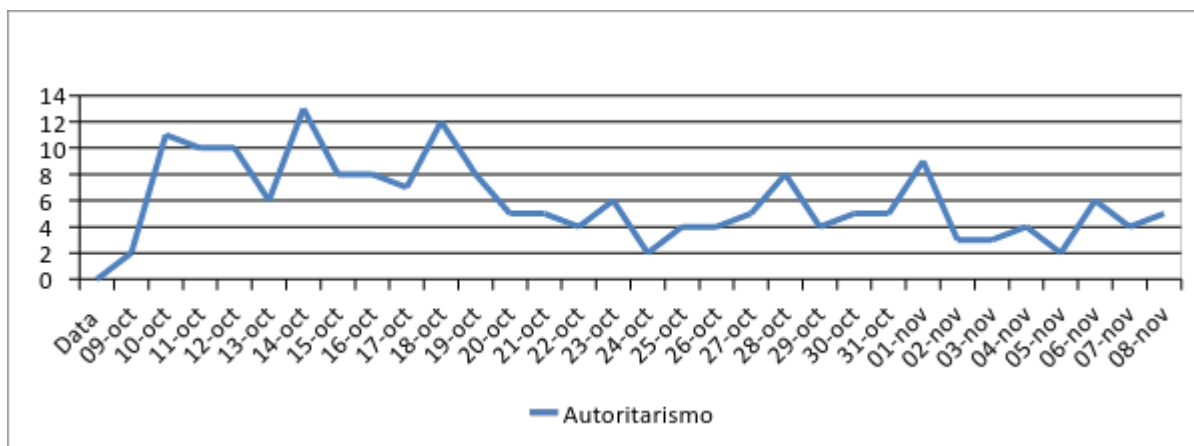
Além disso, atua também em longo prazo: o seu desenvolvimento não se encontra afetado pela proximidade da manifestação.

A Corrupção foi um dos enquadramentos mais específicos e difundidos do período, aglutinando tanto ações legais - como o uso de fundos públicos para destinos questionados pelo veículo - quanto denúncias de enriquecimento ilícito e outros crimes no judiciário. O enquadramento não foi achado somente em uma das edições do jornal analisadas, e na maioria teve mais de uma referência.

4.4.8 “Autoritarismo”

O autoritarismo constituiu-se em um enquadramento suficientemente vazio (LACLAU, 2005), o que contribuiu para aglutinar a maior quantidade de referências na classificação inicial dos materiais no Nvivo; assim, acumulou 219 referências no período de pré-proteto. Além de referências diretas ao autoritarismo do governo, o enquadramento foi constituído também pelas referências às “pressões sobre o poder judiciário e legislativo”, às “limitações à liberdade de expressão e a imprensa” e “falta de liberdade econômica (grilhão ao dólar)”. A saliência do autoritarismo no jornal para o período pré-proteto impede o destaque das notícias com o detalhamento que os enquadramentos anteriores tiveram. Porém, serão colocados alguns exemplos de cada uma das “caras” que o enquadramento teve no período e também será adicionado um gráfico comparativo com os outros enquadramentos.

Gráfico 17 - Presença do tema “Autoritarismo” no tempo



Fonte: Elaboração do autor com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

O autoritarismo é o maior dos enquadramentos sobre o governo. Como se vê no gráfico 17 ele também tem uma saliência e visibilidades altas e constantes, que não se

modificam com a proximidade do evento, o que aponta para a sua construção de longo prazo.

É importante destacar que a liberdade econômica (ou a falta dela) poderia ter se considerado um enquadramento temático particular, mas considerou-se que o controle exercido sobre a imprensa, os poderes legislativo e judicial assemelhavam-se em forma ao controle econômico. Além disso, no período emparelhou-se a liberdade econômica com a liberdade no geral: a possibilidade de comprar dólares (que foi restringida pelo governo no final de 2011) vinculou-se à limitação da capacidade de decidir em que moeda ter a poupança, mas fundamentalmente ficou ligado à ideia da falta de liberdade para se deslocar e sair do país (o que regulamentarmente não era assim, visto que a normativa permitia a compra de dólares para viagens). A impossibilidade/proibição de trânsito é, no sentido comum, a principal característica dos regimes autoritários (fundamentalmente Cuba) e, portanto, as limitações à compra de dólares foram processadas como uma limitação na liberdade em sentido amplo ao invés de uma limitação na liberdade econômica.

Nessa lógica, a debilitada divisão de poderes (controle sobre o judiciário e legislativo) e as pressões ou limitações à liberdade de imprensa foram entendidas como outras faces da mesma situação: o autoritarismo característico do governo. O autoritarismo, por sua vez, é também apresentado como contrário da democracia; o autoritarismo do governo é o que mais põe à “democracia em perigo”.

Quadro 7 - Autoritarismo síntese de enquadramento e subdimensões.

Enquadramento	Subdimensão	Referência
	Autoritarismo	10-10-2012. Coluna de Opinião, autor Julio Bárbaro, político opositor: “Os resultados estão à vista, o Estado e seus aplaudidores avançaram, a mídia livre foi caindo na batalha. O autoritarismo não possui ideologias, só as usa para se justificar”.

Autoritarismo	Pressão na mídia – imprensa	1-11-2012. Notícia: “No seu último dia de sessões a Associação Internacional de Radiodifusão (AIR) resolveu exortar ao governo argentino a que se abstenha de continuar com o assédio e perseguição dos meios de comunicação” (negrito no original).
	Censura	19-10-2012. Nota: título “No legislativo, o Kirchnerismo quis censurar o <i>Clarín</i> e sofreu uma derrota”.
	Pressão no Judiciário	28-10-2012. Notícia: Título “em um mês, um sistemático avance do kirchnerismo contra o judiciário”.
	Pressão no Legislativo	26-10-2012 Notícia: Título “O governo impôs no Senado a seus conjueces para a lei de meios”.
	Falta de Liberdade (econômica)	17-10-2012. Notícia: “Na apresentação que fez (Axel Kicillof) do Orçamento 2013, o economista também defendeu os controles que impôs o governo para a compra de dólares e para o ingresso de produtos importados” (negrito no original)

Fonte: Elaboração do autor com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

Autoritarismo é o enquadramento cujo significante é o mais vazio (LACLAU, 2005), tendo seu significado constituído por uma multiplicidade de diversos sentidos que se vincularam a muitos dos enquadramentos anteriormente apontados. Como foi dito anteriormente, as redes sociais e a mobilização de rua não possuíram os mesmos cuidados linguísticos que o jornal e, portanto, entendemos que parte da demanda *contra o autoritarismo* (que inclusive tem aparecido nesses termos) esteve presente também nas demandas pela liberdade em geral, e econômica em particular, pela independência do poder judiciário e do legislativo e pela liberdade de imprensa, mas que incorporou também a pauta contra a

“*ditadura democrática*”, que não tinha condições de aparecer nesses termos no veículo.

4.4.9 “União dos argentinos e da oposição”

A união da oposição é um dos dois enquadramentos considerados que não refere diretamente ao governo (junto com a espontaneidade); especificamente, constitui uma demanda para a oposição política. A necessidade da oposição se unir esteve vinculada a dois elementos: por uma parte, a divisão da cidadania (“dos argentinos”) e o populismo do governo (que produziu essa divisão/polarização na população).

Inclusive, quando orientado “aos argentinos” está se falando para a oposição, já que todos os argentinos “de bem” são, por definição, opositores ao governo. Como já foi dito anteriormente, no cenário polarizado da política argentina no período de Pré-protesto, os sentidos atribuídos à Cristina Kirchner, à militância governista e aos funcionários do governo foram intercambiáveis, fazendo com que denúncias de corrupção ou intolerância contra um indivíduo repercutissem no grupo todo.

Paralelamente, a união da “oposição” foi colocada nas entrevistas com os administradores das redes sociais como uma das demandas da cidadania que posteriormente formaria parte das pautas da manifestação. Busca-se, então, sintetizar as referências que tal questão teve no veículo durante o período de Pré-protesto, para ver, da mesma forma que no ponto 4.4.6, se a demanda também teve uma presença relevante no veículo.

Esse enquadramento foi achado já na revisão do ponto 4.3, na coluna humorística de 14 de outubro, onde foi achada a primeira referência à divisão dos argentinos no relato que o autor faz das violências exercidas pelos *dois lados*. E no editorial de 18 de outubro, fruto do dia da “lealdade” peronista, são ressaltadas as divisões dentro desse espaço político. Mas o enquadramento pela concatenação de argumentos que supõe é um dos mais complexos e mais difundidos.

No entanto, a primeira referência aparece numa fala do sindicalista opositor Hugo Moyano, em uma notícia de 13 de outubro, onde se coloca que “criticou o governo nacional ao qual acusou de desencontrar os argentinos”.

Em seguida, o enquadramento aparece em uma notícia sobre um jantar organizado por IDEA publicada em 20 de outubro, apontando que o diretor de *Poliarquia* (uma consultora) “... fundamentou porque a Argentina não é Venezuela. E de passo, serviu de escudo para

Gabriela Michetti (PRO, atual vice-presidente) e Paula Bertol (PRO, Deputada) quando os participantes **reclamaram da falta de unidade da oposição**” (negrito no original).

No dia 22 de outubro, na notícia “a oposição propõe, vota e reagrupa-se pensando em 2013”, são relatadas ações dos partidos da oposição buscando atingir a unidade de ação: “os espaços opositores avançam com movimentos para evitar a fragmentação”. No dia seguinte foi publicada mais uma notícia sobre os trabalhos conjuntos dos opositores (“os partidos de centro lançaram uma aliança olhando para 2013”). E no mesmo dia, foi publicada uma nota que recolhe a opinião do político opositor Francisco De Narváez chamada de “De Narváez chama à unidade para defender a liberdade” onde ele disse: “há que pôr um freio ao kirchnerismo no Estado de Buenos Aires e isso se atinge com unidade”.

A capa do dia 25 de outubro (e a notícia à qual ela se refere) aborda a união da oposição no Estado de Mendoza que conseguiu frear a reeleição do governador.

Posteriormente, dia 26, a questão da união da oposição entra novamente em debate num artigo chamado de “A esperança radical e o limite da oposição”. O autor analisa o cenário opositor fragmentado se perguntando pelos ganhos ou custos que poderia trazer a união da oposição (ou a falta dela) e conclui que além da análise “... não há condições objetivas que permitam visualizar hoje a unificação opositora além da ansiedade que possam ter desde ‘cidadãos a pé’ até representantes do poder econômico”.

Em seguida, dia 27, a notícia de página completa “A UCR convocou a unir forças para impedir a re-reeleição” trouxe de novo a questão. Posteriormente, dia 28, a notícia chamada de “Sanz, muito duro com o governo” reúne críticas do opositor e lembra a reunião noticiada no dia anterior e o seu objetivo de “impulsionar a criação de uma multi-setorial com outras forças e organizações para levar adiante ações contra uma possível reforma constitucional...”.

Na referida coluna do dia 2 de novembro (os camporistas...) o autor aponta que as atitudes violentas de Larroque conseguiram unificar a oposição, que assinou o acordo para não permitir a modificação da Constituição. Junto com uma notícia feita, recolhe as opiniões do (na época) governador do Estado de Córdoba, José Manuel De La Sota, que disse: “Hoje as discussões são tudo ou nada. Querem nos arrastar para uma Argentina Bipolar... O melhor Perón foi o que retornou em ‘73 sem ressentimentos, a contracara do autoritarismo procurando a união dos argentinos numa pátria federal”

Posteriormente, no dia 3 de novembro, na nota “Aguad (UCR) chamou à unidade opositora”, o deputado, em um jantar com representantes de diversos partidos da oposição,

apontou que a “**oposição precisa se pôr de acordo num programa mínimo**” (negrito no original). Na notícia “a oposição exigiu explicações” relata-se a declaração conjunta de vários representantes da oposição que denunciam que o governo ocultou informação em relação à detenção da Fragata Libertad em Ghana.

No dia 4, na referida entrevista ao socialista, Binner, diante da pergunta do jornalista “a oposição deve-se unir?” disse: “No FAP estamos abertos ao crescimento, claro”. Depois, no dia 5, é publicada a notícia “Deputados somam-se à campanha anti-reforma” que relata a produção conjunta de um documento, como o feito pelos senadores, se comprometendo com a não votação de reformas constitucionais. Posteriormente, no dia 6, é publicado um artigo do prefeito de San Isidro (cidade Estado de Buenos Aires) chamado de “União da oposição, antes que seja tarde”, onde aponta, em relação à fragmentação social, “depoimentos de funcionários do governo e militantes pagos vinculados a agrupações tais quais *La Cámpora* ou *Vatallon Militante* ou certos grupos afins fomentam tal divisão” razão pela qual sustenta que:

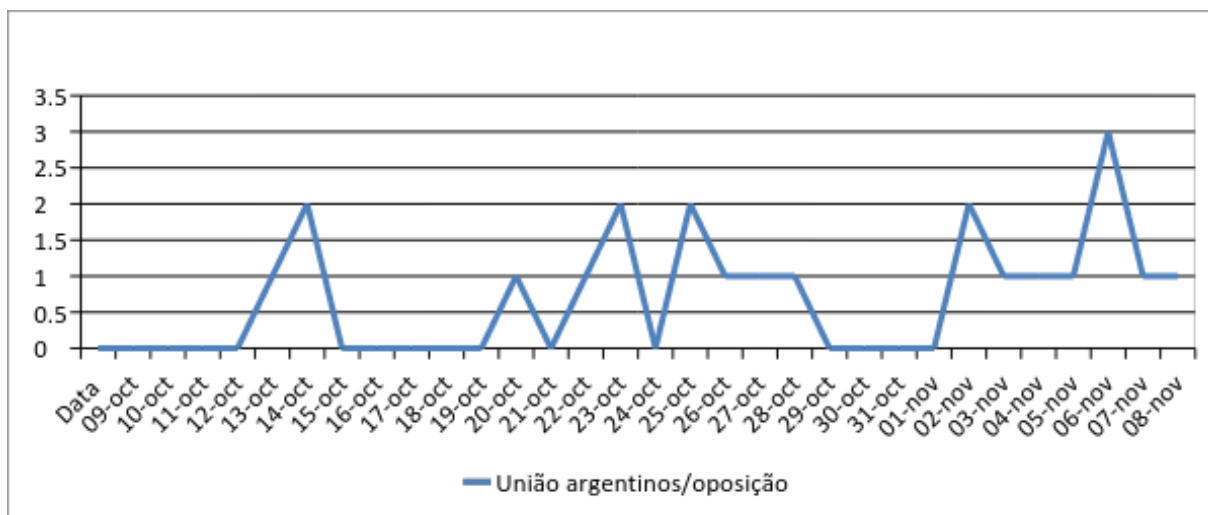
“A prioridade é a união de todos aqueles que estamos convictos de que há que defender as liberdades sem ter um país fragmentado, com reféns de planos assistenciais, com crianças que pelas necessidades econômicas dos seus pais vão a escolas públicas com educação de baixa qualidade e militantes políticos lhes ensinam ódio contra quem pensa distinto”.

No mesmo dia mais duas notícias se referiram à questão: “mais de cem deputados lançam compromisso contra a re-re” e “o FAP e a UCR deram um passo para ir juntos na capital”. Na segunda notícia, procurando-se afastar tanto do PRO quanto do Kircherismo, é que esses partidos propuseram a primeira aliança em 2015. Porém, vários dos membros da aliança farão parte da aliança *Cambiamos* que levará o PRO à presidência do país.

Dia 7, com o seu artigo “A Rua fala: pede união, liberdade e democracia” uma socióloga do CONICET, aponta os impactos que a mobilização do 8N terá tanto para o governo, do qual aponta que irá ignorá-la, quanto da oposição que pode ser “sacudida no seu imobilismo”.

Finalmente, em 8 de novembro, De Narváez terá novamente espaço no jornal para insistir, com um artigo, na necessidade de união na oposição: “para quem assumimos a obrigação de trabalhar chegou o tempo de se comprometer mais que nunca com a unidade”.

Gráfico 18 - Presença do tema “União dos argentinos/oposição” no tempo



Fonte: elaboração própria com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

Sinteticamente, demandas pela unidade da oposição, tanto eleitoralmente quanto em ações contra o governo, formam parte consistente dos enquadramentos do veículo desde metade do mês de outubro e têm aparição mais intensa nos dias prévios da mobilização. O enquadramento foi identificado nos dias 13, 14, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 27 e 28 de outubro e nos dias 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 de novembro.

Embora presente durante o período todo, o enquadramento se vê reforçado com a proximidade do evento, alcançando o seu pico de referências dois dias antes do mesmo. Sendo identificado desde os primeiros dias do período e sem cartas de leitores referidas à questão desde as produções do veículo, não se percebem demandas da *cidadania* pela união da oposição. Considerando que a maioria dos depoimentos e artigos publicados possui a autoria de políticos da oposição, pode-se dizer que a demanda surgiu antes, a partir do sistema político-midiático e não da *população*.

A união dos argentinos e da oposição foi um enquadramento dos mais peculiares, orientado para a população e para os políticos opositores. Do lado da população não se explicitaram as condições materiais na qual essa divisão, e a possível união dos “argentinos”, podia ter lugar e, paralelamente, a união dos políticos adquiriu relevância como enquadramento com o depoimento dos administradores que apontaram que foram eles (ou “as redes”) os que primeiro reconheceram o desejo da população de unir a oposição numa frente única contra o governo, o que, em vista da grande saliência e visibilidade do enquadramento, tem sido contestado pelos materiais empíricos. Aqui a demanda de união da oposição se apresenta como a solução (prognóstico) das injustiças produzidas pelo governo (diagnóstico),

enquanto se estimula a mobilização como forma de “acordar” os políticos para as demandas da população (motivacional).

4.4.10 “Espontaneidade”

A espontaneidade é o único enquadramento que não constitui uma demanda e que, portanto, não se orienta nem ao governo (como dito no ponto 4.4.9) nem à oposição. Ele funciona indiretamente como um enquadramento de motivação, já que produz uma valoração positiva das mobilizações (Cacerolazos) anteriores.

Em trabalho ainda a ser publicado (ORSI; FERNANDES, 2016), é discutido a importância da noção de espontaneidade para a interpretação das manifestações no Brasil e Argentina. O termo que inicialmente poderia parecer irrelevante, mostrou-se fundamental para definir as caracterizações que a mídia tradicional fez dos protestos em cada país e em distintos contextos, tendo uma visão mais positiva dos movimentos/eventos definidos como espontâneos (e, portanto, não partidários). Nesse sentido, a espontaneidade no período de pré-protesto possui uma importância fundamental que é contestar os enquadramentos produzidos pelo governo (que não serão explorados neste trabalho) e legitimar as próximas mobilizações. Embora o Cacerolazo do 13S tenha sido caracterizado como espontâneo em uma medida maior, o enquadramento não desapareceu no evento aqui estudado.

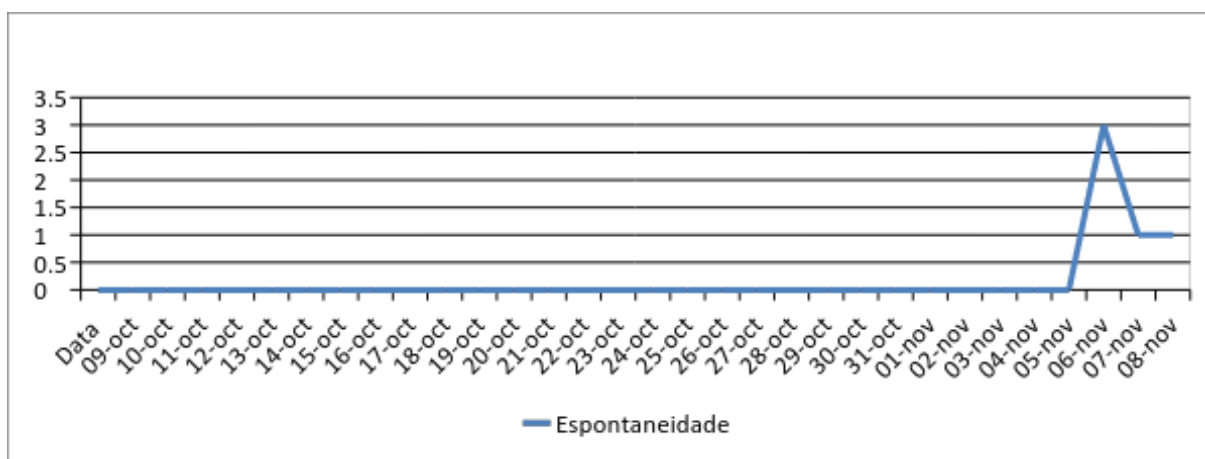
Em uma notícia do dia 6 de novembro chamada de “o kirchnerismo redobra as críticas contra o protesto do 8N”, o presidente da Sociedade Rural Argentina disse, em resposta à acusação de um funcionário do governo, que “**não botamos dinheiro, não convocamos ninguém ... a mobilização é espontânea**” (negrito no original). Na mesma edição, em uma das notas que denuncia a atividade do governo para tentar desmobilizar a população, a espontaneidade volta a ser mencionada como um valor central: “nas últimas semanas multiplicam-se nas redes sociais as campanhas para neutralizar o Cacerolazo convocado para a próxima quinta, conhecido como 8N. Mas desde a oposição suspeita-se que estas campanhas estão longe de ser espontâneas”.

No dia seguinte, em uma notícia que mostra os confrontos virtuais entre os que apoiam e os que rechaçam o protesto, é citado um tweet de um dirigente político governista que fala: “A mobilização do #8N **carece de espontaneidade** e é liderada pelos partidos da oposição” (negrito no original). No mesmo dia, em na sua coluna, Eduardo Van Der Kooy aponta que

“outro tópicos incorporado pelo kirchnerismo para desvalorizar a priori o que vem, consistiria na denúncia de **uma suposta falta de espontaneidade no Cacerolazo**” (negrito no original). Ali também aponta que a absoluta espontaneidade aconteceu no protesto do 13S, mas que no 8N “**a trama organiza-se nas redes sociais** com escassas caras visíveis e a oposição como ator secundário” (negrito no original).

Em 8 de novembro há um artigo centrado nos “esforços oficiais para frear o #8N”, e para fazer isso aponta que o “kirchnerismo pôs sob estado de suspeita a possível característica de espontâneo do protesto desta noite”.

Gráfico 19 - Presença do tema “Espontaneidade” no tempo



Fonte: Elaboração do autor com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

O primeiro aspecto que chama a atenção na relevância do enquadramento é a falta de contestação do sentido aplicado ao termo. Nesse sentido, políticos governistas, opositores e jornalistas compartilham a valoração positiva da espontaneidade (que inclui a ideia da não organização política e da “autoconvocação” de “cidadãos de pé” não mobilizados por interesses políticos, entendendo que isso faz mais legítima as demandas e a mobilização). Todos os atores, independente se procuravam atacar ou defender a mobilização, indicaram que a mesma seria espontânea em maior ou menor medida, mas não questionaram o sentido do termo.

Como enquadramento, teve uma saliência mínima e somente apareceu quando foram citados os Cacerolazos anteriores, contudo, é trazido aqui pela sua sensibilidade com a proximidade do 8N. Entendemos que a visibilidade adquirida nos dias imediatamente anteriores ao evento vincula-se ao enquadramento motivacional.

A espontaneidade é o único enquadramento considerado que não se orienta nem contra

o governo nem contra a oposição, e sim se concentra nos protestos. Como ficou evidente, a utilização do termo no sentido comum (tanto de dirigentes políticos quanto de jornalistas) não reflete o entendimento dele feito pelas análises acadêmicas. Ter ou carecer de espontaneidade carrega, no imaginário dos dirigentes e jornalistas, uma série de valores e características que não tem a ver com o que o termo significa. Conforme as conclusões do trabalho citado sobre o conceito de espontaneidade, baseado na definição que Snow e Moss (2014) dão dele, em relação à forma de enquadrar manifestações na mídia (tanto argentina quanto brasileira), os autores apontam que:

“...os elementos que mudam centralmente entre as manifestações tidas como espontâneas e as tidas como não espontâneas são os seguintes: amplitude da cobertura, tamanho da manifestação, identidade dos manifestantes, conteúdo e diversidade das reivindicações, repertórios policiais” (ORSI; FERNANDES, 2016, p. 15).

Nesse sentido, as mobilizações tidas como espontâneas tiveram maiores coberturas e foram definidas como mais numerosas, os manifestantes foram definidos como “cidadãos” não partidários ou apartidários (e nunca como membros a organizações políticas ou sociais), as suas pautas foram diversas, dificultando-se achar uma pauta central ou mobilizadora, e apontaram menores conflitos com a polícia.

Finalmente, “conclui-se, portanto, que a grande mídia operacionaliza um uso político da noção de espontaneidade, como forma de legitimação de protestos identificados como “apartidários”, em oposição a protestos conduzidos por grupos situados à ‘esquerda’ do espectro político” (ORSI; FERNANDES, 2016, p. 16).

4.4.11 Os enquadramentos em perspectiva

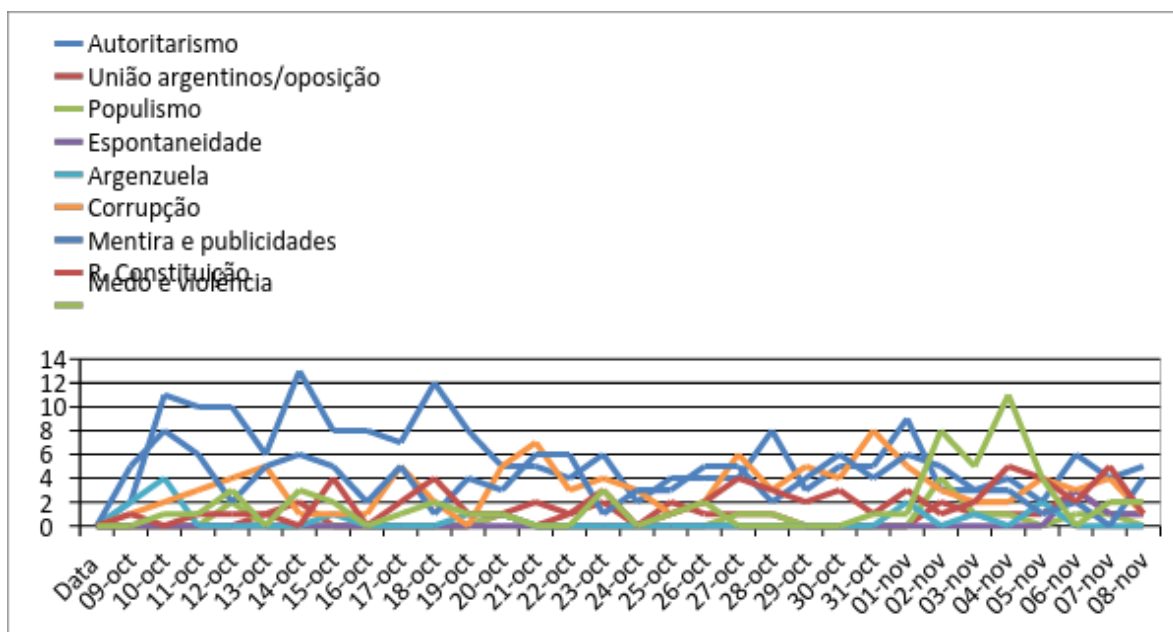
O cansaço ou desconforto diante da *cadena nacional* (pronunciamento em rede nacional) é outro dos enquadramentos existentes, porém não tem se achado no banco de dados uma quantidade de referências suficiente para justificar sua inclusão (5), contrariamente ao que tinha sido pressuposto.

Embora várias matérias focassem nas reações do governo diante das demandas sociais ou a falta de reações, o tema a “necessidade de ser ouvido” (justificativa utilizada na defesa da mobilização) não foi sistematicamente organizado na codificação original dos materiais. Mesmo assim, podem ser feitas algumas referências.

A matéria de 18 de outubro aborda a participação de Lula na reunião do IDEA em Buenos Aires e, embora o jornalista reconheça que a frase do ex-presidente "um presidente não sabe tudo, deve ouvir à sociedade", foi a única crítica possível de ser interpretada contra Cristina, na fala de mais de uma hora que deu título à matéria e orientou a análise do jornalista. Na citada entrevista com De La Sota no dia 2 de novembro, aponta-se que o 8N é a expressão de uma sociedade que quer ser “ouvida”.

Contudo, a ideia de que o protesto demanda ser ouvido é redundante uma vez que a mobilização tem um agente (ou grupo) ao qual se orienta, e todas as demandas pressupõem que o alvo irá receber a mensagem. Paradoxalmente, muitas das demandas mobilizadas também são denúncias das características dos funcionários/governo e não pode-se esperar uma recepção ou reação diante delas.

Gráfico 20 - Evolução comparativa dos enquadramentos identificados



Fonte: elaboração do autor com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

No gráfico 20 colocaram-se os enquadramentos identificados nos itens anteriores. Embora inicialmente tenha-se acreditado que aconteceria um crescimento dos enquadramentos até o final do período, isso não aconteceu. A questão principal ao olhar todos os enquadramentos conjuntamente é que a escala necessária para representar o enquadramento de Autoritarismo faz com que o resto deles pareçam pouco relevante. Entretanto, o que se percebe é uma concentração de enquadramentos até o final do período de pré-protesto; a quantidade de referências a cada um deles não é excepcional, mas há uma maior quantidade

deles presentes nos dias anteriores ao 8N. Como foi visto, esse comportamento dos enquadramentos aponta que alguns deles, os de longo prazo, mantiveram-se estáveis no período (ex. Corrupção) enquanto alguns foram mais sensíveis à proximidade do evento (ex. Espontaneidade, Violência), crescendo nos dias prévios.

Num primeiro olhar, embora o período analisado seja relativamente curto e as tendências da cobertura não estejam muito consolidadas, parece que até a metade do evento, o veículo teria se concentrado na difusão dos enquadramentos diagnósticos (definindo uma série de injustiças produzidas pelo governo). Dali em diante o crescimento e diversificação dos enquadramentos contribui para a ideia de que “algo tem que ser feito” (particularmente, a união dos “argentinos de bem”, e que são eles que têm que fazê-lo).

Na codificação dos materiais feita no Nvivo as problemáticas econômicas (fundamentalmente a inflação) receberam bastante atenção, mas ao longo da análise foi perdendo centralidade pela construção dos argumentos. Em parte, a inflação foi entendida como uma consequência das incapacidades ou ineficiências do governo (característica que o levou a ser corrupto, ameaçador, autoritário, etc.). De modo central, o problema da inflação foi a falta de reconhecimento do seu valor real pelo governo; o descrédito nas medições oficiais (mentira), e em parte a demanda econômica, foi monopolizada pela questão do dólar (e da liberdade econômica). Também, o enquadramento da “democracia em perigo” levantou a preocupação sobre as questões estruturais da liberdade e a defesa da Constituição, fazendo com que a demanda pelo poder de compra individual ficasse subsidiária.

Contudo, a grande emissão monetária do governo foi o ponto que jornalistas e especialistas consultados pelo veículo apontaram para culpar o governo pela alta inflação, mas o tema foi entendido pelo governo como um problema e atendido (fundamentalmente promovendo acordos salariais acima da inflação e por meio do controle cidadão dos supermercados). O governo levou a discussão para a o plano do conflito distributivo, a concentração econômica e o âmbito privado. O argumento governamental foi que “não é a emissão monetária (os salários altos que o governo permite) que faz a inflação, são os comerciantes (grandes empresas, monopólios e distribuidoras) que aumentam os preços”. Devido a isso a problemática não foi explorada em si própria pelo veículo e sim como a “incapacidade” do governo de combatê-la.

Na cobertura do tema o jornal utilizou aproximações impessoais que, conforme a abordagem do Gamson (2011), não produzem “cognições quentes” (não têm um culpado).

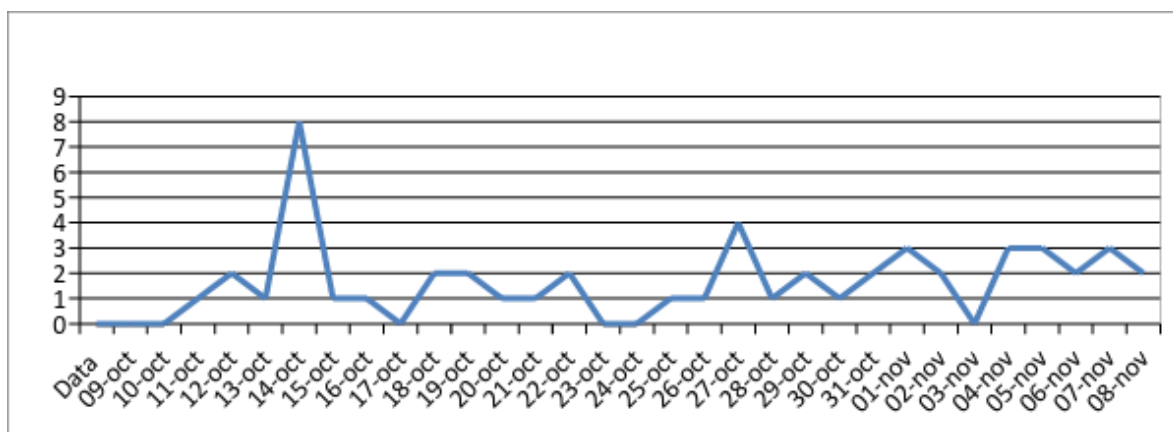
Imagem 6 - Inflação



Fonte: *Clarín* de 26-10-2012, p. 5.

O título da notícia apresentado na imagem 6 diz o seguinte: “a inflação empurrou o aumento dos gastos e há prédios que não possuem um funcionário fixo”. A notícia sobre o aumento do valor do condomínio culpa a *inflação* pelo aumento dos preços, fazendo com que não haja um culpado.

Gráfico 21 - Presença do tema inflação no tempo.



Fonte: elaboração própria com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

Como a corrupção, a inflação mantém-se constante e presente durante o período. O pico que se percebe no dia 14 de outubro corresponde à publicação de uma edição econômica especial que aumentou o número de páginas totais do veículo e, conseqüentemente, a quantidade de referências à inflação.

Por outra parte, embora muita coisa tenha ficado de fora, a análise dos enquadramentos temáticos, a leitura metódica e organizada das produções jornalísticas revela a forma como certos conceitos, pessoas, e instituições são sistematicamente enquadradas, utilizando-se as mesmas frases e referências repetidamente ao longo do tempo por meio de notas, notícias e artigos. Essa questão, abordada por Entman (1993), que aponta que “desde que um termo é amplamente aceito, usar outro é arriscar que a audiência (objetivo) perceba o comunicador como carente de credibilidade ou falhe ao entender do que ele está falando. Por isso, o poder do enquadramento pode ser tão forte quanto o poder da própria língua” (ENTMAN, 1993, p. 55). Por exemplo, durante o conflito pela retenção da Fragata Libertad o veículo citou repetidamente a frase de Cristina Fernandez “podem ficar com a Fragata, mas não com a liberdade”, indicando que podia ser interpretado como uma renúncia à soberania sobre a nave. O caso de maior destaque, que não pode ser estudado pelas limitações temporais dos materiais empíricos, se refere à ideia do “cepo cambiário”, nome (pejorativo) com o qual ficaram conhecidas as medidas de controle à compra/venda de dólares. A instalação do termo foi tal que inclusive o governo, para se defender, valeu-se dele: “não há um cepo”.

Devemos reconhecer, também, que muitos elementos não puderam ser analisados devido ao grande volume de informação que teriam produzido, particularmente as imagens e desenhos que acompanharam as capas, notícias, artigos e colunas (por exemplo, um artigo de 6 de novembro que demandava a união da oposição foi acompanhado por um desenho da S do personagem dos quadrinhos e cinema *superman* (super-homem) que dava uma positividade para os argumentos do autor, um político da oposição).

O enquadramento central do período “a democracia em perigo” tem na resistência à possível reforma constitucional um dos elementos mais importantes na fase de pré-protesto, por conta dos vários vínculos estabelecidos pelo jornal com outros enquadramentos, principalmente com a LSCA. É interessante colocar que enquanto o jornal destaca os depoimentos de dirigentes e funcionários que desejam ou vêem como possível a reeleição indefinida de Cristina, nos depoimentos da própria presidenta (e de Julian Dominguez, presidente da câmara de deputados e terceiro na sucessão) essa possibilidade era descartada. Inclusive, na matéria sobre o posicionamento de Cristina destaca-se que ela não teria vontade nem interesse em se reeleger. Por outro lado, algumas das matérias que mobilizaram o enquadramento (particularmente as que noticiam o convênio dos legisladores da oposição) apontaram para a dificuldade que teria o governo de chegar a condições de modificar a Constituição e aprovar a reeleição indefinida; inclusive, como apontada na coluna humorística

do dia 21 de outubro, o autor duvida da viabilidade da reforma.

Todavia, mesmo sendo noticiada pelo jornal a virtual impossibilidade da reforma acontecer, o enquadramento não perde força, aumentando levemente as referências no final do período de pré-protesto e também sendo considerado pelos administradores o principal (ou um dos principais) motivo da mobilização. Alguns, inclusive, apontam que foram as mobilizações que inviabilizaram as tentativas do governo (deveria ser estudado se os funcionários que tinham se expressado antes das mobilizações favoravelmente à reforma mudaram sua posição após elas, mas isso não faz parte do foco da pesquisa).

Contudo, achamos uma explicação para a persistente força do enquadramento na história nacional. Em 1994 a Constituição Argentina foi modificada, fruto de um acordo entre as principais duas forças políticas nacionais, o PJ e a UCR (Menem e Alfonsín), o que foi conhecido como o “Pacto de Olivos”. Naquela oportunidade a reforma significou alcançar a possibilidade de se reeleger, principalmente para o presidente Menem. Porém, o segundo governo Menem acabou deixando uma grande crise econômica, desemprego e uma dívida impagável, além de diversos casos de corrupção. O conjunto de elementos formou um coquetel que deslegitimou a reeleição na perspectiva da população, razão pela qual o apoio à reforma constitucional com esse objetivo sempre foi baixo. Inclusive, em 4 de novembro o jornal publica uma enquete que mostra que mais do 80% dos entrevistados é contrário a uma reforma constitucional que inclua a reeleição. Como contraste, deve-se dizer que os países “bem sucedidos” (a partir de uma inferência pessoal da visão que o jornal passa sobre os países desenvolvidos da Europa) possuem um sistema político onde a reeleição permanente é aceita. Ângela Merkel, por exemplo, venceu nas eleições alemãs, ficando pelo quarto período consecutivo no controle do governo alemão.

Considerados em conjunto, os diferentes enquadramentos de diagnóstico e prognóstico mobilizados contribuem para o chamado enquadramento “a democracia em perigo”, mantendo a forma percebida inicialmente segundo a qual o governo/kirchnerismo (sujeito) tem por objetivo se perpetuar no poder e, para isso, desenvolve uma série de estratégias (ações). Da análise dos materiais da mídia aqui apresentados desprende-se que a estratégia do governo possui várias faces que precisam funcionar articuladamente para ter sucesso. Nesse sentido, o eixo ao redor do qual gira toda a política nacional é a LSCA. Para o jornal, o principal objetivo do kirchnerismo é manter-se no poder e fará tudo que for preciso para atingir esse objetivo (autoritarismo, pressão no judiciário e no congresso, etc.). Para isso precisaria de um elemento central: ganhar as eleições com a maior porcentagem de votos

possíveis (voto jovem), para que isso lhe permitisse modificar a Constituição Nacional, habilitando uma nova reeleição de Cristina. Para isso, porém, seria necessário o apoio popular que (pela forma corrupta e ineficiente administrar) somente poderá obter se possuir o controle da informação (limitando a liberdade de imprensa), de forma de moldar as mentes dos cidadãos (com mentiras, polarização, medo, etc.). Por sua vez, somente conseguirá o controle da mídia dominando ou destruindo a mídia livre e independente (o próprio grupo *Clarín*) mediante a aprovação da LSCA (para o qual é fundamental exercer pressão sobre os juízes, dada a evidente ilegalidade da norma). Portanto, o centro de gravitação da política é a *batalha midiática*, visto que o veículo se apresenta como a última imprensa livre (independente) do país. A *batalha midiática* não é só central, mas é também a última fronteira da dominação total kirchnerista. O enquadramento também inclui que só a imprensa livre e os “cidadãos de bem” podem fazer frente ao governo, já que a oposição encontra-se atomizada e sem rumo.

Contribuindo para sua legitimidade, não houve entre os opositores nenhum partido que pudesse rechaçar a mobilização da forma que o governo fez, tal foi a grande difusão e legitimidade que, no momento, tinham os Cacerolazos, em parte porque a polarização discursiva colocava no lugar do governo quem não fosse favorável à manifestação. Por isso, inclusive os opositores de esquerda e de partidos minoritários, embora não pudessem defender algumas das pautas do evento, ressaltaram a importância de terem expressões políticas e cidadãos na democracia, tal qual o caso do citado depoimento de Donda (que até 2008 era uma parlamentar governista).

4.5 Cidadãos da Argentina, uni-vos: Enquadramento motivacional.

O objetivo desta seção é mostrar qual foi o papel do *Clarín* na produção do enquadramento motivacional (BENFORD; SNOW, 2000), ou da ação (GAMSON, 2011), e se a sua ação de enquadramento constituiu-se numa estrutura de mobilização. Para os fins da pesquisa, o enquadramento motivacional tentou ser afastado e descolado da análise e descrição dos enquadramentos diagnósticos e prognósticos, visto que ele desafia as concepções teóricas mais difundidas. Mas é sabido que os materiais empíricos não respeitam as divisões analíticas e os enquadramentos diagnósticos, prognósticos e motivacionais podem, e costumam fazê-lo, aparecer juntos.

Como foi visto no mapeamento inicial dos editoriais (dos dias 22 e 29 de outubro) e colunas (Borenstein, 4 de novembro) o jornal vinculou os problemas/injustiças pelos quais

responsabilizou ao governo como questões sobre as quais devia ser feito alguma coisa, apontando, assim, para a necessidade das pessoas se engajarem. Esse procedimento será considerado como a produção de enquadramentos motivacionais/de ação, e procurou-se, aqui, qual foi o nível de visibilidade desse tipo de argumentos. A difusão da data do evento, dos locais de reunião, canais de comunicação e dicas para a participação também conformam o enquadramento.

Nesse sentido, a coluna do dia 15 de outubro aparece como a primeira produção do jornal que anuncia a data do protesto, seguido, poucos dias depois (19 de outubro), por um artigo assinado pelo presidente do partido “Union por todos” (liderado nacionalmente por Patricia Bullrich), no Estado de Buenos Aires, no qual disse que “**a potencialidade política da multidão é evidente**: construí um clima de opinião que não só envolve os que se mobilizam de maneira ativa nas ruas, senão que chega a influir em uma grande quantidade de cidadãos que não se mobilizam, mas que começam **tomar consciência da importância de resolver os problemas**” (negrito no original).

Dias depois, em 21 de outubro, uma coluna fará uma analogia entre um conto e a realidade argentina, refletindo porque as personagens do conto atuam de certa maneira: “o leitor fica pendente do relato à espera de algum tipo de rebelião”.

No dia 23, um dia após o primeiro dos editoriais identificados, uma notícia sobre o sindicalismo opositor servirá para lembrar a data definida do protesto.

Três colunas foram publicadas sequencialmente nos dias 27, 28 e 29 de outubro. Na primeira delas o autor chama a população a se engajar para resolver os problemas gerados pelo governo (uma parte dela se focou em conceituar esses problemas, particularmente a pesificação da dívida no Chaco, e controle do dólar): “A boa notícia: como cidadãos nos resta ainda a vontade de sermos atores de um futuro melhor para o nosso país, democrático e republicano”.

Na segunda, após quatro colunas (de texto) de análise crítica da conjuntura, a autora conclui que os argentinos começaram a dar sinais de cansaço e que “há manifestações de desgosto respeito das pressões sobre o poder judicial e a conduta dos juizes, uma vaga, incipiente sensação de que **Cristina cumpriu seu ciclo**” (negrito no original).

Já na terceira coluna, focada também no mal-estar do sindicalismo opositor, lembra-se a data do protesto e aponta-se que os trabalhadores participarão da mobilização, porém sem identificações das organizações sindicais.

Posteriormente, no dia 2 de novembro, há uma nota feita ao governador de Córdoba, que apoia a manifestação se colocando contra o “pensamento único” e sustentando que será uma “manifestação lógica da população”. Também no seu artigo, Muchnik faz um chamado à organização política e à união da oposição com objetivos mais úteis que a simples manifestação, mas reconhece que “há motivos mais do que válidos para o protesto”. Igualmente, na mesma edição foi publicada uma nota onde um conhecido político, não diretamente identificado, anuncia seu regresso ao cenário político na manifestação.

Além disso, no dia 4 de novembro é publicada uma entrevista com Binner, onde o político aponta que “Muita gente vai sair às ruas... é uma manifestação das pessoas que nós temos que ouvir”, seguida, na mesma edição, do explícito chamado do prefeito da cidade de Buenos Aires (Mauricio Macri) para a participação. Na matéria o jornalista disse sobre Macri (PRO): “alentou o Cacerolazo da próxima quinta-feira ‘Eu quero lhes dizer que o 8N nos representa como argentinos e como homens livres que queremos viver melhor, com respeito, com tolerância e pondo a energia em construir e não agredir’, disse: ... ‘peço-lhes que percam o medo ¡chega de confrontar e dividir!’”⁶³.

Posteriormente, no dia 5 de novembro foi publicada a charge principal do jornal, cuja mensagem foi que o governo estaria tentando estratégias insólitas para diminuir a participação da população no protesto. Na mesma edição, a coluna de Carpena coloca que “o governo sabe que muitas organizações opositoras estão organizando secretamente a mobilização dos seus filiados, sem cartazes nem identificação alguma, para o protesto anticristinista no Obelisco, e outros pontos emblemáticos do país”. Assim, lembra os locais de encontro e intui que a mobilização será massiva.

No dia seguinte (6 de novembro) o prefeito de San Isidro, do opositor PRO, publicou um artigo de página completa onde alerta sobre a importância do momento que estava se vivendo, e solicita a união das forças políticas opositoras. Finalmente conclui chamando a atenção para a importância do momento político: “a qualidade da nossa democracia, incluindo a divisão de poderes, está em jogo”. Na mesma edição são publicadas mais 3 notícias e uma nota sobre a iminente mobilização. Enquanto a maioria é orientada a denunciar o suposto uso de fundos do governo na campanha para a desmobilização, uma notícia lembra as características cidadãs do evento e as demandas que serão utilizadas: “as demandas que

⁶³ Na entrevista, YS (PRO) apontou que as mobilizações serviram, principalmente, para que a população perdesse o medo do governo.

circulam por correio eletrônico, Facebook e tweets convocantes à mobilização, chamam a se manifestar contra a re-reeleição, a corrupção, a insegurança e as restrições cambiais e em favor da justiça e a liberdade de expressão, entre outras”.

No dia 7 foi publicado um artigo e uma coluna sobre a manifestação. No artigo a autora confia em “uma cidadania ativa e lideranças responsáveis que mantém viva a trama democrática”, enquanto na coluna o autor, um dos editorialistas do jornal, critica o “vazio do libreto político do governo” e logo cita declarações contrárias ao protesto e finalmente augura uma grande mobilização: “conforme um levantamento feito nas redes a cada cinco adesões ao Cacerolazo de manhã surge só um rechaço...”, “por isso tudo e muito mais, amanhã amanhecerá o 8N”, finaliza.

Já no dia 8 o tema apareceu na capa, mesmo não tendo acontecido ainda. O jornal colocou uma manchete: “antecipação das panelas, em alguns bairros o mau humor adiantou-se à mobilização de hoje”. O mesmo aconteceu no dia anterior, em que a charge principal se referiu ao protesto e, de certa forma, aludiu à diversidade de participantes. Na mesma edição o político opositor Francisco de Narváez publicou um artigo no qual também levantou a questão da importância do engajamento naquele momento, falando sobre a necessidade da oposição se juntar: “chegou o momento de defender como nunca antes as nossas convicções e deixar de sermos opositores para nos **transformarmos na verdadeira oposição**” (negrito no original). Também foi publicada uma notícia chamada de “A oposição convocou, mas não participará das mobilizações” onde foram recolhidos diversos posicionamentos públicos de políticos opositores, dentre os quais o da ex-aliada do governo, Victoria Donda, que falou: “é muito bom que haja uma manifestação democrática. Posso concordar mais ou menos, mais me faz sentir orgulhosa”. Finalmente, foram publicadas mais uma notícia e um artigo referindo-se aos esforços do governo para desarticular a mobilização. No artigo o autor aponta que “todos os indicadores apontam que a mobilização de hoje será superior à do 13 setembro”.

A maioria das matérias que se referiram à mobilização, especialmente nos últimos dias, trazem as pautas “não à reeleição, chega de corrupção, respeito à Constituição, liberdade de expressão” (*Clarín*, 8-11, p.8).

Gráfico 22 - Presença dos enquadramentos motivacionais no tempo.



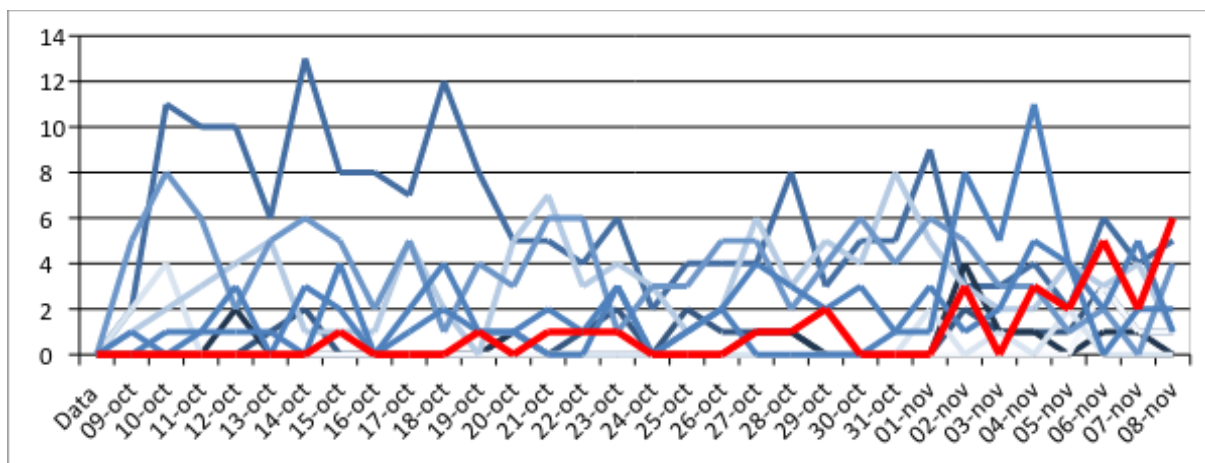
Fonte: Elaboração própria com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro de 2012.

Percebeu-se que a maior concentração de enquadramentos para a ação aconteceu nos dias próximos à manifestação, especialmente no próprio dia da manifestação. Como será desenvolvido mais à frente, uma das hipóteses secundárias da pesquisa indicava que a difusão do enquadramento motivacional poderia não ter acontecido (na forma que o gráfico 22 mostra que aconteceu) ou ter sido mínima, uma vez que a articulação entre a mídia tradicional e os organizadores dos protestos (grupos do Facebook) poderia ter criado uma divisão de tarefas, fazendo com que o *Clarín* se concentrasse em diagnosticar os problemas e apontar para a mobilização como uma das soluções, enquanto a internet ocupava-se com o chamado para se mobilizar.

A saliência específica do enquadramento motivacional se comparada aos enquadramentos diagnósticos e prognósticos foi baixa, mas isso era de se esperar, já que a teoria aponta para a capacidade do jornal de diagnosticar e não de mobilizar. Contudo, o aspecto central foi o crescimento exponencial da difusão dos enquadramentos motivacionais nas proximidades do evento. Aqui, o argumento central foi a importância de se engajar politicamente no “momento histórico” pelo qual a Argentina estava transitando e utilizaram-

se, para isso, de depoimentos tanto de apoiadores do evento quanto de pessoas contrárias a ele. A diferença foi o tom crítico com o qual as matérias que reuniram os posicionamentos contrários ao protesto foram abordadas.

Gráfico 23 - Enquadramento Motivacional – Presença relativa



Fonte: elaboração do autor com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

4.6 Síntese do capítulo

Nas análises dos pontos 4.1, 4.2, e 4.3 traça-se um mapa dos enquadramentos e posicionamentos iniciais do jornal. Sinteticamente, o conjunto das manchetes analisadas no ponto 4.1 transmite a ideia em comum de um cenário conflitivo ou de crise, onde o governo não sabe ou não pode resolver os problemas e que em lugar disso utiliza-se de falsidades para tentar distrair a população para que não percebam a realidade.

O ponto 4.2, o semáforo, assim como a análise das manchetes no ponto 4.1, mostra um enquadramento puramente negativo do jornal sobre o governo (seus funcionários e militantes), colocando-os majoritariamente na cor vermelha e sem ter nenhuma referência na verde. O ponto 4.3 traça uma linha de referência para o resto das análises da dissertação. Considera-se que se um enquadramento apareceu nele já constitui um enquadramento importante no veículo e que terá certo nível de saliência para o restante, o que foi demonstrado no ponto 4.4. Assim, da análise das editoriais e colunas extrai-se que o governo é autoritário (violento, intolerante, que não reconhece críticas), porém ineficaz (que não consegue resolver os problemas, inclusive quando tenta), que tem por objetivo principal se manter no poder perpetuamente (pretende controlar a imprensa, limitando a liberdade de expressão e opinião por meio da distorção de leis, da Constituição e da divisão de poderes,

impondo as próprias mentiras como única informação acessível), e que, acessoriamente, intimida e persegue opositores. Os enquadramentos ali achados vinculam-se aos achados mais extensivamente no corpo do veículo, sendo essa primeira aproximação uma referência útil para navegar pelo resto do veículo.

É claro que o veículo, locado na cidade de Buenos Aires, mas com pretensões de abrangência nacional, necessariamente tenha como principal interlocutor o governo nacional, porém a inexistência absoluta de referências positivas indica uma tendência sistemática. A tomada de posição do veículo fica inegável.

Por sua vez, no ponto 4.4, utilizando como guia os achados dos tópicos anteriores, realizou-se uma exploração mais profunda dos principais enquadramentos produzidos no veículo, com o objetivo de verificar a saliência ou visibilidade desses enquadramentos diagnósticos e prognósticos, entendendo que os enquadramentos temáticos foram desenvolvidos pelo veículo mediante a ênfase dada para as diversas características governamentais (CHONG; DRUCKMAN, 2007). Assim, foram selecionados os 10 principais enquadramentos mobilizados no período e, embora muitos deles estivessem logicamente entrelaçados, procurou-se dividi-los para a análise.

No ponto 4.5 foram listadas e analisadas as notícias que solicitam a participação e o engajamento cidadão nos eventos próximos. Embora quase nunca diretamente, o jornal chamou às manifestações ressaltando a necessidade das pessoas se engajarem pela importância do momento histórico chave que estava se vivendo no país. Para convocar explicitamente as mobilizações, o jornal utilizou-se de entrevistas e depoimentos de políticos opositores, e não dos seus jornalistas.

A análise em conjunto das seções 4.1-5 mostra como a legitimação das mobilizações (mobilização lógica, esperável, necessária, enquadramento de espontaneidade), a criação de injustiças (corrupção, medo, mentiras, autoritarismo, etc.), o chamado ao engajamento, lembrança da data e local do protesto constituíram os diversos elementos que as teorias da ação coletiva postulam como necessários para que um evento do tipo venha a acontecer. Claro que no Cacerolazo, partidos políticos, sindicatos e também redes familiares e de amizade tiveram algum grau, ainda que incerto, de importância na mobilização. Porém, o que é próprio do caso estudado aqui é se a mídia, normalmente não considerada como ator capaz de estruturar a mobilização, teve esse papel.

Sinteticamente, nos termos de Benford e Snow (2000), os enquadramentos

mobilizados indicam que:

1) Diagnóstico: A pátria tomada pelas “forças do mal” (corruptas, violentas, autoritárias, incompetentes) que querem se perpetuar no governo (exemplo: conforme relata o autor do editorial do dia 15 de outubro, a Sociedade Interamericana de Prensa (SIP) irá observar na Argentina:

o processo anterior do chamado pelo kirchnerismo 7D, neste momento, uma campanha com tons totalitários, por conta daquilo da “**simplificação e o inimigo único**” tão ao gosto do Goebbels, Czar da comunicação de Adolph Hitler”. É uma **atitude irresponsável** que promove o clima social de desnecessária tensão em grupos kirchneristas acrílicos e exaltados, mobilizados por slogans e golpes de efeito que procuram demonizar o Clarín e distorcer a verdade (negrito no original).

2) Prognóstico: só a união dos “cidadãos de bem” pode derrotar as “forças do mal” e preservar a liberdade (exemplo: 27 de outubro, artigo “...a boa notícia: como cidadãos temos ainda a vontade de ser atores de um futuro melhor para o nosso país, democrático e republicano”).

3) Motivação: é necessário a mobilização espontânea dos “cidadãos de bem” como instrumento para a defesa da liberdade. Uma vez que estes cidadãos mobilizados não possuem porta-vozes (papel, em geral, exercido pelas organizações sociais e/ou políticas), a mídia assume o papel de dizer o que “a voz das ruas” quer (exemplo: 4 de novembro, depoimento de Mauricio Macri, político opositor: “Eu quero lhes dizer que o 8N nos representa como argentinos e como homens livres que queremos viver melhor, com respeito, com tolerância e pondo a energia em construir e não agredir”. Ainda disse: “...peço-lhes que percam o medo” [de se mobilizar] Chega de confrontar e dividir!”).

5 PÓS PROTESTO: A COBERTURA QUE DESAFIA A TEORIA.

“... a concentração monopólica dos meios de comunicação social que pretende impor pautas alienantes de consumo e certa uniformidade cultural e outras das formas que adotam o novo colonialismo. É o colonialismo ideológico”

Papa Francisco, II Encontro Mundial de Movimentos Populares - Bolívia, 2015.

O objetivo deste capítulo é analisar as matérias produzidas pelo veículo após o evento do 8N. Embora a pesquisa esteja focada na análise dos enquadramentos interpretativos que deram conteúdo e justificativa à mobilização, a existência de um período de análise posterior à mobilização justifica-se por dois elementos. Em primeiro lugar, a cobertura do veículo indicou uma série de demandas como as principais mobilizadas no evento. Procura-se aqui identificá-las para, posteriormente, vinculá-las às outras visões do evento que serão consideradas (capítulo 8). Questionamo-nos se o jornal achou na mobilização as demandas que ele mesmo tinha colocado como fundamentais. Em segundo lugar, a análise das interpretações midiáticas sobre a manifestação encontra aqui sua justificativa no entendimento do contexto em que tiveram lugar, já que as interpretações positivas sobre as manifestações criaram oportunidades para novos protestos. A ideia é ver como as ditas construções serviram para moldar um agente (os manifestantes) diante dos próximos eventos, considerando que o 8N encontra-se no centro do ciclo de Cacerolazos de 2012/3.

Além disso, o período considerado de Pós-evento alcança os cinco dias posteriores à realização do protesto. O objetivo deste período é mapear os enquadramentos sobre a manifestação e os manifestantes que o veículo produziu, considerando que o ciclo de protestos não se esgota no evento analisado e que os enquadramentos produzidos servem tanto para justificar a mobilização e as pautas do evento quanto novas pautas e eventos futuros. A extensão do período de pós-evento responde à concentração de matérias relativas à manifestação, que começam a sumir do jornal a partir do 4º e 5º dias. A análise da cobertura jornalística basear-se-a nas matérias que o jornal produziu sobre o evento, dando especial atenção para as dimensões teóricas que Kaibin Xu (2013) aponta para o estudo da cobertura midiática de protestos.

5.1 A descrição dos manifestantes e das manifestações.

Nesta seção serão analisadas e esquematizadas as matérias referentes à manifestação de 8 de novembro de 2012 (8N). Para esta análise foram consideradas as matérias jornalísticas do período de pós-protesto, nos cinco dias posteriores ao evento de 8 de novembro de 2012, (de 9/11 até o dia 13/11) que se referiram exclusivamente a ele.

No dia 9 de novembro os materiais jornalísticos que noticiaram os Cacerolazos começaram a abordá-los pela capa, assim como no editorial e na charge, três colunas, quatro artigos, sete notícias, uma nota e em todas as cartas de leitores publicadas (7).

O evento foi o tema principal na capa da edição de 9 de novembro, sendo ilustrado por uma foto do *obelisco* rodeado pelos manifestantes; o título da capa, “gigante protesto contra o governo”, foi acompanhado por um subtítulo: “histórica mobilização no país todo”. Já na capa, são sintetizados os enquadramentos que o jornal dará sobre o protesto: “centenas de milhares de pessoas se mobilizaram *pacificamente* nas principais cidades” (grifos próprios), “As pessoas rechaçaram a reeleição, a insegurança, a alta inflação e a corrupção”. No editorial, focado no evento, define-se o protesto como “mobilização popular” e ressaltam-se algumas das características que se identificam como particulares, únicas do evento: aconteceu no país todo simultaneamente, não teve lideranças nem pautas partidárias. Em negrito foi ressaltado que todos os manifestantes compareceram pelos próprios meios (a crítica direta se refere à mobilização partidária acusada de “levar” os “pobres/militantes” em ônibus), e levaram cartazes caseiros. Às pautas colocadas na capa, o autor do editorial adiciona que “as pessoas se revoltam com a soberba”, demandam “mais democracia, respeito à justiça (judiciário) e à Constituição”, “sem lideranças, sem espaços físicos de organização e sem dinheiro” (p. 19), ressaltando a importância da organização nas redes sociais (Facebook e Twitter).

O editorialista ocupou-se também de desmontar as caracterizações que, segundo ele, o governo teria feito do protesto: “pessoal de ultradireita”, “gente bem vestida”, “só se interessam por Miami”. Finalmente pergunta-se se o governo irá “ouvir” o clamor, particularmente na figura da presidente Cristina Kirchner, “será que é capaz de ouvir?”, mas ele mesmo responde: “Cristina tem se viciado em irrealidade. E não concebe outra forma de enxergar as coisas da que ela tem”. Além disso, um dos artigos dessa edição irá apontar, inclusive, que a posição do governo é reacionária na sua concepção da democracia (p. 13), após alguns funcionários apontarem para a resolução dos conflitos nas eleições.

Na primeira coluna do jornal é feita uma crítica ao governo por aquela interpretação do protesto (“suposta filiação direitista e com a ditadura”), mas o que se destaca é a defesa da espontaneidade feita pelo autor da matéria (“o governo objetou a falta de espontaneidade”, “é verdade que foram organizadas, mas as usinas foram as redes sociais”). Ali, Van Der Kooy adiciona também o cansaço, a mentira e a “liberdade vigiada” às demandas principais. O autor reconhece que o “mal-estar social” expresso no protesto está vinculado aos protestos anteriores (e só aumenta em relação a eles), e aponta que a oposição deveria aproveitar o descontentamento para achar a trilha perdida. Embora as interpretações do jornal apontem para a falta de centralidade da demanda pela livre disponibilidade de dólares, ela é anunciada como causa mobilizadora por uma das cinco testemunhas publicadas. A charge que acompanha o editorial reproduz as críticas feitas ao governo na coluna, indicando que o governo não irá “ouvir” as pautas do protesto (o humor, conforme Bérgeon (1985), por ser uma das atividades mais puramente sociais, é sempre político e supõe para a comunidade na qual produz o riso, o compartilhamento de conhecimentos e concepções de mundo; neste caso, pressupõe-se a interpretação da forma em que o governo é, e irá reagir).

Imagem 7 - : Síntese das demandas, para o Clarín

Las consignas de la protesta

- No al odio, no al miedo, no a la re-reelección.
- Con la Constitución no se jode.
- Somos muchos los que decimos basta de corrupción (en billetes de 100 con la cara de Boudou)
- Basta de prepotentes unidos y corruptos organizados..
- Somos laburantes, no golpistas.
- Laburante, aprendé supervivencia. También vas a jubilarte (cartel de un jubilado en Mar del Plata) .
- Unión, libertad y democracia (pancartas en Necochea).
- Queremos seguridad (gritos repetidos en Olavarría).
- Oposición ¡Qué esperás!
- No + inseguridad.
- No 7-D no. Basta de mentiras.
- No al pensamiento único
- Pensamos distinto, y también somos argentinos.
- Perdón, soy clase media.
- Pensamos distinto, y también somos argentinos.
- No somos golpistas, amamos nuestro país.
- Páguenles el 82% a los jubilados (carteles en Ramos Mejía).

For export. Pancarta en Olivos

Mensaje a Cristina: 30 mil personas

Fonte: *Clarín*, 9/11/2012, p. 6

Posteriormente, a primeira notícia do dia centra-se nos depoimentos dos manifestantes, suas características pessoais e motivações para a participação; entre as pautas repetidas sobressai o rechaço “à ditadura” e ainda “a fragata é nossa, não tua. Retorna-a” (lembrando que o conflito pela *Fragata Libertad* ainda não tinha-se resolvido). Outra das declarações aponta que quer que lhe permitam “fazer com seu dinheiro o que quiser, não como na Venezuela ou na Rússia de Stálin”. E outro diz: “odeio o nazismo e o terrorismo de Estado que há agora”.

A cobertura identifica diversos focos da manifestação: na frente da residência de

Olivos (presidencial), no obelisco, “cruzamentos e avenidas” da capital e a área metropolitana de Buenos Aires, Córdoba, Rosário, etc, mas as pautas principais, a duração e o horário do protesto são os mesmos em todos os locais. Também se noticiaram as manifestações ocorridas no exterior do país, em locais como Londres, Paris, Madri, Viena, Berna e Washington, “entre outras capitais”; ainda nos protestos protagonizados por argentinos residentes no exterior (e turistas), as pautas foram as mesmas.

Ao longo das matérias o jornal mostra a existência do conflito midiático, (os manifestantes) “Pedem identificação. “vamos *Clarín*”, alegraram-se diante do crachá” (p.6), e começa a ter destaque a demanda pelo “respeito à liberdade de imprensa” ou “sou aposentada, não me paga o *Clarín*. ANSES também não” (p.12). No artigo de Artemio Lopez (sociólogo e condutor de uma consultora), que costumava ser vinculado ideologicamente ao governo, aponta-se a importância da mídia (de um jornalista do grupo *Clarín*, Jorge Lanata, em particular) como a representação simbólica dos manifestantes diante da crise das lideranças opositoras (p.18).

O autor da coluna seguinte (p.18) aponta que os manifestantes “se esforçaram para evitar os insultos e desqualificações” que tinham sido o foco da análise da mídia oficial nos eventos anteriores, mas que mesmo assim foram marginais. Aponta, ainda, que os manifestantes “fizeram fracassar a polarização induzida pelo governo”.

Finalmente, na edição do dia há uma matéria sobre a cobertura do evento feita pelo canal público no programa “6,7,8” (o qual era explicitamente *kirchnerista*). Em “A cobertura da cobertura” (p. 19) destaca-se algumas frases tanto dos manifestantes que confrontaram a jornalista, quanto dela e as interpretações do *Clarín*. Em primeiro lugar os manifestantes falam “eu não fui trazido por ninguém”, “eu assisto 6,7,8, assisto TN e assisto Lanata”. Enquanto a matéria assinala que os manifestantes se confrontaram pacificamente com a jornalista, noticia também o soco levado por outro jornalista (do canal de televisão privada C5N, vinculado ao governo).

A edição fecha com a publicação das cartas dos leitores (p. 32), as quais todas se referem ao protesto: “foi o meu primeiro Cacerolazo”, “não é verdade que a única maneira válida de se expressar na democracia seja nas eleições” (argumento ressaltado pelo jornal), “o que procuramos é uma maneira de nos expressarmos e sermos ouvidos”, “Estou cansado de ouvir falar à senhora presidente e o seu séquito de aplaudidores eludir falar de inflação, de insegurança, de pobreza, dos aposentados. O povo deve entender que chegou a hora de falar chega”. “Vamos a caminho de uma democracia de enfeite”, colocam.

Contudo, não há uma interpretação homogênea do protesto no jornal. Cada um dos colunistas ressalta uma das demandas como a mais presente (“as mentiras”, “a insegurança”...). Mesmo assim, todas as crônicas transmitem uma valoração positiva do evento.

Já no dia 10 de novembro a cobertura diminuiu em volume, porém o tema ainda apareceu na capa do jornal, em cinco notícias, duas notas, duas colunas e um artigo. É importante destacar que a edição do jornal encontra-se incompleta e não se dispõe do editorial, da charge, e nem das cartas de leitores que, provavelmente, teriam abordado o Cacerolazo.

Todavia, na capa, a informação foi a resposta (ou falta dela) do governo. “Cristina tentou minimizar o massivo protesto” (título da capa), e a foto principal fez referência a outro tema, as inundações acontecidas na capital. A interpretação do veículo é que a demanda é por “ser ouvido” e que o “governo não escuta”.

A primeira nota do dia focou-se no conflito entre as administrações federal (Kirchner) e da cidade de Buenos Aires (Macri) pela quantificação do evento nos arredores do Obelisco, sendo para a polícia federal 70.000 mil pessoas e para a polícia Metropolitana 500.000.

No mesmo sentido que a capa do dia, a primeira notícia teve como foco a reação do governo. Durante um discurso da presidente na residência de Olivos, o destaque da matéria foi a falta de referências ao 8N na fala, a qual centrou-se na defesa das políticas públicas que Cristina reconhece como sendo rechaçadas pelos manifestantes.

Na notícia seguinte, intitulada “a oposição pediu que o governo escutasse as demandas das pessoas” (p. 8), o prefeito da cidade de Buenos Aires, na época, Mauricio Macri, parabenizou os manifestantes e disse, no seu twitter, que “foi um dia pra se emocionar, para estar contentes, porque o povo argentino fez por merecer orgulho”. O ex-governador socialista Hermes Binner, disse “todos temos que escutar as pessoas, que têm suas demandas por segurança e por não furtar”. O deputado Francisco de Narváez, por sua vez, disse que “demandou-se também pela liberdade, pela liberdade de imprensa, pela liberdade de comprar e vender dólares, e também para não se modifique a Constituição. Graças a Deus os deputados e senadores já puseram um freio nesse projeto”.

No que diz respeito à Federación Agrária Argentina (FAA), é resgatada a fala do seu titular, Eduardo Buzzi, que disse: “o governo precisa ouvir as demandas das pessoas, que se manifestaram ontem de maneira pacífica e massivamente para pedir uma mudança na forma

de fazer política”. Sob as fotos de políticos e sindicalistas são colocadas as suas falas, porém, nenhum deles é governista (falas essas que foram mencionadas de maneira indireta). Entre as falas dos opositores, o governador de Córdoba, na época, José Manuel de La Sota disse que “(quem governa) deve saber escutar”.

Essa edição também contou com uma matéria que resgatou o posicionamento de ADEPA e FOPEA, que rechaçaram a agressão sofrida pelo jornalista de C5N. Novamente o jornal põe em destaque a participação “cidadã” nas redes sociais, desvinculadas da política partidária.

Nessa edição, por ser um sábado, apareceu também a coluna semanal de Jorge Lanata, na qual o autor se refere aos manifestantes nos mesmos termos dos seus colegas, “sem lideranças que os levaram, sem ônibus, nem viáticos e sem medo de perder o emprego”. O colunista analisa o argumento do governo que “se posicionando ele próprio na esquerda apresentava o protesto como o nascimento de uma nova direita. O reducionismo oficialista somente ajudará a dificultar ainda mais as coisas...” (p.2).

Na edição do dia 11 de novembro, domingo, o tema foi tratado novamente na capa e também no semáforo, no vermelho. Foram publicadas, ainda, quatro notícias, quatro colunas e quatro artigos se referindo ao evento, assim como uma nota e todas as cartas de leitores do dia (5).

Por ser a edição do domingo a sua estrutura foi diferente dos outros dias, sendo a primeira menção ao 8N na coluna de “humor político”, onde o autor aponta que o protesto foi convocado a partir das redes sociais, mas que o “governo fez todo o possível para que fosse um sucesso”, para, logo, fazer uma contagem dos depoimentos de funcionários públicos que teriam incomodado a cidadania. Além disso, define a mobilização como “a maior manifestação popular que se tem visto desde o começo da democracia”, “eu gosto deste governo. Se tivéssemos um governo sério e amargo nesta seção iriam pôr a *Claringrilla*⁶⁴”. Finalmente conclui, enunciado ironicamente as mesmas demandas que o jornal noticiou sobre os protestos, pressões no judiciário, manipulação da mídia pública, negação da inflação e da insegurança.

No “semáforo” do dia, sinalizada com o vermelho, a presidente Cristina Kirchner apareceu em uma nota intitulada “não ouve, mas responde”. Na nota coloca-se que “desvalorizou as reivindicações, saiu pra ratificar em um discurso os supostos resultados da

⁶⁴ Seção de jogos do *Clarín*.

sua administração”.

Em seguida há uma notícia de página completa que descreve os manifestantes como pacíficos. O foco da matéria é uma enquete que indicaria a grande porcentagem de votantes de Cristina que estiveram presentes no protesto. Ali são expostos vários posicionamentos de diversas consultoras de opinião. Em uma nota relacionada, os consultores apontam que ninguém (ator político) capitalizou o descontentamento das mobilizações.

A notícia seguinte relaciona também, se baseando em estudos de opinião, a queda da imagem de Cristina com o ciclo de manifestações e destaca “a falta de controle da inflação” e “sua soberba” como os posicionamentos mais comuns daqueles que rechaçam a presidente.

Houve, ainda, a continuação da notícia sobre o papel da oposição política após as manifestações (principalmente em termos da conformação ou não de uma frente eleitoral), porém, não houve maiores referências ao protesto. Em uma notícia constituída por 15 imagens resumem-se 15 ações do governo que, segundo o jornal, teriam motivado a mobilização; a corrupção, a pressão ao judiciário e as formas (soberba) unem-se às demandas específicas do sindicalismo (redução do imposto ao lucro).

Uma coluna que analisa a atividade da presidente, intitulada como “excesso de maquiagem, excesso de oratória, excesso de raiva” repete a interpretação do veículo sobre a falta de referências da presidente à “monumental manifestação cidadã” e reconhece, nas “alusões indiretas”, o “espírito vexatório⁶⁵” com o qual a presidente teria se referido à mobilização. A jornalista faz uma citação do discurso presidencial, desligado do contexto, extraindo a frase “você não escolhe um *cazzo*”, criticando a utilização do termo em italiano: “a presidente sabe o que significa *cazzo*? Possivelmente não. Com muita frequência fala de coisas e línguas que ignora completamente”. Mas, responde-se, caso a presidenta saiba o significado, que falou o termo por “não ter limites”. Na coluna, que posteriormente foca-se nas críticas ao governo e ao jornal *Página12* (vinculado ao governo), não são feitas maiores referências aos manifestantes.

Em um artigo intitulado “como resgatar a política do país?” o autor aponta para a corrupção sistemática do sistema político e coloca: “Franklin Delano Roosevelt liderou uma cruzada contra os monopólios. **Os monopólios verdadeiros, não os setores aos quais o poder quer arrebatrar o negócio ou silenciá-los**” (negrito no original). Na matéria destaca-se a posição da Argentina numa enquete do Fórum Econômico Mundial (WEF) sobre

⁶⁵ Humilhante.

confiabilidade e ética dos políticos, onde o país ficou no posto 143 dos 144 países que compunham o estudo e concluiu que os participantes do Cacerolazos, na sua maioria não se sentem representados pelos políticos:

“A cidadania desesperançada saiu a gritar seu desgosto pelo governo atual, mas levando também uma mensagem pros opositores: ‘Façam algo. Os impotentes somos nós, vocês têm os instrumentos que a nós faltam. E se vocês também se sentem impotentes, então renunciem à carreira política. Não podem ser nossos representantes’” (p.34).

Em uma coluna de página completa analisa-se a situação da presidente, sugerindo que após a “imponente” manifestação ela teria perdido uma parte importante do seu capital político. Embora reconheça que a oposição ainda não consegue se apropriar do descontentamento contra a presidente, a matéria foca-se na queda da imagem presidencial e o argumento se sustenta em pesquisas que mostram a diminuição da imagem presencial e no conflito com o mundo sindical. O protesto só é abordado como ponto de partida da argumentação: “a multidão associou na quinta (residência presidencial) a corrupção com o vice-presidente”. Coloca-se que o protesto também apontou para os juízes, “na necessidade de que sejam transparentes e autônomos ao governo”, e também que “a multidão saiu às ruas e foi às praças para manifestar o descontento com o governo”.

Finalmente, cartas de leitores dessa edição também focaram exclusivamente nos efeitos do Cacerolazos. Reuniam depoimentos dos próprios participantes do evento que contestam as interpretações do governo (da forma que foram relatadas pelo jornal), apontando que os participantes do evento teriam sido *ultradireitistas*, e reforçando a interpretação de que os manifestantes se expressaram “sem raiva, mas com firmeza” (nesta edição foi apontado que a presidente se expressava com raiva), assim como as pautas reconhecidas pelo veículo, “é errado ser de classe média?”, falaram. Contudo, na mesma página foram adicionados dois artigos; o primeiro deles “pra unir tem que conciliar” define o evento como “multitudinária e pacífica manifestação”. A ideia do artigo é que a “unidade nacional” é o único caminho possível para o bem-estar geral, sem nenhum ator excluído nem o capital, nem o trabalho, nem os partidos políticos, nem o exército, etc. O autor conclui que:

“Estes postulados concordam com os fundamentos da maior mobilização voluntária da história argentina, não são novos, formam parte do editorial que publicara o jornal *Clarín* em 28 de agosto de 1945, o dia do seu nascimento. Os argentinos continuam procurando a conciliação. Os funcionários do governo continuam negando-a” (*Clarín*, 11 de novembro de 2012, p. 36).

Na coluna seguinte, chamada de “Raiva, daqui à China”, o autor também reforça a ideia do “ideário fundacional do *Clarín*” apontado pelo autor da coluna anterior: “parece que a presidente não registrou muito o 8N”, já que a sua vocação não parece ser “unir e conciliar”.

A nota (artigo) central de análise sobre o Cacerolazo, realizada em dupla página, foi escrita pelo político opositor Julio Bárbaro (PJ) e nela ele atribui às ações do governo o sucesso da manifestação: “algo mudou neste tempo que fez que esse folgado resultado (das eleições) acabasse obrigando muitos a ir pra rua”. Conforme o autor, “o governo reagiu (à mobilização anterior) sem grandeza e as cadeias (nacionais) acabaram incitando outra mobilização”. E finalmente coloca que “o autoritarismo não tem ideologia e, aliás, não é do gosto do nosso povo” (o autor repete a frase já expressa na sua coluna do dia 10 de outubro de 2012).

O artigo seguinte, escrito pelo filósofo Rozitchner, colaborador do PRO, compartilha com o anterior a foto do protesto e centra-se nas debilidades do governo sem descrever a manifestação: “o progressismo (como discurso político adotado pelo governo) atua falando, representando, simbolizando, mas não sabe como dar de comer a ninguém, nem como incentivar a produção, única resposta adequada à pobreza, da qual estão enamorados”. Para o filósofo “O povo só existe no relato, só pode se pôr em movimento com ônibus alugados e favores oferecidos”, reforçando a ideia da negatividade em relação às manifestações partidárias e concluindo que “a manifestação despiu a dupla face do discurso oficial e mostrou uma comunidade que quer se encaminhar”.

Já na segunda-feira o tema saiu da capa do jornal e o volume da produção diminuiu, porém não foi esquecido. Assim, em 12 de novembro foram produzidas duas notícias, um artigo e duas colunas que se referiram à manifestação.

A primeira coluna do dia a se referir ao Cacerolazos o fez a partir da ótica da estratégia de mobilização dos sindicatos antikirchneristas que estavam organizando uma série de medidas de força para levar à frente antes do fim do ano. O autor se põe na pele do sindicalista e diz: “(após o sucesso do 8N) Moyano sabe que [...] a paralisação nacional de 24 horas deverá ser muito efetiva para que a sua figura não fique ferida”. Entretanto, o foco da matéria foi a estratégia sindical, e não houve mais referências.

A seguinte notícia aborda criticamente o posicionamento de *Carta Abierta* (um coletivo de intelectuais vinculados ao kirchnerismo), segundo a qual o coletivo teria apontado que “O funcionário kirchnerista sustentou que a maneira na qual a presidente tomou nota do

acontecido no 8N foi ‘tácita, implícita, um pouco mais oblíqua e menos explícita do que acostumado na política habitual’” (p.10). Porém, logo a seguir é citado um ex-funcionário do governo (Roerto Lavagna, ex-ministro de Economia), no momento opositor à Cristina Kirchner, que contradiz a opinião de Horacio Gonzales (autor da nota de Carta Abierta) e adiciona que “é óbvio que o 54% já não existe” (54% foi a porcentagem de votos que Cristina Kirchner fez no primeiro turno das eleições presidenciais em 2011, e que lhe permitiu se reeleger). A nota adiciona também as postagens no Facebook do prefeito da cidade de Buenos Aires, Mauricio Macri, que postou uma foto aérea da manifestação e, entre outras coisas, disse: “esta presidenta está tirando o pior da história do peronismo e o melhor dos argentinos”.

A seguir, é noticiada a cobertura do programa PPT, de Jorge Lanata, intitulada de “gigantesca mobilização”, na qual o jornalista coloca que “fenômeno que superou as previsões em relação à quantidade de gente, o [caráter] pacífico do protesto e das suas demandas, deu lugar a um amplo debate sobre a dívida pública e privada da argentina” (p.12). Nessa edição (do programa de TV) o jornalista entrevistou o ex-ministro de economia, citado na notícia anterior. Logo, na matéria e (presumivelmente no programa televisivo) falou-se que a dívida pública “paga-se com o dinheiro dos aposentados” (no início do primeiro governo Kirchner), de modo que continuam se produzindo enquadramentos de injustiça.

Ainda em 12 de outubro, uma pequena nota se refere também à falta de reação de Cristina sobre o Cacerolazos, comparando-a com a falta de reação que teria tido Menem quando Fernando De La Rúa ganhou a prefeitura da cidade de Buenos Aires (De La Rúa utilizaria essa prefeitura como trampolim para vencer nas eleições presidenciais de 1999).

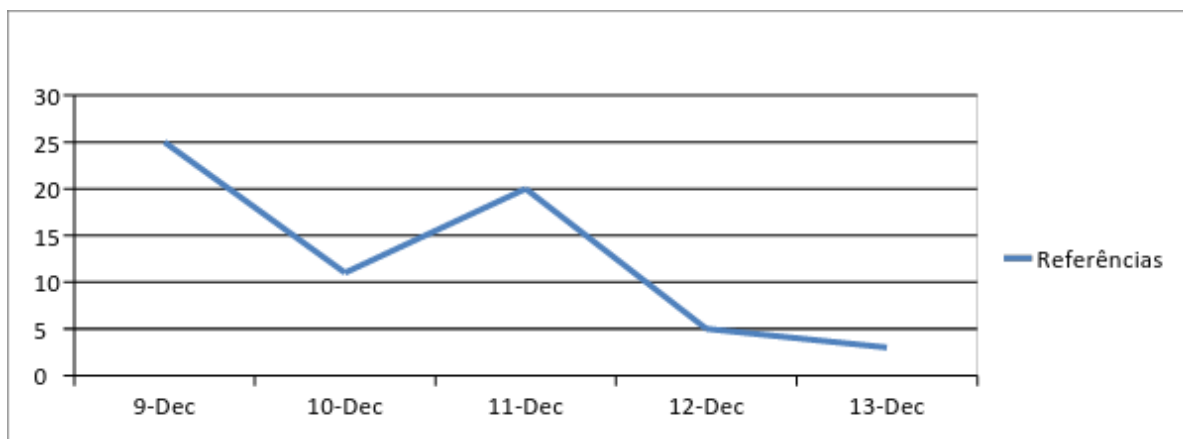
A última matéria do dia sobre o tema, uma coluna, refere-se também à “desqualificação e tom desafiante do *cristinismo*”. De acordo com a matéria “a versão (do governo) com roupas de análise, tentou disfarçar o protesto como uma amostra exclusiva dos problemas da oposição”, “mensagem recebida pelo governo? Parece que não houve” (e reitera-se a crítica ao governo por restringir a vida democrática às eleições). “Esse olhar reacionário considera que as mobilizações sociais não são parte substancial do sistema democrático, não merecem nem sequer ser ouvidas. Não existem”.

No último dia considerado no banco de dados, 13 de novembro, a manifestação se manteve definitivamente fora da capa. O tema foi colocado somente em duas notícias e uma nota.

O tema perdeu centralidade sendo substituído pela insatisfação das centrais sindicais. A primeira referência ao protesto foi incluída na descrição do discurso da presidente Kirchner em sua passagem pela província de Santa Fé. Conforme o jornal, a presidente falou “não vamos lhes fazer o jogo, não vamos nos deixar provocar” e o jornalista interpretou essa sua fala como “a única alusão ao Cacerolazos do 8N”.

Numa nota feita ao titular do Partido Autonomista (partido pequeno sem impacto eleitoral) ele apontou que o Cacerolazo justificava-se porque “há cansaço das pessoas e na oposição também não temos sabido dar respostas” e apontou para a série de demandas já noticiadas; “foi um ato de descontentamento com o governo pela inflação, a insegurança, o desemprego e a corrupção”, disse. A última referência ao Cacerolazo também aconteceu dentro de uma matéria focada em outro tema, dessa vez as atividades do governador do estado de Buenos Aires, que estava se posicionando para as eleições presidenciais de 2015 como sucessor de Cristina (e finalmente foi o candidato do partido): “depois de acompanhar Cristina, horas antes e horas depois do Cacerolazo do 8N, em atos, Daniel Scioli tomou algo de distância da Casa Rosada...”.

Gráfico 24- - Evolução da cobertura sobre o 8N no tempo



Fonte: elaboração própria com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

Como mostra o gráfico 24, as 25 referências que teve o Cacerolazo na edição imediatamente posterior ao protesto superam largamente a saliência que qualquer um dos enquadramentos analisados no capítulo 4 poderia ter tido. Contudo, o interesse do jornal diminui rapidamente, após a edição do domingo, para dar lugar a outros conflitos e demandas contra o governo, principalmente do sindicalismo opositor.

Considerando as dimensões analíticas de Kabin Xu (2013) sobre a cobertura midiática das manifestações, todas as referências achadas contradizem os argumentos das teorias. O

autor aponta para seis dimensões de análise: a ilegalidade/baderna; a performance; a ineficiência das demandas; a desaprovação pública; as fontes oficiais; e o impacto negativo.

Em primeiro lugar, ilegalidade ou baderna se refere às possíveis ameaças à ordem social assim como comportamentos violentos e conflito com a polícia, se destacando a violência dos pequenos grupos radicalizados. Nas matérias analisadas as principais características em destaque dos eventos é a sua pacificidade, sua *apoliticidade* e espontaneidade. Não são noticiados conflitos com a polícia e o único ato violento reconhecido (ataque contra jornalista do C5N) é apontado como um fato isolado, dando maior importância para as maiorias pacíficas.

Em segundo lugar, em relação à performance dos manifestantes, a teoria aponta que eles são retratados como jovens de aspecto engraçado e imaturos e que a cobertura se concentra mais em descrever as características pessoais dos manifestantes do que nas demandas mobilizadas. Nas matérias analisadas aponta-se para a diversidade dos manifestantes no Cacerolazo em termos de idades e classes sociais, se destacando a presença de “famílias” e recolhendo depoimentos tanto de jovens desempregados quanto de aposentados. A maioria das matérias lembra e justifica as pautas que motivaram a mobilização. O jornal evitou (como os materiais de *ES fotografia* mostram) noticiar as performances mais chamativas ou “menos sérias”. Portanto, não acontece a esperada ridicularização dos manifestantes.

Em terceiro lugar, em relação aos objetivos e pautas da manifestação, a teoria aponta que estes não são eficientes por se tratar de demandas radicais, ilógicas ou imaturas e também por conta da desorganização do grupo. Nas matérias tem destaque a razoabilidade das demandas mobilizadas nos Cacerolazos e os depoimentos recolhidos celebram a participação e se orgulham dela. A ineficiência das demandas vem do lado da interpretação do governo; os jornalistas duvidam da capacidade de “ouvir” as demandas por parte da presidente e inclusive apontam que, como anteriormente, não dará resposta a elas.

Em quarto lugar, a desaprovação pública se refere a depoimentos de pessoas não envolvidas na manifestação que reclamam dos prejuízos gerados por ela, assim como mediante uma subestimação da participação no protesto e enquetes que demonstram pouca adesão do público. Na interpretação do veículo sobre o protesto é noticiado o conflito entre as polícias federais e metropolitanas que, sob o controle de duas forças políticas opostas, calcularam (para a cidade de Buenos Aires) números de participantes muito diferentes, sendo explícito este conflito; sendo uma das forças controladas pelo kirchnerismo, a matéria leva a

pensar que essa organização está subestimando a participação, e não o jornal. Além disso, são publicadas diversas pesquisas de opinião que mostram a queda da imagem presidencial de Cristina Fernández, e a alta adesão do público ao evento com uma baixa porcentagem de rechaço. Inclusive é apontado que uma porcentagem relevante de votantes de Cristina Kirchner participou do evento, sendo que supostamente teriam que ter sido contrários. Esses dados apontam para a aprovação pública do evento.

Em quinto lugar, em relação às fontes, o autor aponta que estas costumam ser oficiais e que tais fontes são contrárias às mobilizações, o que daria automaticamente um caráter negativo à interpretação midiática do protesto. Porém, nas matérias sobre o Cacerolazo foram consultadas fontes não oficiais, principalmente depoimentos dos participantes das manifestações. As fontes policiais são utilizadas secundariamente pelo jornal para medir a quantidade de pessoas que fazem parte da manifestação, mas o próprio veículo desconfia da informação oficial (acertadamente), já que o cálculo dos participantes que circularam no protesto (saindo e entrando em momentos diferentes) não permitiu uma contagem exata. Além disso, as matérias mostraram que há controvérsia no número calculado pelas distintas forças policiais, e que o conflito político entre o governo nacional e o governo da cidade de Buenos Aires (foco da manifestação e lugar da contagem) refletiu na forma como as polícias controladas por cada um deles realizaram as contagens. As fontes oficiais serviram também como forma de reforçar as opiniões dos manifestantes (depoimentos de políticos opositores).

Finalmente, Xu (2013) aponta que outra forma que a cobertura midiática costuma representar negativamente as manifestações é pelo impacto negativo que as mesmas geram tanto no que se refere às dificuldades no trânsito, prejuízos econômicos dos comércios da zona quanto à sujeira que o evento deixa ao acabar. Nas matérias analisadas esse aspecto não é considerado. O impacto negativo não é ressaltado, sendo apontado, inclusive, que uma observação negativa foi feita pelo governo para desvalorizar a manifestação, e são desenvolvidas defesas dos manifestantes diante ditas críticas.

Em síntese, a cobertura feita pelo *Clarín* em relação ao Cacerolazo contradiz todos os pressupostos da teoria no que diz respeito ao *paradigma do protesto* e à sua pressuposta visão negativa. Para cada uma das dimensões apontadas por Kaibin Xu (2013) foi demonstrado que o veículo teve uma atuação contrária à predita pela teoria.

Há também, na cobertura dos Cacerolazos, um sentido do “dever ser”, normativo, estranho às publicações jornalísticas, desde que é noticiada a “não notícia”, o que “não aconteceu”. A edição de 10 de novembro foca-se no que o governo (e a Presidente) não fez ou

não falou, dando por certo que ele “tinha” que reagir à mobilização, uma ideia que não se acha presente diante de outras mobilizações. A notícia foi que não aconteceu o esperado.

5.2 Síntese do capítulo

Da análise das matérias extrai-se que a manifestação teria tido como características principais não ser partidária e não possuir organizações formais “por trás”, tendo sido convocada e articulada a partir das redes sociais e, portanto, considerado um movimento autenticamente cidadão. Além disso, tem destaque a passividade no desenvolvimento do protesto, que não acarretou atos de vandalismo nem conflitos com a polícia.

O protesto recebeu um tratamento favorável por parte do jornal que vinculou as ditas características com atitudes *democráticas, conciliadoras, dialógicas, populares* (gerais) em contrapartida com (embora não dito explicitamente) as características negativas das manifestações políticas, e particularmente governistas (onde os manifestantes seriam levados em ônibus e receberiam “um cachorro-quente e uma coca”⁶⁶ em pagamento).

Já analisados os enquadramentos produzidos pelo veículo e os achados por ele no evento é demonstrado que o *Clarín* “encontrou” nos manifestantes as demandas que ele mesmo produziu como demanda válida e justificada. Como contraponto disso, nos próximos capítulos serão analisadas as publicações dos grupos organizados de manifestantes para ver se seus enquadramentos também são coincidentes.

⁶⁶ A frase original em espanhol é “Un pancho y una coca”.

6 O 8N NO FACEBOOK

“La derecha tiene dos ollitas
una chiquita, otra grandecita.
La chiquitita se la acaba de comprar,
esa la usa tan sólo pa' golpear”.

(Las Ollitas - Quilapayún - 1972)

O objetivo deste capítulo é mapear e analisar as imagens e postagens que os administradores dos grupos de Facebook, *El Cipayo* e *El Anti-K*, compartilharam no período de pr-protesto. No discurso público as redes sociais (principalmente o Facebook) foram indicadas como as principais organizadoras e articuladoras dos Cacerolazos. O principal valor atribuído a elas foi a falta de lideranças e ligações com a política tradicional, por conta disso a “história” por trás dos grupos é a história pessoal dos seus administradores, já que não representaram nem criaram nenhum tipo de organização. Os dois grupos escolhidos representam a multiplicidade de grupos existentes e, ao mesmo tempo, são os mais importantes dentre eles (por número de seguidores e visibilidade midiática).

Dos conteúdos compartilhados pelos grupos durante o período de pré-protesto daremos particular atenção para as fontes de legitimidade e credibilidade das quais surgiram os enquadramentos por eles difundidos. Além disso, os administradores desses grupos foram entrevistados para a realização do presente trabalho, o que se tornou central para a análise dos referidos grupos.

Portanto, no ponto 6.1 será descrita e justificada a escolha dos grupos de Facebook analisados. No ponto 6.2 serão identificadas as postagens mais relevantes que foram produzidas pelos grupos e as fontes de criação dos enquadramentos utilizados.

No ponto 6.3 será feita a síntese do capítulo, relacionando as postagens aos depoimentos dos administradores.

6.1 Os grupos

Foram coletadas 144 imagens dos posts do *El Cipayo* e 155 do *El Anti-K* do período

de pré-protesto, as quais foram incluídas manualmente no banco de dados após a coleta dos mais de 550 e 640 links respectivamente recolhidos com o aplicativo Netvizz, no período de 8/10/2012 a 13/11/2012. Sendo a maior parte do trabalho manualmente realizado, considera-se que algumas imagens podem ter se perdido, sem acarretar perdas significativas do material. Além disso, como os grupos postaram reiteradamente imagens similares (principalmente nas convocações para as manifestações), procedeu-se filtrar e destacar as postagens mais relevantes.

Uma análise mais satisfatória dos grupos de Facebook, devido às suas características, teria suposto a captura, no banco de dados, de uma multiplicidade de materiais de naturezas diversas. Entretanto, é importante lembrar que aqui serão consideradas apenas as imagens postadas pelos administradores nos seus próprios grupos, ignorando os vídeos e textos que podem ter sido compartilhados, assim como um grande leque de informações não compartilhadas pelos administradores. Desse modo, tanto imagens e vídeos, mas principalmente comentários, curtidas e compartilhamento dos post não serão considerados.

Embora possam ter diferenças na forma de administração entre os grupos, o *El Cipayo* e o *El Anti-K* serão tomados como duas expressões do mesmo ator (os administradores) e, portanto, não serão exploradas as diferenças que possam existir em suas abordagens, e sim adicionadas. Isto devido à articulação que os grupos tiveram no período e que foi reconhecida por todos os entrevistados.

É importante salientar que as redes sociais virtuais, livres das restrições da mídia tradicional e da cultura jornalística, produzem mensagens que desconsideram o linguajar formal e até utilizam desqualificações pessoais e xingamentos nas mensagens, o que tem sido apontado aqui como uma limitação da mídia corporativa.

Mesmo que seja praticamente impossível determinar qual das questões foi a central nos enquadramentos compartilhados nos grupos, já que há uma infinidade de postagens (próprias e de terceiros) e repetição de imagens (com motivo da convocatória para as manifestações e a distribuição de panfletos virtuais para impressão (com multiplicidade de enquadramentos), supõe-se para cada uma critérios diferentes de quantificação (e o trabalho manual impossibilita a certeza de obtenção da totalidade de mensagens). Assim, é importante apontar alguns temas que indubitavelmente se sobressaíram: reforma constitucional (e reeleição); LSCA (como limitação da liberdade de expressão); pressão no judiciário; Mentiras do governo; ineficácia estatal; e corrupção. Temas específicos, como a retenção da *Fragata Libertad* e o conflito dos *Prefectos* e *Gendarmes*, são colocados nos enquadramentos

principais (por exemplo: “o governo mente e é ineficaz quando disse que não pode melhorar o salário dos Prefectos).

Tanto no *El Cipayo* quanto no *El Anti-K* a presença jornalística é evidente, compartilhando notícias de veículos nacionais e estrangeiros (no *El Anti-K* o conflito midiático tem maior presença, sendo difundidos posts que etiquetavam como mentirosos certos veículos midiáticos - C5N e TV pública – ao mesmo tempo que usaram como fontes válidas de informação os canais do grupo *Clarín*).

6.2 Postagens

Embora se tenha dado atenção principal às imagens postadas nos grupos, algumas delas, pelo seu conteúdo, são melhores entendidas se acompanhadas do texto original com o qual foram postadas.

A edição impressa do *Clarín* do dia 8 de outubro não constava entre os materiais disponíveis na biblioteca do Congresso, e por isso acabou não sendo considerado no banco de dados. O Facebook do *El Cipayo* teve uma interessante atividade esse dia e a capa do jornal foi recuperada para os fins da análise. Em um dos posts do dia em questão o *El Cipayo* colocou a seguinte imagem:

Imagem 8 - El Cipayo, 8/10/2012



A imagem (onde pode-se ler uma suposta fala do Jesus: “Ressuscitei! Pátria, Socialismo ou Morte. Venceremos”) foi acompanhada de um texto que relacionava a realidade Venezuelana com a Argentina, colocando que “a maioria do povo venezuelano escolheu esse modelo, que tem acreditado ser o melhor para representar seus interesses. Mas que compartilha os mesmos flagelos que temos na Argentina: pobreza, insegurança e corrupção”. Logo concluem que “acreditamos que é possível um governo que solucione os problemas das pessoas sem messianismos, sem corrupção, sem mentiras, sem medo, nem construindo projetos de perpetuação no poder”. A vinculação entre a Argentina e Venezuela (ou Equador) é um enquadramento importante no *Clarín*, já que lhe oferece a possibilidade de criticar o governo nacional pelas ações de outro governo.

Na capa recuperada do *Clarín* pode-se ver a similitude analítica com que, anterior à postagem do *El Cipayo* (referida acima), o veículo interpretou a vitória eleitoral de Hugo Chávez:

Imagem 9 - Clarín, 8/10/2012

Clarín Lunes 8 Octubre de 2012
BUENOS AIRES REPUBLICA ARGENTINA AÑO LXVIII N° 23.018

El Gran Libro Clarín del Crochet
HOY LA ENTREGAN N° 10. PRENDAS PARA CHICAS. COMPRA OPCIONAL

Correr de puro corazón
En el Maratón de Buenos Aires participó Eduardo Ortiz, trasplantado de corazón en 1999. Ganó el keniaata Nzioki. P.34

Tema del día Aventajó por 10 puntos al opositor Capriles

Chávez ganó cómodo y logró otra reelección

El presidente venezolano, con 14 años en el poder, gobernará seis años más. En campaña, prometió corregir errores en una sociedad con alta inflación y fuerte fractura social. “Esta victoria es también para la patria argentina”, dijo anoche. P.3

Resultados oficiales

	54,42%		44,97%
Hugo Chávez		Henrique Capriles	

Mesasescrutadas: 90%

Cristina festejó por Twitter
“Tu victoria también es la nuestra. Fuerza Hugo! Fuerza Venezuela!”

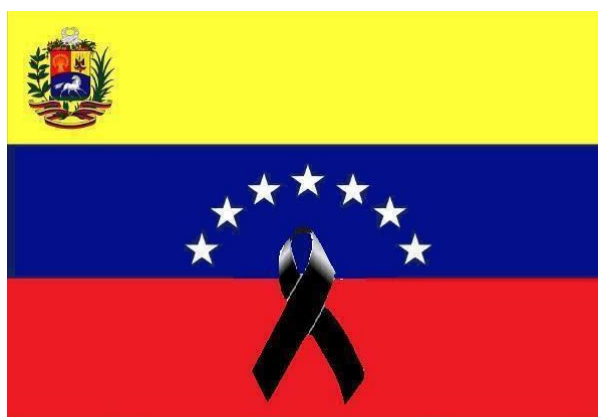
X Enviada especial
Un liderazgo ratificado en las urnas, frente a una oposición más sólida. Por Silvina Heguy

X Análisis Jorge Lanata
La metáfora que deja una sociedad dividida: nadie puede crecer por la mitad

Na capa pode-se ver a vinculação do governo e contexto da Venezuela e da Argentina. A epígrafe se refere à alta inflação e a uma sociedade dividida. Além disso, o jornal recupera o tweet de Cristina parabenizando Chávez.

Por sua vez, no *El Anti-K* foram produzidas nesse dia dois tipos de postagens em relação às eleições da Venezuela.

Imagem 10 - El Anti-K, 8/10/2012⁶⁷



**No perdio Capriles.
Perdio VENEZUELA**

De um lado, aquela que lamentava a vitória de Chávez; por outro lado postagens que reclamam da liberdade de expressão na Venezuela, fruto da detenção do jornalista Jorge Lanata e da suposta apropriação, por parte de funcionários venezuelanos, dos materiais jornalísticos. Para isso, compartilharam imagens capturadas do canal de televisão a cabo TN (do Grupo *Clarín*):

⁶⁷ No texto pode-se ler “Não perdeu Capriles. Perdeu Venezuela”.

Imagem 11 - El Anti-K, 8/10/2012



Na imagem pode-se ler “Lanata retido em Venezuela. Não há contato com a equipe do *el trece* e TN em Caracas”. Além disso, para fortalecer o enquadramento que vincula ambos os governos foram compartilhados, no *El Cipayo*, os tweets que Cristina Kirchner fez (“tua vitória também é a nossa. A de América del sul e o Caribe. Força Hugo! Força Venezuela! Força Mercosul e Unasul” e do Chávez”). A postagem do tweet de Cristina foi acompanhada pelo texto “O que dirá nossa presidente da detenção ilegal de nossos jornalistas? Nós lhe dizemos...Senhora falta cada vez menos para o #8N”.

Entre outras das postagens no *El Cipayo* que necessitam do texto para se entender, no dia 10 de outubro de 2012 foi publicada a seguinte imagem:

Imagem 12 - El Cipayo, 10/10/2012



O texto que acompanha a imagem indica que, conforme a versão do kirchnerismo, todos os problemas dos quais ele mesmo é a causa seriam responsabilidade de outro. Em uma larga lista de problemas o post, seguindo a mesma fórmula, coloca: “A culpa da insegurança é da mídia”; “A culpa do protesto da Prefeitura e Gendarmeria é de Magonetto e dos juízes”, etc. O post conclui, finalmente, que: “Se há alguma coisa clara no kirchnerismo é que os acertos são sempre próprios e os erros são sempre alheios... curioso ‘modelo’”. O argumento lembra o enquadramento utilizado pelo *Clarín* no editorial do mesmo dia.

Em sequência, no dia 11 de outubro de 2012, no *El Cipayo*, foi publicada a seguinte imagem, na qual se resume quase perfeitamente o enquadramento de “a democracia em perigo” que foi verificado no veículo:

Imagem 13 - El Cipayo, 11/10/2012



O texto que acompanhava a imagem analisa as ações do kirchnerismo em função da utilidade delas para a reeleição de Cristina Kirchner: “... tudo o que farão procurará o objetivo principal de se perpetuar no poder”. Conforme essa chave interpretativa entende-se que a aprovação da LSCA responde ao interesse de controlar a mídia para, até as eleições do próximo ano (2013), conseguir ter apoio popular para melhorar o desempenho eleitoral e se aproximar da maioria necessária nas câmaras para realizar a reforma da Constituição. O argumento é similar ao produzido no dia anterior na notícia “Três anos da lei de meios: outro exemplo do relato Kirchnerista” onde se aponta que “Há cada vez mais meios nas mãos de

empresários amigos do governo” e que o único na notícia “Cristina voltou pressionar a justiça pela lei de meios”, aponta-se que “exerceu pressões sobre a justiça ao criticar as decisões vinculadas a essa norma (LSCA)”.

Posteriormente, no dia 1 de novembro de 2012 foi abordada no *El Cipayo* a questão da aprovação do *Per Saltum*. De acordo com a interpretação do grupo, a vontade do governo na aprovação dessa lei responde ao interesse de chegar ao STF sem “... passar pelas instâncias judiciais obrigatórias. A motivação é muito clara: A lei de meios”. Esse tipo de enquadramento possui grande similaridade com o exposto no editorial do *Clarín* do dia 21 outubro.

No dia 1 de novembro de 2012 o *El Cipayo* atrelou uma foto do “Corvo” Larroque a um texto no qual se apontou que durante a sessão o deputado “gritava como energúmeno e recebia de fundo o beneplácito dos camporistas”. Segundo a interpretação dos autores, como líder da agrupação Larroque procura organizar “atividades de propaganda fantasiadas de ajuda social e doutrinação de menores nas escolas”⁶⁸. Sobre a sua atitude e participação no plenário da câmara de deputados, foi publicada a notícia principal na capa do jornal *Clarín* do mesmo dia.

No *El Cipayo* no dia 2 de novembro de 2012 foi postada a seguinte imagem:

Imagem 14 - El Cipayo, 2/11/2012



⁶⁸ O questionamento das atividades de La Cámpora em escolas teve lugar no mês de Agosto, quando o enquadramento foi amplamente difundido pelos veículos do grupo *Clarín* e *La Nación*, porém eles não fazem parte do banco de dados da pesquisa.

A imagem reproduz as logomarcas dos partidos que apoiavam o voto jovem. Mesmo que a imagem não transmita a ideia, o texto que acompanha o post descreve o enquadramento mobilizado. Nele rechaça-se a atuação do deputado kirchnerista “*Corvo*” Larroque, apontando as causas pelas quais o kirchnerismo teria decidido atacar ao socialismo: “Como sempre falamos, a intenção principal do Kirchnerismo é a perpetuação no poder. Com esse intuito necessita, diante as eleições de 2013, da maior quantidade de votos possíveis para atingir o número que o aproxime da reforma constitucional”. Na postagem considera-se também que os novos votos (dos jovens) iriam para o kirchnerismo nas eleições seguintes, por conta do “prolongado trabalho de doutrinação infantil nas escolas”. O argumento também vincula a violência do deputado kirchnerista à ideia de se *apropriar* da aprovação da lei para, dessa forma, se apropriar dos votantes jovens que poderiam apoiar os candidatos do socialismo de outro modo (“nesse contexto a melhor solução para o kirchnerismo é arrebatar os votos do FAP e de parte da UCR”). O argumento lembra o exposto no editorial do *Clarín* do mesmo dia.

Também merece destaque a postagem do *El Anti-K*, do dia 5 de novembro:

Imagem 15 - El Anti-K, 5/11/2012



O filho de Cristina Kirchner, Máximo, sempre foi descrito como infantilizado e incapaz. Na postagem do grupo sugere-se que ele utilizaria o cartão de desconto “argenta” (política do governo para aumentar o consumo dos aposentados) com o objetivo de comprar um console de jogos de videogame: “eu também a tenho (a argenta) e por isso, comprei o Playstation 4”. Dias antes da publicação do post do *El Anti-K*, foi publicada a referida coluna de Lanata (3 de novembro), “Máximo, o *ursinho*, de mamãe não é mudo”, onde é descrito dessa forma, infantilizado.

Na campanha pela difusão do evento o *El Anti-K* produziu também uma série de posts nos quais se distribuía um panfleto para a impressão e distribuição por parte dos participantes nas diferentes cidades em que se encontrassem. Segue o panfleto, capturado em 2 de novembro:

Imagem 16 - El Anti-K, 2/11/2012



Segundo o panfleto publicado no grupo, para impressão e difusão nas distintas cidades do país (ou no mundo), as pautas principais da mobilização são “o respeito à Constituição nacional”, a “justiça independente”, “liberdade de expressão”, “inflação” e “segurança”. Paralelamente, reconhece-se que o governo é autoritário e corrupto. Esses enquadramentos estão presentes, de algum modo, nos editoriais e colunas dos dias (11, 13, 15, 17, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29 e 30 de outubro e 2 de novembro. Sem considerar o resto dos materiais, percebe-se o grau em que as redes sociais puderam ter tido influência da mídia corporativa.

Também, a partir de 9 de outubro são difundidos posts no *El Anti-K* demandando a liberação da Fragata Libertad, e no *El Cipayo* a partir do dia 11 do mesmo mês. A retenção do barco aconteceu dia 2 de outubro, portanto ficaram de fora do banco de dados tanto as publicações dos grupos de Facebook quanto os jornais que cobriram o início do conflito. Porém, o tema apareceu no período como um dos centrais, sendo a manchete principal da capa do jornal em 6 das 31 edições consideradas.

6.3 Síntese do Capítulo

Como mostram as postagens selecionadas, ao longo do período os enquadramentos que os grupos de Facebook utilizaram para justificar o descontentamento com o governo e convocar as mobilizações tiveram um profundo vínculo com os enquadramentos produzidos e difundidos pelo veículo, mas foram readaptados pelos grupos nas distintas imagens compartilhadas.

Além da similitude argumentativa, que poderia ser explicada pela posição crítica ao governo nacional, o que chama a atenção no capítulo é a ligação temporal dos enquadramentos. Mesmo que estejamos cientes de que o Grupo *Clarín* possui uma multiplicidade de plataformas nas quais poderia ser difundido um enquadramento (só a título de exemplo, o jornalista estrela do veículo no momento, Lanata, possui tanto seu programa de televisão como a sua coluna no jornal e um programa de rádio), nos enquadramentos coincidentes no Facebook com o veículo foram achadas somente postagens posteriores, e, na maioria das vezes, imediatamente posteriores aos editoriais e colunas. Às vezes enquadramentos antigos (como a doutrinação escolar que *La Cámpora* fazia nas escolas) mantiveram-se presentes e vincularam-se aos novos enquadramentos (como a intolerância de Larroque).

Nestes casos os grupos se valeram de imagens e textos próprios, os quais reproduziram os enquadramentos criados pelo veículo. Encontram-se presentes os enquadramentos de mentiras do governo, de doutrinação (como forma de se apropriar do voto jovem, cujo objetivo é contribuir para a reforma constitucional e a eternização no poder) e o controle da mídia e do poder judiciário os quais contribuem com o mesmo objetivo da eternização, e o vínculo com o governo Chávez na Venezuela como forma de enquadrar em autoritarismo.

Um dos objetivos do capítulo era verificar a existência de enquadramentos que não tivessem vinculação direta ou imediata com os difundidos pelos veículos e respondessem como os administradores dos grupos de Facebook apontam as demandas que “as redes” ou a “cidadania” tinham, assim como também informações que as “novas mídias” compartilharam independentemente da mídia corporativa. Porém, não se acharam enquadramentos divergentes.

7 OS VÍNCULOS

“A mídia de massas está envolvida numa relação simbiótica com as fontes de informação poderosas tanto pela necessidade econômica quanto pela reciprocidade de interesses”. (CHOMSKY; HERMAN, 2013, p. 50)

O objetivo deste capítulo é avançar em mais uma dimensão de análise dos enquadramentos mobilizados ao redor dos Cacerolazos, explorando as relações que se criaram entre os diversos atores vinculados ao espaço antikirchnerista, entendendo que esses vínculos podem configurar um tipo de atuação articulada que explicaria os papéis desempenhados por cada um deles, produzindo uma divisão de tarefas diante da organização e o sucesso dos Cacerolazos.

Deve-se considerar que ditas inferências surgem, principalmente, dos depoimentos dos administradores dos dois maiores grupos de Facebook que participaram da convocatória para os protestos, *El Cipayo* e o *El Anti-K*, e da análise das postagens dos grupos em relação temporal e de conteúdo com as publicações da mídia. Os apontamentos realizados a seguir consideram que as relações demonstradas entre os atores constituem somente uma reduzida parcela da realidade, já que existiu uma multiplicidade de administradores e veículos jornalísticos que não formam parte do banco de dados.

Dos depoimentos deve-se dizer, inicialmente, que vários dos entrevistados, atualmente em cargos de governo, têm sido nos últimos anos, entrevistados em diversas oportunidades tanto para a mídia nacional como também internacional e têm desenvolvido um discurso articulado e pré-formatado para as perguntas que foram realizadas. O livro *Democracia 2.0*, de CCA, administrador do *El Cipayo*, é um bom exemplo disso, já que reproduz os mesmos argumentos que ele e o LB utilizaram nas entrevistas.

Foram entrevistados quatro ativistas (administradores) que estiveram envolvidos nas organizações das manifestações, dois deles administradores do grupo de Facebook *El Cipayo*, um deles ex-administrador do grupo *El Anti-K* e um deles membro do Partido Liberal Libertário (mas se reconhecendo como ativista independente durante o período das

manifestações)⁶⁹.

Assim, no ponto 7.1, partindo das entrevistas com os administradores dos grupos de Facebook que convocaram as manifestações, procurou-se conhecer como foi o processo de organização dos eventos tanto em termos das fontes dos enquadramentos difundidos quanto das articulações que se estabeleceram entre eles e outros atores (midiáticos, políticos, empresários, etc.).

No ponto 7.2 serão analisadas as postagens dos grupos de Facebook que reproduziram ou compartilharam materiais da mídia corporativa, especificamente do grupo *Clarín*. Diferentemente do ponto 6.2, onde se mostrou a reprodução dos enquadramentos em formatos criados pelos próprios grupos, trata-se aqui de mostrar a utilização da mídia corporativa sem mediações nas redes sociais como forma de fortalecer a legitimidade e autoridade das mensagens compartilhadas.

No ponto 7.3 realizou-se a síntese do capítulo, procurando achar as relações existentes entre os vínculos dos administradores com outros atores e as postagens dos grupos.

7.1 Administração dos Cacerolazos e participação política

Os Cacerolazos são descritos pelos entrevistados como movimentos anárquicos e heterogêneos que aglutinaram uma diversidade de atores com múltiplos interesses que confluíram naquele espaço por compartilhar o rechaço ao governo de Cristina Kirchner e que, conforme YS, funcionaram “por acaso”.

De acordo com os próprios depoimentos dos entrevistados, uma parcela significativa daqueles que começaram a ter atividade nas redes sociais (Facebook) pela própria vontade de se expressar contrários ao governo de Cristina Kirchner, acabou, no final do ciclo de manifestações, fazendo parte de algum dos partidos que posteriormente construíram a aliança eleitoral *Cambiemos* (que levou, em 2015, Mauricio Macri à presidência do país). Nessa linha, cada um dos entrevistados relata uma trajetória política diferente que procura induzir a pensar que as oportunidades de participação na política partidária surgiram para esses indivíduos como fruto da participação nas redes sociais, por serem administradores destacados.

⁶⁹ As fotos do ES Fotografia mostram, porém, panfletos do partido chamando à manifestação.

Assim, enquanto YS reconhece certa participação política anterior ao processo de criação dos Cacerolazos (“eu faço parte do grupo que em 2009 formou o partido Liberal Libertário... o nível de participação ali se parecia mais com uma ONG do que com um partido”), LB (*El Cipayo*) aponta que ele não tinha nenhuma participação nem interesse político antes da sua participação nos Cacerolazos. Porém, ambos formam parte (no momento das entrevistas) de dois dos espaços principais que conformam a aliança de governo⁷⁰, YS no PRO (através da participação na agrupação “*Union Por Todos*”, liderada pela Ministra de Segurança Patricia Bullrich) e LB na *Coalición Cívica* (liderado pela deputada federal Elisa Lilita Carrió). Além disso, ambos também participaram das eleições de 2013 como candidatos e, após não serem eleitos, deixaram suas profissões anteriores para virar funcionários do governo eleito em 2015.

MM (*El Anti-K*) e CCA (*El Cipayo*) também não tinham participação política formal antes dos Cacerolazos e não vieram mudar suas vidas laborais como consequência das manifestações por decisão própria. CCA relata que não teve interesse em participar como candidato visto que não iria significar formar parte de uma construção política. Por sua vez, MM teve uma proposta do Partido Renovador (PR) que acabou rechaçando por indicação de MT, que na época era a outra administradora do grupo *El Anti-K*. MT tinha começado a participar do partido de Bullrich e achava que a participação de MM no PR poderia prejudicar sua imagem. MM inclusive relata que a sua saída da administração do *El Anti-K* foi produto da apropriação, por parte da MT, das senhas do site e do grupo. MT teria se apropriado dos grupos para colocá-los a serviço do partido e, simultaneamente, consolidar a sua posição pessoal nele⁷¹.

Na entrevista MM aponta que a organização dos Cacerolazos foi ficando cada vez mais difícil porque os “políticos como *Lilita Carrió* ou Patricia Bullrich, que tinham seus próprios referentes nas redes sociais, tentaram posicioná-los dentro do movimento de realização disso tudo, que como nasceu, nasceu apartidário”, o que teria começado a afastar pessoas não vinculadas à política, particularmente após o episódio do 13S (anterior ao 8N). Finalmente conclui que “quando os administradores começaram ter a ver com os políticos, aí foram todos se afastando de todos, foi algo geral. Não que aconteceu com um grupo em particular, porque não havia administradores em um momento que não tivessem a ver com

⁷⁰ Em 2015 *Cambiamos* venceu nas eleições não somente no nível federal, mas também nos maiores Estados do país, tendo o PRO o controle tanto do Estado de Buenos Aires (Maria Eugenia Vidal) quanto da Cidade de Buenos Aires (Horácio Rodríguez Larreta).

⁷¹ Não foi possível estabelecer contato com MT para realizar uma entrevista.

algum político”. No caso da MT, aponta que desde que “ela começou militar no PRO eu percebi que já não eram as opiniões da pessoa que eu conheci”.

Mas mesmo reconhecendo não ter interesse nem participação política anterior à organização dos Cacerolazos, LB comenta ter uma relação pessoal de amizade com um político de *primeira linha*, ao relatar que até 2012, quando a oposição política estava derrotada,

“...um político, amigo meu, hoje Ministro de Agricultura (Ricardo Buryaile), me falou ‘o que diabos podemos fazer nós?’, e eu falei pra ele, ‘o que a gente está pedindo é que a oposição se junte, emita um comunicado ou algo em conjunto (contra a reforma constitucional), adiantem-se ao 8N’ e esse foi o primeiro ato da oposição toda junta após o 54% da Cristina” (deputados e senadores da oposição firmaram um acordo pelo qual se comprometeram a não votar favoravelmente à reforma da constituição).

YS, por sua vez, sobre a sua relação com políticos, reconhece que “sempre soube me mover para conhecer pessoas”. Também conta LB que o próprio processo de organização dos Cacerolazos lhe permitiu conhecer e estabelecer amizade com jornalistas e atores políticos: “(Para o 8N) montamos com um analista político bastante conhecido, o *Turco Asís*⁷², a ideia de que se o 8N tinha sucesso, o 7D⁷³ não teria”.

Imagem 17 - Charge no El Cipayo, 17/10/2012



A imagem, postada no dia 17/10 no grupo *El Cipayo*, representa essa ideia, recriando

⁷² Jorge Asís é um escritor e jornalista Argentino. Foi funcionário do governo Menem e candidato, em 2007, a vice-presidente na chapa do Jorge Sobisch (governador do Estado de Neuquén, famoso pela repressão dos docentes que levou à morte a Carlos Fuentealba). Asís é vinculado à defesa do terrorismo de Estado da última ditadura militar argentina. Entre 1976 e 1982 trabalhou no *Clarín*, e tem publicado livros críticos ao kirchnerismo. No *El Cipayo*, durante o período, também foram compartilhados seus tweets convocando ao 8N.

⁷³ O governo tinha organizado uma grande mobilização para o dia 7 dezembro de 2012, quando acabava o prazo do *Clarín* para começar a se adequar à LSCA.

um jogo de Truco no qual o governo tentaria ganhar a partida botando o 7D, mas seria vencido pelo 8N.

LB relata também a relação que estabeleceu com Rosendo Fraga⁷⁴ “com ele nos reuníamos uma vez por mês durante 2012 e 2013 para analisar enquetes, como a opinião (pública) ia mudando, tu vias que o governo passou de vencer com 54% em 2011 a perder em 2013, e o único fato político que aconteceu no meio foram as marchas”.

Fruto dessas parcerias e do sucesso que as mobilizações começaram ter aponta LB que:

“Olhando enquetes vimos que após as manifestações a imagem de Cristina descia 5 pontos”...“começamos a pensar mais estrategicamente, no turbilhão dos protestos e a mesma fumaça que gerava nos isolou um pouco do que fazíamos antes: ler os comentários o que a gente estava pedindo. E começamos, não no mal sentido, a acreditar que podíamos modificar a opinião das pessoas, fazer com que saíssem pelo que nós queríamos”.

A estratégia respondia ao desejo de melhorar o desempenho da oposição nas eleições de 2013. Nesse sentido, LB conta que os analistas políticos falavam para eles que até uns 20% da população chega à cabine de votação sem ter uma decisão certa de por quem optar, assim, sabendo que o efeito imediato das manifestações é a queda de 5 pontos na imagem positiva de Cristina (que posteriormente se equilibra deixando uma queda de 3 pontos) pensaram: “o que acontece se antes da eleição nós fizermos uma mobilização?”, assim foi decidida a mobilização do 8A em 2013. Finalmente, tal mobilização teve uma baixa repercussão em relação aos episódios anteriores por conta de um acidente que aconteceu na cidade de Rosário no dia 6 de agosto, onde um prédio explodiu devido a um vazamento de gás e o governo resolveu decretar três dias de luto nacional e os partidos políticos resolveram cancelar os atos finais das campanhas. Uma série de opiniões contrárias sobre a pertinência ou não de realizar a mobilização naquele contexto contribuíram para a confusão e a queda na participação.

LB comenta ter tido relações e contatos com políticos durante o processo de organização do protesto: “Tínhamos um grupo de políticos que acompanharam, no sentido de ‘Lilita’ (Carrió), quando ia para TN, lhe falávamos, ‘tens que falar tal e tal coisa’” e ela fazia a entrevista e no final falava “e quero lhes comentar que nas redes sociais há uma convocatória”.

⁷⁴ Rosendo Fraga é analista político, jornalista, historiador e colunista do Jornal *La Nación e Clarín*. No seu papel de analista político é comumente convidado a participar dos programas televisivos do grupo *Clarín*.

Também, após o evento de 13S, LB relata que políticos que anteriormente tinham ignorado eles, procuravam conhecê-los:

“ligava-nos o deputado: ‘quero vê-los, onde podemos nos encontrar, gostaria de falar com vocês’. E aí começou um desfile de políticos, jornalistas, analistas, empresários. Todo mundo queria se juntar. E muitos, principalmente para saber o que a gente fazia, não é que muita gente tenha colaborado. Tudo isso estou falando agora, naquele momento não falávamos nada porque estávamos no meio da história.”

Na mesma linha, MM relata que, após o sucesso do 8N e durante a organização do seguinte protesto (18A), “lembro que a gente teve uma reunião no congresso, com uns 20 administradores e estavam os deputados de De Narváez, o pessoal de Carrió, de Bullrich e alguém do PJ”, “A ideia era convidar os políticos, consertá-los com a ‘gente’”.

Paralelamente, MM atribui importância aos vínculos políticos que outros administradores se orgulham de ter: “todo mundo tinha reuniões com Carrió, MT e eu tivemos reuniões com ela”.

Segundo os administradores do *El Cipayo* e YS, houve um interesse manifesto deles em aproximar os políticos da cidadania (expressada nos Cacerolazos), o que levou também a substituir os Cacerolazos por participação política, acabando com o ciclo de protestos:

“dentro do movimento tinha duas linhas. Uma que eu liderava junto como LB, e era a de ‘temos que ajudar a oposição para que se reconstrua como ator político e representativo deste pensamento, temos que revalidá-lo’ e outros falavam que ‘que se vão todos, assembleia do povo, vamos tirar a Cristina’” (YS).

Para ele, “felizmente os institucionalistas éramos mais e fomos levando progressivamente os Cacerolazos para que tivessem mais participação dos políticos”. Para LB, em 2013, após ter sido realizada a mobilização do 18A na qual foram convidados os políticos da oposição com o intuito de aproximá-los da cidadania [...] começa o tema da campanha. Além disso, muita gente pensava “‘descarreguemos o descontentamento votando em alguém da oposição’, castiguemos o kirchnerismo com os votos”. Porém, para CCA, também do *El Cipayo*, o final aconteceu naturalmente:

“quando se chegou nessa cumbre de gente, depois teve outros protestos com menos pessoas e a energia começou a passar pela mudança política, quando se aproximaram as eleições, quando as pessoas tinham marcado sua posição, quando a oposição começava se constituir, começava se substituir o contrapeso que eram as pessoas”. Mas, para MM, “na

medida em que a intervenção dos políticos foi crescendo o movimento foi decaindo e o poder de convocatória também” (CCA).

Pelo lado dos vínculos midiático, os organizadores dos protestos reconhecem ter tido articulação com jornalistas e veículos midiáticos, particularmente,

“Quando lançamos o 8N, como estratégia tinha colocado que no mínimo 2 ou 3 vezes por semana o 8N tinha que aparecer na manchete de um jornal, na capa, as letras 8N. Essa era a minha responsabilidade, tínhamos que procurar políticos, sindicalistas, artistas, um monte de gente que o tweetaria algo ou falaria algo, depois combinávamos com algum jornalista que noticiaria esses depoimentos” (LB)

Inclusive, YS aponta que “escrevia como colunista do *infobae*, mas usava a coluna para *baixar linha*”, e que, além disso, ao relatar os conflitos que surgiram entre os próprios administradores e ele que não era administrador de um grupo, disse: “eu faço ligações com políticos, eu faço ligações com a mídia e, aliás, vou à mídia e defendo e em todo lugar a gente fica bem... tá bom, eu não faço o trabalho que tu faz (na internet), mas o meu trabalho ajuda a causa tanto quanto o teu”. MM, um dos que se incomodava com o protagonismo de YS, coloca que “ele não tinha nem página própria e aparecia sempre muito colado com Bullrich” (MM).

CCA, consultado sobre a relação da mídia com os Cacerolazos, apontou: “...pensar que a mídia não tem nenhum interesse mais do que informar, me parece uma ingenuidade, acho que havia veículos um pouco mais críticos do governo e veículos mais favoráveis e que os críticos seguiram os protestos mais de perto”.

Embora todos os entrevistados reconhecessem certas dificuldades, ciúmes e conflitos entre os organizadores dos eventos, a questão foi percebida de modo diferente por cada um deles. Enquanto YS apontava que “Tinha gente que acreditava que os pagamentos ou os benefícios da aparição na mídia distribuíam-se de maneira injusta”, dando centralidade à aparição midiática, CCA coloca que “também tinha aquela questão toda de quem decidia as datas primeiro,... na realidade são picuinhas, mas bom, às vezes as pessoas dão bola para essas coisas e queiras ou não, também é uma forma de fazer política”, de forma que valora a questão de outro modo. Mas é MM quem dá maior sentido à problemática: “outro caso... nossa página foi a primeira que lançou o 18^a, que foi uma marcha tanto ou mais importante que o 8N, foi gigante... e no outro dia aparece uma nota em *La Nación* com o pessoal do *El Cipayo* se adjudicando a mobilização”, e coloca “imagina como isso nos fez sentir”.

Também em relação aos vínculos com a mídia tradicional, LB conta que certa vez recebeu o convite de um personagem jornalístico importante:

“questão que um dia, por intermédio de um político, me falam ‘há um cara muito importante de um meio que quer te conhecer’. Questão que chegamos a nos reunirmos com o dono de *La Nación*, Júlio Saieg, que depois ficamos bastante amigos. E estávamos na reunião e fala ‘alguém quer lhes conhecer’, era o editorialista, e nos falou ‘eu leio vocês, muitas coisas que vocês têm falado, depois a gente tem feito artigos’”.

A história contada por MM tem outros detalhes. Principalmente, não coloca o grupo *El Cipayo* como um ator tão central quanto o depoimento de LB: “As entrevistas que nós tivemos, no *La Nación* e no *Clarín*... inclusive no *La Nación* estivemos com eles (*El Cipayo*). E inclusive nós tivemos com MT uma entrevista com Mignetto”, “Ele queria nos conhecer”.

Por outro lado, para explicar a sua posição e importância dentro da organização dos Cacerolazos, YS (que não estava vinculado a nenhum dos grupos de Facebook) reconhece que “eu tinha bom vínculo com os jornalistas e os políticos... desde antes”, “tinha a minha coluna (no portal Infobae.com)”.

Entre outros vínculos, LB reconhece conexões internacionais: “A gente trabalha com pessoas na Venezuela, Cuba, Equador... trabalhamos com Corina Machado, e Leopoldo López, da Venezuela”. Para ele os processos políticos em curso na América Latina surgiram de um modelo que estaria se replicando na região:

“para que o governo tenha sempre mais poder e a oposição fique desarticulada. Lembro que falando com Corina Machado, lhe perguntei ‘o que está nos faltando para ser Venezuela?’, ‘que o governo Kirchnerista ganhe mais uma eleição presidencial’. Essa eleição foi a que aconteceu agora”(LB).

Imagem 18 - Tweet El Cipayo, 8/11/2012



O tweet de Corina Machado, “viver em democracia requer que os cidadãos assumamos direitos e deveres”, foi publicado em *El Cipayo*, dia 8/11/2012, dia da

mobilização (8N).

Por outro lado, há certo consenso quanto à forma em que os administradores organizavam os protestos, se reunindo em uma imobiliária, inicialmente, ou na casa de algum deles para pensar os “passos a seguir” e se coordenar, o que reforça a ideia de que as mensagens dos grupos de Facebook, independentemente da fonte, seriam coincidentes. Os administradores relatam que dessas reuniões saíam as diretrizes para a coordenação com os grupos menos importantes, a mídia tradicional e os políticos da oposição. O reconhecimento da articulação interna entre administradores gera certo conflito com a ideia de espontaneidade e auto-organização, divulgada na época e contestada pelo pólo governista.

Finalmente, LB e MM contam ter recebido convites de grupos estrangeiros, representantes dos Holdout (ou fundos abutre) interessados em financiar a construção de uma agrupação política oposta à *La Cámpora*, com o objetivo de concorrer com eles no espaço político. MM e LB reconhecem ter viajado até São Paulo para manter uma reunião com eles (separadamente), mas ambos relatam não ter feito nenhum acordo nem recebido recursos. Inclusive MM disse: “acho que finalmente financiaram à Laura Alonso⁷⁵”.

Durante o início do governo Macri, em julho de 2016, MM ofereceu uma série de entrevistas difundidas no canal C5N (vinculado ao Kirchnerismo), no programa do jornalista Navarro, forte crítico de Macri. As notas foram chamadas de “o Troll arrependido” e procuram passar a ideia de que os Cacerolazos foram politicamente organizados e financiados pela oposição, particularmente o PRO, e que, inclusive, o governo possui um grupo de ativistas pagos nas redes sociais: “necessita-se de tempo, dedicação e obviamente uma pessoa que tenha seu próprio trabalho não pode, é praticamente uma atividade exclusiva e full-time”, disse MM na ocasião.

Ali reconhece que “no início (da organização dos Cacerolazos) o clássico era difundir notas da grande mídia, *Clarín*, *La Nación*, *Perfil*, *infobae*, e dali replicávamos notas que tinham a ver com determinada agenda”⁷⁶, inclusive porque, como ele mesmo falou na entrevista feita para a dissertação, “Na época, eu vivia mamando de *Clarín*, *La Nación*, rádio *Mitre*, qualquer veículo opositor que tu possa imaginar...”. Ele coloca que na convocatória a

⁷⁵ Laura Alonso é membro do PRO e atual diretora da Oficina Anticorrupção.

⁷⁶ www.minutouno.com/notas/1500115-mira-como-operan-los-trolls-del-gobierno-habla-un-arrependido

importância da mídia tradicional é inegável: “necessita-se de muita potência nas redes para equiparar o alcance de um veículo nacional”.

Nos depoimentos também se percebe concorrência entre os administradores que, na época, “organizaram” as mobilizações, pelo protagonismo e liderança no processo, tanto em termos da organização interna entre os administradores quanto diante da sociedade. Nesse sentido, LB aponta que quando aconteceram as primeiras mobilizações o kirchnerismo apontou para algumas pessoas como os organizadores dos protestos entre eles, ele:

“Por uma parte, recebi todos os ataques do lado dos militantes kirchneristas, mas por outro consegui concentrar um monte de ativistas soltos que começaram me contatar. Esse foi o momento de quebra que começa marcar o que aconteceu depois”, (eu) “fui o que tomou contato primeiro com todos” (LB).

Porém, o depoimento de YS destaca o mesmo acontecimento: “o que me faz ter destaque é que o governo começa uma campanha de desprestígio dos Cacerolazos, e um dos focos fui eu”. Em outra linha MM, ex-administrador do *El Anti-K*, coloca o protagonismo em outro lugar, na temporalidade dos grupos de Facebook: “...montei meu próprio site em 2011, o *Anti-K*”.

No que tange à participação cidadã no Cacerolazo, os administradores, e o entrevistador AM, apontam que em termos gerais no 8N a participação foi muito heterogênea. Para LB isso é consequência do tamanho da campanha midiática montada ao redor do evento, que não foi somente promovido pelos apoiadores, mas que os opositores também ajudaram a publicizar o evento (a ideia é apoiada pelo ditado popular “toda publicidade é boa publicidade”, teorizado por Koopmans (2004, p. 374), como um tipo de ressonância negativa ou dissonância, o que também ajuda difundir a mensagem original). Para ele o Cacerolazo acabou sendo quase como um “evento social”, onde as pessoas foram, inclusive, por curiosidade.

No entanto, essa conclusão geral teve algumas variações. Para YS (em relação às pessoas mobilizadas) “...a classe média-alta que de alguma maneira já tinha ficado mobilizada e antagonizada desde a época do campo, os Cacerolazos tiveram um insumo importante em pessoas que vieram das mobilizações do campo...LB... e parte do seu grupo”, e para CCA quem se mobilizou foi:

“essencialmente a classe média, pessoas que iam trabalhar, que acordavam cedo pela manhã, que a realidade que viam não lhes agradava, que não lhes agradava a forma de governo. Não eram militantes políticos, embora pudesse haver... mas na sua maioria não eram. As idades eram variadas, mas gente da classe média sem proximidade com partido

político nenhum, na maioria”

Para MM no 8N, pela cobertura midiática, tinha de tudo. Porém, em outras mobilizações como “por uma justiça independente”,

“tu não via essas pessoas... tu via pessoas com certo nível cultural e essas pessoas como ficavam sabendo? Ficavam sabendo por que liam *Clarín* ou *La Nación*. E alguém que não fosse assim economicamente... talvez comprasse *Clarín* os fins de semana, não todos os dias. Então sim, é muito provável que as pessoas de classe média-alta respondessem mais a pautas, por exemplo, a república, a justiça independente, ou a corrupção e que as pessoas de menor poder econômico vá às mobilizações com pautas gerais, nas quais também está a questão econômica”. (MM)

LB aponta a mesma análise em relação aos diferentes públicos envolvidos nas manifestações.

Finalmente, sobre as ideologias políticas, há também uma divergência entre os administradores. MM reconhece não ter absolutamente definida uma filiação, porém tem a certeza de que é “antiliberal acérrimo”, enquanto YS foi um dos fundadores do partido Liberal Libertário, e CCA se reconhece como um “Liberal Progressista”, entendendo pelo termo que:

“Acredito em um Estado que defenda as liberdades individuais e fundamentalmente fomente um espaço para que cada um possa ser o seu melhor possível, mas não acredito no liberalismo extremo que deixa as pessoas liberadas ao azar, garantindo somente a vida, a propriedade e a liberdade e mais nada. Acho que claro, que isso tem que ser feito, mas não se pode deixar de considerar que nem todos nascemos nas mesmas condições, e que quem começou com uma desvantagem precisa receber uma ‘ajudinha’, para depois poder ser todo o que possa ser, não lhe resolver a vida”.(CCA)

LB, por sua vez, não dá definições concretas, e reconhece a sua preferência pelo partido da Carrió por considerá-la “a mulher mais honesta, a única que nunca nos tem usado”.

Além do reconhecimento pela procura da mídia pelos administradores, o que se adequaria às teorias clássicas sobre a relação entre a mídia e movimentos sociais (FRANCO LERRER, 2005; KENNETH; CAREN, 2010), o que se percebe aqui é que a própria mídia procurou se aproximar dos administradores, convocando e mantendo reuniões pessoais com eles e publicando seus depoimentos, panfletos e atividades como notícias.

Em termos da articulação entre os atores, o reconhecimento das reuniões com políticos (muitos dos quais publicaram artigos na mídia) e jornalistas e as diversas participações nos

partidos políticos opositores por parte dos administradores contribui para tornar complexa a análise e pôr em dúvida a ideia de independência entre os atores, para começar considerá-los como interdependentes e coordenados.

Tais atitudes nos falam de uma agência diferenciada das teorizadas anteriormente. O veículo midiático possui uma intencionalidade política reconhecida por todos os atores que se sobrepõe ao seu objetivo natural de *informar* neutralmente ou, ao menos, a partir de uma posição explícita (como é o caso do jornal partidário da esquerda, referido no início do trabalho).

Finalmente, os compromissos assinados por senadores e deputados para não apoiar nenhuma tentativa de reforma constitucional concretizaram-se no dia 1 e 6 de novembro, conforme o *Clarín* informou. Isso iria sustentar a fala do LB que indicou que foi ele quem recomendou à oposição agir conjuntamente. Porém, o enquadramento está presente muito no *Clarín* desde 20 de outubro.

7.2 Os posts

Outra dimensão da vinculação entre mídia e grupos de Facebook, se ainda não suficientemente constatada, está presente nas contínuas postagens dos grupos de Facebook que reproduzem notícias e linguajar, e inclusive difundiram programas de televisão da mídia corporativa. Para demonstrar a dimensão em que isso aconteceu serão colocados diversos enquadramentos, datas e fontes que os grupos de Facebook tomaram da mídia corporativa, principalmente de veículos do grupo *Clarín*. A lista de postagens reproduzindo material da mídia é inabordável, porém a seleção colocada aqui procura mostrar que desde o início até o fim do período foram feitas publicações que tiveram como fonte privilegiada os veículos do grupo *Clarín* (junto com outras mídias “oppositoras”).

Imagem 19 - Link à versão online do Clarín. El Anti-K, 25/10/2012



O comentário do post “Um exitoso advogado jamais teria dito algo assim” se refere à frase de Cristina que teria dito: “poderão ficar com a Fragata, mas não com a Liberdade”. A frase foi enquadrada pelo jornal como uma “sessão de direitos/soberania”. O argumento foi repetido diversas vezes, inclusive na capa do jornal no dia 23 de outubro de 2012. Paralelamente, o comentário de MT questiona o papel de Cristina como advogada, já que a legalidade de seu diploma foi repetidamente questionada, embora a Universidade de La Plata, onde estudou, emitisse notas certificando a validade dele e, inclusive, publicasse suas notas durante o curso⁷⁷.

Outra das formas de interação entre a mídia e os grupos de Facebook foi a divulgação de capturas de tela dos programas televisivos do grupo *Clarín* (TN e canal 13). Nas imagens selecionadas vê-se o post, feito no *El Anti-K*, de um trecho do programa PPT (Canal 13) de Jorge Lanata. E a imagem seguinte foi capturada do post de 1 de novembro, no grupo *El Cipayo*, e mostra “Corvo” Larroque (em TN) no debate parlamentar pela lei de voto jovem.

⁷⁷ No dia 1 de outubro de 2007 foi emitido um comunicado da Universidade Nacional de La Plata, no qual se constata a validade do diploma de advogada da, na época, candidata presidencial Cristina Fernández de Kirchner. Contudo, foram levados à frente quatro processos por falsificação do seu diploma, que demonstraram a validade do mesmo. Mesmo assim, em sua cobertura o jornal *La Nación* (também opositor de Cristina) colocou “Cristina Kirchner é advogada. **Pelo menos para a justiça**, que fechou investigação por usurpação do diploma e fraude” (Negrito próprio. *La Nación*, 7/07/2012).

Imagem 20 - El Anti-K, 28/10/2012



Imagem 21- El Cipayo, 1/11/2012



Na primeira imagem, o texto colocado pelos administradores disse: “Depois Guillermo Moreno põe-se mal se é escrachado⁷⁸. A verdade da província de Misiones contrasta com os números do INDEC”. A notícia da qual foi retirada a imagem é sobre a pobreza no país, que seria muito maior à aceita pelo governo. A postagem foi feita no dia 28 de outubro de 2012, domingo, dia da emissão do programa (não se possui informação do horário do post para saber se foi no momento da sua emissão na televisão ou feito posteriormente, mas considerando que o programa tem uma edição noturna, a diferença não é relevante).

Na segunda imagem, colocada no site *El Cipayo* e capturada do canal TN, lê-se “voto aos 16 e polêmica: após 10 horas de debate, o oficialismo aprovou o projeto sem a oposição” e mostra “*Corvo*” Larroque, enquadrado como intolerante e violento, gritando na hora da sua fala. O post aconteceu após a emissão do trecho na TV.

⁷⁸ O Escracho é um repertório de protesto onde os manifestantes apontam para uma pessoa como culpado por certa ação. O repertório teve a origem nos protestos que o grupo H.I.J.O.S (filhos dos desaparecidos da ditadura) fazia nas casas dos repressores.

Imagem 22 - Clarín, 29/10/2012



Na segunda, dia 29 de outubro, o *Clarín* publicou uma nota sobre o programa de Lanata. A notícia de PPT no *Clarín* repetiu-se todas as segundas-feiras, (dia 8-10 não formou parte do banco de dados) 15-10, 22-10, e 5-11, de forma que o programa jornalístico, referido como mais influente da época, teve refletidos seus conteúdos no jornal, fortalecendo a escolha do veículo como material empírico da pesquisa.

Imagem 23 - El Anti-K, 29/10/2012



Como se pode ver na imagem, os grupos também difundiram na íntegra o programa de Lanata, convertido em informativo da oposição.

Imagem 24 - El Anti-K, 4/11/2012



Na imagem de 4 de novembro, capturada pelo El Anti-K, pode-se ler “O ódio: A argentina dividida” como legenda do programa de Lanata, de forma que o enquadramento de divisão dos argentinos é tomado (reproduzido) pelos grupos de Facebook do programa que o reforça e difunde.

Outra forma de enquadrar utilizando materiais da mídia foi a postagem das charges do jornal *La Nación* no *El Anti-K*, aqui a publicada no dia 1 de novembro, onde se reproduz o enquadramento de medo (a imagem da direita que constrói o enquadramento de medo no *El Anti-K* foi publicada em 10 de outubro). No dia 27 de outubro também foi publicada no *El Anti-K* a charge do *Clarín* publicada no mesmo dia, e posteriormente, dia 24, foi repetido o enquadramento humorístico com uma montagem feita pelo grupo.

Imagem 25 - Charges do La Nación no Facebook de El Anti K, 1/11/2012 e 10/10/2012



É sabido que o humor, para funcionar como tal, precisa de certo compartilhamento de conceitos prévios (BERGSON, 1985); o consenso pressuposto entre o público da charge é que o governo procura atemorizar a população. Como visto no resumo dos enquadramentos das editoriais e colunas, o governo, definido como violento e intolerante, tende a gerar medo na população. Mas, além disso, utilizou-se uma fala da própria Cristina na constituição do enquadramento de medo.

Em setembro, em um discurso, a presidente falou (se referindo a processos no judiciário e a forma de agir dos juízes): “a verdade, só uma recomendação para meus funcionários, a todos do poder executivo... um juiz impondo multas para os funcionários, do seu próprio patrimônio, dependendo da realização de determinadas obras públicas tinha todo mundo aterrorizado... mas não tem que se assustar, tem que se temer somente a deus... e a mim, no caso, um pouquinho... porque a verdade, pelo menos (a atuação dos) os funcionários que dependem da minha nomeação são minha responsabilidade”⁷⁹. Logo, a mídia construiu a ideia de que a presidente tinha falado para a população temê-la.

Tendo definido o governo como intolerante e violento, reproduz-se no *El Anti-K* uma captura de tela do programa de Lanata referente à última emissão do mesmo, anterior aos protestos, no dia 5 de novembro, ressaltando-se a fala do secretário de comércio interior, Guillermo Moreno, “que enfiem as panelas no c...”, numa fala particular diante de um

⁷⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=xgmp2daWVis>

sindicato.

Imagem 26 - El Anti-K, 5/11/2012



Da mesma edição do programa de Lanata é extraída a denúncia de enriquecimento e corrupção de um funcionário kirchnerista. Assim, após a exibição do programa na noite do domingo, na segunda-feira foi publicado o post do *El Anti-K* utilizando imagens do programa, e foi produzida uma notícia no *Clarín* baseada na denúncia feita no mesmo. Esse é o melhor exemplo do incremento na ressonância dos enquadramentos do veículo (imagem 26 e 26), em parte artificialmente nas diversas caras do grupo, e em parte, com a contribuição das redes sociais.

Imagem 27 - El Anti-K, 5/11/2012



Imagem 28 - Clarín, 5/11/2012



Nos grupos o reconhecimento do papel da mídia é constante, visto que são citadas e

compartilhadas notícias de certos veículos (*La Nación*, *Clarín*, TN, e infobae.com). Enquanto isso outros veículos são marcados como mentirosos.

Imagem 29 - El Anti-K, 10 e 14/10/2012



Imagem 30 - El Cipayo, 2/11/2012



As primeiras duas imagens do *El Anti-K* apontam diretamente para os veículos midiáticos canal7 e C5N como mentirosos, na terceira o de 2 de novembro no *El Cipayo*, a logo do programa “6,7,8” explícito defensor das políticas do governo é riscado, deixando o 8 e lhe adicionando um N - 8N.

Imagem 31 - El Anti-K, 8/11/2012

Clarín X
Miente con su plata

Kristina
Miente con la nuestra

EL ANTI K
Página curtida - 8 de noviembre de 2012 -

BASTA ! 8 de Noviembre 20 hs - Todos al Obelisco y a los lugares de encuentro !

<http://www.facebook.com/events/359870997420523/>

- Basta de Inseguridad... Ver mais — com Gustavo Canosa, Genesis Natalia Alonso, Osvaldus Linux, Noe Aguilar, Malvinas UN Sentimiento Nacional, Romi Olmedo, David Jesus e Roberto Dittler.

1,3 mil
5.681 compartimentos 110 comentarios

Visualizar comentarios anteriores 5 de 110

Jorge Menis GABRIELA MONTES DE OCA te parece bien que empecemos con Cristobal Colon o le arrancamos directamente desed los Incas o a los Mayas ?

Escreva um comentário...

Paradoxalmente, enquanto os militantes e funcionários governistas apontavam para o *Clarín* como mentiroso e articulador do protesto, no dia a mobilização, 8 de novembro de 2012, o *El Anti-K* apropriou-se do enquadramento falando “*Clarín* mente com seu dinheiro; Kristina⁸⁰ mente com o nosso”. A ideia seria que um ator particular, não estatal, seria alvo de menores responsabilidades sociais que o Estado. Essa visão encaixa com a ideia das solicitadas publicadas pelo veículo conforme a qual o “poder” do jornal dependeria da escolha permanente da população (relativizando-se as questões vinculadas à concentração midiática).

Imagem 32 - La Nación (online), no El Cipayo, 29/10/2012

El debate de la pealificación
Una empresa quiere pesificar su deuda por las restricciones al dólar
Comentarios 348

Política
Editorial Eudeba dice que el prólogo del Nunca Más "no lleva" la firma de Ernesto Sabato
La editorial de la Universidad de Buenos Aires informó oficialmente que "tanto la edición de 2012 como la primera edición de 1984" no contaban con la rúbrica del escritor
Comentarios 814

Diluvio en Buenos Aires
Las "cataratas" de la línea B del subte
Comentarios 183

Derrumbe en Neuquén
Sapag: El derrumbe del supermercado "fue una tragedia evitable"
Comentarios 10

Cacerolazos
Qué dicen los afiches que convocan al cacerolazo del 8N
Comentarios 6333

Política
LA NACION a sus lectores
Una medida de fuerza tomada por el Sindicato de Vendedores de Diarios de Buenos Aires (Sivendia) y la Sociedad de Distribuidores de Diarios, Revistas y Afines (Sddra) impidió esta madrugada la salida de planta de la edición papel del diario de hoy
Comentarios 839

⁸⁰ A sonoridade da letra K é utilizada amplamente para se referir à Cristina Kirchner como Kristina e os militantes do seu espaço político Ks (cocôs) ou Kukas (baratas).

Interessante post de 29 de outubro do *El Cipayo*, onde se mostra a relação circular entre a mídia (no caso o jornal *La Nación*) e os grupos de Facebook. O post é uma captura de tela do site do jornal no qual se publicaram os panfletos distribuídos pelos grupos de Facebook convocando ao evento do 8N. O jornal ressalta a importância e legitimidade das ações levadas adiante pelas redes sociais como uma das notícias do dia, além de contribuir na difusão das datas e lugares de encontro da manifestação. É importante mencionar que os administradores dos grupos de Facebook referiram manter reuniões e, inclusive, ter criado amizade, com os funcionários, editorialistas e jornalistas do *La Nación*, no período de Pré-protesto.

As postagens, mesmo que não analisadas exaustivamente, de forma constante no período, mostram a proximidade ideológica e temática das redes sociais com as publicações (anteriores) dos veículos midiáticos. Repetidamente foi constatado que, além da ressonância “artificial” das mensagens do *Clarín* criadas pela difusão dos enquadramentos nos seus múltiplos veículos e mídias, os grupos de Facebook atuaram multiplicando ainda mais dita ressonância, compartilhando tanto as matérias do jornal quanto imagens dos programas de televisão e, em alguns casos, os links para assistir os programas na íntegra.

7.3 Síntese do capítulo

Somente com os depoimentos dos administradores de grupos de Facebook teríamos suficientes dados para apontar que houve vínculos e articulações entre os grupos de Facebook, os políticos e a mídia corporativa, e que esses vínculos repercutiram na construção de enquadramentos da ação coletiva utilizados pelos atores.

Inclusive, os vínculos com políticos e jornalistas que os administradores reconhecem ter são anteriores à organização dos Cacerolazos, o que faz com que a ideia da auto-convocatória cidadã entre em crise. Também é certo que em uma mobilização de 700.000/1 milhão de pessoas a capacidade mobilizadora das estruturas partidárias, sindicais e de outras organizações é evidentemente minoritária, e que os vínculos políticos não definem a ocorrência do evento. Portanto, as vinculações jornalísticas ficaram no centro da questão.

Porém, há outra questão que fica por explorar, vinculada a uma das falas de MM, quando apontou que os políticos procuraram impor seus referentes “nas redes”. Considerando que todos os entrevistados admitiram a presença de múltiplos administradores nas reuniões em que se organizavam os Cacerolazos e que somente os grupos de maior destaque foram alvo das entrevistas, pode-se supor que esses grupos obtiveram maior destaque pelos vínculos

políticos e jornalísticos que tinham desde antes da própria mobilização, obscurecendo, assim, o protagonismo dos administradores sem vínculos políticos; contudo, essa hipótese não pôde ser analisada no presente trabalho. A importância dos grupos e administradores consultados para a dissertação surge do número objetivo de seguidores que os grupos tiveram/tem⁸¹.

Embora algumas falas tenham sido contraditórias no sentido de dizer que a mídia teve ou não interesse nos Cacerolazos, até que eles foram bem sucedidos, enquanto outras falas apontaram para relações estreitas entre administradores e jornalistas em conjunto com as postagens no Facebook, é impossível sustentar que foram duas bolhas separadas e sem interações. Inclusive, o fato de que um dos autoproclamados organizadores dos protestos tivesse a própria coluna no *infobae.com* seria argumento suficiente para sustentar essa articulação suspeita no início do capítulo.

Considerando em conjunto os capítulos 6 e 7, as postagens dos grupos que reproduziram os enquadramentos, ou inclusive as produções do grupo, serão entendidas como uma forma de ressonância da mídia corporativa, que nos termos do Koopmans (2004), por serem compartilhadas as mensagens, constitui um tipo de ressonância positiva chamada de consonância. O grau de consonância com o *Clarín* fala, no caso dos grupos, da alta legitimidade que o veículo tinha entre os administradores e seus seguidores.

⁸¹ O trabalho de dissertação de Tomás Gold, ainda por ser defendida, contém uma quantidade e diversidade maior de entrevistas com administradores de grupos de Facebook por serem eles o foco do trabalho. Recomenda-se sua leitura para o aprofundamento dos papéis e vínculos dos administradores.

8 OUTROS OLHARES DO 8N.

“Hoje a informação oculta a informação. A informação, muitas vezes, serve só para ocultar outra informação. Difunde-se uma informação que nos impede de acessar à boa informação. É o que chamo de Censura Democrática ”

(Ignacio Ramonet – Palestra, 2007⁸²)

Neste capítulo procura-se desenvolver uma interpretação sobre a manifestação alternativa à que foi produzida pelo *Clarín*.

Para isso, em primeiro lugar, no ponto 8.1, capturou-se o álbum de fotos realizado pela página de Facebook ES Fotografia. Tal página, do fotógrafo Estanislao Santos, tem uma posição explicitamente kirchnerista e pressupõe-se que as fotos foram feitas seguindo essa perspectiva. No total foram obtidas 206 fotografias.

Em segundo lugar, no ponto 8.2, serão consideradas as imagens postadas pelos próprios grupos de Facebook após o protesto, com o objetivo de perceber se tiveram interpretações divergentes da mídia tradicional. Para isso foram obtidas três pastas do *El Cipayo* contendo 29 imagens do protesto na cidade de Buenos Aires, 40 no Estado de Buenos Aires e 43 do resto do país.

Finalmente, na seção 8.3 serão sintetizados, vinculados e analisados os achados do capítulo.

8.1 ES Fotografia

As fotos e os comentários que o fotógrafo adiciona nos posts da página apontam, principalmente, a crítica dos enquadramentos que a mídia e os administradores divulgaram em relação às características dos Cacerolazos. Nesse sentido, tem destaque imagens que contestam a suposta autoconvocação (e falta de organizações e partidos políticos), espontaneidade e pacificidade da manifestação, tanto no que diz respeito a questões estruturais (produção de cartazes em massa, presença de bonecos ou elementos custosos) quanto no que tange questões organizativas. Procura-se, também, capturar a presença de partidos políticos, sindicatos e outras organizações.

Na imagem 33 pode-se ler escrito na bandeirinha: “liberdade. Não à ganância em

⁸² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UF78eON9vuQ>

salários (imposto ao lucro). Pelo 82% móvel (para as aposentadorias). *Unión por todos*. (nome do partido liderado por Bullrich). Segurança.” A imagem faz parte de uma série de fotos nas quais se vêem diferentes pessoas com a bandeirinha e, inclusive, pessoas as distribuindo.

Imagem 33 - Materiais de organizações 1



FONTE: ES Fotografia. Imagens do 8N

Imagem 34 - Materiais de organizações 2



FONTE: ES Fotografia Imagens do 8N

Na imagem 34 percebe-se como várias pessoas seguram cartazes iguais com a pauta contra a reeleição de Cristina. A repetição de cartazes evidentemente não “produzidos em casa” faz o fotógrafo se perguntar “Três cartazes iguais, estranho né?... quem os distribui?”.

Além disso, os cartazes são assinados por OTR. No decorrer da pesquisa não foi possível identificar o significado da assinatura.

Nas seguintes fotografias podem-se ver de um lado um boneco de grande tamanho que teria um custo de fabricação alto e, de outro, balões com as pautas da mobilização “justiça independente”, “liberdade”, “não à reeleição”, etc.

Imagem 35 - Materiais de organizações 3.



FONTE: ES Fotografia Imagens do 8N

Além disso, o fotógrafo realizou em sua cobertura uma série de fotos do “notero obrero”⁸³, AM, entrevistado para este trabalho. O jornalista fazia parte de um programa identificado como governista e seus questionamentos para os participantes geraram tensão no local. Nas fotos publicadas percebe-se como foi rechaçado e expulso, violentamente, da manifestação por alguns dos manifestantes. Conforme o relato do fotógrafo, o cinegrafista do programa foi socado e logo atingido por spray de pimenta. O texto que acompanha as fotografias questiona o caráter pacífico da manifestação: “Fazer jornalismo em tempos de ódio... e a liberdade de imprensa? Perseguiram-nos jogando garrafas de vidro, cerveja nas câmeras, etc.”.

Além, disso o jornalista do canal (vinculado ao governo) C5N, Nestor Dib, foi socado

⁸³ “Entrevistador trabalhador”.

ao vivo, pelas costas, enquanto noticiava o evento, por um desconhecido com o qual não teve nenhum contato verbal no momento da agressão. Posteriormente, foram difundidas na internet distintas versões sobre o evento relacionando o agressor tanto ao governo quanto à oposição.

Imagem 36 - Violência.



FONTE: ES Fotografia. Imagens do 8N

Imagem 37 - Materiais de organizações 3.



FONT: ES Fotografia. Imagens do 8N

Como já foi descrito, a vinculação crítica da Argentina com Venezuela foi um importante enquadramento do veículo, e na manifestação ele se expressou de diversas formas.

A imagem 37 mostra um cartaz que diz “NÃO ser levados pelos KK (kirchneristas) até uma *argenzuela – sovietoide*”. O termo *argenzuela*, que dá nome ao enquadramento, foi tirado deste tipo de cartaz.

Diante o posicionamento do governo, que propôs enquadrar o *Clarín* como principal inimigo, algumas pessoas se identificaram com a postagem feita no grupo *El Anti-K* no próprio 8 de novembro, que define um espaço intermediário entre os pólos Kirchneristas e antikirchneristas, no qual, mesmo sendo antikirchnerista, permite reconhecer as mentiras também do *Clarín*. O enquadramento continua sendo antikirchnerista, já que a demanda da mobilização é só contra governo, mas isenta o indivíduo de apoiar o grupo midiático. A imagem do cartaz é a publicada pelo grupo.

Imagem 38 - Cartazes e Pautas principais



FONTE: ES Fotografia. Imagens do 8N

Imagem 39 - Cartazes e Pautas principais 2



FONTE: ES Fotografia. Imagens do 8N

Na imagem 39, a primeira foto, se vê um manifestante com um cartaz que sintetiza os enquadramentos sobre o governo apontados anteriormente. Em primeiro lugar, há o enquadramento de violência produzido sobre Guillermo Moreno e difundido no post de *El Anti-K* (que reproduziu o programa do Lanata), em segundo lugar, o enquadramento de corrupto apontado para o vice-presidente Amado Boudou (por exemplo, nos editoriais dos dias 18 e 27 de outubro) e, finalmente, sobre a presidente Cristina Kichner é colocado o enquadramento (demanda) de ouvir a população (os Cacerolazos), presente em numa notícia publicada no dia 2 de novembro na qual o governador de Córdoba, De La Sota, disse: “o 8N será uma expressão lógica da sociedade diante da falta de diálogo do governo nacional. Há uma parte da sociedade que demanda ser ouvida”.

Na foto seguinte o cartaz aponta diretamente para a organização política *La Cámpora*, chamada de “mafiosa”, e, ridicularizando suas lideranças, coloca Maximo Kirchner com uma casquinha de sorvete na cabeça, simbolizando uma pessoa de capacidades intelectuais diminuídas. Como apontado acima, a caracterização de Maximo está presente nas referências que o veículo faz dele, especialmente na coluna de Lanata do dia 3 de novembro e nos post de 5 de novembro do *El Anti-K*. Junto com ele são desenhados o vice-ministro de economia Axel Kicillof e o “*Corvo*” Larroque.

O último cartaz demanda a união da oposição. A necessidade de união da oposição foi apontada como uma demanda popular, que teria alcançado relevância após ser tomada pelos administradores dos grupos de Facebook, conforme o depoimento de LB, o qual teria recomendado para seu amigo antes da manifestação, atual ministro de agricultura, tomar essa atitude. Contudo, como foi visto no ponto 4.4.9, o veículo demanda a união da oposição (dos argentinos) ao longo do período de pré-protesto.

Embora os enquadramentos mais comuns achados nas manifestações reproduzam os difundidos tanto pelo jornal quanto nos grupos de Facebook, no olhar do ES Fotografia são representadas também algumas pautas minoritárias.

Na primeira fotografia da imagem 40, ao lado das reivindicações por segurança e pela justiça independente, aparece a reivindicação ora “saúde pública eficiente”. Na segunda, denuncia-se a participação de ex-guerrilheiros (do Montoneros) no governo, enquadramento existente sobre o governo de Cristina, mas não percebido no período no *Clarín* (imagina-se que no *La Nación* essa pauta pode ter tido maior espaço).

Imagem 40 - Cartazes de pautas minoritárias



FONTE: ES Fotografía. *Imagens do 8N*

Dentro da multiplicidade e heterogeneidade de demandas identificadas, há também alguns grupos menores, porém mais consolidados, que se manifestaram com interesses particulares, sendo os (familiares) gendarmes e os anti-aborto os que possuem maior destaque (imagem 41).

Imagem 41- Cartazes com pautas minoritárias 2



FONTE: ES Fotografía. *Imagens do 8N*

Sobre a participação de partidos políticos, o fotógrafo prestou particular atenção a eles, já que a ideia de autoconvocação do protesto, que procurou desconstruir, nega a vinculação da manifestação com partidos políticos ou organizações “tradicionais”. Assim, achou panfletos distribuídos pelo partido Liberal Libertário, Partido Popular de la Reconstrucción, Movimiento Socialista de los Trabajadores, PROA (Facção ligada ao PRO do Partido Radical) e pela Izquierda Socialista. Alguns panfletos convidavam à manifestação enquanto outros foram distribuídos ali, aproveitando a grande quantidade de gente descontente com o governo para fazer propaganda. Na última foto se pode ver uma moça com um cartaz “feito

em casa” onde há uma assinatura da “@LMacacha”. Esta se refere ao usuário do Twitter da agrupação La Macacha, da qual o PRO faz parte.

Imagem 42 - Panfletos



FONTE: ES Fotografía. *Imagens do 8N*

ES Fotografía capturou também performances “menos pacíficas” que as utilizadas para caracterizar a mobilização, porém, vinculadas também à influência midiática. Mesmo que não forme parte do campo, já foi comentado repetidamente que o programa televisivo de Lanata teve grande difusão sobre o Cacerolazo entre os telespectadores e é preciso trazê-lo para entender o gesto fotografado. Na imagem 43 (foto da esquerda) o manifestante repete o gesto ofensivo que rotineiramente o jornalista (foto da direita) fazia no seu programa⁸⁴.

⁸⁴ O gesto virou ícone do programa e em algumas entrevistas o jornalista teve que esclarecer que “não era dirigido ao governo” – embora ninguém acreditasse.

Imagem 43 - Comparativa, gestos. ES Fotografia. Imagens do 8N



8.2 Introspecção

Nesta seção analisar-se-á a própria visão que os grupos de Facebook tiveram sobre a mobilização. Assim, serão consideradas três pastas com fotografias que o *El Cipayo* criou após o evento reunindo uma série de imagens, 29 para a pasta da cidade de Buenos Aires, 40 do Estado de Buenos Aires e 43 do resto do país.

Em geral, o conjunto das imagens procura mostrar, em primeiro lugar, a quantidade de gente envolvida na mobilização. São imagens aéreas ou panorâmicas, nas quais não é possível ver muitos dos cartazes.

Entre as imagens da pasta da cidade de Buenos Aires não foram identificadas as tensões com jornalistas nem xingamentos diretos contra o kirchnerismo. O que mais chama a atenção das fotos é uma bandeira argentina gigante com a frase “chega de mortes”. Nas demais imagens as pautas foram contra a corrupção (“Sim eu vim pelos dólares... os dólares que a Cristina está levando” e “bandida de sucesso”), pela liberdade (“pensar é bom”), contra a violência de Moreno (“não consegui enfiar a panela no cu”) e, também, “basta de mentiras”, “não somos Venezuela, nem Cuba”, “vamos julgá-los”, e “Cristina, a história vai te julgar por ter dividido o país” (o cartaz lembra o editorial do dia 28 de outubro “Cristina aceitará só o julgamento da história”).

Na pasta do Estado de Buenos Aires também tem destaque uma bandeira argentina (de tamanho normal), agitada por uma pessoa só, e percebem-se várias outras recolhidas. Os poucos cartazes, próximos o suficiente para ter suas inscrições legíveis, demandam “não à

reforma (constitucional)”, “Liberdade”, “direitos e obrigações para todos e todas, justiça”, “o pior inimigo de um governo corrupto é um povo culto”, “sou opositor e não golpista”, “não à *Cámpora* nas escolas” (lembrando os posts do *El Cipayo* dos dias 1 e 2 de novembro, os quais falam sobre a doutrinação que a organização faz nas escolas) e, finalmente, “democracia ou diktadura” (em espanhol, ditadura escreve-se “dictadura” e foi trocada a C pela K, dada a proximidade do som). As imagens, da mesma forma que na cidade de Buenos Aires, focam no registro da quantidade de participantes no protesto.

Na pasta referente ao resto do país, mesmo tendo mais fotografias de perto, continuam mostrando a quantidade de pessoas mobilizadas, procurando colocar em destaque a diversidade de municípios/cidades nas quais a mobilização teve lugar. Também viram-se várias bandeiras argentinas e as seguintes pautas: “eu votei nela, desculpa”, “não ao pagamento do imposto ao lucro se há inflação e cepo”, “sim, à constituição”, “tua fortuna e nossa pobreza”, “o governo tem muito medo de um povo culto”, “basta de impunidade”, “C.F.K Não”, “juízes honestos, o povo está com vocês”, “Chega de *sakeos*” (também aqui trocou-se a letra Q pela K, na palavra “saqueos”) e “não à mega mineração contaminante” (pauta local). Na pasta há uma foto familiar (dentro de uma casa) com vários cartazes dizendo “respeito à Constituição nacional”, “não à re-reeleição”, “pedimos liberdade”, “chega de mentiras”, “chega de corrupção”, “chega de inflação”, “pedimos diálogo”, “pedimos institucionalidade”. Em uma das fotos, à frente da mobilização um dos cartazes, surpreendentemente, demandava “Não à eliminação de políticas sociais”.

Imagem 44 - Foto do 8N publicada em El Cipayo



Fonte: Facebook El Cipayo.

8.3 Confrontando os olhares do 8N

Da auto-observação da manifestação feita pelos administradores pode-se achar uma diferença fundamental com a observação de ES Fotografia que é a baixa presença de cartazes “industrializados”. A demanda “não à eliminação de políticas sociais” representa um ponto divergente das demandas representadas tanto pelos grupos de Facebook quanto por ES Fotografia, a pauta solicita a participação do Estado, o que representa um posicionamento clássico das esquerdas e não tem vínculo com nenhuma das reivindicações achadas até aqui. Trata-se de um enquadramento que não está presente no *Clarín* e não lembram tentativas do governo nacional de reduzir os investimentos em políticas sociais. Muito pelo contrário, as matérias do veículo (como, por exemplo, o editorial de 9 de outubro ou de 7 de novembro) e alguns manifestantes criticaram o uso da “grana dos aposentados” e sustentaram a crítica ao uso que o governo fez com o dinheiro do fundo de aposentadorias, o qual financiou, em parte, programas sociais como a *Asignación Universal por Hijo*⁸⁵ ou o programa *Conectar Igualdad* de distribuição de Netbooks nas escolas, além de possuir, como já foi comentado, ações em diversas empresas privadas (inclusive do *Clarín*). Estima-se que, por se tratar de uma imagem recolhida no interior do país, a demanda pode ter estado orientada contra o governo local ao invés do governo nacional, mas não há dados para sustentar isso.

Como foi visto no olhar de ES Fotografia, outras duas pautas divergentes foram mobilizadas, desta vez por grupos consolidados na defesa delas. De um lado, vinculada ao conflito em torno dos salários dos gendarmes (pauta que foi altamente difundida no início do período de Pré-protesto e logo superada pelo conflito da Fragata Libertad, mais abrangente em termos do interesse público) e de outro, a pauta dos anti-aborto. O aborto foi uma questão presente, mas sem centralidade no debate político do momento na Argentina. No entanto, havia resistência da maioria dos partidos políticos da oposição e somente alguns agrupamentos dentro do espaço kirchnerista apoiavam e mobilizavam a questão; inclusive era de conhecimento público a oposição de Cristina Kirchner à legalização da prática. Em 2012, na Argentina tinha vigência um protocolo para a interrupção da gravidez em casos específicos

⁸⁵ O programa de transferências não contributivas para as crianças, similar ao Bolsa Família (embora menor que ele em termos absolutos) representou um investimento superior considerando as relações com o PIB de cada país.

(gravidez como consequência de estupro ou nas que colocassem em risco a vida das mulheres), promovido por uma decisão do STF, porém nenhuma lei foi aprovada nem tratada para avançar no tema no período. O rechaço à legalização do aborto é comumente entendido como uma pauta da direita religiosa conservadora.

A definição das pautas no contínuo esquerda/direita está vinculada ao sentido dos conceitos mobilizados na revisão teórica (KALTWASSER, 2014). Nesse sentido, as pautas que demandam uma maior intervenção do Estado para resolver as desigualdades sociais (como a pauta pelas políticas sociais) são entendidas como uma demanda da esquerda, enquanto as demandas por menores ações estatais em prol da igualdade (não regulação do aborto) são consideradas de direita.

Assim, resumidamente, as visões sobre o evento que não foram produzidas pelo veículo foram as que acharam alguma divergência entre suas pautas. É importante ressaltar que ES Fotografia achou as versões conservadoras e de direita (pauta contra o aborto assim como a particularista e individualizante demanda pelo salário dos gendarmes) e os grupos de Facebook difundiram a pauta pela defesa das políticas sociais, vinculada à esquerda, e que se encaixa melhor no discurso da pluralidade e a contestação do enquadramento de direita feito contra eles pelo governo.

A entrevista com o jornalista AM⁸⁶ (“entrevistador trabalhador”), retratado nas fotografias, apontou uma visão do protesto diferente da exposta pelos administradores e a mídia. Coincidentemente com as imagens do Estanislao Santos o jornalista aponta ter sido agredido (com spray de pimenta) e expulso do evento por grupos neo-nazistas e sindicais que faziam parte do protesto. O veículo que AM representava era reconhecido pelos manifestantes como defensor do governo kirchnerista e, inclusive, ele reconhece que lhe foi indicado incomodar os manifestantes para que eles reagissem e na cobertura aparecessem como mais intolerantes. Porém, relata ter resistido a tal indicação por considerar que o seu trabalho era mostrar a situação real, e até pela própria “sobrevivência”. No entanto, tanto no seu relato quanto nas fotografias pode-se perceber o nível de tensão gerado pela sua presença. Segundo seu depoimento na entrevista, houve uma divisão de tarefas entre os organizadores das manifestações (administradores dos grupos) e orquestradores (donos dos meios de comunicação, políticos e sindicalistas opositores) na produção dos protestos.

A reivindicação pela compra de dólares apareceu como uma das pautas da

⁸⁶ O áudio da entrevista foi perdido, mas algumas anotações foram resgatadas.

mobilização. Porém, em nenhuma das versões do protesto coletadas teve um lugar de destaque, contrariando a percepção do governo de que era a principal causa da mobilização. Mas, as reivindicações por liberdade e contra o autoritarismo, acreditamos, incluem a demanda por dólares.

8.4 Síntese do Capítulo

A heterogeneidade do evento anunciada pelos administradores e pelo veículo jornalístico é inegável. Tanto nas fotos de ES Fotografia quanto nas pastas dos grupos de Facebook percebe-se a diversidade de pautas e participantes.

Isso permitiu que tanto uma quanto a outra das crônicas acharam o que foram procurar: enquanto ES Fotografia refletiu a cara mais violenta, intolerante, de classe média e alta, sustentada por organizações e partidos (e os fundos delas), os grupos do Facebook conseguiram mostrar a massividade do evento e a participação pacífica das famílias sem vínculos organizativos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu tinha 14 anos quando, em 2001/2, aconteceram os Cacerolazos, piquetes e mobilizações frutos da última grande crise econômica na Argentina, e que culminaram na renúncia do presidente De La Rúa e a morte de dezenas de pessoas nas ruas. Naquela época, talvez pela minha percepção juvenil ou pelo reduzido desenvolvimento das tecnologias de comunicação, não me lembro de ter percebido a organização dos protestos “espontâneos” e cidadãos que massivamente aconteceram, mas lembro de ter visto na televisão as colunas intermináveis de desempregados e despossuídos demandando trabalho e alimentos sob o forte sol do meio-dia de dezembro.

Assim, quanto comecei a pensar pela primeira vez na ideia de escrever a presente dissertação, o que chamou minha atenção foram, fundamentalmente, as datas e horários em que as mobilizações tiveram lugar. Lembro-me de ter me perguntado: qual o sentido de um protesto de 20h às 22 horas? Por que tão breve? Quem é afetado? Quem se incomoda? Qual o efeito político que pode ter? Um protesto assim chama a atenção da mídia? Logo percebi que a raiva e a energia que motivaram os novos Cacerolazos não tinham nenhuma relação com a fome e o desespero que tinham motivado aquelas mobilizações⁸⁷. Os novos Cacerolazos não podiam acontecer durante o dia porque a maioria dos mobilizados eram trabalhadores, com trabalho, que deviam comparecer nos seus empregos e que, também, não iriam apoiar uma ação que lhes dificultasse cumprir com as suas rotinas. Percebi que o nível de engajamento, investimento (de tempo) e participação era muito mais baixo e que não iriam sacrificar mais de duas horas participando do evento, visto que a manifestação começava às 20h e acabava às 22h, e a maioria das pessoas não ficavam durante o tempo todo. No mesmo sentido, chamou minha atenção no evento a “participação” de pessoas em diversos cruzamentos das avenidas principais da cidade de Buenos Aires, mais próximas dos lugares de moradia do que o obelisco, foco e ícone do protesto, e, ainda, pessoas que bateram as suas panelas sem sair de casa, nas sacadas dos apartamentos.

Com a distância, e após a pesquisa feita, percebo, ainda, outra diferença fundamental que certamente influenciou nas características dos dois tipos de Cacerolazos. O primeiro deles, em 2001, não ocorreu no meio de uma batalha entre o governo e a mídia e, portanto, se

⁸⁷ A fotografia de Es Fotografia inclusa no apêndice contribuiu também para a minha inquietação e interesse no tema.

comportando como as teorias indicam que os movimentos se comportam, precisou chamar a atenção da mídia, “criando problemas” (impedindo a circulação em diferentes ruas, queimando pneus e, claro, fazendo barulho com “panelas”). O segundo tipo de Cacerolazo achou uma situação na qual suas reivindicações e sua interpretação da situação política coincidiram com a visão da mídia corporativa opositora, o que lhe facilitou (garantiu) tanto a atenção da mesma quanto a criação e difusão de uma leitura positiva sobre o evento.

O Cacerolazo do 8N foi realmente impactante. O vivi como estudante na graduação em ciência política na UBA e lembro que estive na fala de todo mundo durante os dias seguintes. A estratégia do governo foi tentar diminuir a sua importância não se referindo publicamente a ele. E o objetivo do *Clarín* foi não deixar que isso acontecesse.

O ciclo de mobilizações que constituíram os Cacerolazos argentinos de 2012 marcou o ritmo da política nacional durante sua existência. Por fora das estruturas de mobilização tradicionais (sindicatos e partidos políticos, que estiveram presentes nas mobilizações e ativos no período), uma imensa massa social mobilizou-se para expressar o descontentamento em relação ao governo.

As mobilizações tiveram como único ponto incontroverso o antikirchnerismo, não havendo, porém, pautas, representantes ou ideologias abrangentes o suficiente para incorporar aquele universo mobilizado. Como corretamente aponta Gold (2015), a chave para entender os Cacerolazos (no seu trabalho, como repertório de ação coletiva) é a negatividade, “a explosiva articulação do protesto desenvolveu-se desde o rechaço a uma medida ou conjunto de medidas, quer dizer, desde a “negatividade”; a identidade dos manifestantes constituiu-se rapidamente contra o governo de turno” (GOLD, 2015, p. 188), e nesse ponto central tanto os partidos políticos opositores quanto o governo converteram-se em alvos.

A mobilização de caráter opositor demandou respostas (ser ouvida) por uma administração da qual era contrária e que, em parte por tais características, não tinha condições de satisfazer aquela demanda; nada do que o governo fizesse iria ser entendido como uma resposta positiva, até porque algumas das pautas mobilizadas - “república”, “democracia”, “liberdade” - são conceitos abrangentes e vazios dos quais não existiram, no contexto das mobilizações, ações claras para a satisfação de uma ou outra. Além disso, os enquadramentos feitos sobre o governo indicaram que, por exemplo, ele ameaçava a democracia, logo não poderia ser ele quem a defendesse.

Uma das demandas centrais, a oposição à reforma constitucional, só pode ser

entendida como bem sucedida no plano imaginativo, visto que tanto antes quanto depois do evento a mesma não foi proposta nem levada adiante. Porém, o freio a uma modificação da Constituição é reconhecido pelos organizadores como o grande triunfo do protesto.

Desse modo, o protesto centralmente solicitou respostas do único ator que podia dá-las: a oposição (que tinha ficado desarticulada e atomizada após a contundente reeleição de Cristina Fernández em 2011). A união da oposição, embora não estivesse à cabeça dos enquadramentos mobilizados e nem fosse efeito somente da mobilização, foi o aspecto no qual teve maior efeito.

Como foi dito, as demais pautas com maior destaque tiveram a característica de ser suficientemente vazias para conseguir aglutinar essa massa heterogênea de indivíduos com interesses diversos. Parafraseando Chomsky (1997), quem poderia ser contrário à liberdade? À democracia? E à república?

Gold (2015), acertadamente, reconhece cinco interpretações que estiveram presentes nas interpretações feitas na época dos Cacerolazos, as quais representam posições extremas que não condizem com a realidade. Conforme nossas percepções, e mesmo que não seja o foco da pesquisa, percebemos que o Cacerolazo teve um pouco de cada uma das interpretações feitas, sendo, ao mesmo tempo, “espontâneo” e organizado, apolítico e politizado, abstrato e concreto. De todo o ciclo de manifestações, particularmente no 8N foi mais forte essa dualidade ou heterogeneidade na sua conformação. De acordo com o conjunto de imagens recolhidas percebe-se que na cidade de Buenos Aires (foco central do evento) a presença de organizações políticas e sindicais foi mais forte do que no “interior” do país. E pelas imagens coletadas da manifestação e os depoimentos dos administradores as classes média e média-alta, principalmente, foram as que nutriram o evento.

Sobre o protagonismo da classe média, é necessário dizer, também, que em novembro de 2012 o Banco Mundial emitiu um estudo chamado de “a mobilidade econômica e o crescimento da classe média na América latina” (FERREIRA; MESSINA; RIGOLINI; LÓPEZ-CALVA; LUGO; VAKIS, 2012), no qual se coloca que no período de 2002-12 a Argentina duplicou a sua classe média (no Apêndice foi incluso um gráfico que mostra o cenário em 2009), se convertendo em um dos países com maior classe média na região. A predominância da classe média explica porque qualquer movimento de massas a terá como protagonista da sua constituição. Essa informação, porém, não tira a relevância do reconhecimento da participação, mesmo que minoritária, das classes média e alta, o que é um dado surpreendente, uma vez que, como foi assinalado anteriormente, as classes altas têm

outras formas, que não a mobilização, de exercer pressão no poder público para defender seus interesses.

Entendemos que no caso analisado a mídia procurou agir como estrutura de mobilização, convidando para as manifestações e constituindo-se no eixo de referência dos manifestantes. Consideramos que esta agência diferenciada da mídia em relação ao que as teorias sobre movimentos sociais costumam considerar está vinculada ao contexto político-econômico, midiático e social no qual estava inserida. Acreditamos que a origem dos principais autores do campo (Estados Unidos) condicionou a forma como analisaram a relação entre a mídia, o protesto social e o governo.

O sistema de partidos dos Estados Unidos reduz as opções eleitorais a duas figuras cujos discursos tendem a confluir no centro do espectro ideológico. O bipartidarismo impede uma grande polarização e atomização dos agrupamentos políticos, liberais e conservadores em condições de vencer nas eleições. Conforme nossa percepção do que é o sentido comum dos norte-americanos em relação às opções políticas “da esquerda”, entendemos que são nulas as possibilidades de ter, naquele país, um governo com essas características. Nesse sentido, o *status quo* tende a permanecer inalterado.

Como colocado ao longo da dissertação, a mídia corporativa tende a defender posições de direita e o *status quo*, o que faz com que no cenário norte-americano a mídia corporativa e o governo partilhem entre seus interesses a defesa do *status quo*. O mesmo é desafiado principalmente pelas mobilizações sociais que são, portanto, rechaçadas pelas elites político-econômica-midiáticas. Tendo em vista esse cenário os desenvolvimentos teóricos concluem que a mídia pode ser um espaço sem agência própria e que pode ser ocupado, se utilizadas as estratégias certas, pelos movimentos sociais (FRANCO LERRER, 2005; KENNETH; CAREN, 2010; KOOPMANS, 2004) ou um espaço sempre contrário à mobilização (LEAL, 2005; MORAES, D, 2013).

Consideramos que as diferenças de contexto em relação ao cenário argentino foram as responsáveis por desafiar as teorias. Assim, em primeiro lugar, o estabelecimento de um governo de “esquerda” acabou com a defesa do *status quo* como interesse compartilhado com a mídia corporativa.

Em segundo lugar, essa situação, somada à grande polarização e atomização do sistema político argentino (como consequência do grande apoio eleitoral do governo de Cristina Kirchner), deixou a mídia corporativa como único ator capaz de defender o *status*

quo que, nesse contexto, pelo seu caráter apartidário, lhe permitiu aglutinar apoio de grupos diferentes e, inclusive, opostos. Nesse contexto, é valorizada a espontaneidade e a “não organização política” dos manifestantes como forma de legitimação diante dos manifestantes políticos (governistas). A defesa do *status quo* adquiriu a forma da deslegitimação do governo mediante a criação de enquadramentos da ação coletiva, por uma parte, e por outra, oportunidades políticas para o surgimento de protestos.

Finalmente, o confronto com o governo “aliou” a mídia corporativa aos movimentos sociais (específicos, com os quais compartilharam os mesmos interesses), fazendo com que ela agisse de uma forma não considerada pela literatura, quer dizer, apoiando ativamente a mobilização e se tornando uma estrutura de mobilização.

Entendemos que no futuro as pesquisas sobre enquadramentos midiáticos e mobilização social terão que considerar o contexto político em que acontecem como uma dimensão central da análise.

Mas a participação midiática não pode ser desvinculada de outros atores, fundamentalmente as redes sociais que foram, na época, marcadas como as únicas responsáveis pela organização das manifestações. O que tem começado ser esclarecido neste trabalho é que a ideia de independência, com a qual “as redes sociais” se apresentaram no contexto argentino, é difícil de sustentar. Vínculos pessoais entre políticos, jornalistas, e administradores (dos grupos de Facebook) foram estabelecidos a tal nível que, inclusive, alguns indivíduos ocuparam vários papéis (simultaneamente ou em momentos diferentes), o que vem dificultar a interpretação da criação dos enquadramentos da ação coletiva pelos administradores (sem inspiração/influência midiática). Porém, os vínculos que foram de interesse para a pesquisa estavam relacionados à difusão e produção de enquadramentos interpretativos.

Inicialmente, foi apontado que, embora o debate pela importância das novas mídias e a comunicação virtual esteja marcando as agendas de pesquisa e dando importância às mídias tradicionais, promovida pela diminuição de vendas dos jornais impressos (dados sobre as vendas dos jornais *Clarín* e *La Nación* foram incluídos no apêndice), elas não têm morrido, e ainda monopolizam a credibilidade e a legitimidade na produção e difusão da informação, impondo seus conteúdos para as novas mídias.

Temos visto como a mídia corporativa predominou, de duas formas, sobre as redes sociais virtuais na produção dos enquadramentos interpretativos que deram forma aos

Cacerolazos. Em primeiro lugar, mediante o compartilhamento por parte das redes sociais virtuais dos conteúdos da mídia, em particular do grupo *Clarín*, em forma de capturas de imagens dos programas televisivos ou compartilhando as matérias do jornal (tanto da versão online quanto da impressa) e, inclusive, mediante a difusão dos links que permitiram assistir os programas integralmente. Em segundo lugar, mediante a apropriação e adaptação, por parte dos administradores, dos enquadramentos interpretativos difundidos no Grupo *Clarín*, em post e imagens próprias compartilhadas na internet.

Ainda que a análise feita aqui considere somente o período de um mês dentro de um processo que ocupou mais de um ano, são surpreendentes como os dois mecanismos apresentados ocorreram de forma similar, sendo adaptados e/ou publicados os enquadramentos midiáticos na internet de forma imediata à sua aparição nas mídias tradicionais. Na maioria dos casos referidos os post reproduziram os enquadramentos publicados no jornal no mesmo dia ou imediatamente após a emissão dos programas televisivos.

Estes dois tipos de vínculos indicados contribuem para sustentar a hipótese, surgida no decorrer da pesquisa, da articulação de divisão de tarefas entre a internet e as mídias tradicionais. Embora não tenha sido explorado em profundidade, acreditamos que certas limitações impostas pelas regras editoriais e a chamada “cultura jornalística” do veículo, que se pretende independente e objetivo, dificultaram a aparição de enquadramentos motivacionais mais explícitos, o que não encontrou nenhum empecilho para distribuído pelas redes sociais.

Também, a presença de cartazes/pautas nos protestos (e nas postagens dos grupos) relativas à mídia, tanto oficial quanto opositora, aponta para a importância e o reconhecimento do conflito midiático na mobilização, se constituindo em mais um posicionamento que sustenta que o eixo central da política no momento foi o confronto governo-mídia, junto com as posições já colocadas do jornal e o governo.

Nesse sentido, pode-se ler a situação com as chaves interpretativas vinculadas ao conceito de populismo e a força que os autores (CASULLO, 2009) dão a esse tipo de discurso, na sua capacidade de conseguir apoio popular. O *Clarín* coloca-se no lugar do ajudante do herói, lugar reservado para o líder populista que marca o caminho para o seu povo, verdadeiro herói, se libertar da opressão, a qual, no caso, é produzida por um governo que tem adotado a mesma estrutura discursiva. O veículo reconhece o protagonismo dos “cidadãos de bem” que são os que devem agir para alcançar o próprio destino, roubado pelas

“forças do mal”, aliadas do governo.

Tudo que foi considerado até aqui nos permite sustentar que a mídia corporativa agiu como estrutura de mobilização dos Cacerolazos, criando e difundindo o enquadramento de “a democracia em perigo”, que abrangeu diferentes enquadramentos diagnósticos (as ações injustas do governo), os enquadramentos prognósticos (a mobilização dos “cidadãos de bem” como única solução possível) e motivacionais (a demanda por engajamento, e publicação das possibilidades de participação) envolvidos na produção do evento. O ponto 4.5 da presente análise mostra a agência ativa do veículo na produção dos enquadramentos motivacionais, entendidos como prerrogativa exclusiva das estruturas de mobilização, e, em conjunto o capítulo 4, mostra a agência unificada do veículo, se reproduzindo e difundindo os mesmos enquadramentos e valências em relação ao governo em todas as seções (e todos os autores) do mesmo.

Embora não possa se desconhecer a relevância de outras estruturas de mobilização (família, amigos, times esportivos, etc.), e principalmente as redes sociais virtuais, a pesquisa tem demonstrado que a mídia agiu como uma estrutura fundamental para a produção dos Cacerolazos.

Dessa forma, conforme nosso entendimento há uma pergunta que parece estar sempre presente, mas de modo implícito: o *Clarín* produziu os Cacerolazos? E só há uma resposta possível: não. Mas há uma verdadeira e interessante pergunta que não tem sido feita ainda: o veículo se utilizou de todas as ferramentas à sua disposição para tentar influenciar a produção dos Cacerolazos? Quis produzi-los? E agora, diferentemente, a resposta é “sim”.

O protagonismo midiático, o efeito na população, tem sido impossível de constatar tendo-nos deparado com as mesmas limitações metodológicas que Walgrave e Manssens (2000), acharam no trabalho referido, onde foi analisada a cobertura jornalística da “White march”, ali os mesmos apontam que:

Correlação entre o número de ações e o tamanho da cobertura não provam por si só que a mídia tenha criado a onda de mobilizações. É possível que os eventos que atraíram a atenção da mídia levassem as pessoas para as ruas inclusive sem a cobertura midiática. Porém, os paralelos são fortes e muito sugestivos sobre a hipótese de que a atenção da mídia fez a mobilização massiva possível (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 230).

Inclusive colocam que os jornais contribuíram, da mesma forma que o *Clarín* o fez no

caso do 8N, para o sucesso da mobilização informando os horários e pontos de encontro dos manifestantes, o percurso da passeata, os preços das passagens de trem, etc (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 231). Contudo, a nossa análise contesta algumas das conclusões às que chegam ao indicar oito condições em presença das quais a mídia teria uma agência ativa na produção de mobilizações. No primeiro ponto, os autores colocam que a “mídia somente toma um papel ativo quando é evidente e manifesto o desencontro entre as pessoas e as elites. Isto permite que a mídia se apresente como defensora do povo e que facilmente se aproprie do descontentamento” (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 235). Porém, no caso analisado a grande polarização política em torno da qual aconteceram os Cacerolazos apresentou um cenário diferente, o que não impediu a agência diferenciada do *Clarín*.

Achamos divergências também com o terceiro ponto no qual coloca-se que “na ausência de um movimento ou uma organização social comprometida, é vantajoso para a mídia tomar um papel ativo porque lhe permite se apresentar como sensível e como um guardião imparcial ao redor de uma questão consensual.” (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 236). No caso argentino, a presença de organizações sociais e políticas, mesmo que não de forma predominante, foi evidente, contudo a etiqueta de guardião do povo foi dada para ele mesmo pelo próprio *Clarín*.

Pela sua vez, o quinto ponto coloca que “A mídia somente vai se engajar no início de uma mobilização quando a controvérsia seja politicamente imparcial” (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 236). Como tem ficado largamente demonstrado, a atuação do *Clarín* esteve longe de ser imparcial ou politicamente não posicionada, sendo inclusive a questão política o eixo da cobertura.

No sétimo ponto a questão da despolitização e desideologização, contestada ao longo do texto, é colocada como um pressuposto importante para a atuação ativa da mídia nas mobilizações “somente quando o meio ambiente é comercial e caracterizado pela despolitização e desideologização pode a mídia criar mobilizações de ponta (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 236)

Das condições estabelecidas por Walgrave e Manssens (2000) para a atuação ativa da mídia na produção de mobilizações temos dado destaque somente para as que mais se contrapõem com o nosso caso de estudo, colocando que mesmo que na ausência delas no caso argentino a atuação do *Clarín* foi igualmente ativa na produção das manifestações. Entendemos que a tentativa de reconciliar a sua pesquisa com as predominantes no campo, como foi explicitado pelos próprios autores (WALGRAVE; MANSSENS, 2000, p. 235) não

resolve as limitações que essas teorias possuem, precisando-se outras explicações para as divergências, que olhem também para os contextos de produção das teorias, como a oferecida aqui.

Por outra parte, para responder melhor à pergunta que temos nos proposto há um tipo de informação que não possuímos, pela impossibilidade empírica de acessá-la, (já que o não reconhecimento de organizações participantes fez com que, uma vez acabado o protesto, não se tivesse como acessar os manifestantes). Essa informação é o consumo e a credibilidade dos manifestantes em relação à mídia corporativa, assim como seus padrões de consumo dos distintos veículos que o *Grupo Clarín* possui. Porém, é de interesse o reconhecimento que os administradores dão para o seu consumo pessoal do *Clarín*, o que poderia sustentar uma hipótese diferente da anteriormente colocada - articulação e divisão de tarefas, no sentido de que poderia não ser uma articulação consciente e sim uma consequência de práticas rotineiras da vida pessoal, embora alguns depoimentos já tenham sustentado a principal hipótese - mas que, no que diz respeito à construção de enquadramentos, permaneceria intacto.

Sem nos questionar as causas pelas quais este processo teve lugar, quer dizer, independentemente de se houve uma articulação entre os administradores dos grupos de Facebook e a mídia corporativa para a difusão de determinados conteúdos ou se isso aconteceu por serem os administradores consumidores do grupo *Clarín*, é evidente a centralidade do veículo na produção dos enquadramentos interpretativos. Uma vez que os administradores teriam produzido as postagens tendo como matéria-prima os enquadramentos da mídia corporativa, a relação entre os atores não muda e a agência do *Clarín*, como estrutura de mobilização, também não.

Aos olhos do pesquisador, a “democracia em perigo” constitui-se, para além da Argentina, em toda a América Latina, no *master frame* principal mobilizado pelas diversas forças conservadoras de direita contra os governos “esquerdistas”. O reconhecimento dos administradores dos grupos de Facebook das relações entre opositores dos diversos países aponta, inclusive, para a forma de articulação internacional destes grupos. Talvez por lhe conhecer melhor, o Brasil, onde a imprensa (rede Globo) tem tido um papel extremamente opositor ao governo (Dilma Rousseff) e tem agido de forma análoga ao *Clarín* na produção das oportunidades políticas para o sucesso do impeachment, se apresenta como o exemplo mais evidente de que os mecanismos desenvolvidos por tais grupos na Argentina não constituem um caso isolado. Com a crescente concentração midiática na região o entendimento dos processos descritos no presente estudo adquire uma relevância central, não

somente para a pesquisa acadêmica, mas também para a prática política cotidiana.

O olhar para a atualidade e o futuro da política argentina cria novas hipóteses, visto que é evidente a sinergia e aliança entre o governo constituído em 2015 e os grupos midiáticos que confrontaram a administração anterior (desde a desregulamentação das legislações que a mídia corporativa rechaçava, até a constituição de novos contratos). Mesmo assim evidencia-se outra situação na qual os veículos midiáticos começam a pressionar o governo, embora ainda focando a maior parte das suas críticas na herança do governo anterior, justificam medidas impopulares como a melhor saída para aquela herança, protegendo, assim, o novo governo dos efeitos das políticas adotadas por ele, noticiando extensivamente sobre os casos de corrupção protagonizados por funcionários do governo anterior. Isso demonstra que, em última instância, o grupo midiático tem uma agência e interesses próprios e age (e tem agido historicamente) sempre em favor da proteção e expansão dos seus próprios interesses econômicos e comerciais. Assim, como grande empresa que é, a mídia corporativa age conforme seus interesses comerciais, se situando à direita do aspecto político e apoiando as mobilizações que não desafiam estes interesses.

Percebe-se como o discurso do governo que assumiu em 2016 encontra-se alinhado às pautas que mobilizaram simbolicamente (que foram sintetizadas nos objetivos do governo e no enquadramento da “pesada herança”) o ciclo de protestos, os Cacerolazos. Isso tudo sem contar que a maior parte dos organizadores e apoiadores formam parte do novo governo. Bullrich, Carrió e Macri constituem as lideranças dos partidos principais da aliança eleitoral “*Cambiamos*” que levou Mauricio Macri à presidência e Patricia Bullrich ao ministério de segurança. Paralelamente, sobre os administradores dos grupos de Facebook entrevistados para a presente dissertação, metade deles deixou suas ocupações anteriores e passaram a desempenhar atividades de funcionários públicos e militantes partidários em um ou outro dos partidos que formam a aliança. Os que não o fizeram declararam explicitamente ter rechaçado oferecimentos para se candidatar dentro de alguma chapa. Um deles, inclusive, logo no início do governo Macri, passou rechaçar as decisões políticas aplicadas pelo novo governo, chegando até a reconhecer, em uma entrevista de um programa jornalístico, que durante os Cacerolazos e a campanha presidencial, o PRO financiou uma equipe de “trolls” que trabalharam para concretizar as mobilizações e defenderam suas posições na internet.

Entre as questões centrais do período analisado a retenção da Fragata Libertad teve destaque. Portanto, é importante colocar que finalmente, em 9 de janeiro de 2013, foi realizado um grande ato na cidade de Mar del Plata em comemoração à chegada da Fragata

Libertad na Argentina. O barco regressou ao país após mais de 69 dias detido no porto de Gana e foi liberada sem o pagamento de sentença nenhuma, conforme a posição original do governo. No período estudado aqui, a Fragata estava retida e não tinha previsão de liberação, razão pela qual se constituiu numa das críticas mais fortes, mas que no longo prazo acabou sendo uma vitória do governo na “luta” contra os fundos abutres.

Abrindo o guarda-chuva para futuras mobilizações, é interessante apontar como algumas das interpretações que Gold (2015) achou sobre os Cacerolazos parecem estar presentes nos próprios administradores dos grupos do Facebook ao olhar, já no início de 2016, para as mobilizações que começaram acontecer contra o governo Macri. Os administradores, junto com o jornal, compartilharam e difundiram a ideia de que os Cacerolazos se nutriram de cidadãos não organizados nem partidários e que as mobilizações governistas (kirchneristas) foram constituídas pelos militantes/funcionários do Estado. Essa interpretação gerou certo desconforto em 2016, quando lhes fez impossível o entendimento e a explicação das mobilizações “kirchneristas”, uma vez que, fora do governo e tendo sido demitidos da função pública, não haveria pagamentos ou possibilidades de coerção para incentivar a participação nessas mobilizações.

Como anunciado, temos começado a história pelo final, indicando de modo precoce quem iria vencer essa guerra midiática. Mesmo conhecendo o desenlace, esperamos que a análise de uma das batalhas principais do conflito contribua para o entendimento das nossas próximas lutas.

10 REFERÊNCIAS

- ACKLAND, R.; O'NEIL, M. Online Collective Identity: The Case of the Environmental Movement. *Forthcoming Social Networks*, 2011.
- ALONSO MARCOS, F. *La evolución de la teoría de los efectos de los medios de comunicación de masas: la teoría de la espiral del silencio a partir de la construcción de la realidad social por parte de los medios de comunicación de masas*. 2010. Universitat Pompeu Fabra, 2010.
- ALONSO, A. *As teorias dos movimentos sociais: um balanço no debate*. São Paulo: Lua Nova, 2009.
- ANTI-K, Andres. Cristina Kirchner Hay que tenerle miedo a Dios, y a mí un poquito. Youtube, 24 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xgmp2daWVis>>
- ARGENTINA. Ley nº 22.285. Dispõe sobre os serviços de radiodifusão (Lei Nacional de Radiodifusão). Buenos Aires, 15 de setembro 1980. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infoleginternet/anexos/15000-19999/17694/texact.htm>>
- ARGENTINA. Ley nº 26.522. Dispõe sobre os meios de comunicação audiovisual. Buenos Aires, 10 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infoleginternet/anexos/155000-159999/158649/norma.htm>>
- BAYLOR, T. Media Framing of Movement Protest: the case of american indian protest. *The Social Science Journal*, v. 33. Nº 3, p. 241–255, 1996.
- BENFORD, D. R.; SNOW, A. *Framing processes and social movements: An overview an assessment*. *Anual. Rev. Sociol.*, www.AnnualReviews.org. [S.l: s.n.], 2000
- BENNETT, L. New Media Power: The internet and Global Activism. *Contesting Media Power*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2003. .
- BENNETT, L.; SEREBERG, A. The Logic of Connective Action. *Information, Communication & Society*, p. 739–768, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/1369118X.2012.670661>>.
- BERGSON, H. *La Risa*. Madrid: Altamira S.A, 1985.
- BORRELLI, M. “Una batalla ganada”: el diario Clarín frente a la compra de Papel Prensa por parte de los diarios La Nación, Clarín y La Razón (1976-1978). *Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín*, v. Año 2, nº, 2008.
- BOYKOFF, J. Framing Dissent: Mass-Media Coverage of the Global Justice Movement. *New Political Science*, v. 28, n. 2, p. 201–228, 2006.
- BRASTED, M. Framing Protest: The Chicago Tribune and the New York Times during the 1968 Democratic Convention. *Atlantic Journal of Communication*, v. 13, n. 1, p. 1–25, 2005. Disponível em: <http://www.informaworld.com/openurl?genre=article&doi=10.1207/s15456889ajc1301_1&magic=crossref%7C%7CD404A21C5BB053405B1A640AFFD44AE3>.
- BRUSCHTEIN, Luis Una elección con muchos ganadores y nuevos protagonistas. Página 12, Buenos Aires, 28 out. 2013. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-232293-2013-10-28.html>>

CACEROLAZO 18A: multitudinarias protestas contra el Gobierno en todo el país: Masivas columnas se concentraron en la Plaza de Mayo, el Congreso, el Obelisco y en el interior; dirigentes de la oposición se suman a la marcha popular. La Nación, Buenos Aires, 18 abr. 2013. Disponible em: <http://www.lanacion.com.ar/1573998-cacerolazo-18a>

CALHOUN, C. New social movements' of the early nineteenth century. In: DUKE UNIVERSITY PRESS (Org.). . *Repertoires and cycles of collective action*. Durham: [s.n.], 1995. .

CANOVAN, M. *The People*. . Cambridge: Polity Press. , 2005

CAPPIELLO, Hernán. Bonadio sobreseyó a Cristina Kirchner por su título de abogada: Entendió que no hay delito; se recibió en la Universidad de La Plata. La Nación, Buenos Aires, 07 de jun. 2016. Política. Disponible em: <<http://www.lanacion.com.ar/1906402-bonadio-sobreseyo-a-cristina-kirchner-por-su-titulo-de-abogada>>

CASTELLS, M. *La era de la información: economía, sociedad y cultura*. [S.l.]: Siglo XXI, 2006.

CASTELLS, M. *O poder da comunicação*. 1. ed. São Paulo: [s.n.], 2015.

CASULLO, M. E. ¿En el nombre del pueblo? Por qué estudiar al populismo hoy. *PostData*, v. 19 n°2, 2014.

CASULLO, M. E. *EXPANDING THE BORDERS OF DEMOCRACY: DELIBERATIVE DEMOCRACY AND POPULISM*. 2009. Georgetown University, 2009.

CHOMSKY, N. *Media Control: The Spectacular Achievements of Propaganda*. [S.l.]: Seven Stories Press, 1997. Disponible em: <https://books.google.com.br/books?id=j6_ZAAAAMAAJ>.

CHOMSKY, N.; HERMAN, E. *Los guardianes de la libertad: propaganda, desinformación y consenso en los medios de comunicación de masas*. Barcelona: [s.n.], 2013.

CHONG, D.; DRUCKMAN, J. N. A theory of framing and opinion formation in competitive elite environments. *Journal of Communication*, v. 57, n. 1, p. 99–118, 2007.

CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN. Conferencia de prensa Ignacio Ramonet. Youtube, 27 de setiembre de 2007. Disponible em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UF78eON9vuQ>>

CINE, Artó. La Crisis Causó Dos Nuevas Muertes. Youtube, 28 de noviembre de 2011. Disponible em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nfm-f2yJa0g>>

COMAN, C.; CMECIU, C. Framing Chevron Protests in National and International Press. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 149, p. 228–232, 2014. Disponible em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042814049350>>.

COULDRY, N.; CURRAN, J. *Contesting media power*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2003.

CRISTINA Kirchner: "No nos juntamos para crear la cadena del desánimo" La Presidenta hizo alusión a la foto de la oposición reunida para criticar el sistema electoral. El intransigente, Buenos Aires, 29 ago. 2015. Disponible em: <<http://www.elintransigente.com/argentina/2015/8/29/cristina-kirchner-no-juntamos-para-crear-cadena-desanimo-339052.html>>

CRISTINA Kirchner: "No nos juntamos para crear la cadena del desánimo": La Presidenta hizo alusión a la foto de la oposición reunida para criticar el sistema electoral. El intransigente, Buenos Aires, 29 ago. 2015. Disponible em:

<http://www.elintransigente.com/argentina/2015/8/29/cristina-kirchner-no-juntamos-para-crear-cadena-desanimo-339052.html>.

DA CUNHA, K. *Capas na mídia impressa: a primeira impressão é a que fica*. . Santos: [s.n.], 2007.

DE LA TORRE, C. Populismo Radical y Democracia en los Andes. *Journal of Democracy en Español*, p. 24–37, 2009.

DE LIMA, V. A direita e os meios de comunicação. In: ABRAMO, E. F. P. (Org.). *Direita, volver!: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: [s.n.], 2015. p. 91–114.

DETENBER, B.; GOTLIEB, M.; MCLEOD, D.; MALINKINA, O. *Frame intensity Effects of television news stories about a high-visibility protest issue*. , <http://dx.doi.org/10.1080/15205430701580631>. [S.l.]: Routledge. , 2010

EL ANTI-K. (S.l): Facebook, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/EIAntiK.AK/?fref=ts>

EL CIPAYO. (S.l): Facebook, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/elcipayo/?fref=ts>

ENTMAN, R. Framing: Toward a clarification of fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, p. 51–58, 1993.

ENTMAN, R. How the Media Affect What People Think : An Information Processing Approach. *The Journal of Politics*, v. 51, p. 347–370, 1989.

ENTREVISTA al Papa Francisco en el semanario católico belga "Tertio". ACI Prensa, Lima, 07, Dez. 2016. Disponível em: <https://www.aciprensa.com/noticias/texto-entrevista-al-papa-francisco-en-el-semanal-catolico-belga-tertio-72704/>

ES FOTOGRAFÍA. (S.l): Facebook, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/ESfotografia7/?fref=ts>

ESCASA asistencia al cacerolazo. La Nación, Buenos Aires, 09 nov. 2013. Disponível em: www.lanacion.com.ar/1636777-escasa-asistencia-al-cacerolazo.

FALLETI, V. *Movilización y protesta de las clases medias argentinas: cacerolazo y asambleas barriales*. Colección ed. Mexico: Universidad autónoma Metropolitana, 2012.

FERES JÚNIOR, J. Análise de valências, debate acadêmico e contenda política. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 20, p. 313–322, 2016a.

FERES JÚNIOR, J. Em defesa das valências: uma réplica. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 277–298, 2016b.

FERES JÚNIOR, J.; MIGUEL, L.; BARBABELA, E. *A mídia impressa na cobertura das manifestações de junho*. . Caxambu: [s.n.], 2014.

FERNANDES, E. G. *Campos de batalha jornalística: os enquadramentos construídos por Zero Hora, Diário Gaúcho e Sul21 na luta pela (I)legitimidade do ciclo de manifestações de 2013, em Porto Alegre/RS*. 2016. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

FERREIRA, F.; MESSINA, J.; RIGOLINI, J.; LÓPEZ-CALVA, L.-F.; LUGO, M. A.; VAKIS, R. *La movilidad económica y el crecimiento de la clase media en américa latina*. Washintong, DC: [s.n.], 2012.

- FERREIRA, Francisco G. et al. La movilidad económica y el crecimiento de la clase media en América Latina. Banco Mundial, 2013. Disponível em: <www.miguelcarbonell.com/artman/uploads/1/La_movilidad_econ_mica_y_el_crecimiento_de_la_clase_media_en_Am_rica_Latina_1.pdf>
- FLICK, U. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: [s.n.], 2013.
- FRANCO LERRER, D. *Movimentos sociais , mídia e construção de um novo senso comum*. *Revista Nera*. Rio de Janeiro: [s.n.] , 2005
- GAGO, V. A política dos muitos. *Nueva Sociedad*, 2014.
- GAMSON, W. *Falando de Política*. São Paulo: Autêntica, 2011.
- GARRETT, R. K. Protest in an information society. *Information, Communication & Society*, v. 9, n. 2, p. 202–224, 2006.
- GIORDANO, Verónica. ¿ Qué hay de nuevo en las «nuevas derechas»? . *Nueva sociedad*, n. 254, p. 46-56, 2014.
- GOLD, T. Participación ciudadana más allá de lo electoral Cacerolazos y legitimidad política en la Argentina reciente. Del “13-S” al “8-A”. In: IIGG (Org.). . *Pensar las elecciones. Democracia, líderes y ciudadanos*. Buenos Aires: Clacso, 2015. p. 180–208.
- HALL, S. *Sin Garantias. Trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Popayan: [s.n.], 2010.
- INDÚSTRIA do açúcar influenciou pesquisa científica, aponta estudo: Representantes da indústria açucareira teriam manipulado durante décadas pesquisas sobre os efeitos do produto na saúde. G1, Rio de Janeiro, 13 set. 2016. *Ciência e Saúde*. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2016/09/industria-do-acucar-influenciou-pesquisa-cientifica-aponta-estudo.html>
- JOHNSTON, H.; ALIMI, E. Y. Primary Frameworks, Keying and the Dynamics of Contentious Politics: The Islamization of the Chechen and Palestinian National Movements. *Political Studies*, v. 60, n. 3, p. 603–620, out. 2012. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1467-9248.2011.00927.x>>. Acesso em: 1 fev. 2017.
- KALTWASSER, C. La derecha en américa latina y su lucha contra la diversidad. *Revista Nueva Sociedad*, v. 254 Noviem, 2014. Disponível em: <<http://nuso.org/articulo/la-derecha-en-america-latina-y-su-lucha-contra-la-adversidad/>>.
- KENNETH, A.; CAREN, N. Making the News: Movement Organizations, Media Attention, and the Public Agenda. *American Sociological Review*, p. 841–866, 2010.
- KITZBERGER, P. The Media Activism of Latin America’s Leftist Governments: Does Ideology Matter? *Giga Working Papers*, v. 151, 2010.
- KOOPMANS, R. Movements and Media: Selection Processes and Evolutionary Dynamics in the Public Sphere. *Theory and Society*, v. 33, n. 3/4, p. 367–391, 2004. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4144877>>.
- LA NACIÓN vendió más; Clarín y Popular se cayeron. Diarios sobre diarios, Buenos Aires, 23 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.diariosobrediaros.com.ar/dsd/notas/4/52-la-nacion-vendio-mas-clarin-y-popular-se-cayeron.php#.WBICQ3hDIV>>
- LACLAU, E. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

LASSARZFELD, P. La campaña electoral ha terminado. In: GILI, G. (Org.). . *Sociologia de la comunicación de masas*. Barcelona: [s.n.], 1982. .

LASSWELL, H. *The structure and funtion of communication in society. The communication of ideas*. New York: Institute for religious and social studies, 1948.

LEAL, M. C. D. O discurso jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 21, p. 73–92, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300006&nrm=iso>.

LHUMANN, N. *La realidad de los medios de masas*. Madrid: ANTHROPOS, 2010.

LOADER, B. Social Movements and New Media. *Sociology Compass*, v. 2, n. 6, p. 1920–1933, 2008. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/j.1751-9020.2008.00145.x>>.

LOPEZ-ESCOBAR, E.; LLAMAS, J.; REY, F. La agenda entre los médios: primero y segundo nivel. v. 9 (1 e 2), p. 67–89., 1996.

MARTÍNEZ , Diego Yañez. El subibaja de la imagen de Néstor y Cristina Kirchner: Los cambios en la percepción de los mandatarios a lo largo de los 10 años en el gobierno arrojan interesantes conclusiones. *La Nacion*, Buenos Aires, 24 mai. 2013. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1583781-el-subibaja-de-la-imagen-de-nessor-y-cristina-kirchner>>

MCADAM, D. *Social movements and networks. Relational approaches to collective action*. . Oxford: Oxford University Press. , 2003

MCADAM, D.; MCCARTHY, J. D.; ZALD, M. N. *Movimientos sociales: perspectivas comparadas: oportunidades políticas, estructuras de movilización y marcos interpretativos culturales*. Madrid: Istmo, 1999.

MCADAM, D.; MCCARTHY, J.; ZALD, M. *Movimientos sociales: Perspectivas comparadas; Oportunidades políticas, estructuras de movilización y marcos interpretativos*. Madrid : Ediciones Itsmo, 1999.

MCCARTHY, J. D. Adoptar, adaptar e inventar limites y oportunidades. In: ISTMO (Org.). . *Movimientos sociales: Perspectivas comparadas oportunidades políticas, estructuras de movilización y marcos interpretativos culturales*. Madrid: Istmo, 1999. .

MCCARTHY, J. D.; ZALD, M. N. *Resource mobilization and social movements: a partial theory*. . [S.l.]: American Journal of Sociology. , 1977

MCCOMBS, M. *A look at Agenda-setting: past, present and future*. . University of texas. Austin, USA: Journalism Studies. , 2005

MCCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. The Agenda-Setting Function of Mass Media. *The Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 176–187, 1972. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2747787>>.

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 155–184, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452002000100007&nrm=iso>.

MIGUEL, L. F. Quanto vale uma valência? *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 17, p. 165–178, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000300165&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>.

- MIGUEL, L. F. Uma resposta. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 299–301, 2016.
- MIRÁ cómo operan los trolls del Gobierno: habla un arrepentido. *Minuto Uno*, Buenos Aires, 26 jul. 2016. Disponível em: <www.minutouno.com/notas/1500115-mira-como-operan-los-trolls-del-gobierno-habla-un-arrepentido>
- MORAES, D. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In: BOITEMPO (Org.). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: [s.n.], 2013. .
- MORAES, D. DE; RAMONET, I.; SERRANO, P. *Mídia, Poder e Contrapoder - da Concentração Monopólica À Democratização da Informação*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MORLEY, D. Interpretar televisión: la audiencia de Nationwide. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. .
- NAWIWONKA. Alfonsín contra Clarín. Youtube, 26 de novembro de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UtBYV_NpW7E>.
- NEUMANN, N. *La espiral del silencio*. Barcelona: Paidós, 1995.
- NOGUEIRA PRADO, G. Mídia corporativa: a catraca da democracia. *Uninomade*, 2014.
- ORSI, G. O.; FERNANDES, E. G. *Making Spontaneity: A construção midiática da espontaneidade*. [S.l: s.n.], 2016.
- PRADO, C. DO. *O Mercado de Comunicação da Mídia Impressa em Chapecó e a inserção de um novo veículo: o caso Voz do Oeste*. 2007. 148 f. Universidade Comunitária Regional de Chapecó, 2007.
- PREMICE, Sebastián. Un mal negocio de las AFJP. Pagina 12, Buenos Aires, 08 jul. 2010. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-149058-2010-07-08.html>>
- RAMONET, I. Meios de comunicação: um poder a serviço dos interesses privados? In: BOITEMPO (Org.). *Mídia, Poder e Contrapoder - da Concentração Monopólica À Democratização da Informação*. São Paulo: [s.n.], 2013. .
- RAMOS, J. *Los cerrojos a la prensa*. Buenos Aires: Editorial AMFIN S.A, 1993.
- ROBLES, J. M.; CASTROMIL, A. R.; RODRIGUEZ, A.; CRUZ, M. El movimiento 15-m en los medios y en las redes. Un análisis de sus estrategias comunicativas. *Empiria*, v. 32, p. 37–62, 2015.
- ROSCIGNO, V. J.; DANAHER, W. F. Media and Mobilization: The Case of Radio and Southern Textile Worker Insurgency, 1929 to 1934. *American Sociological Review*, v. 66, n. 1, p. 21–48, 2001. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2657392>>.
- ROSEMBERG, Jaime. Un masivo cacerolazo de protesta contra el Gobierno se sintió en todo el país: Miles de manifestantes llenaron la Plaza de Mayo con consignas contra la Presidenta, en rechazo a la reelección indefinida y el cepo al dólar; las protesta se sintieron en distintos barrios porteños y en las capitales provinciales. *La Nación*, Buenos Aires, 14 set. 2012. Cacerolazo. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1508376-un-masivo-cacerolazo-de-protesta-contra-el-gobierno-se-sintio-en-todo-el-pais>>
- ROSSO, Fernando. Martín Sivak: “La debilidad del kirchnerismo fue entender a Clarín solo a partir de 1976”: Un diálogo con el autor de la más importante investigación sobre el Grupo Clarín. Mucho más periodismo de orden que periodismo de guerra. *La Izquierda Diario*, Buenos Aires, 02 out. 2016. Disponível em: <www.laizquierdadiario.com/Martin-Sivak-La-debilidad-del-kirchnerismo-fue-entender-a-Clarín-solo-a-partir-de-1976>

- RUBRO 59: Clarín sigue publicando avisos de oferta sexual pese a estar prohibido. El Destape, Buenos Aires, 06 ago. 2015. Disponível em: <http://www.eldestapeweb.com/rubro-59-clarin-sigue-publicando-avisos-oferta-sexual-pese-estar-prohibido-n8541>
- RUIZ NUÑEZ, H. El negocio millonario de “Papel Prensa”. *Humor*, v. 229, 1987.
- RUSSO, S. *Fuerza propia : La Cámpora por dentro*. Buenos Aires: [s.n.], 2014.
- SANTAMARINA CAMPOS, B. Movimientos sociales: una revisión teórica y nuevas aproximaciones. *Boletín de Antropología Universidad de Antioquia*, v. 22, n. 39, p. 112–131, 2008.
- SARTORI, G. *Homo videns: la sociedad teledirigida*. Madrid: Taurus, 1998.
- SARTORI, G. *Partidos y sistemas de partidos*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.
- SARTORI, G. *Teoría de la democracia. 1, El debate contemporáneo*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- SCHEUFELE, D. *Framing as a theory of media effects*. *Journal of Communication*. [S.l.: s.n.], 1999
- SCRIBANO, A.; SCHUSTER, F. Protesta social en la Argentina de 2001: entre la normalidad y la ruptura. *Análisis de casos. La protesta social en Argentina*. Buenos Aires: Clacso, 2001. p. 17–22. Disponível em: <http://www.historiadores.com.ar/Trabajos/Osal/osal/osal5/org/analisis.pdf>.
- SILVA, M. S. DA. *Análise do repertório dos protestos argentinos 8N, no confronto político entre Clarín e Cristina Kirchner*. . Curitiba: 5º Seminário Nacional de Sociologia & Política: Desenvolvimento e mudanças sociais em contexto de crise. , 2014
- SILVA, M. S. DA. *Ciberativismo 8N: agendamento no contexto da lei audiovisual argentina. XII Seminário Internacional da Comunicação: imaginário em rede, comunicação, memória e tecnologia*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica. , 2013a
- SILVA, M. S. DA. *Influências do Telenoche na Opinião dos Manifestantes no Ciberativismo Argentino 8N. VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura*. Curitiba: [s.n.], 2013b.
- SILVA, M. S. DA. *Ley con qué medios: O enquadramento noticioso no contexto do confronto político entre Clarín e Cristina Kirchner*. 2015. Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2015.
- SILVA, M.; COTANDA, F.; PEREIRA, M. *Interpretação e Ação Coletiva: contribuições do conceito de “enquadramento interpretativo” para o estudo de movimentos sociais*. . [S.l.: s.n.], 2013
- SIVAK, M. *Clarín: Una historia*. 1. ed. Buenos Aires: [s.n.], 2013.
- SNOW, D.; MOSS, D. Protest on the Fly: Toward a Theory of Spontaneity in the Dynamics of Protest and Social Movements. *American Sociological Review*, v. Vol. 79(6), p. 1122–1143, 2014.
- STEIBEL, F.; MARINKOVA, M. Positivo, negativo ou neutro? Um olhar de métodos mistos sobre a variável “valência” em análises de conteúdo jornalístico. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, v. v.16, n.2, 2013.
- SWART, W. The league of nations and the irish question: Master Frames, Cycles of Protest, and “Master Frame Alignment”. *The Sociol@ul Quarterly*, v. 36, n. 3, p. 465–481, 1995.

TARROW, S. *El poder en movimiento: los movimientos sociales, la acción colectiva y la política*. Madrid: Alianza, 1997.

TILLY, C. *From Mobilization to Revolution*. [S.l.]: McGraw-Hill, 1978. Disponible em: <<https://books.google.com.br/books?id=oaggAQAAIAAJ>>.

TOMÁS, Aurelio. Con una protesta menos masiva, el 8-A movilizó a los caceroleros más duros: Con reclamos por la corrupción y la inseguridad, se repitió la convocatoria contra el Gobierno, impulsada desde las redes sociales; influyó en la menor concurrencia el luto por la tragedia de Rosario. *La Nación*, Buenos Aires, 09 ago. 2013. Disponible em: <www.lanacion.com.ar/1608973-con-una-protesta-menos-masiva-el-8-a-movilizo-a-los-caceroleros-mas-duros>

TUFEKCI, Z.; WILSON, C. Social Media and the Decision to Participate in Political Protest: Observations From Tahrir Square. *Journal of Communication*, 2012.

URIBE, M. L. *Ideas que ponen en movimiento y movimientos que mueven ideas*. Disponible em: <alaizquierdadelarazon.files.wordpress.com/2013/01/ideas-que-ponen-en-movimiento.pdf>.

WALGRAVE, S.; MANSSENS, J. The making of the white march: The mass media as a mobilizing alternative to movement organizations. *Mobilization: An international Journal*, v. 5, n. 2, p. 217–239, 2000. Disponible em: <<http://mobilization.metapress.com/index/L2263725765G0177.pdf>>.

WATKINS, S. C. Framing protest: News media frames of the million man march. *Critical Studies in Media Communication*, v. 18, n. 1, p. 83–101, 2009.

WATSON, K. La reconstrucción de la identidad indígena en la Bolivia de Evo Morales. *BBC*, 2014. Disponible em: <http://www.bbc.com/mundo/noticias/2014/10/141009_bolivia_elecciones_aimaras_identidad_indigena>.

WEAVER, D. H. Thoughts on agenda setting, framing, and priming. *Journal of Communication*, v. 57, n. 1, p. 142–147, 2007.

WEBER, M. *Economía y sociedad*. Madrid: [s.n.], 1993. Disponible em: <<https://books.google.com.ar/books?id=6MWXmgEACAAJ>>. (Sección de obras de sociología).

WOLF, M. Mass media: contextos e paradigmas. *Novas tendências. Efeitos a longo prazo. O newsmaking*. p. 397–398, 1999.

XU, K. Framing Occupy Wall Street: A Content Analysis of The New York Times and USA Today. *International Journal of Communication*, p. 2412–2432, 2013.

11 ANEXOS.

Quantificação dos Jornais

Veículo: <i>Clarín</i>			
Período 8/10/2012 até 13/11/2012			
Elementos	Total	Materiais sem enquadramentos interpretativos sobre o governo. Desconsiderados.	Materiais com enquadramentos interpretativos sobre o governo. Banco de dados para a análise.
Capas	35	2	33
Editorial	34	8	26
Colunas	146	68	78
Artigos	99	64	35
Notícias	1188	886	302
Notas	1069	898	171
Cartas de Leitores	119	66	53
Semáforo	34	25	9
Publicidades	657	606	51
Charges	33	3	30
P. apos. 8/11	10	//	//
Total de elementos.	3424		

Fonte: Produção própria.

Valências

Data	Manchete, subtítulo principal e copete.	Enquadramento	Valencia
------	---	---------------	----------

9/10/2012	<p>Cresce a tensão e o governo responde hoje às demandas.</p> <p>Uma semana de conflito na Gendarmeria e prefectura</p> <p>Gendearmes e prefectos reforçam a concentração na frente dos prédios Centinela e Guardacostas, as sedes das duas forças. Há expectativa pelo conteúdo da resposta oficial aos três pontos entregues ao vice-ministro de Segurança Berni.</p>	<p>Conflito.</p> <p>Falta de reação.</p> <p>Ineficiência.</p>	Negativa
10/10/2012	<p>Rechaçam demandas dos gendarmes e prefectos e o protesto continua.</p> <p>Após 8 dias de conflito.</p> <p>O governo disse que “é impossível” pagar-lhes um salário básico de \$7.000. Manteve as sanções aso vozeros do protesto e denunciará penalmente aos juízes que deram amparos as demandas. Grupos de gendarmes e prefectos foram a noite à Praça.</p>	<p>Conflito</p> <p>Ineficiência.</p> <p>repressão</p>	Negativa
11/10/2012	<p>Foi massivo o ato do sindicalismo opositor na praça. Novos protestos e demandas na rua.</p> <p>Convocou a CTA de Micheli e aderiu a CGT de Moyano. Também foram partidos de esquerda, a Federação Agrária, e a FUA. Criticaram com dureza ao sindicalismo oficialista. Diante 40 mil pessoas, anunciaram greve nacional para antes do fim do ano.</p>	<p>Sindicalismo.</p> <p>Mobilização</p>	Negativa
12/10/2012	<p>Fracassou a arremetida oficial e Despuy fica na Auditoria⁸⁸.</p> <p>Organismo nas mãos da oposição.</p> <p>Foi após o total apoio de todos os partidos opositores que recebeu o chefe do organismo que controla ao Governo. O Kirchnerismo no Congresso aceitou a sua continuidade no posto. A semana passada assegurou que seu mandato tinha acabado.</p>	<p>Pressão ao</p> <p>judiciário.</p>	Negativa

⁸⁸ A auditoria Geral da Nação é um órgão de controle externo do setor público.

13/10/2012	<p>Mais controles da AFIP para gastos de turismo no exterior</p> <p>O cepo cambiário.</p> <p>As agencias maioristas terão que lhe pedir autorização para comprar dólares para pacotes turísticos.</p> <p>Por enquanto, não afetaria aos que já os tem comprado.</p>	Controle econômico	Negativa
14/10/2012	<p>Para o INDEC, 30% das casas podem viver com \$106 por dia.</p> <p>Os preços e a pobreza.</p> <p>Surge da enquete permanente do organismo sobre o que recebem as pessoas. Somente para se alimentar uma família tipo necessitaria 35\$ diários. São 10 milhões de pessoas.</p>	Inflação. Desconfiança no organismo Estatal	Negativa
15/10/2012	<p>A Armada disse que se deter em Ghana foi decisão do governo.</p> <p>O escândalo da Fragata Libertad.</p> <p>O Secretário da Força apontou que foi “uma decisão interministerial”. O Fez no meio de uma forte disputa no Gabinete acerca da responsabilidade pelo acontecido com a Fragata. O buque leva retido 13 dias por uma demanda de bonistas estrangeiros.</p>	Escandalo. Ineficiência estatal.	Negativa
16/10/2012	<p>Os roubos a mão armada cresceram 21% no Estado.</p> <p>A insegurança em números.</p> <p>São dados oficiais do primeiro semestre de 2012 em relação ao ano anterior. Também subiram as “entradeiras” e a quantidade de vitimas mortas por este crime. No total houve um 10.5% mais de roubos. Porém, desceu 6% a taxa de homicídios.</p>	Insegurança	Negativa
17/10/2012	<p>Apurada gestão em Ghana para libertar a Fragata.</p> <p>Um conflito que leva mais de duas semanas.</p> <p>Logo que chegaram, os vice-ministros de Defesa e da Cancilleria se reuniram com as autoridades locais. Procuram destrancar quanto antes a retenção da Fragata Libertad. A missão tratará também de se reunir com o juiz</p>	Improviso. Ação oficial para resolver conflito	Negativa /neutra

	ghanes, que agiu diante a demanda dos fundos abutre.		
18/10/2012	<p>Chamam a pesificar todas as dívidas do Estado</p> <p>Descem 26% os papeis de Chaco</p> <p>O fez Capitanich, governador do Chaco, de boas sintonias com a Casa Rosada. Disse que o concretizara no seu Estado. E convocou seus colegas a fazer o mesmo.</p>	<p>Pesificação, crise econômica.</p> <p>Queda da bolsa</p>	Negativa.
19/10/2012	<p>Lorenzetti: “Não vamos ceder diante de pressão nenhuma”</p> <p>Tensão entre o governo e a justiça.</p> <p>O presidente da Corte, o disse na abertura da Conferencia Nacional de Juízes. Seu depoimento se produz no meio das manobras do oficialismo pela Lei de Meios. “Nunca se há feito tão pouco pela igualdade”, disse também.</p>	<p>Pressão judiciária.</p> <p>Desigualdade.</p>	Negativa
20/10/2012	<p>Once: Processam a Jaime, Schiavi e os Cirigliano.</p> <p>A tragédia ferroviária que produziu 51 mortos.</p> <p>O juiz Bonadio disse que o governo sabia do mal estado do Sarmiento desde 2007. A os ex-secretários de Transporte kirchneristas os acusou por abuso de autoridade e incumprimento no controle. Dos donos de TBA disse que manejavam uma associação ilícita para se aproveitar dos fundos do Estado.</p>	Corrupção	Negativa
21/10/2012	<p>Uma empresa estatal faz milionários negócios sem controle.</p> <p>O manejo discricionário dos fundos públicos.</p> <p>É AR-SAT. Nasceu para fazer satélites e lhe adicionaram internet, TV digital e telefonia celular. Moverá US\$ 2.600 milhões em contratos, comissões e compras diretas.</p>	<p>Corrupção.</p> <p>Desperdício de dinheiro</p>	Negativa.
22/10/2012	<p>O governo criou a metade dos empregos que disse ter criado.</p> <p>As cifras do desemprego.</p> <p>Entre 2003 e março de 2012 surgiram 2,7 milhões de novos empregos, em branco e em negro, conforme os</p>	Mentira	Negativa

	próprios dados do Ministério de Trabalho. A presidenta, o Gabinete todo e os veículos oficiais costumam falar em mais de cinco milhões de empregos.		
23/10/2012	<p>A presidenta deixa a Fragata em Ghana e retorna a tripulação.</p> <p>O buque leva quase três semanas retido por um embargo.</p> <p>“Poderão ficar com a Fragata, mas não com a liberdade, a soberania nem a dignidade do país”, disse ontem Cristina. O fez após o fracasso da gestão do Canciller na ONU para recuperar a nave. Os marinhos chegarão amanhã, em um voo charter francês.</p>	<p>Desinteresse.</p> <p>Ineficiência.</p> <p>Incapacidade.</p>	Negativa
24/10/2012	<p>Só cinco distritos cumprirão com os 190 dias de aula.</p> <p>Há 19 Estados que não atingirão o objetivo</p> <p>São os da Cidade, que recuperará os dias perdidos pelas ocupações, Santa Cruz, Rio Negro, Chubut e Santiago del Estero. O conselho Federal de Educação tinha proposto esse objetivo para o ano. As Greves docentes são um impedimento para atingi-lo.</p>	Conflito escolar – nível Estadual.	Negativa/ neutro
25/10/2012	<p>A tripulação da Fragata, trazida na meia-noite.</p> <p>O governo fracassou nas suas gestões para recuperar a nave.</p> <p>Às 0:08 h chegaram os 281 marinhos. Tinham saído de Ghana no meio de uma forte chuva informativa. A partida foi demorada. Estiveram três semanas no porto de Tema, onde o buque permanece retido, com seu capitão e uma dotação reduzida.</p>	<p>Ineficiência.</p> <p>Ocultamento.</p>	Negativa.
26/10/2012	<p>Bancarizam desde janeiro o pago das despesas de condomínio na Capital</p> <p>Decisão do Macri que atinge 35 mil consórcios.</p> <p>Não se pagarão mais em efetivo a porteiros ou administradores. Haverá um sistema único para todos os consórcios. Se pagará nos bancos ou centros de pagamento</p>	<p>Novidade da Cidade de Buenos Aires – administração PRO</p>	Neutro

	rápido. Administradores falam que pelos custos do sistema o valor das despesas do condomínio poderia aumentar.		
27/10/2012	<p>Outra sentença nos EE.UU a favor dos fundos abutre.</p> <p>Após o embargo em Ghana da Fragata Libertad.</p> <p>A câmara de Nova Iorque ratificou uma decisão do juiz Griesa. Ordena pagar aos bonistas que não entraram na troca da dívida. Considera-os discriminados.</p>	<p>Conflito internacional.</p> <p>Ineficiência</p>	Negativa
28/10/2012	<p>Houve 122 mortos pela insegurança em apenas 300 dias.</p> <p>Na capital e no Estado de Buenos Aires.</p> <p>Segundo um levantamento do Clarín sobre assassinatos em roubos e assaltos. A maioria morreu por disparos de armas de fogo. O sul e o oeste do GBA, as zonas mais castigadas.</p>	Insegurança	Negativa
29/10/2012	<p>Boca Ficou com o último Grito</p> <p>Emotivo empate no Monumental</p> <p>Com um gol do Erviti sobre o final igualou 2-2 com River, em um jogo intenso. O local foi superior e chegou estar 2-0 acima. Um incensário penal e um descuido defensivo fizeram que boca festejasse o empate.</p>	Futebol	Neutro
30/10/2012	<p>Há dois mortos e 3.400 evacuados pelo temporal.</p> <p>Uma tempestade de incomum intensidade.</p> <p>Num dia só, choveu metade que em todo o mês.</p> <p>Houve ruas com até um metro e meio de água. As mortes e evacuações foram no Gran Buenos Aires. Na Capital o bairro mais castigado foi Belgrano, onde voltaram a se inundar muitos comércios.</p>	<p>Problemas produzidos pela natureza</p>	Neutro
31/10/2012	<p>Irã insiste em que não teve a ver com o ataque na AMIA.</p> <p>Houve 85 mortos na mutual judia.</p> <p>O disse o vozeiro da Cancilleria de Teherán. É o posicionamento que o país sustenta desde a explosão em 1994. Mas é reiterado agora, quando a Argentina negocia</p>	<p>Ação estatal para resolução de conflito</p>	Neutro

	com eles uma tentativa de levar a julgamento os oito iranes acusados do atentado.		
01/11/2012	<p>Com final de escândalo, deputados fizeram lei o voto aos 16 anos.</p> <p>Será optativo e terá vigência para a eleição de 2013.</p> <p>Um deputado da Cámpora, Andrés Larroque, atacou com termos duríssimos ao macrismo, a UCR e o socialismo. A oposição, que estava dividida diante o projeto, acabou se retirando massivamente. E a iniciativa foi aprovada só pelo bloque K.</p>	Intolerância. Prepotência.	Negativa
02/11/2012	<p>A taxa imobiliária do Estado sobe entre 20% e 60%.</p> <p>Foi votado pela legislatura e terá vigência desde janeiro.</p> <p>O aumento será superior nos bairros fechados. Estão isentas as propriedades com valor fiscal menor a \$25 mil e as moradias únicas de aposentados. Também aumentam as taxas para os carros de mais de \$120 mil. E sobem os Ingressos Brutos à telefonia celular.</p>	Aumento impostos em Estado K.	Negativa
03/11/2012	<p>Admitem que poderiam represar a também a Corbeta Espora.</p> <p>Outro buque da Armada em Perigo.</p> <p>O Reconheceu a Canciller sudafricana. A nave teve que ancorar na Cidade del Cabo. E é ameaçada pelo mesmo fundo abutre da Fragata Libertad.</p>	Ineficiência. Ineficácia.	Negativa
04/11/2012	<p>Forte rechaço a uma nova Constituição e à re-re da Cristina.</p> <p>Enquete nacional sobre a gestão do governo.</p> <p>O 66% se opõe as mudanças constitucionais. E mais do 80%, a que se habilite outra re-eleição. No senado, a oposição tinha bloqueado a possibilidade de uma reforma.</p>	Reeleição. Modificação. Constituição	Negativa
05/11/2012	<p>Por um conflito sindical acumula-se lixo na Cidade.</p> <p>Recheios sanitários: Protesta no Ceamse.</p> <p>Desde sexta feira há problemas na colheita em vários bairros. Os mais afetados são Palermo, Belgrano,</p>	Conflito na Cidade de Buenos Aires.	Neutro

	Nuñez e Recoleta. No Ceamse se fazem assembleias que tem afetado o serviço. De noite continuava a demora.		
06/11/2012	<p>Caiu um 47% em Capital a venda de imóveis.</p> <p>O Cepo ao dólar afeta mais ao mercado.</p> <p>São dados de setembro do Colégio de Escritanos. A porcentagem está apenas por cima da de 2009, o pior ano da atividade em três décadas. Em apartamentos usados, o retrocesso e ainda maior.</p>	Políticas públicas que afetam negativamente a economia	Negativa
07/11/2012	<p>Venceu Obama e governara EE.UU mais quatro anos.</p> <p>Eleição de impacto mundial.</p> <p>O presidente democrata superou nos estados cruciais seu rival Mitt Romney. E garantiu-se assim a reeleição na frente da Casa Branca. Seguirá com maioria no Senado e perdeu novamente na Câmara Baixa</p>	Capa internacional	Neutro
08/11/2012	<p>Houve três horas de caos por um gigante corte de energia.</p> <p>Entre as 18 e as 21, em zonas de Capital e GBA.</p> <p>Em um dia onde a sensação térmica atingiu 36,7 e houve recorde no consumo elétrico, várias subestações de Edenor e Edesur saíram de serviço. Ainda investigam-se os motivos. Quase 3 milhões de pessoas viram-se afetadas. Paralisou-se o metro. E sem semáforos o trânsito colapsou.</p> <p>Na noite algumas zonas continuavam sem luz.</p>	Problemas de energia.	Negativa

Fonte: elaboração própria em base às matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

Resumo editoriais 9-10-2012 até 8-11-2012.

9/10

O editorial do dia 9/10, redigida por Ricardo Roa e titulada “Caló, Duro de domar”⁸⁹. O editorial critica ao dirigente do sindicalismo “oficialista” pelas suas qualidades pessoais por

⁸⁹ Caló é o sobrenome do líder da fração da CGT que manteve o apoio ao governo Kirchner.

uma suposta mudança nas suas posições. O sindicalista é elogiado pela sua posição crítica ao governo: “apoiou o planteio dos prefectos e gendarmes: **pareceu um sindicalista de verdade**” (negrita na original). Mas, quando percebida a mudança (“Até Cristina ligar pra ele, mudou na hora”), é criticado novamente, por esclarecer explicitamente sua posição “oficialista”. É, portanto, acusado de “suavizar” as demandas sindicais em favor do governo. Reforçando como uma das demandas fundamentais do sindicalismo (mobilizada pela CGT opositora, e supostamente ignorada por Caló) a modificação do imposto ao lucro, pago pelos trabalhadores. “é dinheiro dos trabalhadores com o qual o governo financia os seus gastos”

Enquadramentos utilizados: *O papel do sindicalismo.*

10/10

O editorial do dia 10/10, redigida Ricardo Kirschbaum, “A arte de nunca ter a culpa”. Em relação com o conflito gerado entre gendarmes e prefectos e o governo (por uma disposição que tirou uma parte significativa do salário deles) e diante as explicações dos funcionários do governo o editorialista critica a posição dos funcionários, “esse reflexo de fazer acreditar que os problemas veem da herança e, como tais, não são da sua responsabilidade é uma **estratégia oficial para não se fazer cargo de nenhum erro**” (negrito no original). Diante a justificação do governo de não poder sustentar um aumento salarial, critica-se o investimento do governo nos “programas propagandísticos que mantém e que cada vez são mais custosos para o Tesouro”. Posteriormente o editorialista da as soluções que tem que ser adaptadas pelo governo e conclui que este já teria falhado ao fazer de outra forma.

Enquadramentos utilizados: Irresponsabilidade

11/10

O editorial do dia 11/10, redigida por Ricardo Roa e titulada “Uma presidenta viciada na irrealdade”. O texto aborda um dos temas centrais do período, a greve de *Prefectos* e *Gendarmes*, e as conseqüências que gerou na burocracia estatal, onde o irmão da Ministra de Segurança foi demitido sendo apontado como responsável do conflito. O autor aponta que, na realidade o funcionário teria agido conforme indicações da presidente e do gabinete, e que no momento do conflito ele teria “pago o pato”. Com a mesma chave analítica aponta para outro dos temas principais do período, a *pesificação* da dívida do Chaco, cujo custo político estaria

sendo acarretado pelo governador, enquanto realmente era consequência de decisões do poder Executivo nacional (que restringe a compra de dólares) “no seu discurso sobre a lei de Meios, a presidente teria insistido em que não **há cepo ao dólar**.... Cristina tem se feito viciada na irreabilidade” (negrito no original).

Enquadramentos utilizados: Corrupção/mentiras (em termos de culpar inocentes), controle econômico (cepo ao dólar),

12/10

O editorial do dia 12/10, redigida por Ricardo Roa e titulada “O Twitter do professor Sileoni”, mostra uma diversidade de *Twitts* de diversos ministros de educação de países vizinhos e do Ministro Sileoni, da argentina. O objetivo é apontar que, enquanto os ministros estrangeiros procuram valorizar a educação e a leitura desde suas redes sociais, o argentino “o que faz nosso ministro? Propaganda”. Segundo o autor, a permanente utilização propagandística das políticas públicas argentinas explica porque a “educação está em queda, embora ao Estado esteja lhe sobrando o dinheiro: os recursos faltam ou se usam mal”.

Enquadramentos utilizados: Injustiça, cognição quente, populismo.

13/10

O editorial do dia 13/10, redigida por Ricardo Roa e titulada “e agora, vão jogar a culpa em quem por Ghana?”. Um dos temas principais do período foi a retenção da Fragata Libertad, no porto de Tema (Ghana) por conta de um embargo solicitado pelos fundos abutre. No editorial o autor analisa a estratégia do governo diante o conflito, que resolveu repatriar os arinhos enquanto o processo judiciário se desenvolvia, e “tardiamente foram enviados o vice Canciller e o vice-ministro de Defesa”. E aponta ao primeiro como culpado do “bochorno” (vergonha). No editorial, aponta-se que Ghana tem uma economia forte e uma democracia estável, e que o ministro teria que ter previsto que ancorar nesse porto poderia acarretar a aplicação de sanções e que a Argentina não teria na região nem nos países europeus aliados que possam contribuir à resolução do conflito. “No governo estão-se quebrando a cabeça para achar um culpado por Ghana, sem perceber que o tem logo ai: são eles mesmos”.

Enquadramentos utilizados: Irresponsabilidade

Dia 13/10 foi sábado, e por isso, também foi publicada a coluna semanal do Jorge

Lanata, titulada “A insegurança combate-se com salários irregulares e viáticos de 9 pesos por dia”. A coluna foca no conflito dos prefectos e gendarmes, fazendo foco inicialmente às condições laborais dos mesmos e a “injusta” remuneração recebida pelo serviço. A coluna constitui-se dos depoimentos dos gendarmes e prefectos, e das dificuldades do seu dia-a-dia, ao mesmo tempo aponta para o desinteresse do governo “Cristina Kirchner retornou de Lima e durante o conflito decidiu deixar o Helicóptero: foi desde Olivos à Casa Rosada em carro para evitar os Gendarmes que cuidam o heliporto”. Além disso, aponta que o governo, no início do conflito teria criminalizado o protesto dos que são encarregados de atender ao “principal problema” (segundo uma enquete citada), e que apenas conseguem sobreviver com os salários pagos pelo governo.

Enquadramentos utilizados: Ineficácia, Corrupção/mentira, injustiça, insegurança.

14/10

O editorial do dia 14/10, redigida por Ricardo Kirschbaum “Atos tontos que revelam que a arbitrariedade é uma política”, focou-se na “tentativa de demissão” do Auditor Geral da Nação, vinculando as pressões pelo funcionário com uma suposta negociação pela designação de juízes na causa pela legalidade da LSCA. “Este tipo de atitudes formam parte da conduta habitual do oficialismo”, disse o autor. Finalmente funcionário se manteve no seu posto.

Enquadramentos utilizados: liberdade de imprensa

Dia 14/10 foi domingo e, portanto, dia de maiores vendas do jornal, junto com o editorial é publicada também a coluna de *humor político* de Alejandro Borenztein titulada de “200 notas e nenhuma flor”. Na coluna, a número 200 revê a trajetória do autor na escrita de colunas. Para isso lembra a primeira delas, publicada em 2008 (durante o primeiro governo de Cristina Kirchner) “referia ao estado de nervos, ofuscação e gritaria no qual tinha-se mergulhado a sociedade argentina em geral e a diligência em particular a raiz da crise do campo”. O autor disse que o objetivo da sua primeira nota era incitar à diligência se xingar mutuamente, mas conclui que “jamais pensei que aquela pequena semente plantada faz mais de 5 anos transformar-se-ia neste estado de pré-guerra mundial, comparável só com a invasão de Polônia em 1939”. Embora a nota tente ser de humor político, a idéia dela é descrever um cenário de polarização e conflito social. Embora reconheça diversos atores contrapostos tanto como produtores quanto vitimas de episódios violentos, “... os fanáticos da falange oficial listam os caceroleros...”, o foco de critica são as atitudes e os atores do governo,

particularmente a presidenta; (quando a presidenta fala em cadeia nacional) “...propaga-se o pânico, não somente dentre os que assistem televisão (principalmente se são dos 46% em assenso) **senão também dos próprios funcionários que**, abrem mão de todo e devem ir bater palmas sabendo que em qualquer momento Ela os defenderá...” (negrito no original). “Ou que o governo faça abuso de poder como nenhum outro tem feito na democracia, da qual cada vez mais, parece tirar um pesinho fora do prato”.

Enquadramentos utilizados: mal-estar social

15/10

O editorial do dia 15/10, redigida por Osvaldo Pepe e titulada “Uma campanha que não respeita limites”, o editorial denuncia a ingerência da presidenta (e seus partidários) no judiciário, particularmente na causa sobre a legalidade da LSCA e utiliza o posicionamento da SIP, para reforçar a denuncia, comparando as limitações na liberdade de imprensa argentina com os contextos da Venezuela e do Equador. Conforme relata o autor a SIP, irá observar na argentina o processo anterior ao chamado 7D que é “uma campanha com tons totalitários, por conta daquilo da **“simplificação e o inimigo único”** tão ao gosto do Goebbels, Czar da comunicação de Adolph Hitler” (negrito no original). O autor aponta que esta campanha fomenta um clima de “tensão social incessária” orientada a “demonizar o *Clarín* e deformar a verdade”. “O governo sabe que sua campanha pelo 7D sustentasse na mentira e no exagero”.

Enquadramentos utilizados: pressões ao judiciário, governo autoritário, limitações à Liberdade de imprensa, mentiras

16/10

O editorial do dia 16/10, redigida por Ricardo Roa e titulada de “Essas coisas da condição humana” analisa o assassinato do governador de Rio Negro, Carlos Soria, em mãos da sua esposa. Conforme o relato que o autor faz do julgamento, o crime teve motivações passionais (a infidelidade do governador), metade do editorial é também um relato sobre o homem que, por esses dias, tinha quebrado a barreira do som ao pular desde 39.000 metros de altura.

Enquadramentos utilizados: Não há referências ao contexto político nem

econômico.

17/10

O editorial do dia 17/10, redigida por Ricardo Kirschbaum, titulada de “ideologia para ocultar a imperícia”, fala sobre as brigas internas do governo em ocasião do conflito pela Fragata Libertad, o autor aponta para as trocas de ministros (Garré passou de Defesa para Segurança) e o conflito dos Prefectos e Gendarmes, que teria surgido quando a ministra Garré foi incorporada no ministério de Segurança. Além disso, ressalta a ineficiência da estratégia de achar culpados para proteger a *imperícia* dos ministros com poder decisório.

Enquadramentos utilizados: Conflitos internos, Mentiras/corrupção (achar culpados), ineficácia.

18/10

O editorial do dia 18/10, redigida por Ricardo Roa, titulada “As lealdades de ontem e de hoje”, analisa o conceito de *lealdade* para o peronismo. Para o movimento peronista o 17/10 é o dia da Lealdade; sindicatos e agrupações políticas realizam atos em comemoração ao 17 de outubro de 1945, quando centenas de trabalhadores se mobilizaram para demandar a liberdade do coronel Juan Domingo Perón, quem posteriormente venceria nas eleições presidenciais.

Com o peronismo dividido em grupos contrapostos o autor pergunta-se onde reside a lealdade do movimento no momento, conclui que para o Kirchnerismo a lealdade encarna-se em Cristina é que por essa causa ter-se-ia premiado ao seu vice-presidente, Amado Boudou, mesmo que ele esteja “sujo de corrupção por todo lugar”. Posteriormente critica a reverência feita pela embaixadora argentina na Inglaterra diante a rainha local; “lealdade diante um protocolo mal entendido. Antigamente, era de boa educação levar a cabeça coberta diante da rainha. Já não é necessário. Também não o é, a reverência própria de um súbdito britânico que ela lhe fez”.

Enquadramentos utilizados: divisão/conflito social, corrupção, “lacayismo” (servilismo)

19/10

O editorial do dia 19/10, redigida por Ricardo Kirschbaum, intitulada “consequências do fogo amigo”, volta a focar a atenção na questão da retenção da Fragata Libertad e os reacomodamentos de funcionários, nessa oportunidade, a demissão solicitada por um deles. E insiste em marcar as internas governamentais, entre o ministério de defesa e do exterior. A conclusão do editorial é que enquanto continuam “caindo” funcionários, a Fragata continua detida.

Enquadramentos utilizados: conflitos internos, ineficácia.

20/10

O editorial do dia 20/10, redigida por Ricardo Roa, intitulada “Uma cuidadosa eleição dos culpáveis”, atende a sentença na causa pelo acidente ferroviário de “Once”, onde ex-secretários e funcionários do governo foram processados, porém, o autor se pergunta por que o ministro de Transporte não foi processado nem tampouco o próprio motorista do trem (quem não acionou o freio a tempo, e foi sempre apontado pelo governo como principal responsável). O editorialista lê as acusações do juiz como uma troca de favores com os funcionários que não foram envolvidos. A tragédia cobrou a vida de 51 pessoas em 22 de fevereiro de 2012.

Enquadramentos utilizados: Corrupção, desvio de fundos, ineficiência (falta de controles)

Dia 20/10 foi sábado, e por isso, também foi publicada a coluna semanal do Jorge Lanata intitulada, “o obsequioso que chegou ao poder”, a mesma centra-se nas críticas ao Ministro de relações exteriores Timerman. Descreve ao ministro como um “obsequioso natural”, que encontra sua posição em perigo após os 18 dias que a Fragata Libertad tem passado retida no porto de Tema e acarretando milionários custos. No decorrer do relato, que procura mostrar a debilidade do ministro, reforça-se a ideia do cepo cambiário, que teria afetado os planos de casamento da sua filha. E logo de detalhar a sua vida financeira e pessoal, aponta para a sua participação durante a ditadura militar de 1976, dirigindo o jornal La Tarde, que o autor aponta como defensor do Processo⁹⁰.

⁹⁰ A ditadura militar de 1976 na argentina chamou-se a se própria “Processo de reorganização nacional”, é comum se referir a ela como o “Processo”.

Enquadramentos utilizados: servilismo, incapacidade

21/10

O editorial do dia 21/10, redigida por Ricardo Kirschbaum, titulada “de trás de tudo está o plano de autosussessão indefinida”, o autor aponta que várias das ações do governo tem como objetivo último atingir a reeleição indefinida de Cristina Kirchner; “A furiosa pressão do governo sobre a justiça está vinculada na intimidade com o objetivo maior do oficialismo...”. Nesse sentido aponta que as pressões e o interesse na causa pela legalidade da LSCA, responde a esse objetivo “disciplinar e calar a mídia que não tem conseguido submeter, para lhe impor à sociedade uma **única, restritiva e limitada visão da realidade**” (negrito no original). “Não há limites **recorre-se a dispositivos legais que a própria presidenta tinha rechaçado**, como o *Per Saltum*, e ao forçamento legal para que a arbitrariedade se assimile à democracia...” (negrito no original).

Enquadramentos utilizados: re-reeleição, reforma constitucional, pressão no judiciário, liberdade de imprensa, autoritarismo.

Dia 21/10 foi domingo é foi publicada também a coluna de *humor político* de Alejandro Borenztein titulada de “O 7D em HD”, com ironias o autor se posiciona no lugar do governo listando uma serie de supostas pressões a jornalistas disse, “não faz falta que me maltratem”. “Prefiro colaborar. Alias, para monopólio, prefiro o que vocês estão montando”. Ironiza também sobre a possível nova grade da programação do canal 13 (do *Clarín*) quando a LSCA seja aplicada. No relato da substituição de apresentadores (jornalistas) por funcionários do governo, o autor não poupou em adjetivos pejorativos para os funcionários. Imagina um programa de entrevistas com os funcionários e a própria presidente, mas na hora pensar na possibilidade de vender o formato televisivo pensa “pena que não poderemos vender o formato no exterior. Difícil que algum presidente do **mundo ocidental e democrático** se anime fazê-lo” (negrito no original).

Enquadramentos utilizados: autoritarismo, falta de liberdade, liberdade de imprensa, mentira.

22/10

O editorial do dia 22/10, redigida por Osvaldo Pepe e titulada “com a constituição não

se *Jode*⁹¹”, a análise vincula a liberação de fundos para obras públicas nos municípios do GBA com a estratégia de cooptação de prefeitos para melhorar o desempenho eleitoral no ano seguinte e segurar a possibilidade de reforma eleitoral. Vincula também a aprovação no senado do voto optativo aos 16 anos como parte da estratégia eleitoral de 2013. Em um quase chamamento à mobilização o autor liga a suposta quietude dos Kirchneristas em relação ao projeto de reforma com o medo aos Cacerolazos; “As habituais usinas K saíram a **relativizar a inquietude reformista**, talvez por temor ao soar das panelas. Que ninguém se engane: se o kirchnerismo tiver os votos, **ira por tudo**, mesmo que se veja obrigado a torcer o texto constitucional...” (negrito no original). Finalmente sobre os militantes kirchneristas que pintam paredes das cidades com a consigna “*Clarín*, com a democracia não se *jode*”, o autor contesta que a consigna “não possui qualquer inocência e distorce a realidade”, para acabar o texto jogando contra o governo a mesma frase “com a constituição não se *Jode*”.

Enquadramentos utilizados: Re-reeleição, reforma constitucional, mentiras, motivação.

23/10

O editorial do dia 23/10, redigida por Ricardo Roa e intitulada “Trás de um botim político”, o texto parte do caso particular de um diretor de cinema que não conseguiu comprar dólares para participar de um festival no exterior, para relatar desde aí as perseguições que o diretor da AFIP, quem controlaria discricionalmente a venda de dólares para os particulares, teria realizado contra ele. “Seu grande pecado não foi estar mal inscrito (no imposto de renda) senão ter denunciado ser vítima do cepo, que se vê todos os dias, mas que o governo formalmente nega”. Logo vincula outra das notícias do dia, o processamento do chefe da polícia do Estado de Santa Fé por vínculos com o narcotráfico com a utilização que o governo estaria fazendo do caso para debilitar o governo de Santa Fé, de um partido concorrente com a Cristina.

Enquadramentos utilizados: cepo cambiário, perseguição, discricionalidade.

24/10

⁹¹ “Não se jode” é gíria coloquial pra dizer “não se mexe”, “não deve se incomodar”. No espanhol da Espanha *Joder* tem o mesmo sentido que *foder* no português.

O editorial do dia 24/10, redigida por Ricardo Kirschbaum e titulada de “A Fragata e a frente interna”, volta focar a atenção na detenção da Fragata Libertad, da qual, no dia da escrita do editorial voltarão para o país, os tripulantes. Segundo a interpretação do editorialista dos discursos presidenciais, Cristina disse que “Ghana ou os fundos demandantes fiquem com a Fragata porque o governo **não negociará** para que a nave possa deixar o porto de Tema” (negrito no original). O texto finaliza reiterando os conflitos internos entre os ministérios de Defesa e Segurança.

Enquadramentos utilizados: ineficácia, conflitos internos.

25/10

O editorial do dia 25/10, redigida por Ricardo Roa e titulada de, “Uma greve paga pelas crianças pobres”. O foco do texto está na crítica as greves docentes “os grêmios docentes bonaerenses⁹² afirmam que defendem a escola pública, mas nos fatos a bombardeiam em nome do progressismo”. As greves são lidas pelo autor como ônus pagos pelos estudantes especialmente “os mais pobres”, por não terem aulas nem restaurantes escolares aberto, e são os sindicatos docentes os responsáveis, no seu discurso, da produção das greves. Sobre o governo, cujo governador responde ao espaço de Cristina Kirchner, só refere que tem as finanças do estado em “vermelho”. A matéria fica principalmente nos docentes, as quais são também responsáveis pela queda da “qualidade educativa”. “Com um Estado que não cumpre, ganha espaço a educação particular”, sendo o Estado tanto os docentes quanto o governo.

Enquadramentos utilizados: referências secundárias às incapacidades administrativas estaduais.

26/10

O editorial do dia 26/10, redigida por Ricardo Kirschbaum e titulada, “Sem perguntas, nem respostas”, a matéria foca novamente no ministro de relações exteriores, Hector Timerman o acusando de ter sido diretor de um jornal defensor da ditadura militar, para criticar o discurso realizado por ele. Timerman em conferência de imprensa enumerou todas

⁹² Bonaerenses é o gerúndio que refere aos pertencentes ao Estado de Buenos Aires.

as propriedades do Estado Nacional que tem sido embargadas pelos fundos abutre anteriormente, com o objetivo de restar importância à detenção da Fragata Libertad. O jornalista reclama da falta de perguntas na conferência que se assimila com um “discurso”. E conclui “Timerman, segue o exemplo de Cristina”.

Enquadramentos utilizados: incapacidade, autoritarismo

27/10

O editorial do dia 27/10, redigida por Ricardo Roa e titulada, “A enganação, entre jornalismo e publicidade”, foca na relação do governo com o jornalismo. Apontando que a Cristina teria respondido só perguntas banais de jornalistas amigos e fugido de uma conferência de imprensa quando perguntas incômodas foram efetuadas. E, quando foi relatar que o funcionário kirchnerista, Rossi, reclamou uma “autocrítica” do governo de Santa Fé, o autor contestou “como se o kirchnerismo alguma vez assumisse seus erros”.

Enquadramentos utilizados: Autoritarismo, corrupção (lembra as causas contra Boudou)

O dia 27/10 foi publicada a coluna de Jorge Lanata, titulada de “devolve a bolsa!, o grito que Felisa Miceli cansou de ouvir”. Felisa Miceli foi funcionária do kirchnerismo (Ministro de Economia) até que a polícia achou no seu escritório um saco com dinheiro, em 2007, cuja origem não tinha sido justificada. Na Coluna, Lanata cita as várias justificativas que a ministra teria dado na época, as quais são contraditórias entre si e aproveita para vincular à ex-ministra com o vice-presidente, Amado Boudou.

Enquadramentos utilizados: Corrupção.

28/10

O editorial do dia 28/10, redigida por Ricardo Kirschbaum e titulada “Cristina aceitara somente o julgamento da história”. Cristina conforme o relato do editor “somente aceitará o julgamento da história que desconta será favorável é o que, asseguram, dissimularão os meios e arbitrariedades utilizadas para obter os fins pelos quais, insistem sem vergonha, tem dedicado a vida.” O argumento do governo, para o jornalista, é que com o passar do tempo as ilegalidades cometidas por eles, terão justificativa “o nobre fim, que tem levado estes esforçados defensores da democracia a esquivá-la para atingi-lo”. O nobre fim seria a

eternização no poder, a imobilidade política que impediria as revisões históricas e ocultaria a corrupção cometida. Todo o qual, como em editoriais anteriores, justifica as tentativas de controle da mídia. As quais se efetivizam nas pressões que o governo estaria exercendo contra o poder judiciário, pela LSCA. Conforme seu análise, os funcionários do governo estariam “dispostos a se sacrificar pela eternidade autoritária”.

Enquadramentos utilizados: Autoritarismo, reeleição, corrupção, liberdade de imprensa, pressão no judiciário.

Dia 28/10 foi domingo é foi publicada também a coluna de *humor político* de Alejandro Borenztein titulada de “O Nobel dos Maus”, o escritor cria um Club dos Maus e imagina uma conversa entre os membros, os quais apoiam as mentiras do governo kirchnerista “vão demitir Moreno⁹³ por dizer que a carne custa o mesmo que dois anos atrás? Nãoooo! Respondeu o público”. Numa fictícia entrega de prêmios, foram recompensados os encarregados de “afundar a imagem presidencial” entre eles o “organizador das cadeias nacionais”, “os encarregados de enviar a Fragata Libertad para Ghana”, “o incitador que fez a Cristina assinar o decreto que reduziu o salário de Prefectos e Gedendarmes”, “os responsáveis pela *pesificação* dos bonos do Chaco”.

Faz-se também referência ao “incitador do veto à lei de aborto” da cidade de Buenos Aires e o apoio à lei de *flexibilidade laboral*, feita pelo prefeito Macri, o que constitui a primeira crítica ao espaço não Kirchnerista dentre as editoriais e colunas analisadas até o momento.

Acessoriamente aponta também contra Obama, por ter recebido o Nobel sem ter feito nada e contra os “maus” cotidianos (pessoas que falam alto no telefone, etc.), mas o foco do texto esteve nas maldades do governo nacional.

Enquadramentos utilizados: Governo falido, ineficiência, maldade

29/10

O editorial do dia 29/10, redigida por Osvaldo Pepe e titulada, “A idade do voto... e da rebeldia” foca no discurso do kirchnerismo; “...quando o Kirchnerismo fala é prudente tomar

⁹³ Guillermo Moreno foi o Secretario de Comercio Interior durante o período de 2005 e 2013. Foi uma das principais figuras negativamente descritas pela mídia.

distância da sua palavra. Assumir que o que fale **provavelmente não seja completamente verdade...** (negrito no original). Sustenta que o governo mente, mas também que ele age violentamente diante das opiniões divergentes; “sem deixar de considerar a **intolerância a crítica**, e à **impossibilidade de admitir um erro**” (negrito no original). O autor aponta que o governo não tem admitido erros não “por falta de oportunidades” já que controlaria tanto a cadeia nacional (que se constituiu na demanda de *cansaço*) quanto à cadeia de mídias *cooptada*.

No decorrer da matéria, direciona o foco para a aprovação da lei de voto jovem apontando que o governo acredita que os jovens irão votar por ele, e que a lei representa uma estratégia eleitoral. Porém, a “ampliação de direitos” proposta pelo governo se contrapõe, para o autor, com a importante evasão escolar dos jovens e a perda de dias de aula (por greves docentes). O autor reconhece ter “pena e vergonha alheia” diante os jovens militantes do governo “treinados no seguidíssimo” os quais para ele, formam parte da cena montada pelo governo nos atos públicos. Inclusive lamenta a falta de ação dos jovens, “entregaram muito cedo o **espírito contestatório da juventude**” (negrito no original). A frase refere tanto a necessidade de se revelar contra o governo quanto a que a falta de rebeldia mostra a doutrinação sofrida pela juventude, não cabe na análise a possibilidade dessa juventude de se apoiar racionalmente o governo.

Enquadramentos utilizados: Mentiras, INDEC, autoritarismo, motivação.

30/10

O editorial do dia 30/10, redigida por Ricardo Roa e titulada “e quem protege à Polícia?”, o texto analisa a cobertura policial de um jogo de futebol onde ocorreram incidentes que deixaram pessoas feridas, comércios e veículos vandalizados. Põe o foco no controle que as torcidas organizadas exercem dentro dos estádios e a desproteção que os policiais, mal pagos, têm diante deles. Finalmente conclui que a culpa do cenário atual é do governo, nas mãos do Ministério de Segurança que ordena não reprimir os torcedores.

Enquadramentos utilizados: Violência, insegurança

31/10

O editorial do dia 30/10, redigida por Ricardo Roa e titulada “Um vozeiro com más

notícias”, analisa a posição argentina na negociação com o governo do Irã por causa do atentado contra a AMIA em 1991. Segundo o analista, há poucos ganhos para a argentina na negociação com um país que é um dos mais “isolados do mundo”, inimigo dos Estados Unidos e das Nações Unidas. A posição argentina de aceitar julgamentos em terceiros países é para o autor uma claudicação da soberania nacional, pondo em dúvida a imparcialidade dos tribunais nacionais (as críticas, porém, não são efetuadas desde o próprio Roa, senão que ele cita as declarações do ex-chefe de Gabinete, Anibal Fernández).

Enquadramentos utilizados: ineficiência, claudicação da soberania

1/11

O editorial do dia 1/11, redigida por Ricardo Roa e titulada “Um narco preso paga mais que um torcedor solto”. Contrapõe as figuras do Secretario de Segurança, Sergio Berni, e seu subordinado Darío Ruiz, já que na mesma semana, o primeiro deles anunciou a captura de um narcotraficante internacional, enquanto o outro “perdeu” o chefe da torcida organizada do Club Boca. Critica-se o agir da forças de segurança enquanto que o narcotraficante já tinha sido pego anteriormente e liberado.

Enquadramentos utilizados: Critica funcionários federais.

2/11

O editorial do dia 2/11, redigida por Ricardo Kirschbaum e titulada “A demonização como política”, está orientada a explicar a “política” adotada pelo governo nacional contra o governo do Estado de Santa Fé. A causa principal é o desempenho eleitoral no Estado e as possibilidades de forçar a reforma constitucional que levam o kirchnerismo adotar posições mais violentas contra o governo socialista (o Andrés “Corvo” Larroque, deputado nacional da agrupação La Cámpora – parte do governo – chamou, no plenário da câmara, no dia da aprovaao do *voto joven*, de “narcosocialista” aos deputados desse Estado, após a detenao do chefe da polícia como cúmplice do narcotráfico). “Larroque aplica o sectarismo extremo como remédio para essa doença (a baixa imagem presidencial no Estado), mas o único que atinge é apresar o deterioro”.

Enquadramentos utilizados: Reforma Constitucional, intolerância/violência.

3/11

O editorial do dia 3/11, redigida por Ricardo Roa e intitulada “O deputado que não sabe arguementar”, foca também no deputado Larroque para quem, aponta o autor, “**os conteúdos são a briga**” (negrito no original). Analisando a atuação do deputado na câmara, na votação da lei de *voto jovem* o deputado “**em lugar de arguir, Larroque, preferiu agredir a oposição toda**” (negrito no original). O analista reconhece a teoria de que o deputado teria agido dessa forma para forçar o abandono da câmara por parte dos deputados opositores, para que o kirchnerismo seja o único a aprovar o *voto jovem*. Logo vincula a função anterior do deputado apontada como uma pessoa “agride quem não pensa como ele e sente-se por acima das normas”, como subsecretario para o “fortalecimento da democracia” (descrevendo ao organismo como o encarregado de facilitar o acesso à informação pública), com a importância que “**o Kirchnerismo lhe dá a esses valores**”.

Enquadramentos utilizados: Reforma Constitucional, intolerância/violência, autoritarismo.

O dia 3/11 foi publicada a coluna de Jorge Lanata, intitulada de “Máximo⁹⁴, o *ursinho* de mamãe, não é mudo”, a coluna baseia-se em 24 segundos de áudio da voz do filho de Cristina que aparecem no filme sobre a vida do Nestor Kirchner, reproduzidos pelo jornalista Luis Majul, no seu programa *La Cornisa*. Segundo o autor, as declarações públicas de Máximo, repercutiram na internet com grande impacto. Inclusive relata que para a presidente, seu filho é apelidado de *ursinho* e que, pela tradição familiar do Kirchner devia ter se chamado, também de Nestor, mas que ela o impediu. A coluna continua se debruçando sobre a pessoa do Máximo, e aponta que na sua idade (35) somente tem se lhe conhecido um emprego, que não teria passado do primeiro ano no curso de advocacia nem, posteriormente, no curso de jornalismo esportivo. Mas que, por solicitação de Cristina Fernández (quando Nestor Kirchner era prefeito de Rios Gallegos) teria conseguido participar na rádio local. Além disso, é indicado como vice-presidente de uma firma de negócios imobiliários e turísticos, mas na AFIP apareceria como um trabalhador autônomo com poucos ingressos.

Logo fala sobre seu estilo de vida discreto, mas aponta que “o hermetismo alimenta o mito... há rumores sobre Máximo, as drogas e o álcool”. Salienta que a única certeza é que o Estado pagou oitenta mil dólares pelo traslado dele até uma clínica particular, quando foi

⁹⁴ Máximo Kirchner é o filho de Cristina e Nestor Kirchner, e dirigente da agrupação La Cámpora.

submetido a uma cirurgia no joelho. O jornalista refere diversas versões sobre o treinamento do Máximo para participar da política, com cursos de oratória e formação política. Inclusive indica que alguns artistas teriam dado aulas de treinamento midiático para ele e conclui “aos 35 anos o guri disse as suas primeiras palavras. Haverá que ver quando e como pronuncia as segundas.

Enquadramentos utilizados: Corrupção (gastos estatais banais), *vagabundagem*, construção do “inútil”.

4/11

O editorial do dia 4/11, redigida por Ricardo Kirschbaum e titulada “O governo ataca porque enfrenta um difícil futuro”, começa listando a série de ações que o governo faz para tentar manter a iniciativa política, mesmo que para o analista já tenha sido perdida. Entre elas, a pressão nos juízes, o *voto jovem* (destacando os “xingamentos de um hierárquico de *La Cámpora*” – Larroque-), o *Per Saltum*⁹⁵. Refere ao “xingamento da liderança de *La Cámpora* ao partido do Binner”, como uma estratégia para a polarização do cenário político. O analista aponta que mesmo com essa “hiperatividade” todo o governo enfrenta dificuldades; a detenção da Fragata Libertad, leva mais de um mês e a possibilidade de que a Corbeta Espora, passe por uma situação similar. Por outra parte, refere ao documento firmado por 28 senadores da oposição onde se expressaram contrários à reforma da constituição (e da reeleição), é reconhecida como uma derrota que o governo procura esconder. O editorialista também refere uma enquete publicada no próprio jornal que mostra um 65,9% de rechaço popular à reforma constitucional.

Enquadramentos utilizados: Pressão no judiciário, reforma constitucional, re-reeleição.

Dia 4/11 foi domingo é foi publicada também a coluna de *humor político* de Alejandro Borenztein titulada de “Dicas do governo para o 8N”. A coluna é uma carta fictícia do governo para os manifestantes do Cacerolazo, utilizando desde a primeira frase a terminologia pejorativa coloquialmente utilizada, inicia com “Prezado *Gorila*⁹⁶:”. Trata, se pondo na pele

⁹⁵ Prerrogativa judiciaria para que o STF trate questões de importância para o governo federal sem passar pelas câmaras inferiores.

⁹⁶ Gorila é a gíria utilizada tradicionalmente pelos peronistas para se referir aos anti-

do governo aos manifestantes de *cipayos*⁹⁷. Desde sua posição imaginária de governo, reconhece que “esconder, ocultar e não ter televisionado o Cacerolazo de 13 de setembro, **foi um erro**” (negrito no original). Sugere que o governo disporá um palco particular para os manifestantes interessados em expressar que os “**ministros são todos uns ladrões**” (negrito no original), e que terá um setor VIP para quem quiser gritar que a presidente é “uma égua ou uma cadela”. A coluna satiriza a participação (e o reconhecimento do governo na sua participação) do grupo de Cecilia Pando⁹⁸ dizendo que convidam ela e seu grupo de “16 seguidores”. Sobre a difusão do evento, ironiza também com a utilização do espaço publicitário do futebol (inclusive no programa “futebol para todos”, que dispôs a difusão por canais de TV aberta dos jogos) para a difusão das manifestações, aí há uma crítica ao governo, acusado de utilizar para sua publicidade esse espaço. Entre fictícias novidades na novela da quinta e fictícios benefícios para os aposentados (também na quinta) o jornalista ironiza os esforços do governo para impedir que as pessoas participem da mobilização, “seria uma pena (que percam o benefício), mas bom, **cada um sabe o que faz**”. Supõe que algumas pessoas não iriam participar até ter ouvido “o espetáculo do Larroque”, mas aclara que ele teria sua licença de “kirchnerista suspensa, entre o dia 7 e o dia 9”, assim como aponta que as cifras da participação serão informadas pelo INDEC e que, inclusive, já foram feitas.

Enquadramentos utilizados: Indec, mentiras, corrupção, motivação.

Enquadramento das manifestações pelo kirchnerismo, para o jornalista: Direita, golpistas, classes altas.

5/11

O editorial do dia 5/11, redigida por Osvaldo Pepe e intitulada “As *chirrolitas*⁹⁹ do Kirchnerismo”, foca a atenção nos *chirrolitas* do governo descritos pelo autor como “personagens cinza, sem substância intelectual” e acrílicos “porta-vozes da coroa” que se

peronistas. O que no contexto do governo kirchnerista pode ser interpretado, as vezes, como os anti-governistas. Possui um uso similar ao “coxinha”, utilizado no Brasil.

⁹⁷ Conforme o dicionário da real academia Espanhola é um mercenário.

⁹⁸ Reconhecida defensora dos militares e da ditadura de 1976

⁹⁹ Forma pejorativa de referir a marionetes, mascotes, etc.

comportam “como súbditos”. O autor acha que a idiosincracia do kirchnerismo é “proclive a este tipo de personagens”. Segundo sua visão, o governo parabeniza as personagens que xingam e “pisoteiam a arquitetura institucional da Republica... manuseiam o espírito da constituição e as leis”. Para ele o governo não tolera “nenhum mecanismo de controle”, e supõe que os votos recebidos na última eleição¹⁰⁰ constituem uma porcentagem de consenso permanente que habilita todas as decisões. Em esse sentido cita dois dos *chirrolitas* que reconhece no governo, a deputada Diana Conti, que conforme o autor teria se referido à “alternância boba” para desqualificar o limite constitucional à reeleição de Cristinae (como várias editoriais anteriores) Larroque, por ter xingado o socialismo do Estado de Santa Fé.

Enquadramentos utilizados: Autoritarismo, reforma constitucional, re-reeleição.

6/11

O editorial do dia 6/11, redigida por Ricardo Roa e titulada “Educação: as cifras desmentem a Cristina”, o editorial contrapõe o discurso de CristinaFernández quem disse se orgulhar de pertencer a um projeto político que pôs na educação um dos eixos da atividade governamental com o que as matérias dentro do jornal apontam ser um baixo desempenho nessa área, nesse sentido disse “pode-se orgulhar do dinheiro que o Estado destinou ao setor, mas dificilmente dos resultados”. O editorialista aponta que “especialistas” desmentiram no senado à presidente, mostrando que durante o kirchnerismo a educação pública tinha virado mais desigual e perdido espaço diante do ensino particular. Aponta como outro indicador do deterioro educativo a colocação da argentina na prova internacional PISA. O texto resgata as cifras das matriculas escolares para indicar um aumento da matricula no ensino particular, concomitante com a diminuição do ensino publico. O editorial acaba com uma citação de um dos especialistas no Senado “acabou-se o relato e começamos falar da realidade”

Enquadramentos utilizados: ineficiência, mentiras, relato.

7/11

O editorial do dia 7/11, redigida por Ricardo Roa e titulada “manual de urbanidade Kirchnerista” analisa a resposta do Ministro de transporte Florencio Randazzo diante da

¹⁰⁰ 54% no primeiro turno das eleições presidenciais de 2011

inesperda greve dos ferroviários. Conforme relata o autor, o ministro teria chamado de *energúmeno* aos sindicalistas que deixaram milhares de pessoas sem transporte (e sem pré-aviso), para o editorialista o xingamento adquiriu um novo sentido, além de pessoa “furiosa ou alborotada” teria passado significar também “delegado gremial, ativista ou trabalhador que não responde ao governo”. Lembrando uma denuncia de associação ilícita entre funcionários e administradores do serviço ferroviário o autor pergunta-se porque o ministro culpa os trabalhadores das deficiências do serviço.

A outra metade do editorial aponta para outro funcionário, o diretor da ANSES, Diego Bossio, quem teria negado a possibilidade do organismo de pagar todos os processos na sua contra. Para o editorialista o dinheiro da ANSES é “o dinheiro dos aposentados” e com ele estão se pagando “o déficit fiscal, YPF, a bolsa universal por filho”, e o programa de computadores para os estudantes do ensino fundamental. No último parágrafo o editorialista reclama de um email enviado pelo ministro de relações exteriores a uma jornalista do veículo no qual o ministro reclama de que essa jornalista estivesse seguindo no twitter a uma das filhas dele, que não tem vínculos políticos e conclui “o **ministro aceita como natural a ofensa e o maltrato**: esse é o estilo que Cristina cultiva e lhe impõe a ele e outros funcionários” (negrito no original).

Enquadramentos utilizados: intolerância, autoritarismo, corrupção.

8/11 dia do Cacerolazo.

O editorial do dia 8/11, redigida por Ricardo Roa e titulada “O dia que o relato ficou desnudo”, começa relatando alguns problemas da cidade de Buenos Aires, falta de água em alguns bairros, e conflito com os recolhedores de lixo, que fazia acumular lixo nas ruas, para rapidamente referir ao corte de energia elétrica que deixou 800.000 usuários, 1800 semáforos e as linhas de metrô, fora de serviço. “como se governasse outro país, o **kirchnerismo manteve o silêncio**” (negrito no original). Para o analista as falências estruturais do sistema elétrico são minimizadas e ocultadas pelo governo que não atende a problemática. Além das questões da infraestrutura de transporte, de energia o autor reconhece a queda na produção de petróleo e gás como causas da crise energética, que levou (junto com o aumento no consumo) ao déficit fiscal produto da importação desses *comodities*. Conforme ele “a crise se tapou com importação, mas as redes de distribuição não se podem concertar dessa maneira”. “O apagão é uma amostra do que esta por vir”.

Enquadramentos utilizados: mentiras, falta de previsão, ineficiência.

Artigos publicados em *Clarín* conforme origem política/partidária do autor no Pré-protesto.

Autor				
	Político da oposição	Político governista	Outros	Total
Com codificações	19	0	11	30
Sem codificações	10	0	52	62
Total:				92

Muitos dos categorizados em outros, são membros de ONGs vinculadas à oposição (Fundación pensar) ou sindicalistas antigovernistas.

Independentemente da justificativa mobilizada (por não ter vontade de publicar ou não ter permissão) não foram achados artigos publicados por políticos governistas.

O grande número de publicações em “outros – não codificados” responde à inclusão de artigos da seção Sociedadade, que incluem temas de saúde, beleza, tempo livre. Etc.

Chamativamente, vários dos políticos opositores surgiram à esfera política nos governos Nestor Kirchner (2003- 2007) ou ainda no primeiro governo Cristina Fernández (2007 – 2011), mas as crises de 2008 e 2012 os encontraram ou levaram para a oposição.

Fonte: elaboração própria em base às matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

Síntese das Entrevistas.

LB	<p>Natural da cidade de “Ascensión”, no estado de Buenos Aires. Vinculado ao setor agropecuário, principal atividade da cidade. Sem envolvimento político até a “crise do campo” em 2008, nessa conjuntura disse ter passado de “não ter interesse na política” a “se fascinar” por ela.</p> <p>Produziu uma seção jornalística para o jornal “La Tercera” chamado</p>
----	--

“Campo3” que posteriormente deixou de ser editado.

Participou de diversas agrupações políticas não partidárias, tendo destaque a organização “SoyFiscal” (da rede SerFiscal), na qual é membro fundador. O objetivo da ONG é formar cidadãos não partidários para atuar como fiscais e garantir a transparência das eleições. Participa da “Red latino-americana de jóvenes por la libertad” que tem presença em vários países da região (Cuba, Venezuela, Equador). Relação com as oposições (da época) desses países.

Com mais três pessoas criou e administrou o grupo de Facebook *El Cipayo* (um dos mais importantes). Procuravam gerar uma “épica” anti-kirchnerista. Por conta da mecânica da internet, desterritorializada, surge como uma página nacional. Intentam gerar ações coletivas, antes dos Cacerolazos com pouco sucesso ou impacto.

Aponta que foi o primeiro a ser identificado pelo governo como “inimigo” e que isso lhe ajudou a ganhar notoriedade, contribuindo na acumulação de seguidores do grupo. Isso contribuiu à criação da rede de administradores (que articularam os Cacerolazos), com encontros e articulação tanto presencial quanto virtual. Indica que YS não fez parte da organização.

Manteve reuniões com políticos, jornalistas e empresários, (indica que fez amizade com alguns deles), encarregado do “lobby”, para os protestos.

Indica que a campanha do governo “eu não vou no 8N”, contribuiu também para a difusão do evento.

As demandas da manifestação surgiram das demandas que as pessoas colocavam no grupo de Facebook.

Buscaram aproximar os políticos da “cidadania”, incluí-los na manifestação (em 2013, ano de eleições).

Foi candidato nas eleições de 2015, membro do partido liderado por Elisa Carrió (parte da coalisão de governo). Atualmente trabalhando para o governo no parlamentarismo do estado de Buenos Aires.

O grupo permanece ativo, (após as eleições de 2015) orientado a denunciar a corrupção do governo Kirchner.

Refere ter amizade com Ricardo Buryaile, atual ministro federal da agricultura (mas não indica quando nem onde surgiu a relação).

Acredita que o fim das manifestações tem a ver com o incidente de Rosário.

YS	<p>Mestre em Políticas Públicas, ministra aulas na Universidade de Buenos Aires e na Universidade de Palermo, e no instituto universitário CEADE. Atualmente trabalha com o governo, nacional e da cidade de Buenos Aires.</p> <p>No ano de 2009 formou parte do grupo que fundou o partido Liberal Libertário (PLL). Em 2011, por questões pessoais afasta-se da política.</p> <p>Ficou conhecido pelo fato de se despir nas manifestações (já em 2011) sob o lema “o governo (e a AFIP¹⁰¹) deixaram-me pelado”. Poucos dias antes do Cacerolazo fez um vídeo, protestando que se viralizou e acabou vinculando-o ao protesto.</p> <p>Relata ter vínculos com políticos e jornalistas na época dos Cacerolazos, e sua função na organização estaria relacionada a esses vínculos e às suas capacidades comunicacionais.</p> <p>No começo de 2013 (após o 8N, mas ainda durante ciclo de protestos) ganha uma coluna própria no jornal virtual Infobae.com</p> <p>Acredita ter ganhado visibilidade no cenário político por conta das suas habilidades discursivas e de manejo de mídia e também por ter sido uma das figuras que o governo teria etiquetado como inimigo.</p> <p>Procura que a oposição se aproxime da cidadania e do protesto.</p> <p>No auge das manifestações, abandona o PLL e se insere no partido Union por todos, referenciado na atual ministra de segurança Patricia Bullrich, (antes disso, é candidato nas PASO da cidade de Buenos Aires, pelo Peronismo Federal (PJ) referenciado em Rodriguez Saa). O partido insere-se na aliança eleitoral que ganha as eleições em 2015. Por conta disso, em 2013, acaba formando parte do PRO (partido do presidente eleito Mauricio Macri).</p> <p>Embora aponte para a heterogeneidade dos manifestantes, reconhece a importante presença das classes médias altas (ativa desde as mobilizações de 2008).</p> <p>Acredita que o fim das manifestações responde a uma decisão estratégica, eleitoral.</p>
CCA	<p>Advogado de profissão, não trabalha/ou para nenhum partido político. É um dos administradores do grupo <i>El Cipayo</i>. Escreveu após as manifestações,</p>

¹⁰¹ Administración Federal de Ingresos Públicos. Agência pública encarregada de arrecadar impostos.

	<p>Democracia 2.0, relata que pesquisou sobre movimentos similares em México, Espanha, Brasil. Achando similitudes desses processos com o caso Argentino.</p> <p>Relata que na sua gênese o grupo de Facebook procurava se tornar um espaço de expressão, que somente após muitas tentativas e mobilizações frustradas, se converteu em um veículo para canalizar o descontentamento e as mobilizações.</p> <p>O único denominador comum que aglutinava os distintos grupos e pessoas era a crítica ao governo Cristina Fernández. Aponta que desde a organização tentaram aproximar a classe política (anti-kirchnerista) à população e criar laços com ONG.</p> <p>A manifestação devia ser de noite (os manifestantes tinham emprego durante o dia), e tinham que ser na quinta-feira (LB relata as mesmas diretrizes).</p> <p>As mobilizações deram lugar à unificação da oposição (como um reclamo cidadão que foi apropriado pela elite política)</p> <p>O fim do ciclo de manifestações sobreveio naturalmente, após atingir a cima da sua popularidade, e começou decair. Paralelamente a energia foi virando para a areia política.</p> <p>Quem manifestou foi a classe média, majoritariamente não partidária.</p> <p>Define-se como Liberal Progressista, quer dizer, acredita em um Estado que defenda as liberdades individuais e fomente um espaço para o desenvolvimento pessoal. Ao tempo que considere as diferentes condições sociais existentes e contribua para o “decolar” dos desfavorecidos.</p> <p>Acredita que a sinergia entre mídia e redes sociais tem contribuído ao sucesso das manifestações, e reconhece o papel desenvolvido pelas mídias kirchneristas e anti-kirchneristas (achando ingênua a ideia de um veículo sem posição própria).</p> <p>Vê na continuidade do grupo de Facebook uma ferramenta de expressão cidadã, crítica, e não simplesmente de oposição ao kirchnerismo.</p>
MM	<p>Fez dois anos de Economia na universidade, e encontrava-se estudando Jornalismo e Professorado de História, ministra aulas no ensino médio. Reconhece-se Antiliberal (acérrimo).</p> <p>Não possui atividade política anterior a sua participação nas redes sociais,</p>

se reconhece como alguém desiludido da política. Começou participando de uma página “no a la renuncia de Julio Cobos¹⁰²” posteriormente participou do grupo “no a Kirchner 2011” e finalmente em 2011 criou o próprio grupo *El Anti-K* (segundo a sua descrição, criando antes que o *El Cipayo*, com o qual se disputaram a hegemonia nas redes sociais). Esse grupo possuiu dois administradores, ele e a MT. Originalmente como um espaço de expressão.

Após a massividade do protesto do 8N, a intervenção de políticos teria dificultado ou distorcido as negociações dentro do grupo de administradores. Elisa Carrió e Patricia Bullrich tentavam impor seus “referentes digitais” na organização dos eventos.

A própria militância de MT (com Bullrich) influenciou para que ela se apropriasse da página, orientando as publicações inicialmente e expulsando o MM posteriormente.

Vê a insistência (no início do governo Macri) da mídia sobre a corrupção, do governo anterior, como forma de ocultar informações sobre o governo atual.

Muitos dos administradores de grupos procuravam fazer carreira política começando nas redes, e se aproximando dos políticos conhecidos. Relata reuniões mantidas dos administradores com referentes dos distintos espaços políticos da oposição no próprio congresso (deputados de De Narváez, de Carrió, pessoas próximas de Bullrich e do PJ dissidente), nos tempos em que era organizada a manifestação do 18A na que se procurava aproximar a classe política com a cidadania.

A repercussão do 8N fez com que uma multidão heterogênea participasse da manifestação, trabalhadores manuais por ex. em outras manifestações (pela justiça independente) esses grupos não estavam presentes, quem ia sabia da manifestação pelos jornais *La Nación* ou *Clarín*. E os trabalhadores de classes mais “econômicas” não compravam todos os dias esses veículos. Indica, portanto, provável que a classe média/alta tenha tido maior participação nos protestos. Além disso, reconhece que as demandas de “república”, judiciário independente e corrupção, mobilizam mais às classes altas enquanto as questões

¹⁰² Júlio Cobos foi o vice-presidente durante o primeiro governo de Cristina Fernández. Após votar contra o governo durante a crise de 2008, se converteu em adversário do kirchnerismo.

	<p>econômicas e gerais mobilizam as classes baixas (ajuste).</p> <p>Considera que a corrupção e as problemáticas econômicas estavam no topo das demandas nas redes, (não a reeleição) nos Cacerolazos.</p> <p>Considera que a mídia começou dar maiores espaços e atenção para as redes sociais e a internet após as manifestações. Contradiz os depoimentos de LB em relação à capacidade “das redes” de impor a manifestação na agenda dos políticos e da mídia. E aponta que os políticos, tendo “operadores nas redes” indicavam o que tinha que ser feito.</p> <p>MT foi candidata no partido de Rodriguez Saa (igual que YS), segundo MM, Patricia Bullrich lhe cedeu candidatos para montar as listas nas eleições.</p> <p>Acredita que o 8N freio a reforma da constituição. Mas que não teve relação com a derrota nas eleições de 2015.</p>
AM	<p>Gravação perdida. Anotações:</p> <p>Discutiu com o produtor do programa que queria que ele fosse agressivo com os manifestantes para dar uma imagem negativa deles e a sua resistência a apresentar uma imagem distorcida.</p> <p>Percebeu uma heterogeneidade no público das manifestações, não somente das classes altas. Percebeu a falta das lideranças, os manifestantes se achavam dispersos na concentração.</p> <p>Diferença entre os organizadores das manifestação (administradores dos grupos) e orquestradores (donos dos meios de comunicação, políticos e sindicalistas opositores).</p> <p>Relata a presença de grupos neonazistas e sindicais que o agrediram com gás pimenta.</p>

Fonte: elaboração própria.

12 APÊNDICES.

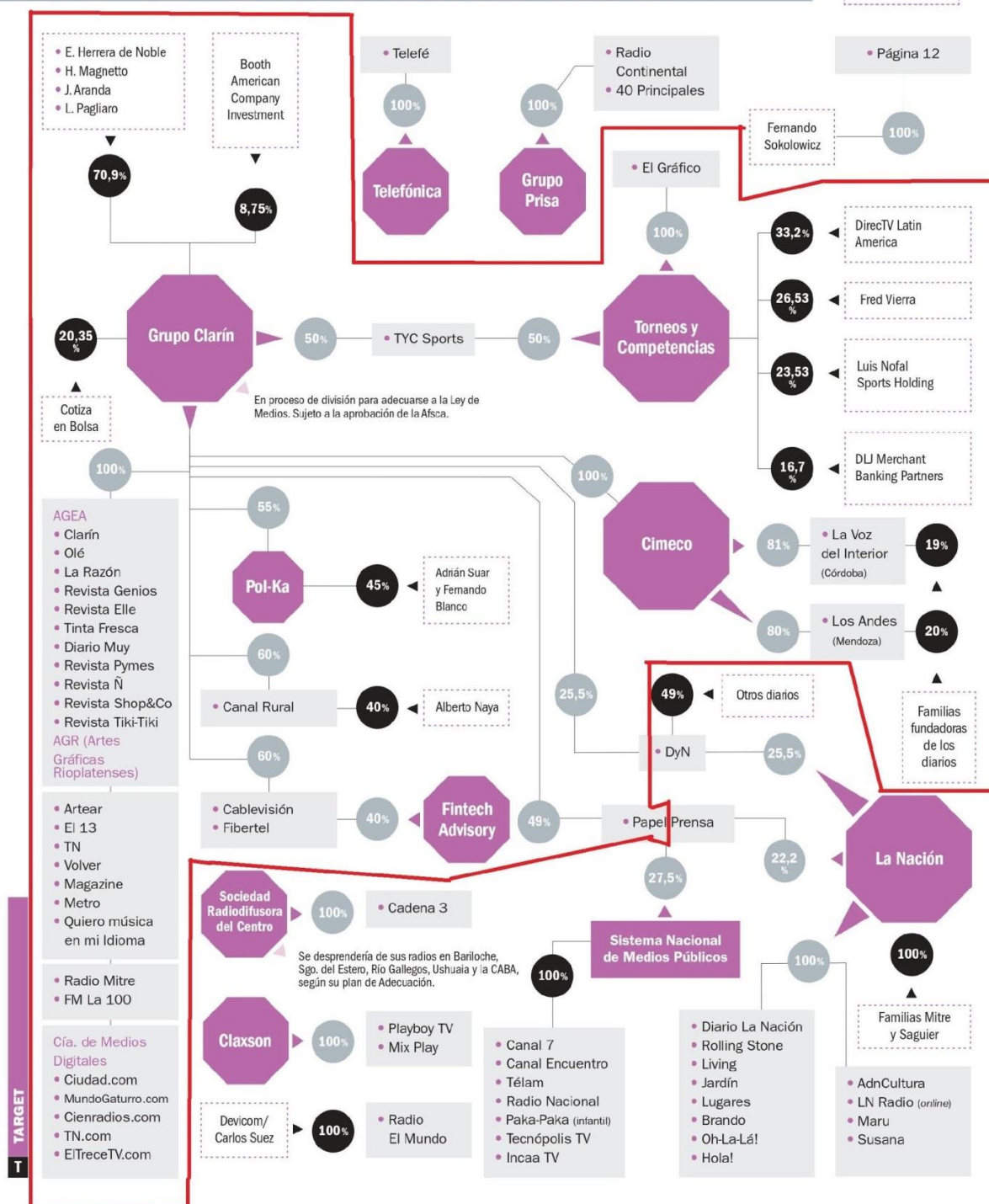
Mapa da Mídia argentina. 2012.

(Grupo Clarín destaque no quadro vermelho)

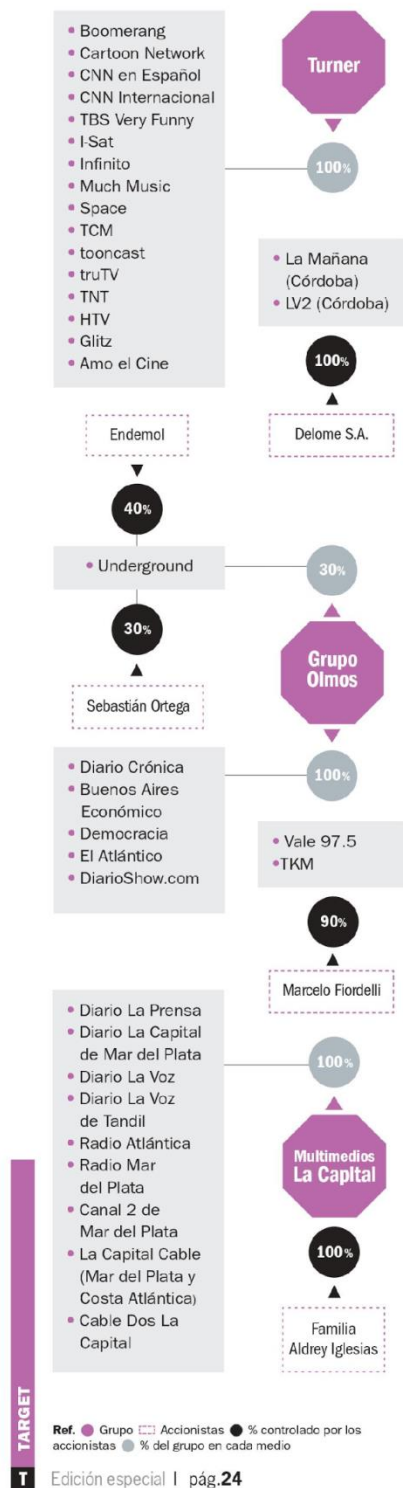
MDS Mapa de medios

Quién tiene qué

CÓMO ESTÁN CONFORMADOS LOS PRINCIPALES GRUPOS DE LA ARGENTINA. LAS PARTICIPACIONES DE CADA UNO DE LOS ACCIONISTAS.



MDS Mapa de medios



EN EL MUNDO, TAMBIÉN HUBO ZAPPING DE DEALS. LA FUSIÓN ENTRE COMCAST Y TIME WARNER CABLE QUEDÓ DESPLAZADA EN TAMAÑO POR LA COMPRA DE DIRECTV POR PARTE DE AT&T.

Juego de grandes

CHOQUE DE GIGANTES. En febrero, Comcast, el mayor operador de cable de los Estados Unidos (22 millones de suscriptores), concretó la adquisición de Time Warner Cable (11 millones de suscriptores), su inmediato perseguidor, por US\$ 45.200 millones. La operación ostentó, apenas, por tres meses el primer puesto como la mayor en la historia en el mundo de los medios, hasta que AT&T ligó a DirecTV por US\$ 49.000 millones. El nuevo conglomerado que surgirá de la fusión entre Comcast y Time Warner Cable ganará, aun, más peso en el mercado del cable estadounidense, con 33 millones de usuarios. Sólo unas semanas previas al acuerdo, la distribuidora Charter Communications ofreció US\$ 61.300 millones para adquirir Time Warner Cable, después de meses de conversaciones preliminares con los máximos ejecutivos de la empresa. Charter es la cuarta empresa del sector en los Estados Unidos, por detrás de Comcast, Time Warner y Cox Communications.

EL GOLPE. AT&T sorprendió a propios y extraños cuando, en mayo, se quedó con DirecTV por US\$ 49.000 millones. La compra crea un coloso de 26 millones de suscriptores a la TV paga en los Estados Unidos y se posiciona segundo, detrás de la mega-fusión posterior entre Comcast y Time Warner Cable. Más atrás, quedan Cox Communications y Charter. El acuerdo es, hasta ahora, la mayor apuesta de Randall Stephenson, el presidente ejecutivo de AT&T, y, también, la mayor adquisición para la telefónica desde que, en 2006, compró BellSouth por US\$ 85.200 millones. Para DirecTV, presidida por Mike White, la operación significa acabar con la incertidumbre que tenían los inversionistas por un estancamiento en el parado mercado estadounidense. Por el contrario, la división latinoamericana muestra un rápido crecimiento.

CON PRISA POR SALIR DE LA MARAÑA. En España, la crisis no es ajena a las grandes compañías de medios. El mayor exponente de esta situación es el multimédios Prisa, dueño del diario El País y de la editorial Santillana, entre otros activos. Envuelto en una deuda de más de 3300 millones de euros, sufrió cambios de accionistas, grandes anuncios de salvatajes y más números en rojo durante el último año. En febrero, el ingreso del empresario mexicano Roberto Alcántara Rojas, vinculado con el negocio del transporte en su país, prometió inyectar, al menos, 500 millones de euros y quedarse con el control de Prisa. Pero, hasta agosto, sólo había desembolsado una quinta parte. La mezquindad de Alcántara Rojas generó un verdadero crisol de accionistas, con voz y voto, donde los bancos ejecutaron las deudas y ya tienen el 20 por ciento del paquete. Mientras tanto, la familia Polanco, histórica propietaria del grupo, redujo del 31 al 12 por ciento su participación, dejando en la caída la voz de mando. El conflicto en el plano financiero se extiende a los balances del primer semestre de 2014, con una pérdida de 2163 millones de euros.

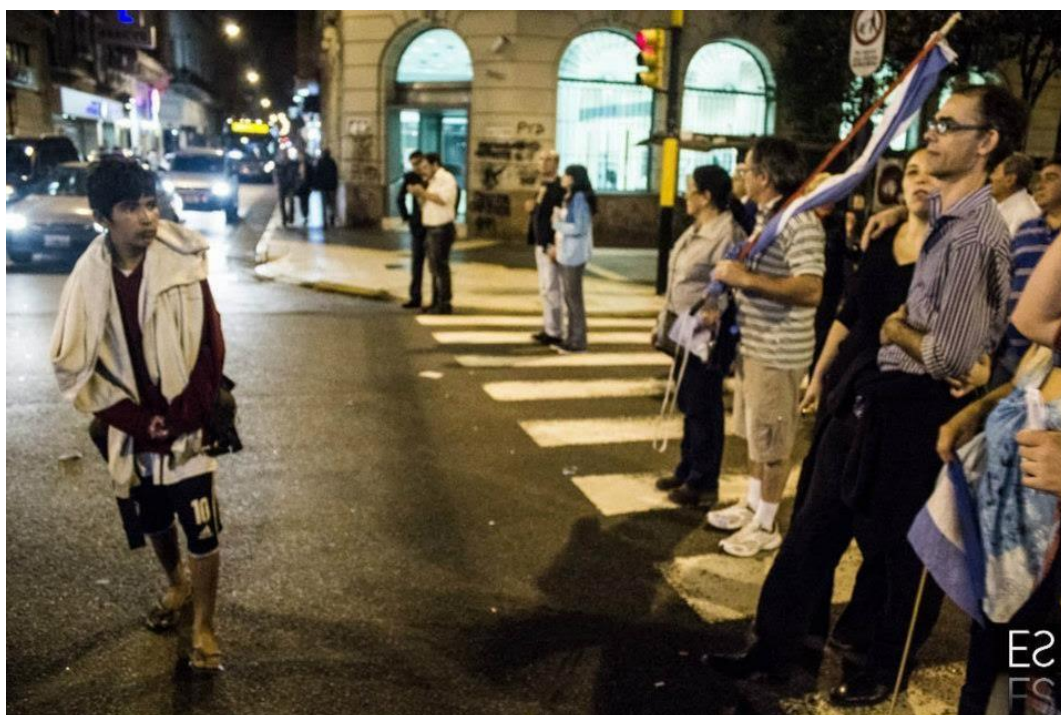
UNA SUTIL VICTORIA. Reed Hastings, CEO de Netflix, se dio el gusto y publicó en Facebook que la compañía que capitanea, por primera vez, superó en ingresos a HBO al cabo del primer trimestre del año. El dato no es menor, en una creciente guerra entre los contenidos reproducidos vía streaming y el cable. En los números fríos, Netflix alcanzó US\$ 1146 millones contra US\$ 1141 millones de la señal perteneciente a Time Warner. Es decir, un empate técnico, que, por apenas US\$ 5 millones de diferencia, le bastó a Hastings para desplegar la bandera de la victoria. Sin embargo, a finales de 2013, según datos de las propias compañías, HBO tenía 127 millones de suscriptores y, recientemente, Netflix alcanzó los 50 millones en todo el mundo.

Tipologia de pesquisa de enquadramento.

	Estudos examinando enquadramentos como...	
	Variável Dependente	Variável Independente
Estudos examinando enquadramentos como...		
Enquadramentos Midiáticos	Tuchman (1978) Bennett (1991) Edelman (1993)	Pan e Kosicki (1993) Entman (1993) Huang (1996)
Enquadramentos Individuais	Iyengar (1987, 1989, 1991) Gamson (1992b) Price et al (1995, 1996, 1997) Huang (1996)	Snow et al (1986) Snow e Bedford (1988), (1992) Entman e Rojecki (1993) Nelson et al (1997)

Fonte: Scheufele, 1999. Tradução própria.

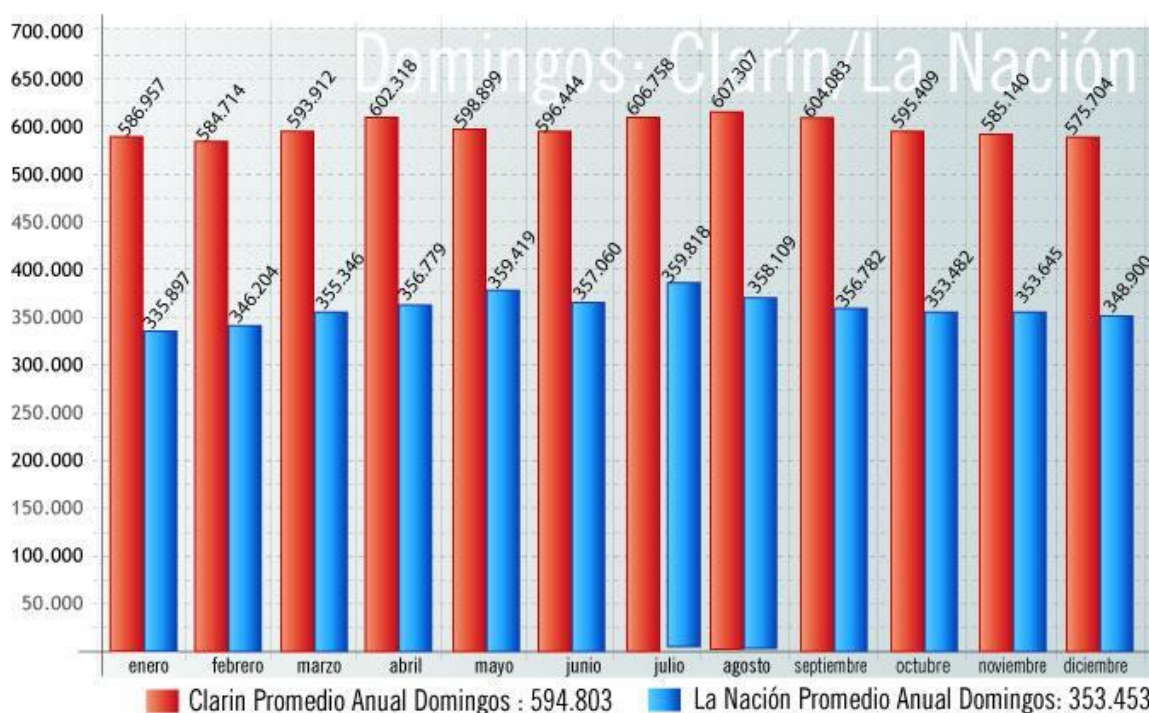
ES Fotografia. Imagem do 18A



Mesmo não pertencendo ao banco de dados, a imagem. Registrada no evento de 18A,

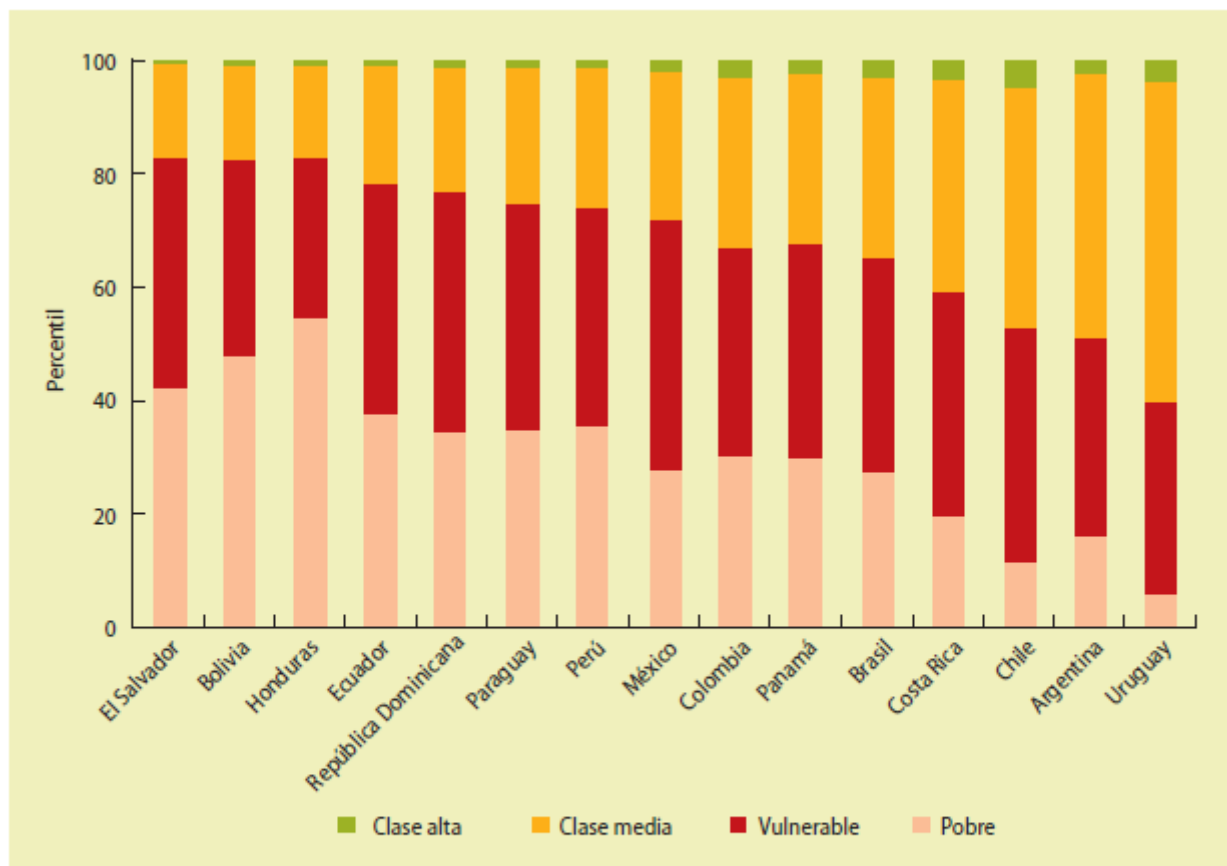
posterior ao 8N, referidos pelos administradores como um evento com maior quantidade de manifestantes, incluso que o 8N, mostra uma criança de rua passando na frente de um grupo de manifestantes no centro da cidade de Buenos Aires. Eles, demandando “republica”, “democracia”, e pelas “mentiras” do governo, *não* olham para a criança, que atravessa a rua olhando para eles.

Média de vendas *Clarín* e *La Nación* edição de domingo 2012.



Fonte: Site; Diários sobre diários. <http://www.diariosobrediarios.com.ar/dsd/notas/4/52-la-nacion-vendio-mas-clarin-y-popular-se-cayeron.php#.V6i7-PnhDIV> consultado 8/08/2016

Composição de Classe em América Latina por percentil de ingreso, 2009.



Fuente: Datos de SEDLAC (Socioeconomic Database for Latin America and the Caribbean).

Nota: La composición de clase en Bolivia es para 2008 y la de México para 2010. "Pobres" = personas con un ingreso per cápita al día inferior a US\$4. "Vulnerables" = personas con un ingreso per cápita al día de US\$4–US\$10. "Clase media" = personas con un ingreso per cápita al día de US\$10–US\$50. "Clase alta" = personas con un ingreso per cápita al día superior a US\$50. Los umbrales de la pobreza y los ingresos se expresan en US\$ PPP al día de 2005. PPP = Paridad del poder adquisitivo. SEDLAC = Socioeconomic Database for Latin America and the Caribbean.

Fonte: Banco Mundial, 2012